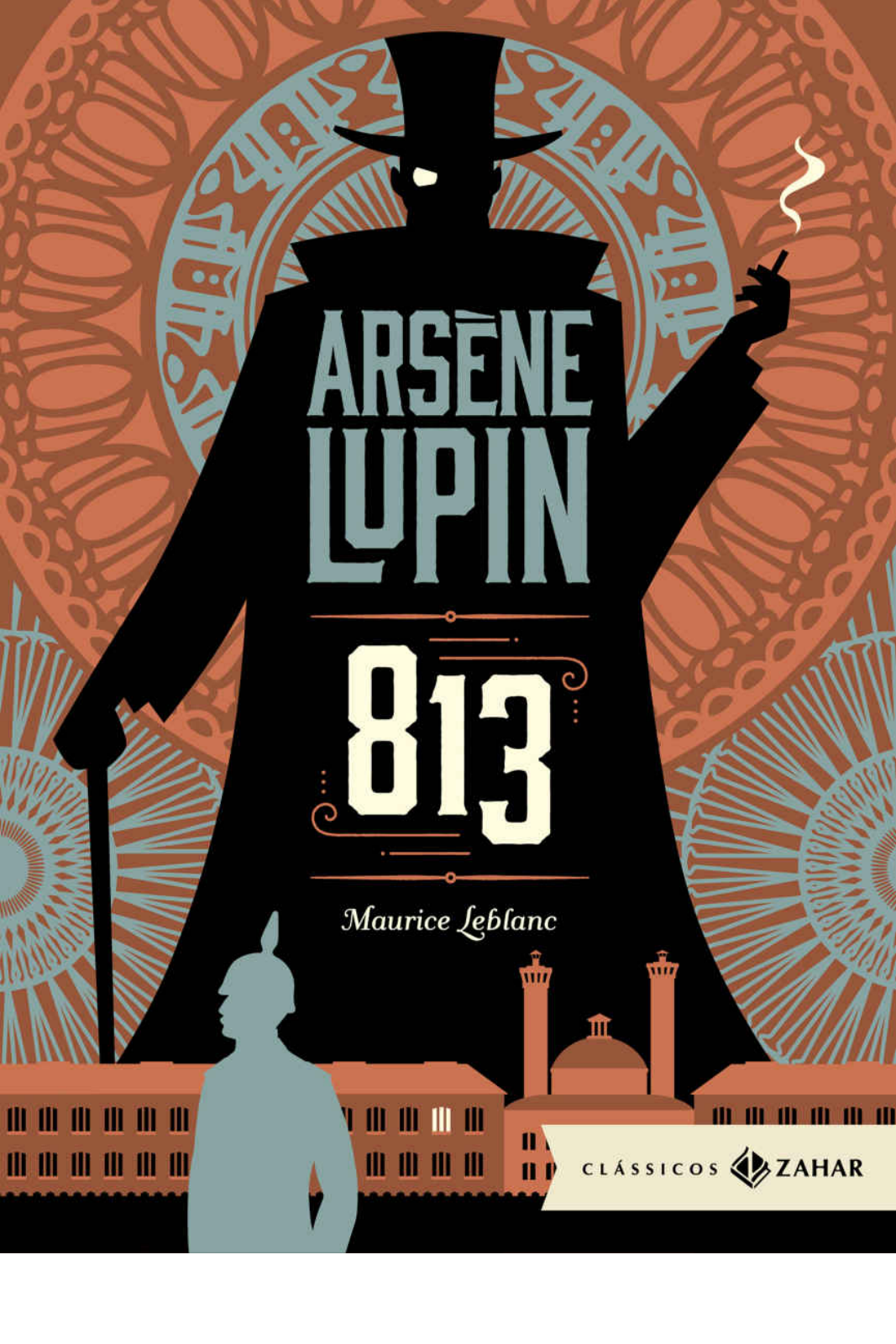




ARSENÉ LUPIN

813

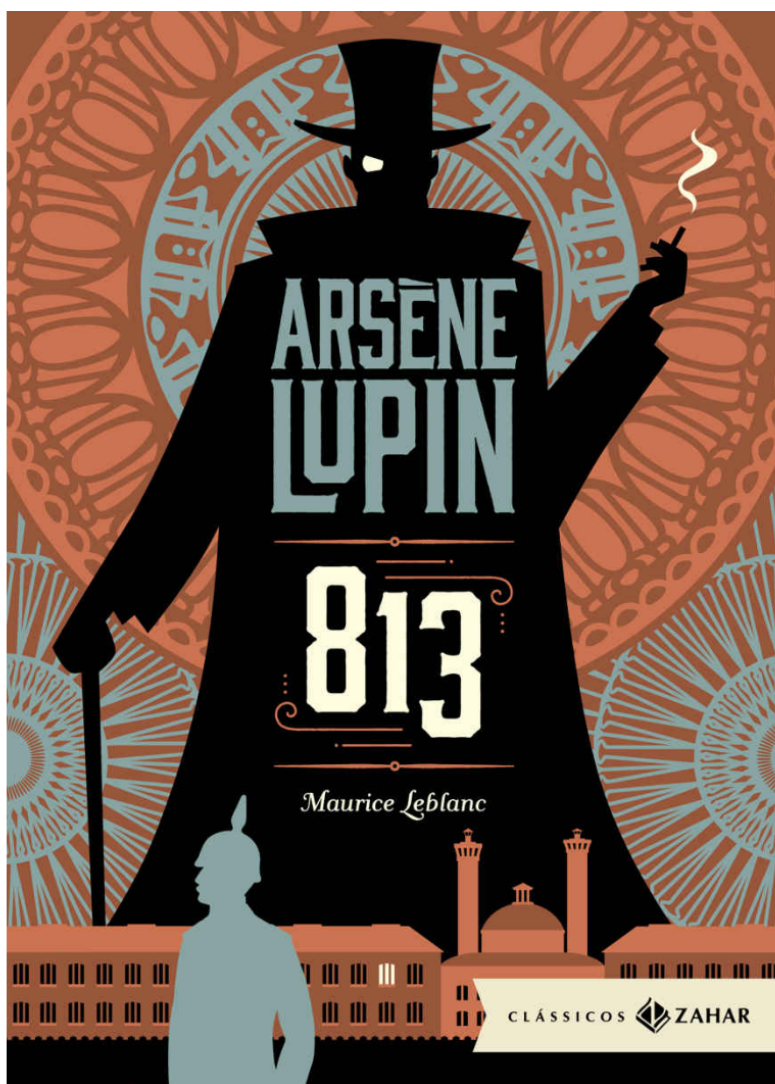
Maurice Leblanc



CLÁSSICOS  ZAHAR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Apresentação

PARTE I: A vida dupla de Arsène Lupin

1. O massacre
2. Lenormand começa a agir
3. O príncipe Sernine em ação
4. Lenormand em ação
5. Lenormand em maus lençóis
6. Parbury-Ribeira-Altenheim
7. A sobrecasaca verde-oliva

PARTE II: Os três crimes de Arsène Lupin

8. Santé Palace
9. Uma página de história moderna
10. A grande combinação de elementos de Lupin
11. Carlos Magno
12. As cartas do imperador
13. Os sete bandidos
14. O homem de preto
15. O mapa da Europa
16. A assassina

Epílogo: O suicídio

Cronologia: Vida e obra de Maurice Leblanc

Créditos

Apresentação

MAURICE LEBLANC NASCEU EM 1864, em Rouen, na Alta Normandia francesa. Filho de um empresário da construção naval e de mãe oriunda de família tradicional, veio ao mundo pelas mãos de Achille Flaubert, médico e irmão do já consagrado Gustave, ambos amigos íntimos da família.

Formado em direito, aos 24 anos vai para Paris, onde se torna jornalista e começa a escrever contos, romances e peças teatrais. Em 1905, Pierre Lafitte, um editor conhecido e respeitado, convida Leblanc a publicar uma ficção policial na revista *Je Sais Tout*.

O personagem que resulta do convite é, possivelmente, uma mistura de cinco figuras históricas e literárias: o anarquista francês Marius Jacob, famoso pela generosidade com suas vítimas; um conselheiro municipal de Paris chamado Arsène Lopin; bem como os ladrões de casaca ficcionais Raffles, criação de Ernest William Hornung, Arthur Lebeau, personagem do romance *Os 21 dias de um neurastênico*, e o protagonista da peça *Scrupules* — os dois últimos concebidos por Octave Mirbeau.

Sherlock Holmes, o detetive de Arthur Conan Doyle, é também uma evidente inspiração — em negativo — para Arsène Lupin. Ambos são indivíduos superdotados no que se refere a grandes estratégias, um do lado da lei, desvendando-os, o outro do crime, concebendo-os — ainda que o anti-herói francês aja sempre de acordo com seu código de honra anarquista e cavalheiresco.

Intitulada “A detenção de Arsène Lupin”, a primeira aventura de Lupin aparece no nº 6 da *Je Sais Tout*, em 15 de julho de 1905. O sucesso é imediato, e outras oito a seguem. Logo na segunda história, “Arsène Lupin na prisão”, Holmes é mencionado como exemplo de bom investigador. No ano seguinte, ele reaparece como coadjuvante em “Sherlock Holmes chega tarde demais”, sendo derrotado por um

jovem Lupin. Dessa vez, contudo, Conan Doyle não achou divertida a apropriação de seu personagem — ou o desfecho do duelo — e recorreu à justiça para barrá-la.

Em 1907, as nove histórias inaugurais foram reunidas na coletânea *O ladrão de casaca*, trazendo o embate com o rival inglês como fecho do volume, porém com uma pequena alteração: Sherlock vinha parodiado como Herlock Sholmes. Essa nova encarnação do gênio de Baker Street apareceria ainda em três outros livros: *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes* (1908), *A Agulha Oca* (1909) e *813* (1910).

O sucesso de Arsène Lupin e suas mirabolantes aventuras só fez crescer. Entre 1905 e 1941, o personagem protagonizaria um total de quinze romances, três novelas e 38 contos, distribuídos ao todo em 23 livros, afora quatro peças de teatro. Sua astúcia e fama chegaram a fazer com que o criador da série, em 1921, fosse convidado a colaborar com a Sûreté, a polícia francesa. Maurice Leblanc casou-se duas vezes e teve uma filha do primeiro casamento e um filho do segundo. Após sua morte, em 1941, dois romances de Lupin ainda seriam publicados, um deles inacabado.*

Esta é uma versão reduzida da apresentação de Rodrigo Lacerda para *O ladrão de casaca: as primeiras aventuras de Arsène Lupin*, publicado pela Zahar em 2016.

parte i

A vida dupla de Arsène Lupin

1. O massacre

1

Ao entrar na sala, o sr. Kesselbach parou de repente, pegou o braço do seu secretário e, preocupado, disse baixinho:

— Chapman, *entraram* de novo aqui.

— Como assim? O senhor mesmo acaba de abrir a porta da antessala e, em momento algum enquanto almoçávamos no restaurante, a chave saiu do seu bolso.

— *Entraram* de novo aqui, Chapman — repetiu Kesselbach.

Ele apontou para uma bolsa de viagem, perto da lareira:

— Ali está a prova. Essa bolsa estava fechada e não está mais.

Chapman retrucou:

— Tem mesmo certeza de que estava fechada? E, aliás, nessa bolsa há apenas coisas de pouco valor e produtos de higiene pessoal...

— Isso porque tirei minha carteira antes de sair, por precaução. Sem o que... Acredite, Chapman, *entraram* aqui enquanto almoçávamos.

Havia na parede um telefone; ele o tirou do gancho.

— Alô! Aqui é o sr. Kesselbach, do apartamento 415. Exato... Senhorita, queira transferir a ligação para a Chefatura de Polícia e pedir a Sûreté... Tem o número, não é? Ótimo, obrigado... Espero na linha.

Um minuto depois, ele continuou:

— Alô? Alô? Gostaria de falar com o sr. Lenormand, chefe da Sûreté. É da parte do sr. Kesselbach... Como? Sim, ele sabe do que se trata. Estou ligando com a autorização dele... Ah, não se encontra... E com quem tenho a honra de falar? Inspetor Gourel... Creio, inspetor, que o senhor inclusive estava presente ontem, quando encontrei o sr. Lenormand. Pois bem, inspetor, a mesma coisa se repetiu hoje. Entraram no apartamento em que me encontro. Se o senhor vier

depressa, talvez possa encontrar alguma pista... Daqui a uma ou duas horas? Ótimo. Basta pedir o apartamento 415. Mais uma vez, obrigado!

De passagem por Paris, Rudolf Kesselbach, o rei do diamante, como era conhecido — ou também o Senhor da Cidade do Cabo —, o multimilionário Rudolf Kesselbach (sua fortuna era estimada em mais de 100 milhões) ocupava há uma semana, no quarto andar do Palace Hotel, o apartamento 415, com três cômodos, dos quais os dois maiores, à direita — a sala e o quarto principal —, davam para a avenida, e o último, em que ficava o secretário Chapman, tinha uma janela dando para a rua de Judée.

Na sequência desse último cômodo, cinco outros tinham sido reservados para a sra. Kesselbach, que deveria vir de Monte Carlo, onde estava naquele momento, assim que o marido a chamasse.

Por alguns minutos, Rudolf Kesselbach andou de um lado para outro, parecendo preocupado. Era um homem de grande estatura, com uma fisionomia saudável e jovial. Por trás dos óculos com aro de ouro, os olhos azuis, claros e sonhadores, davam à sua expressão um ar meigo e tímido, em contraste com a aparência enérgica da testa bem talhada e do maxilar anguloso.

Ele foi até a janela, que estava fechada. Fosse como fosse, como alguém poderia ter entrado por ela? O balcão privativo que acompanhava todo o apartamento terminava logo à direita, e à esquerda uma parede de pedra o separava da sua continuação voltada para a rua de Judée.

Em seguida, Kesselbach foi ao seu quarto, que não se comunicava com os demais, e ao do secretário, cuja porta interna, em ligação com os cinco aposentos seguintes, reservados para a sra. Kesselbach, estava fechada e trancada com o ferrolho.

— Realmente não entendo, Chapman. Há vários dias constato coisas estranhas aqui... bem estranhas, você há de concordar. Ontem, tiraram minha bengala do lugar. Anteontem, muito provavelmente mexeram nos meus papéis... no entanto, como seria possível?

— É realmente impossível, senhor — disse Chapman, com sua plácida imagem de alguém honesto e que não parecia estar

preocupado. — São meras suposições, nada mais. Sem prova alguma, não passam de impressões. Além disso, veja, só é possível entrar nesse apartamento pela antessala. O senhor mandou fazer uma chave especial no dia em que chegou e, para completar, somente o Edwards tem uma cópia. Não tem plena confiança nele?

— Diabos! Há dez anos trabalha para mim... Mas almoça ao mesmo tempo que nós; é um erro. De agora em diante só descera depois que voltarmos.

Chapman discretamente deu de ombros. De fato, o Senhor do Cabo andava um tanto estranho, com temores inexplicáveis. Que perigo podiam correr num hotel, sobretudo sem terem com eles, ou por perto, nada de valor ou qualquer soma de dinheiro mais vultosa?

Ouviram-se a porta do vestíbulo sendo aberta. Era o criado.

Kesselbach o chamou.

— Está de uniforme, Edwards? Ótimo! Não espero visitas hoje; na verdade, sim, do sr. Gourel. Até lá, fique no vestíbulo, atento à porta. Chapman e eu temos um trabalho sério pela frente.

O tal trabalho sério durou só alguns minutos, durante os quais o rei do diamante examinou sua correspondência, leu três ou quatro cartas e indicou ao secretário as respostas que deviam ser dadas. De repente, na expectativa de novas ordens e segurando no ar a caneta com que escrevia, Chapman se deu conta de que o patrão estava pensando em outra coisa, não nas cartas.

Kesselbach tinha entre os dedos um alfinete escuro, encurvado como um anzol, e o examinava com atenção.

— Veja, Chapman, o que achei em cima da mesa. É óbvio que esse alfinete entortado significa alguma coisa. Trata-se de uma prova e você não pode continuar negando que alguém entrou nessa sala. Esse alfinete não chegou aqui por conta própria.

— De fato — respondeu o secretário. — Chegou graças a mim.

— O quê?

— É o alfinete que prendia minha gravata no colarinho. Tirei-o ontem à noite, enquanto o senhor lia, e o entortei, acho que por falta do que fazer.

Desconcertado, Kesselbach se levantou, deu alguns passos, parou e

disse:

— Está provavelmente rindo de mim, Chapman, com toda razão. Não digo o contrário, ando meio... esquisito, desde a minha última viagem à Cidade do Cabo. É que, bem, você não sabe o que há de novo na minha vida... Um projeto formidável, algo enorme, que percebo ainda muito vagamente, não para realizar de imediato, mas que, no entanto, se esboça... e que será colossal... Ah, Chapman, não pode imaginar. O principal nisso nem é o dinheiro, que já tenho, e muito. É algo maior, envolvendo poder, força, autoridade. Se os fatos acompanharem o que pressinto, não serei apenas o Senhor do Cabo, mas o de outros reinos... Rudolf Kesselbach, filho de um caldeireiro de Augsburg, vai estar de igual para igual com muita gente que até aqui o olhava de cima... Vai estar inclusive mais alto, Chapman, mais alto, acredite. E se por acaso...

Ele interrompeu seu discurso, olhou para o secretário como se estivesse arrependido de ter falado tanto e, ainda assim, embalado pelo que dizia, concluiu:

— Entenda, Chapman, o porquê da minha preocupação. Tenho na cabeça uma ideia que vale muito, e talvez haja quem desconfie disso... e me espione... tenho certeza...

Um telefone começou a tocar.

— O telefone — disse Chapman.

— Será que, por acaso — murmurou Kesselbach —, seria...

Ele pegou o aparelho.

— Alô?... Da parte de quem? O coronel?... Ah, sim! Exato, sou eu. Alguma novidade?... Perfeito. Estou esperando... Virá com seus homens? Ótimo... Alô! Não, não seremos incomodados. Vou dar as ordens necessárias. É mesmo tão importante assim?... Garanto que as ordens serão formais. Meu secretário e meu criado controlarão a porta e ninguém entrará. Sabe o caminho, não é? Sendo assim, não perca um minuto.

Ele desligou e imediatamente disse:

— Chapman, dois homens virão. Isso, dois homens. Edwards deixará que entrem...

— Mas e Gourel? O policial...

— Só chegará mais tarde, daqui a uma hora. De qualquer forma, podem até se encontrar. Peça então a Edwards que avise à recepção. A quem me procurar, diga que não estou. Exceto esses dois homens, o coronel e seu amigo, e o sr. Gourel. Que anotem os nomes deles.

Chapman saiu para cumprir a ordem. Ao voltar, encontrou Kesselbach com um envelope na mão, ou melhor, uma pequena pasta de marroquim preto, aparentemente vazia. Ele parecia hesitar, como se não soubesse muito o que fazer com ela. Enfiaria no bolso ou deixaria em algum lugar? Acabou se aproximando da lareira e a jogou na bolsa de viagem.

— Vamos terminar a correspondência, Chapman. Temos dez minutos. Ah, uma carta da minha mulher. Por que não me avisou? Não reconheceu a letra?

Ele não escondia a emoção por ter nas mãos aquele papel que a esposa havia segurado e no qual deixara um pouco dos seus pensamentos pessoais. Sentiu o perfume e, abrindo o envelope, lentamente leu, a meia-voz, trechos que Chapman ouviu:

— *Um pouco cansada... Não saio do quarto... Estou entediada... Quando poderei ir encontrá-lo? Aguardo ansiosa seu telegrama... Você telegrafou hoje cedo, Chapman? Porque nesse caso a sra. Kesselbach estará aqui amanhã, quarta-feira.*

Parecia bastante contente com isso, como se o peso dos negócios tivesse de repente ficado mais leve, afastando todas as preocupações. Esfregou as mãos e respirou fundo como alguém que se sente forte, certo de vencer, um homem satisfeito, repleto de felicidade e capaz de se defender.

— Estão tocando a campainha, Chapman. Lá no vestibulo. Vá ver.

Antes disso, porém, Edwards entrou e disse:

— Dois cavalheiros pedem para vê-lo. São os homens...

— Eu sei. Estão na antessala?

— Estão sim.

— Então feche a porta e não abra mais... exceto para o sr. Gourel, da Sûreté. Você, Chapman, vá receber esses dois homens e diga que quero primeiro falar com o coronel, em particular.

Edwards e Chapman saíram e fecharam a porta da sala. Rudolf

Kesselbach foi até a janela e apoiou a testa no vidro.

Lá embaixo, coches e automóveis circulavam nas pistas paralelas delimitadas pelas linhas das calçadas. Um claro sol primaveril fazia brilhar os cobres e os vernizes. Nas árvores algum verde despontava e os primeiros rebentos das castanheiras começavam a mostrar suas folhinhas novas.

— Que diabo anda fazendo Chapman? — murmurou Kesselbach. — O que precisa tanto confabular?

Pegou um cigarro na mesa e, depois de acendê-lo, deu umas baforadas. Não pôde conter um pequeno grito de surpresa. À sua frente, estava de pé um perfeito desconhecido.

Ele recuou um passo.

— Quem é você?

O homem — um indivíduo com traje apropriado, de forma até elegante, cabelos e bigode negros, olhos duros — apenas riu:

— Quem sou eu? Ora, o coronel...

— Não, não é. A pessoa a quem chamo assim, que me escreve sob essa identidade... fictícia..., não é o senhor.

— Sou, sim. O outro era apenas... Mas entenda, caro senhor, nada disso importa. O essencial é que eu... que eu seja... eu mesmo. E juro que sou.

— Mas afinal, cavalheiro, me diga o seu nome.

— Coronel... até nova ordem.

Um crescente pavor invadiu Kesselbach. Quem seria aquele sujeito? O que queria?

Ele chamou:

— Chapman!

— Mas que ideia chamá-lo! Minha companhia não basta?

— Chapman! — insistiu Kesselbach. — Chapman! Edwards!

— Chapman! Edwards! — repetiu por sua vez o desconhecido. — O que fazem, meus amigos? Estão sendo chamados.

— Cavalheiro, ordeno que me deixe passar.

— Mas quem o impede, meu caro?

Ele muito cordialmente se afastou. Kesselbach foi até a porta, abriu-a e bruscamente deu um salto para trás. À sua frente estava outro

indivíduo, de arma em punho.

Ele balbuciou:

— Edwards... Chap...

Não terminou, pois percebeu o secretário e o criado num canto da antessala, estendidos um ao lado do outro, amordaçados e amarrados.

Kesselbach, mesmo tendo uma natureza inquieta e impressionável, era corajoso, e a sensação do iminente perigo, em vez de abatê-lo, devolveu-lhe ânimo e energia.

Devagar, fingindo estar assustado e surpreso, ele recuou na direção da lareira, apoiando-se na parede, buscando a campainha elétrica. Encontrou-a e apertou forte o botão.

— E agora? — zombou o desconhecido.

Sem responder, ele continuava a apertar.

— E agora? Acha mesmo que virá alguém, que o hotel inteiro se mobiliza só porque apertou a campainha? Ora, meu amigo, basta que olhe melhor e verá que o fio foi cortado.

Kesselbach se virou rápido, como se quisesse de fato ver, mas com um gesto brusco agarrou a bolsa de viagem, mergulhou a mão, encontrou um revólver, apontou-o contra o desconhecido e atirou.

— Minha nossa! Carrega suas armas com vento e silêncio?

Mais uma vez ele apertou o gatilho, e depois outra. Nada aconteceu.

— Tem ainda três tiros, Rei do Cabo. Não vou me sentir satisfeito enquanto não tiver seis balas no meu corpo. Como? Não vai insistir? Que pena... Parecia estar no caminho certo.

Ele pegou uma cadeira pelo encosto, girou-a, sentou a cavalo, apontou para uma poltrona e disse:

— Por favor, acomode-se, amigo. Faça como se estivesse em casa. Um cigarro? Eu confesso que prefiro charutos.

Havia uma caixa em cima da mesa. Ele escolheu um H. Upmann de tabaco claro e bem enrolado, acendeu e se inclinou, agradecido:

— Obrigado. Adoro esse charuto. Mas agora precisamos conversar, não acha?

Rudolf Kesselbach ouvia estupefato. Quem seria o estranho personagem? Mas ao vê-lo tão calmo e tão loquaz ele pouco a pouco se tranquilizou, começando a achar que toda aquela situação podia

terminar sem violência ou brutalidade. Tirou então do bolso uma carteira, abriu-a, mostrando estar bem recheada, e perguntou:

— Quanto?

O outro olhou para ele com estranhamento, parecendo não compreender. Passado um momento, chamou:

— Marco!

O homem com o revólver apareceu.

— Marco, o cavalheiro teve a delicadeza de oferecer essa mixaria para a sua namorada. Aceite, Marco.

Mantendo o revólver apontado com a mão direita, Marco estendeu a esquerda, pegou as notas e se retirou.

— Com essa questão resolvida a seu contento — voltou o desconhecido —, vamos ao que me trouxe aqui. Serei breve e preciso. Quero duas coisas. Primeiro, um pequeno envelope em marroquim preto que o senhor carrega para todo lugar. Em seguida, uma caixinha de ébano que ainda ontem se encontrava na sua bolsa de viagem. Vamos seguir essa ordem. O envelope em marroquim?

— Queimado.

O desconhecido franziu a testa. Deve ter se lembrado da época boa em que se usavam meios peremptórios para fazer com que pessoas que não queriam falar falassem.

— Que seja. Veremos isso depois. E a caixinha de ébano?

— Queimada.

— Ah! Está querendo abusar da minha boa-fé, meu caro amigo!

Feita a observação, ele implacavelmente torceu o braço do outro e continuou:

— Lembre-se, Rudolf Kesselbach, ontem mesmo você entrou no Crédit Lyonnais do boulevard des Italiens, escondendo um pacote por baixo do casaco. Alugou um cofre... Serei mais preciso: o cofre número 16, do corredor 9. Depois de assinar e pagar, desceu ao subsolo e, ao voltar, não tinha mais o pacote. Estou certo?

— Perfeitamente.

— Então a caixinha e o envelope estão no Crédit Lyonnais.

— Não.

— Quero a chave do cofre.

— Não.

— Marco!

O capanga imediatamente apareceu.

— Vá em frente, Marco. Nó quádruplo.

Antes mesmo que pensasse em se defender, Rudolf Kesselbach foi imobilizado por um emaranhado de cordas que lhe cortavam a pele conforme tentava se debater. Os braços ficaram presos por trás das costas, o tronco amarrado à poltrona e as pernas envolvidas por tiras de pano, como se fosse uma múmia.

— Reviste-o, Marco.

Marco revistou. Dois minutos depois, entregava ao chefe uma chave niquelada, pequena e achatada, com os números 16 e 9.

— Ótimo. Nenhum envelope em marroquim?

— Não, patrão.

— Está no cofre. Senhor Kesselbach, por favor, o código secreto.

— Não.

— Recusa-se a dizer?

— Sim.

— Marco?

— Patrão?

— Encoste o cano do revólver na cabeça do cavalheiro.

— Pronto.

— Deixe o dedo no gatilho.

— Já está.

— E então, amigo Kesselbach, vai falar?

— Não.

— Tem dez segundos, nenhum a mais. Marco?

— Patrão?

— Em dez segundos, estoure os miolos do cavalheiro.

— Pois não.

— Vou contar, Kesselbach: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Rudolf Kesselbach fez um sinal.

— Quer falar?

— Quero.

— Bem a tempo. Então... a senha da fechadura?

— Dolor.

— Dolor... Dor... Não se chama Dolores a sra. Kesselbach? Que graça. Marco, faça como combinado. Sem erro, hein? Vou repetir. Encontre Jérôme, você sabe onde, dê a ele a chave e diga a senha: Dolor. Acompanhe-o ao Crédit Lyonnais. Jérôme vai entrar sozinho, assinar o registro de identidade e descer ao subsolo. Diga a ele para retirar tudo que houver no cofre. Entendido?

— Perfeitamente, patrão. E se por acaso o cofre não abrir, se a senha “Dolor”...

— Apenas ouça, Marco. Quando sair do Crédit Lyonnais, você vai se separar do Jérôme, vai para casa e me telefonar contando o resultado da operação. Caso “Dolor” não funcione, meu amigo Kesselbach e eu teremos uma última conversa. Kesselbach, tem certeza de que não está enganado?

— Tenho.

— Assim evitamos buscas desnecessárias. Depois veremos. Pode ir, Marco.

— Mas e o senhor, patrão?

— Fico por aqui. Não se preocupe. Nunca corri tão pouco perigo. Não é mesmo, Kesselbach? Trato feito?

— Sim.

— Estranho, você está concordando rápido demais. Está querendo ganhar tempo? Fazer com que eu caia em alguma armadilha idiota?

Pensou um pouco, olhou para o prisioneiro e concluiu:

— Não, não é possível. Não seremos incomodados...

A frase nem havia terminado quando a campainha do vestíbulo tocou. O coronel violentamente tapou a boca de Kesselbach com a mão.

— Ah, essa raposa velha estava esperando alguém!

Os olhos do prisioneiro brilharam de esperança.

Era perceptível seu sorriso por baixo da mão que o sufocava e tremia de raiva.

— Nenhum pio, senão te estrangulo. Venha, Marco, amordace-o. Rápido... Ótimo.

A campainha tocou de novo. O homem gritou, como se fosse o

próprio Rudolf Kesselbach, fazendo parecer que tudo estava normal.

— Abra a porta, Edwards.

Depois, sem fazer barulho, ele passou para o vestíbulo e, baixinho, indicando o secretário e o criado, disse:

— Marco, me ajude a empurrar esses dois até o quarto para que não sejam vistos.

Ele puxou o secretário, e Marco se encarregou do criado.

— Muito bem, agora volte para a sala.

Ele próprio fez o mesmo e, em seguida, voltando ao vestíbulo, disse bem alto, com ar de surpresa:

— Edwards não está aqui, sr. Kesselbach. Pode deixar, termine a sua carta. Vou abrir.

Então, tranquilamente, ele abriu a porta de entrada.

— O sr. Kesselbach me espera — disse o visitante.

Era uma espécie de gigante, com um rosto largo e satisfeito, olhos vivos, balançando de uma perna para a outra e segurando o chapéu pela aba.

— Perfeitamente. A quem devo anunciar?

— O sr. Kesselbach me telefonou. Está me esperando.

— Ah, é o senhor. Vou avisar... Só um minuto, por favor. O sr. Kesselbach já vai atendê-lo.

Teve a petulância de deixar o recém-chegado na antessala, de modo que pudesse ver uma parte do cômodo através da porta aberta. Devagar, sem olhar para trás, entrou, foi até o cúmplice ao lado de Kesselbach e cochichou:

— Estamos mal. É o inspetor Gourel.

O outro puxou uma faca. Ele segurou-o pelo braço:

— Nada de bobagens! Tenho uma ideia. Mas, pelo amor de Deus, compreenda bem, Marco, é a sua vez de atuar. Fale *como se fosse o Kesselbach*. Entenda bem, Marco, você é o Kesselbach.

Isso foi explicado com tanto sangue-frio e tanta violência que Marco logo entendeu que devia representar o papel de Kesselbach e disse, de forma a ser ouvido:

— Peça desculpas por mim, meu caro. Diga ao sr. Gourel que sinto muito, mas não poderei parar um minuto sequer para atendê-lo. Irei

recebê-lo amanhã de manhã, às nove horas; isso, às nove em ponto.

— Ótimo — disse o outro, baixinho. — Não faça mais nada.

Voltou à antessala, onde Gourel aguardava, e disse:

— O sr. Kesselbach pede desculpas. Está terminando um trabalho importante. O senhor poderia voltar amanhã, às nove?

Houve um silêncio. Gourel parecia surpreso e um pouco preocupado. O homem cerrou o punho dentro do bolso. Qualquer gesto estranho e ele atacaria.

Mas Gourel disse por fim:

— Está bem. Amanhã às nove... Mas, puxa... Bom, que seja! Nove horas estarei aqui.

Enfiando o chapéu na cabeça, ele se foi pelo corredor do hotel.

Na sala, Marco soltou uma gargalhada.

— Formidável, patrão! Enganou-o direitinho.

— Rápido, Marco. Vá atrás dele. Se tiver saído do hotel, deixe-o ir e vá encontrar Jérôme, como combinado, e telefone.

Marco saiu imediatamente.

O homem então pegou uma garrafa d'água junto da lareira, bebeu de uma só vez um copo cheio, molhou o lenço e limpou o suor que escorria na testa. Sentou-se em seguida ao lado do prisioneiro e, com cordial afetação, disse:

— Creio ser preciso, sr. Kesselbach, que eu humildemente me apresente.

Tirando um cartão de visita do bolso, ele disse:

— Arsène Lupin, ladrão de casaca.

O nome do célebre aventureiro pareceu causar boa impressão no sr. Kesselbach. Isso não passou despercebido por Lupin, que então exclamou:

— Ah! Está respirando aliviado, não é? Arsène Lupin é um ladrão nada brutal, que tem horror a sangue e cujo único crime é se apropriar dos bens alheios... Um pecadilho, no final das contas! E o senhor pode calcular que alguém assim não vai botar na consciência o peso de um assassinato inútil. Concordo... Mas será mesmo inútil? Esse é o ponto. Em todo caso, garanto que não estou brincando. Vamos começar, meu amigo.

Arrastou sua cadeira para perto da poltrona, afrouxou a mordaça do prisioneiro e, sem pensar duas vezes, disse:

— Senhor Kesselbach, no mesmo dia em que chegou a Paris entrou em contato com um sujeito chamado Barbareux, diretor de uma agência de informações confidenciais. Como estava agindo sem que o seu secretário, Chapman, tivesse conhecimento, o tal Barbareux, quando queria se comunicar, por carta ou por telefone, usava o nome “coronel”. Já adianto que Barbareux é, sem sombra de dúvida, honesto, mas por sorte um dos meus melhores amigos trabalha com ele. Foi assim que eu soube dos seus contatos com a agência e resolvi me dedicar ao seu caso. Graças a chaves falsas, vim algumas vezes a este apartamento sem, infelizmente, encontrar o que queria.

Baixou a voz e, com os olhos fixos no prisioneiro, observando-o, tentando desvendar qualquer pensamento obscuro, afirmou:

— O senhor encarregou Barbareux de encontrar, no submundo de Paris, um sujeito que usa, ou usou, o nome Pierre Leduc, dando a seguinte descrição: 1,75m de altura, louro, com bigode. Detalhe peculiar: não tem o dedo mindinho da mão esquerda, amputado em um acidente. Além disso, tem uma cicatriz que quase não se vê, na bochecha direita. O senhor parece considerar muito importante descobrir o paradeiro desse indivíduo, dando a impressão de que isso

lhe proporcionará consideráveis vantagens. Quem é ele?

— Não sei.

A resposta foi categórica, absoluta. Saber ou não? Pouco importa. O essencial é que estava decidido a não falar.

— Entendo — respondeu o outro. — Mas você tem informações sobre ele mais detalhadas do que as que forneceu a Barbareux?

— Nenhuma.

— Está mentindo, amigo Kesselbach. Duas vezes, diante de Barbareux, você consultou papéis guardados no envelope de marroquim.

— É verdade.

— E esse envelope?

— Queimado.

Lupin estremeceu de raiva. A ideia da tortura e das facilidades que ela traria voltou a passar por sua cabeça.

— Queimado? Mas a caixinha... confesse que ela se encontra no Crédit Lyonnais.

— De fato, está lá.

— E o que tem dentro?

— Os duzentos diamantes mais belos da minha coleção particular.

A resposta pareceu agradar ao aventureiro.

— Ah, os duzentos diamantes mais belos! Veja só, devem valer uma fortuna... Mas isso o faz sorrir... Para você, é uma bagatela. O seu segredo vale muito mais. Para você, sim, mas para mim?

Ele pegou um charuto, riscou um fósforo, deixou-o se apagar e ficou por algum tempo pensativo, imóvel.

Depois de alguns minutos, deu uma risada:

— Acha que minha tentativa no banco não dará certo e o cofre não será aberto. É bem possível. Mas nesse caso terá que pagar pelo tempo que estou perdendo. Não vim até aqui só para ver sua cara, sentado nessa poltrona. Os diamantes, já que temos diamantes... Ou o envelope de marroquim... É este o dilema.

Deu uma olhada no relógio.

— Meia hora... Droga! Sou obrigado a fazer alguma coisa. Não ache isso engraçado, sr. Kesselbach. Palavra de honra, não vou sair de mãos

vazias... Ah, até que enfim!

Era o telefone tocando. Com pressa, Lupin tirou o fone do gancho e, mudando de voz, imitou o tom rude do prisioneiro:

— Sim, sou eu, Rudolf Kesselbach... Ah!, obrigado, senhorita, pode passar a ligação... É você, Marco?... Ótimo. Tudo correu bem?... Boa notícia. Nenhum problema?... Parabéns, garoto. E o que conseguiram?... A caixinha de ébano? Nada mais? Nenhum documento?... Veja só! E dentro da caixa?... Bonitos, os diamantes?... Perfeito, perfeito... Um minuto, Marco, deixe-me pensar... Tudo isso, entende... Vou dizer o que acho. Isso, continue aí... Não desligue...

Ele se virou.

— Senhor Kesselbach, gosta desses diamantes?

— Gosto.

— Quer comprá-los de volta?

— Pode ser.

— Quanto? Quinhentos mil?

— Quinhentos mil... pago...

— Mas temos um problema. Como fazer a troca? Um cheque? Não, você vai querer trapacear... ou eu mesmo trapacearia. Ouça, passe depois de amanhã cedo no banco, saque os quinhentos mil e vá passear no bosque. No Bois de Boulogne, perto de Auteuil. Terei os diamantes comigo. Num saco, é mais cômodo... A caixa chama muita atenção.

— Não, nada disso. Na caixa. Quero tudo...

— Ah! — exclamou Lupin, satisfeito. — É o que eu queria confirmar. Não está nem aí para os diamantes, podem ser substituídos... Mas a caixinha, não, dela você faz questão. Pois bem, vai tê-la de volta, palavra de Arsène. Vai recebê-la amanhã cedo pelo correio.

Ele voltou ao telefone.

— Marco, está com a caixa por perto?... O que ela tem de diferente? Ébano, incrustações de marfim... Sei, sei como é, estilo japonês, do Faubourg Saint-Antoine... Nenhuma marca? Ah! Uma etiqueta redonda, bordas azuis e com um número... Sei, uma indicação comercial sem importância. E o fundo da caixa tem qual espessura?...

Droga! Sem fundo falso, então. Veja, Marco, examine as incrustações de marfim no alto... Não, melhor, a tampa.

Deu um pulo de alegria.

— A tampa! É isso, Marco! Kesselbach piscou... Estamos perto! Ah, meu querido Kesselbach, não viu que eu estava de olho em você. Foi um erro!

Voltando a Marco:

— E aí? Continue. Um espelho no interior da tampa? É de correr?... Sem trilhos? Bom, então quebre... Isso mesmo, é o que estou dizendo, quebre o espelho. Não tem por que estar aí... foi acrescentado.

Ele se impacientou:

— Mas que idiota, não se meta no que não é da sua conta! Faça o que eu digo.

Deve ter ouvido o barulho, do outro lado da linha, do espelho sendo quebrado, e exultou:

— Não lhe disse, sr. Kesselbach, que a caçada seria boa?... Alô? Achou? E o que mais?... Uma carta? Maravilha! Os melhores diamantes do Cabo e o segredo do nosso amigo!

Tirou do gancho o segundo fone de escuta, encostou um em cada ouvido e continuou:

— Leia, Marco, leia devagar... Primeiro o envelope... Bom... Repita.

Ele próprio repetiu:

— *Cópia da carta guardada na pasta de marroquim preto.* O que mais? Rasgue o envelope, Marco. Permite, sr. Kesselbach? Não é lá muito correto, mas... Siga em frente, Marco, o sr. Kesselbach permitiu. Pronto? Pois então leia!

Ele ouviu e deu uma risada:

— Caramba! Não chega a ser ótimo. Mas resumindo: uma simples folha de papel dobrada em quatro, com dobras que parecem recentes... Bom... No alto, à direita, estas palavras: *Um metro e setenta e cinco, dedo mindinho esquerdo amputado* etc. Sim, é a descrição do tal Pierre Leduc. Letra do sr. Kesselbach, não é?... Bom... No meio da folha esta palavra, em letras de fôrma: APOON. Marco, meu garoto, deixe de lado esse papel, não mexa na caixa nem nos diamantes. Mais dez minutos e termino com nosso amigo. Encontro-o em vinte

minutos... Ah, e por falar nisso, me mandou o carro de volta? Ótimo. Até logo.

Botou os fones no gancho, foi até o vestibulo e de lá passou para o quarto. Confirmou que o secretário e o criado não haviam afrouxado os nós, mas que também não estavam sendo sufocados pelas mordanças, e voltou ao prisioneiro.

Tinha no rosto uma expressão decidida, implacável.

— Vamos ao que importa, Kesselbach. Se não falar, azar o seu. Decidiu?

— O quê?

— Não se faça de bobo. Diga o que sabe.

— Não sei de coisa alguma.

— Está mentindo. O que significa “Apoon”?

— Se soubesse, não teria escrito.

— Pode ser, mas a que isso se refere? De onde copiou? A troco de quê?

Kesselbach não respondeu.

Lupin recomeçou, mais nervoso, sublinhando bem as palavras:

— Ouça, proponho uma coisa. Por mais rico, por mais figurão que seja, entre você e eu não há tanta diferença. O filho de um caldeireiro de Augsburg e Arsène Lupin, o príncipe dos ladrões, podem muito bem se entender sem desmerecimento para qualquer das partes. Assalto residências e você rouba na Bolsa. É um bocado parecido. Então, façamos o seguinte, Kesselbach, vamos nos associar nesse caso. Preciso de você por não saber do que se trata. Você precisa de mim porque, sozinho, nada vai conseguir. Barbareux é um palerma e eu, eu sou Lupin. Concorde?

Houve um silêncio. Lupin insistiu, com a voz ligeiramente trêmula.

— Responda, Kesselbach. Concorde? Se for o caso, em quarenta e oito horas encontro esse seu Pierre Leduc. Pois é dele que se trata, não é? Não é isso? Responda, droga! Quem é ele? Por que o procura? O que sabe dele? Quero saber.

Logo em seguida, de repente se acalmou. Pôs a mão no ombro do alemão e, com um tom seco, disse:

— Basta uma palavra. Sim... ou não?

— Não.

Lupin tirou do bolsinho do colete de Kesselbach um relógio de ouro e o largou no colo do prisioneiro. Depois desabotoou esse colete, a camisa e, pegando em cima da mesa um estilete de aço que tinha o cabo com inscrições em ouro, encostou a ponta no local em que as pulsações do coração faziam palpar a pele.

— Pela última vez.

— Não.

— Senhor Kesselbach, faltam oito minutos para as três. Se em oito minutos não tiver respondido, morrerá.

Na manhã seguinte, exatamente na hora marcada, o inspetor Gourel chegou ao Palace Hotel. Sem parar e ignorando o elevador, subiu as escadas. No quarto andar, virou à direita, seguiu pelo corredor e tocou a campainha do 415.

Como ninguém atendeu, insistiu. Depois de meia dúzia de tentativas sem resultado, foi ao serviço de atendimento daquele andar, onde encontrou o responsável.

— O sr. Kesselbach me pediu que viesse. Já toquei dez vezes.

— Ele não passou a noite no hotel. Não o vemos desde a tarde de ontem.

— E o criado, e o secretário?

— Também não foram vistos.

— Quer dizer que nenhum deles dormiu no hotel?

— Provavelmente.

— Provavelmente? Não deveria ter certeza?

— Por quê? O sr. Kesselbach não está propriamente no hotel, ele aluga um apartamento particular. Não nos encarregamos do serviço, que é feito por seu criado particular, então não sabemos o que se passa lá.

— Entendo... entendo...

Gourel parecia não saber muito o que fazer. Viera seguindo ordens formais, numa missão precisa, e era dentro desses limites que a sua inteligência funcionava. Fora do que havia sido determinado, não sabia muito como agir.

— Se o delegado estivesse aqui... — ele murmurou. — Se o delegado estivesse aqui...

Mostrou seu distintivo e insistiu um pouco mais:

— Então não os viu entrar?

— Não.

— Mas viu quando saíram?

— Também não.

— Nesse caso, como sabe que saíram?

— Por um cavalheiro que esteve ontem à tarde no 415.

— Um homem de bigode castanho?

— Sim. Por volta das três horas, ele veio aqui e disse: “Os hóspedes do 415 acabam de sair. O sr. Kesselbach vai passar a noite em Versalhes, no Réservoirs. Por favor, envie para lá a sua correspondência”.

— Mas quem era o sujeito? A pretexto de que disse isso?

— Não faço ideia.

Gourel estranhou. Nada daquilo parecia muito normal.

— Tem a chave do apartamento?

— Não, o sr. Kesselbach mandou fazer chaves especiais.

— Vou tentar mais uma vez.

Voltou a tocar a campainha furiosamente. Nada. Já se dispunha a ir embora quando, de repente, abaixou-se e encostou o ouvido no buraco da fechadura.

— Hum... parece... com certeza... é bem claro... são gemidos abafados...

Deu um violento murro na porta.

— O que é isso? O senhor não tem o direito...

— Não tenho o direito?...

Desferiu novas pancadas, mas sem resultado. Por fim, desistiu e disse:

— Rápido, rápido, um serralheiro.

Um dos serventes do hotel tratou de ir procurar um. Gourel andava de um lado para outro, desajeitado, sem saber o que fazer. Empregados dos outros andares vieram ver. Pessoas da recepção e da gerência também chegavam. O policial exclamou:

— Por que não entram pelos quartos contíguos? Não fazem comunicação com o apartamento?

— Sim, mas as portas internas têm ferrolhos dos dois lados.

— Então vou telefonar para a Sûreté — ameaçou Gourel, para quem, claramente, só a presença do chefe podia resolver o impasse.

— E nós para o comissariado — alguém observou.

— Façam isso, estejam à vontade — ele respondeu, como alguém

que pouco se interessa por formalidades desse tipo.

Ao voltar do telefone, o serralheiro estava acabando de experimentar suas chaves. A última delas abriu a fechadura. Gourel entrou decidido.

Foi de imediato ao local de onde vinham os gemidos e deparou com o secretário Chapman e o criado Edwards, amarrados. Chapman havia conseguido afrouxar um pouco a mordaca e soltava grunhidos surdos. Edwards parecia dormir.

Foram soltos. Mas Gourel estava preocupado:

— E o sr. Kesselbach?

Dirigiu-se à sala e lá o encontrou sentado, amarrado no encosto da poltrona, perto da mesa, com a cabeça caída.

— Está sem sentidos — disse Gourel, aproximando-se. — Deve ter feito esforços exaustivos.

Depressa, cortou as cordas que prendiam os ombros. De uma só vez, o tronco despencou para a frente. Gourel o agarrou como pôde e recuou, com um grito de pavor:

— Está morto! Vejam... as mãos estão geladas, os olhos arregalados! Alguém arriscou:

— Uma congestão, provavelmente... uma ruptura de aneurisma.

— É possível, não está ferido... foi morte natural.

Estenderam o cadáver no sofá e afrouxaram as roupas. Logo surgiram manchas vermelhas na camisa branca que, afastada, deixou à mostra, na altura do coração, o peito perfurado, de onde escorria um filete de sangue.

Na camisa, preso por um alfinete, havia um cartão.

Gourel se debruçou. Era o cartão de Arsène Lupin, também sujo de sangue. Ele então se endireitou e gritou, com autoridade:

— Um crime! Arsène Lupin! Saiam... saiam todos... Que ninguém permaneça nesta sala ou no quarto... Que as duas outras vítimas sejam transportadas e cuidadas em outro quarto! Saiam todos... E não toquem em nada. *O chefe vai chegar!*

Arsène Lupin!

Gourel repetia as duas palavras fatídicas absolutamente petrificado. Elas ressoavam nele como um fúnebre dobre de sino. Arsène Lupin! O bandido-mor! O aventureiro supremo! Como? Será possível?

— Não, não — ele murmurava. — Não é possível, *pois ele está morto!*

Mas será que... de fato morreu?

Arsène Lupin!

De pé, ao lado do cadáver, ele permanecia estupidificado, abestalhado, girando sem parar o cartão com certa apreensão, como se acabasse de ser desafiado por um fantasma. Arsène Lupin! O que devia fazer? Agir? Entrar na batalha com seus próprios recursos? Não... era melhor ficar quieto. Os erros seriam inevitáveis se aceitasse a provocação de semelhante adversário. Além disso, o chefe não estava para chegar?

O chefe vai chegar! Toda a psicologia de Gourel se resumia a essa pequena frase. Capaz e perseverante, corajoso e experiente, dono de força hercúlea, ele era desses que só agem quando dirigidos e só cumprem bem seus deveres quando comandados.

E como essa falta de iniciativa tinha se agravado desde que o sr. Lenormand assumira o lugar do sr. Dudouis na chefia da Sûreté! Um verdadeiro chefe, o sr. Lenormand! Com ele podia ter certeza de estar no bom caminho! Tanta certeza que Gourel ficava paralisado quando não sentia o comando do chefe.

Mas o chefe vai chegar! No seu relógio, Gourel calculou a hora exata em que isso aconteceria. Só esperava que o comissário de polícia não chegasse antes, ou o juiz de instrução, que certamente já devia ter sido designado... Ou ainda o médico-legista... Todos viriam com suas inoportunas constatações antes que o chefe pudesse fixar para ele os pontos essenciais do caso!

— O que está fazendo, Gourel, sonhando com quê?

— Chefe!

Lenormand era um homem ainda jovem se levarmos em consideração a expressão do rosto, em que os olhos brilhavam por trás dos óculos; mas quase um velho se prestarmos atenção sobretudo no corpo curvado, na pele seca e amarelada como cera, na barba e nos cabelos já grisalhos, na postura abatida, hesitante, doentia.

Muito a contragosto, ele havia passado a vida nas Colônias como comissário do governo nos mais perigosos cargos. Com isso, havia contraído doenças que causam febres, mas também uma energia indomável apesar da fragilidade física. É provável que desse período tenha igualmente vindo o seu hábito de viver sozinho, de falar pouco, de agir em silêncio e, diga-se, certa misantropia. De repente, porém, tendo Lenormand já cerca de 55 anos, o famoso caso dos três espanhóis de Biskra lhe deu uma grande e justa notoriedade. Corrigiu-se a injustiça e depressa veio uma nomeação que o transferiu, primeiro, para Bordeaux. Em seguida, tornou-se subchefe em Paris e, com a morte do sr. Dudouis, passou à chefia da Sûreté. Em cada um desses cargos, Lenormand demonstrou ter criatividade e dispor dos mais variados recursos pessoais. Por suas qualidades tão inovadoras e originais chegou a resultados precisos em quatro ou cinco escândalos que tinham mobilizado a opinião pública, o que fez seu nome ser sempre lembrado junto aos dos mais ilustres policiais. Gourel, em todo caso, não tinha dúvida quanto a isso. Favorito do chefe, que o apreciava pela candura e pela passiva obediência, ele colocava Lenormand acima de qualquer um. Era o seu ídolo, o deus que nunca se engana.

NAQUELE DIA, Lenormand parecia especialmente cansado. Sentou-se com lassidão, afastou as abas da sobrecasaca, uma velha sobrecasaca célebre pelo corte fora de moda e pela cor verde-oliva, desatou o cachecol, um cachecol marrom igualmente famoso, e murmurou:

— Fale.

Gourel contou tudo que havia visto e tudo que havia sabido, e contou sumariamente, seguindo o hábito que o chefe lhe impunha.

Mas quando mostrou o cartão de visita sujo de sangue, Lenormand estremeceu e exclamou:

— Lupin!

— Ele mesmo, que volta à tona, Lupin, o animal.

— Ótimo, melhor assim — disse Lenormand, depois de refletir um pouco.

— Claro, melhor assim — repetiu Gourel, que gostava de confirmar as raras palavras daquele superior, em quem criticava apenas o fato de ser pouco loquaz. — Melhor assim, pois finalmente o senhor terá um adversário à sua altura... Lupin vai descobrir quem o supera... Lupin não mais existirá... Lupin...

— Comece as buscas — disse simplesmente Lenormand, cortando aquela verborragia.

Era como se um caçador desse uma ordem a seu cão. E, de fato, foi como um bom cão de caça, esperto, inteligente e vasculhador, que Gourel se pôs à procura, sob o olhar do chefe. Com a ponta da bengala, Lenormand apontava para determinado canto, para determinada poltrona, como se apontasse uma moita ou um arbusto, com minuciosa consciência.

— Nada — concluiu o inspetor.

— Nada para você — resmungou Lenormand.

— Foi o que eu quis dizer... Sei que, para o senhor, há coisas que falam como se fossem gente, verdadeiras testemunhas. De um jeito ou de outro, temos literalmente um crime a acrescentar na conta do tal Lupin.

— O primeiro homicídio — observou Lenormand.

— O primeiro, é verdade... Mas era inevitável. Ninguém leva uma vida desse tipo sem que, um dia ou outro, seja levado a isso pelas circunstâncias. O sr. Kesselbach certamente se defendeu...

— Estava amarrado.

— Tem razão — confessou Gourel, desconcertado. — E isso, aliás, é o mais curioso... Por que matar um adversário que já está dominado? Pouco importa, mas se eu o tivesse pego pela gola ontem, quando ficamos frente a frente, na entrada do vestibulo...

Lenormand havia passado para o balcão; depois visitou o quarto de Kesselbach, à direita, verificou janelas e portas.

— As janelas dos dois cômodos estavam fechadas quando entrei —

afirmou Gourel.

— Fechadas ou encostadas?

— Ninguém mexeu nelas. E estão fechadas, chefe...

Um barulho de vozes os fez voltar para a sala. Lá encontraram o médico-legista examinando o cadáver e o dr. Formerie, juiz de instrução.

O dr. Formerie exclamava:

— Arsène Lupin! Fico enfim feliz que um bom acaso me ponha novamente diante desse bandido! O miserável vai ver com quantos paus se faz uma canoa! E dessa vez, um assassinato! Isso será entre nós dois, mestre Lupin!

O juiz de instrução não tinha esquecido a estranha aventura em torno do diadema da princesa Lamballe nem de como Lupin o havia admiravelmente enganado, anos antes. O caso fora muito comentado nos anais do Palácio de Justiça. Ainda riam disso, e o dr. Formerie guardava um compreensível sentimento de rancor, assim como o desejo de uma revanche que desse o que falar.

— O crime é evidente — afirmou com ares de convicção. — E será fácil descobrir o motivo. Tudo se encaminha bem. Chefe Lenormand, saudações. Que prazer revê-lo.

Não era prazer algum para ele. A presença de Lenormand, pelo contrário, lhe desagradava muito, já que o chefe da Sûreté deixava claro o quanto o achava medíocre. Ele, no entanto, empertigou-se e continuou, sempre solene, dirigindo-se ao médico:

— Então, doutor, o senhor estima que a morte se deu há cerca de umas doze horas, talvez mais? Foi o que supus... estamos perfeitamente de acordo. E a arma do crime?

— Uma lâmina muito fina, senhor juiz de instrução — respondeu o médico. — Veja, limparam-na com o lenço do morto...

— Realmente... realmente... é bem visível. Agora vamos interrogar o secretário e o criado do sr. Kesselbach. Tenho certeza de que poderão nos esclarecer um pouco.

Assim como Edwards, Chapman tinha sido levado para o seu próprio quarto, à esquerda da sala, e já se recuperara de tudo pelo que havia passado. Ele contou em detalhes o que acontecera na véspera,

falou das preocupações do sr. Kesselbach, da visita já prevista do falso coronel e, por fim, da agressão de que foram vítimas.

— Ótimo! — exclamou Formerie. — Temos um cúmplice! E vocês ouviram o nome... Marco, foi o que disseram... É de suma importância. Quando pegarmos o cúmplice, teremos feito um bom caminho...

— Só que não o pegamos — observou Lenormand.

— É, veremos... Uma coisa de cada vez. Mas diga, sr. Chapman, esse tal Marco saiu logo após o sr. Gourel tocar a campainha?

— Foi. Nós o ouvimos sair.

— E, depois disso, não ouviram mais nada?

— Sim... Uma coisa ou outra, mas vagamente. A porta estava fechada.

— E que tipo de coisa?

— Quando a voz ficava mais alta. O sujeito...

— Pode chamá-lo pelo nome, Arsène Lupin.

— Arsène Lupin deve ter telefonado.

— Ótimo! Interrogaremos a pessoa encarregada, no hotel, do serviço das comunicações com a cidade. E mais tarde, ouviu-o também sair?

— Ele veio ver se continuávamos bem amarrados e, quinze minutos depois, se foi, fechando a porta do vestíbulo.

— Exato, logo depois de consumir o delito. Ótimo... Ótimo... Tudo está se encaixando... E depois disso?

— Depois, mais nada... Veio a noite, o cansaço acabou me adormecendo... O mesmo aconteceu com Edwards, e só na manhã de hoje...

— É... eu sei. Bom, as coisas estão indo... Tudo está se encaixando...

Marcando as etapas da investigação, como se já marcasse vitórias sobre o desconhecido, ele murmurava, pensativo:

— O cúmplice... o telefone... a hora do crime... os barulhos ouvidos... Bom, muito bom... Só nos falta estabelecer o motivo do crime. No caso, tratando-se de Lupin, o motivo é claro. Sr. Lenormand, notou algum sinal de roubo por arrombamento?

— Nenhum.

— Isso significa que o delito se deu diretamente na vítima. A carteira foi encontrada?

— Deixei-a no bolso do paletó — disse Gourel.

Voltaram todos para a sala, e o dr. Formerie constatou que na carteira havia apenas alguns cartões de visita e documentos pessoais.

— É estranho. Sr. Chapman, saberia dizer se o seu patrão tinha com ele alguma soma em dinheiro?

— Certamente. No dia anterior, ou seja, anteontem, segunda-feira, fomos ao Crédit Lyonnais, onde o sr. Kesselbach alugou um cofre...

— Um cofre no Crédit Lyonnais? Hum... teremos que observar também esse aspecto.

— E antes de ir embora ele abriu uma conta e sacou cinco ou seis mil francos em dinheiro.

— Ótimo... Isso nos esclarece.

Chapman continuou:

— Mais uma coisa, senhor juiz de instrução. O sr. Kesselbach estava há alguns dias bastante preocupado; eu já lhe disse o porquê... um projeto que era de extrema importância para ele. Nos últimos dias, dois objetos pareciam preocupá-lo muito: uma caixa de ébano, que foi deixada em segurança no Crédit Lyonnais, e um envelope de marroquim preto, onde ele guardava alguns papéis.

— E esse envelope?

— Antes da chegada de Lupin, vi que foi guardado nessa sacola de viagem.

Formerie pegou a sacola e a revirou. O envelope não estava lá. Ele esfregou as mãos.

— Sim, tudo está se encaixando. Sabemos quem é o culpado, as condições e o motivo do crime. Esse caso não vai se arrastar por muito tempo. Concorde comigo em todos esses pontos, chefe Lenormand?

— Em nenhum deles.

Houve um momento de surpresa geral. O comissário de polícia tinha chegado e, com ele, apesar dos agentes deixados na porta, uma quantidade de jornalistas e gente do próprio hotel haviam forçado passagem e se concentravam na antessala.

Por mais notória que fosse a rudeza do chefe da Sûreté, rudeza que não deixava de revelar também certa grosseria, o que já lhe valera algumas chamadas vindas dos escalões superiores, a brusquidão da resposta era desconcertante. O dr. Formerie, em particular, pareceu chocado:

— Ora, vejo nisso tudo coisas bem simples: Lupin é o ladrão...

— E por que o matou? — interrompeu-o Lenormand.

— Para roubar.

— Queira desculpar, a narrativa das testemunhas prova que o roubo aconteceu antes do assassinato. O sr. Kesselbach foi primeiro amarrado e amordaçado, e só depois roubado. Por que Lupin, que até agora não havia cometido crime de sangue, mataria alguém indefeso e que já fora roubado?

O juiz de instrução cofiou suas compridas costeletas louras, gesto que ele tinha o hábito de fazer quando uma questão lhe parecia insolúvel. Pensativo, ele respondeu:

— Há várias possibilidades.

— Quais?

— Depende... Depende de uma série de elementos ainda desconhecidos. Além disso, a objeção diz respeito apenas à natureza dos motivos. No mais, estamos de acordo.

— Não estamos.

Ainda uma vez, a resposta era clara, incisiva, quase agressiva, a ponto de fazer o juiz, totalmente desamparado, nem mesmo querer protestar, não vendo o que dizer àquele estranho policial. Mas, por fim, contemporizou:

— Cada um tem seu método. Fico curioso em conhecer o seu.

— Não tenho nenhum.

O chefe da Sûreté se levantou e deu alguns passos na sala, apoiado na bengala. A seu redor, todos se calavam. Era bastante curioso ver o domínio que tinha sobre os presentes aquele velhote magrelo e combalido, pela exclusiva força de uma autoridade que pesava antes mesmo de ser aceita.

Após um longo silêncio, ele disse:

— Gostaria de ver os cômodos em volta desse apartamento.

O gerente mostrou uma planta do hotel. O único acesso ao quarto da direita, onde ficava o sr. Kesselbach, era pelo vestíbulo do apartamento. Já o da esquerda, o do secretário, se comunicava com outro quarto.

Lenormand disse:

— Vamos até lá.

O juiz de instrução não se controlou e resmungou:

— A porta de comunicação tem ferrolho e a janela está fechada.

— Vamos até lá — insistiu o outro.

Ele foi levado até o quarto, que era o primeiro dos cinco reservados para a sra. Kesselbach. Depois, a pedido seu, levaram-no também aos seguintes. Todas as portas de comunicação estavam com trincos passados dos dois lados.

Ele perguntou:

— Nenhum desses quartos está ocupado?

— Nenhum.

— E as chaves?

— As chaves continuam na recepção.

— Ninguém então podia entrar aqui?

— Só o servente do andar, que vem arejar e desempoeirar.

— Chame ele.

O camareiro, Gustave Beudot, disse que na véspera, seguindo sua rotina, ele havia fechado as janelas dos cinco quartos.

— A que horas?

— Às seis da tarde.

— Notou algo de especial?

— Nada.

— E hoje?

— Abri as janelas por volta das oito horas.

— Nada encontrou?

— Nada... Quer dizer...

Ele hesitava. Pressionado, acabou admitindo:

— Bom, achei perto da lareira do 420 uma cigarreira... que eu ia entregar no fim do dia à recepção.

— Está com ela?

— Não, está no meu quarto. É um estojo de aço polido. Tem divisórias para o tabaco, para o papel de enrolar e para os fósforos. Há duas iniciais em ouro... um L e um M.

— Como?

A surpresa era de Chapman, que imediatamente perguntou ao rapaz:

— Um estojo de aço polido, foi o que disse?

— Sim.

— Com três compartimentos para o tabaco, o papel e os fósforos... tabaco russo, fino e claro, não é?

— Isso mesmo.

— Por favor, vá pegá-lo... Gostaria de ver... ter certeza...

Gustave Beudot se retirou, com a ordem tendo sido reforçada por um sinal do chefe da Sûreté, que havia se sentado e examinava com olhar atento o tapete, os móveis e as cortinas. Ele quis confirmar:

— É no 420 que estamos, não?

— Sim.

O juiz zombou:

— Bem que gostaria de saber qual relação pode haver entre esse incidente e o drama. Cinco portas trancadas nos separam do aposento em que Kesselbach foi assassinado.

Lenormand não se deu ao trabalho de responder.

O tempo passava sem que Gustave voltasse.

— Onde ele dorme? — Lenormand perguntou ao gerente.

— No sexto andar, dando para a rua de Judée, ou seja, um pouco acima de onde estamos. É estranho que ainda não tenha voltado.

— Poderia mandar alguém verificar?

O próprio gerente se prontificou, e Chapman o acompanhou. Alguns minutos depois ele voltou sozinho, esbaforido, visivelmente transtornado.

— O que houve?

— Está morto...

— Assassinado?

— Sim.

— Ah! Diabos, estão dispostos a tudo, os miseráveis! — não se

conteve Lenormand. — Rápido, Gourel, mande fechar as portas do hotel. Controle as saídas. Por favor, leve-nos ao quarto de Gustave Beudot — pediu ao gerente.

No momento em que saíram do quarto, Lenormand se abaixou e pegou uma rodelinha de papel que já lhe havia chamado a atenção.

Era uma etiqueta com bordas azuis. Lia-se nela o número 813. Por via das dúvidas, ele a guardou na carteira e foi se juntar aos outros.

Um fino ferimento nas costas, entre as duas omoplatas. Idêntico ao que matara o sr. Kesselbach.

— De fato. A mesma mão feriu e a mesma arma foi utilizada.

Pela posição do cadáver, o camareiro tinha sido pego de surpresa, agachado junto da cama, procurando sob o colchão a cigarreira.

— Tudo indica que esse estojo seria tremendamente comprometedor — sugeriu Formerie, sem se atrever a afirmar mais o que quer que fosse.

— Sim, tremendamente! — concordou o chefe da Sûreté.

— Mas sabemos que tinha as iniciais L e M. E como o sr. Chapman parece conhecê-las, basta perguntar a ele.

Lenormand estranhou:

— Chapman! Onde ele está?

Procuraram no corredor, entre as pessoas que se agrupavam ali. Nenhum sinal.

— O secretário Chapman subiu comigo — lembrou o gerente.

— Disso eu sei, mas não desceu com o senhor.

— Não, ele ficou tomando conta do cadáver.

— Sozinho?

— Eu que pedi a ele, dizendo que ficasse aqui e não saísse.

— E não havia ninguém lá? Não viu ninguém?

— No corredor, não.

— E nos outros quartos... Ou mesmo depois daquela curva... ninguém escondido?

Lenormand estava agitadoíssimo. Ia e vinha, abria a porta dos outros quartos. De repente, saiu correndo, com uma rapidez de que ninguém imaginaria que ele fosse capaz.

Desceu escada abaixo os seis andares, com o juiz de instrução e o gerente, que tentavam segui-lo. Lá embaixo, encontrou Gourel junto à porta principal.

— Ninguém saiu?

- Ninguém.
- E na porta da rua Orvieto?
- Deixei Dieuzy de plantão.
- Com ordens formais?
- Sim, chefe.

No amplo saguão do hotel, vários hóspedes se aglomeravam, inquietos, comentando versões mais ou menos exatas do estranho crime. Todos os funcionários, convocados por telefone, chegavam e, um de cada vez, eram imediatamente interrogados por Lenormand.

Nenhum deles trouxe qualquer informação que fosse útil. Mas uma servente do quinto andar disse ter passado, cerca de dez minutos antes, por dois senhores que desciam pela escada de serviço, entre o quinto e o quarto andar.

— Vinham com pressa. O primeiro segurava o outro pela mão. Estranhei ver dois cavalheiros usando a escada de serviço.

— Poderia reconhecê-los?

— Não o primeiro, ele virou o rosto. Mas era magro, de cabelo claro. Usava um chapéu mole, preto... e roupas pretas.

— E o outro?

— Ah! O outro era inglês, rosto grande, sem barba, e estava com uma blusa quadriculada. Sem chapéu.

Todas as evidências apontavam que se tratava de Chapman. A mulher acrescentou:

— Ele parecia... esquisito... Meio amalucado.

As respostas de Gourel não bastaram a Lenormand, que interrogou todos os meninos de libré que ficam nas duas portas do hotel para os serviços de entrega e de mensagens:

— Conhece o sr. Chapman?

— Sim, ele sempre falava conosco.

— E não o viu sair?

— Não, ele não saiu hoje.

Lenormand se virou para o comissário de polícia:

— De quantos homens pode dispor, comissário?

— Quatro.

— É muito pouco. Telefone ao seu auxiliar e peça que ele mande

todos os homens disponíveis. E organize o senhor mesmo a mais rigorosa vigilância em todas as saídas. Um verdadeiro estado de sítio, comissário.

— Mas o que é isso? — protestou o gerente. — Meus clientes...

— Não dou a mínima para os seus clientes. Meu dever tem prioridade e meu dever é prender, a qualquer preço...

— O senhor então acha... — arriscou o juiz de instrução.

— Não acho, tenho certeza de que o autor desse duplo assassinato se encontra ainda no hotel.

— Mas, então, Chapman...

— Não sei dizer se Chapman ainda está vivo. Em todo caso, é uma questão de minutos, de segundos... Gourel, pegue dois homens e vasculhe todos os aposentos do quarto andar. — E, voltando-se para o gerente: — Peço que indique um funcionário para acompanhá-los. Só investirei nos outros andares quando chegarem reforços. Vamos à caça, Gourel, e abra o olho. Temos um animal perigoso.

O inspetor e seus homens se foram. Lenormand ficou no saguão, perto das salas da administração. Nem pensava mais em se sentar, como era seu hábito. Ia da entrada principal à da rua Orvieto e depois voltava.

De vez em quando, dava novas ordens:

— Senhor gerente, diga que fiquem atentos na cozinha, é possível que o assassino queira escapar por lá. Senhor gerente, diga à telefonista que não complete ligação para ninguém do hotel que queira se comunicar com o exterior. Se telefonarem da rua, pode completar a ligação depois de anotar o nome da pessoa. Senhor gerente, peça que listem todos os hóspedes com nomes começando por L ou M.

Ditava tudo isso em voz alta, como um general que lançasse a seus oficiais ordens das quais dependia o sucesso da batalha.

E era de fato uma batalha implacável e terrível que se travava no ambiente elegante daquele palacete parisiense, entre a poderosa autoridade que representa um chefe da Sûreté e o indivíduo misterioso que estava sendo perseguido, acuado, já quase capturado, mas tão formidavelmente astucioso e feroz.

A ansiedade afligia a todos que acompanhavam o espetáculo, agrupados no centro do saguão, silenciosos e tensos, com arrepios de medo ao menor ruído, obcecados pela imagem infernal do assassino. Onde se escondia? Apareceria de repente? Não estaria ali, entre eles próprios? Talvez este aqui, ao meu lado? Ou aquele ali?

O nervosismo era tamanho que, explodindo uma revolta, seria possível forçar passagem e escapar para a rua se a personificação da autoridade não se impusesse, trazendo uma sensação de segurança e tranquilidade. Algo como o que sentem os passageiros de um navio sob o comando de um bom capitão.

Todos os olhares então se dirigiam àquele velho de óculos e cabelos grisalhos, de sobrecasaca verde-oliva e cachecol marrom, andando de um lado para outro com suas costas arqueadas e pernas vacilantes.

Às vezes, um dos rapazes, enviado por Gourel, vinha falar com ele, para dar notícia das investigações.

— Alguma novidade? — perguntava Lenormand.

— Nenhuma. Não encontramos nada.

Duas vezes o gerente tentou afrouxar as medidas de segurança. A situação era intolerável. Vários hóspedes protestavam no escritório da administração, pois tinham obrigações profissionais ou estavam com hora marcada para sair.

— Eles que sosseguem — repetia Lenormand.

— São clientes antigos, conhecidos nossos.

— Tanto melhor.

— Isso é abuso de poder.

— Sei disso.

— Seus superiores não vão concordar.

— Tenho certeza que não.

— O próprio juiz de instrução...

— Que o dr. Formerie me deixe trabalhar em paz! O melhor que tem a fazer é continuar a interrogar os empregados. O resto não é do âmbito do processo, é da competência da polícia. Da minha competência.

Nesse instante, um esquadrão de policiais entrou no hotel. O chefe da Sûreté os dividiu em vários grupos, os enviou ao terceiro andar e

depois, dirigindo-se ao comissário, disse:

— Deixo o controle deste andar a seu encargo, meu amigo. Sem concessões, por favor. Assumo toda responsabilidade quanto ao que possa acontecer.

Depois, tomando o elevador, dirigiu-se ao segundo andar.

O TRABALHO NÃO ERA simples. Foi demorado, pois implicava abrir as portas de sessenta quartos, inspecionar todos os banheiros, armários, qualquer cantinho em que alguém pudesse se esconder. E sem resultado. Uma hora depois, já por volta do meio-dia, Lenormand acabava de percorrer o segundo andar, os policiais ainda vasculhavam os andares superiores, mas nada se descobrira.

Lenormand pensou: será que o assassino subiu às mansardas?

No entanto, decidiu descer ao ser informado de que a sra. Kesselbach acabava de chegar com sua dama de companhia. Edwards, o velho criado de confiança, havia se incumbido da tarefa de avisá-la da morte do marido.

Lenormand encontrou-a em uma das salas, desfalecida, sem lágrimas, mas com o rosto crispado de dor e o corpo trêmulo, como se acometida por acessos de febre.

Era uma mulher grande, morena, com olhos negros muito bonitos, realçados por algum pozinho dourado que fazia as pálpebras brilharem como lantejoulas no escuro. O marido a havia conhecido na Holanda, onde ela nascera, numa tradicional família de origem espanhola, os Amonti. Fora amor à primeira vista, e naqueles quatro anos a relação, carinhosa e fiel, jamais se abalara.

Lenormand se apresentou. Dolores apenas olhou sem responder e ele se calou, pois a pobre mulher, em estado de choque, não parecia compreender o que lhe diziam.

Pouco depois, de repente, ela começou a chorar convulsivamente e pediu que a levassem até o marido.

No saguão, Lenormand encontrou Gourel, que o procurava para mostrar o que havia encontrado.

— Chefe, achei esse chapéu... Não há dúvida quanto ao dono, não é?

Era um chapéu mole, de feltro preto. Por dentro, não tinha forro nem qualquer marca de identificação.

— Onde estava?

— Junto à escada de serviço, no segundo pavimento.

— E nos outros andares, nada?

— Nada. Vasculhamos tudo. Nada também no primeiro. Esse chapéu prova que o homem desceu até ali. Estamos quentes, chefe.

— Parece que sim.

Perto da escada, Lenormand parou.

— Procure o comissário e transmita esta ordem: dois homens ao pé de cada uma das quatro escadas, de revólver em punho. Que atirem se for preciso. Entenda uma coisa, Gourel, se Chapman não for salvo e o indivíduo escapar, estou acabado. Há duas horas crio todo um tumulto por nada.

Subiu a escada. No primeiro andar, encontrou dois policiais que saíam de um quarto, guiados por um funcionário.

No corredor, ninguém mais. O pessoal do hotel não se aventurava muito e alguns hóspedes se trancavam à chave em seus quartos, de forma que era preciso bater várias vezes e se identificar até que a porta fosse aberta.

Mais adiante, Lenormand viu outro grupo de policiais encarregado de controlar a despensa e, no fim do longo corredor, outros que estavam prestes a dobrá-lo, dirigindo-se aos quartos que davam para a rua de Judée.

De repente, ouviu esses últimos gritarem e logo em seguida correrem. Ele foi atrás.

Os policiais estavam parados no meio do corredor. Junto deles, atravessado no caminho, de cara no chão, jazia um corpo.

Lenormand se agachou e pegou a cabeça inerte.

— Chapman — ele murmurou. — Está morto.

Examinou-o. Uma echarpe de seda branca apertava seu pescoço. Desatou-a. Manchas vermelhas surgiram e, então, Lenormand constatou que a echarpe prendia na nuca do morto um tampão de gaze encharcado de sangue.

Mais uma vez, o mesmo pequeno ferimento limpo, direto,

implacável.

Imediatamente avisados, o juiz de instrução e o comissário chegaram.

— Ninguém saiu? — quis saber Lenormand. — Nada de estranho?

— Nada — respondeu o comissário. — Temos lá embaixo, junto de cada escada, dois homens de plantão.

— Quem sabe ele subiu? — aventurou-se Formerie.

— Não... Não.

— Sem isso, teria sido pego.

— Não... Tudo aconteceu há mais tempo. As mãos já estão frias. Esse assassinato foi provavelmente cometido logo depois do outro... quando os dois homens chegaram aqui pela escada de serviço.

— Mas teríamos visto o cadáver! Imagine! Nas últimas duas horas cinquenta pessoas passaram por aqui...

— O cadáver não estava aqui.

— E então onde estava?

— Como posso saber? — respondeu com certa brutalidade o chefe da Sûreté. — Façam como eu, procurem! E não será conversando que vão encontrar.

Com movimentos nervosos, ele martelava o castão da bengala e, silencioso e pensativo, continuava a olhar fixamente para o cadáver. Por fim, disse:

— Senhor comissário, tenha a bondade de pedir que levem a vítima para um quarto vazio. Chamaremos o médico. Senhor gerente, por favor abra todas as portas desse corredor.

Havia, do lado esquerdo, três quartos e duas salas formando um apartamento, que estava desocupado e foi imediatamente vistoriado por Lenormand. Do lado direito, quatro quartos. Em um deles se hospedava um certo sr. Reverdat e, no outro, um italiano, o barão Giacomici, ambos ausentes naquele momento. O terceiro era ocupado por uma velha solteirona inglesa, que ainda estava deitada, e o seguinte por um inglês que lia e fumava com tranquilidade, sem que o barulho no corredor o atrapalhasse. Chamava-se major Parbury.

As buscas e os interrogatórios não chegaram a resultado algum. A solteirona inglesa nada havia escutado até a barulheira dos policiais

no corredor. Nem briga, nem suspiro de agonia, nem discussão. O major Parbury também não.

Além disso, não se encontrou o menor sinal suspeito, nenhum traço de sangue que pudesse indicar que o infeliz Chapman houvesse passado por qualquer um daqueles cômodos.

— Estranho... — murmurou o juiz de instrução. — Tudo isso é realmente estranho.

E acrescentou com ingenuidade:

— Entendo cada vez menos. Há toda uma série de circunstâncias que não compreendo na totalidade. O que acha, chefe Lenormand?

Lenormand provavelmente daria uma de suas respostas ríspidas, características do seu mau humor habitual, quando Gourel chegou esbaforido.

— Chefe... encontraram isso... lá embaixo... na administração do hotel... em cima de uma cadeira.

Era um embrulho de pequenas dimensões, amarrado numa sarja preta.

— Foi aberto? — perguntou Lenormand.

— Foi, mas quando viram o que tinha dentro, fecharam exatamente como estava... bem amarrado, como pode ver.

— Desamarre.

Gourel então fez isso e mostrou uma calça e um casaco de lã pretos, que pareciam ter sido embrulhados às pressas.

Entre eles, havia uma pequena toalha suja de sangue e que tinha sido mergulhada na água, provavelmente para diluir a marca das mãos que se limpavam nela.

Dentro da toalha havia um estilete de aço com um cabo banhado a ouro. Estava sujo de sangue, sangue de três homens mortos por uma mão invisível, em poucas horas, com trezentas pessoas em volta que iam e vinham no imenso hotel. De imediato, Edwards reconheceu que o estilete pertencia ao sr. Kesselbach. Ainda na véspera, antes da agressão de Lupin, ele o havia visto em cima da mesa.

— Senhor gerente — disse o chefe da Sûreté —, estão suspensas as restrições. Gourel dará as ordens para que liberem as portas de entrada e saída.

— Então acha que Lupin conseguiu sair? — perguntou Formerie.

— Não. O autor do triplo assassinato que acabamos de constatar continua no hotel. Em um dos quartos ou, talvez, entre os hóspedes no saguão ou nas salas. Para mim, é um hóspede.

— Não pode ser! Além disso, onde teria trocado de roupa? E o que está vestindo agora?

— Não sei, mas reafirmo o que disse.

— E vai deixar a passagem livre? Assim ele vai conseguir sair tranquilo, com as mãos nos bolsos.

— Quem for embora assim, sem bagagem, e não voltar, será o culpado. Senhor gerente, por favor me leve ao escritório da administração. Gostaria de olhar a lista dos hóspedes.

No escritório, Lenormand encontrou algumas cartas endereçadas a Kesselbach e as encaminhou ao juiz de instrução.

Havia também um pacote que acabava de ser entregue pelo serviço dos correios. Como o papel que o embrulhava estava um pouco rasgado, Lenormand pôde ver que dentro havia uma caixa de ébano em que se lia o nome de Rudolf Kesselbach.

Abriu-o de vez. Além dos cacos de um espelho cujo lugar original era facilmente perceptível no fundo da tampa, havia na caixa um cartão de Arsène Lupin.

Um detalhe, no entanto, pareceu chamar a atenção do chefe da Sûreté. Do lado de fora, no fundo da caixa, via-se uma pequena etiqueta com borda azul, igual à que ele tinha pego no quarto em que fora encontrada a cigarreira. *Nessa etiqueta igualmente se lia o número 813.*

2. Lenormand começa a agir

1

— Auguste, mande entrar o sr. Lenormand.

O funcionário saiu e, segundos depois, trouxe o chefe da Sûreté.

No amplo gabinete do Ministério da Justiça, na praça Beauveau, estavam três pessoas: o próprio Valenglay, há trinta anos líder do partido radical, atual presidente do Conselho de Ministros e titular da pasta da Justiça, o sr. Testard, procurador-geral da República, e o chefe de polícia Delaume.

O chefe de polícia e o procurador-geral não se levantaram de onde estavam sentados ao longo de toda a conversa com o presidente do Conselho, mas este se levantou, apertou a mão do chefe da Sûreté e disse, num tom dos mais amigáveis:

— Com certeza, meu caro Lenormand, você sabe por que pedi que viesse.

— O caso Kesselbach?

— Pois.

— O caso Kesselbach! Todo mundo se lembra, não só do trágico caso Kesselbach, cujas tramas complexas procurei desvendar, mas também das diversas peripécias do drama que mobilizou a opinião pública dois anos antes da Grande Guerra. Todos igualmente se lembram da formidável comoção criada não só na França, mas também no exterior. No entanto, mais do que o triplo assassinato, ocorrido em circunstâncias tão misteriosas, mais até do que a detestável atrocidade daquele massacre, acima de tudo o que mais deu o que falar foi o ressurgimento, pode-se dizer a ressurreição, de Arsène Lupin.

Arsène Lupin! Ninguém mais ouvira falar dele nos últimos quatro anos, desde a incrível, a mirabolante aventura da Agulha Oca, desde

aquele dia quando, diante de Herlock Sholmes e Isidore Beautrelet, ele desaparecera no escuro, carregando nas costas o cadáver da sua amada, acompanhado por sua velha ama de leite, Victoire.

Desde então, todos passaram a considerá-lo morto. E era esta a versão da polícia que, sem encontrar a menor pista do antigo adversário, pura e simplesmente o enterrara.

Havia quem, no entanto, o imaginasse vivo, levando uma tranquila existência de bom burguês, cuidando da sua horta e tendo ao lado esposa e filhos. Outros diziam que, esmagado pela tristeza e cansado das ilusões desse nosso mundo, ele se enclausurara num monastério trapista.

E eis que, de repente, ressurgia! Retomava a sua luta sem trégua contra a sociedade! Arsène Lupin voltava a ser Arsène Lupin, o inconcebível, o intangível, o desconcertante, o audacioso, o genial Arsène Lupin.

Mas dessa vez a sua aparição causou um grito de horror. Arsène Lupin havia matado! E a selvageria, a crueldade, o cinismo implacável do crime eram tamanhos que logo destruíram a aura de herói simpático, de bandido cavalheiresco e até mesmo sentimental, dando vez a uma nova imagem, de monstro desumano, sanguinário e feroz. As pessoas passaram a execrar e temer o antigo ídolo de forma ainda mais violenta por tê-lo antes admirado em sua graça delicada e seu amável bom humor.

E a indignação de toda essa gente amedrontada se voltou então contra a polícia. Antes, podia até ser engraçado. Todos riam quando o comissário era ridicularizado, pela maneira cômica como isso era feito. Mas a brincadeira havia durado tempo demais e, num clima de agressiva revolta, exigia-se da autoridade uma atitude diante daqueles crimes inqualificáveis contra os quais se mostrava inapta a solucionar.

Nos jornais, nos eventos públicos, na rua e até mesmo na tribuna da Câmara eram tantas as manifestações que o governo se viu obrigado a fazer alguma coisa que acalmasse a situação.

Valenglay, o presidente do Conselho, era pessoalmente ligado às questões policiais e gostava de acompanhar certos casos, seguindo de longe o chefe da Sûreté, cujas qualidades e personalidade

independente admirava. Quis então ouvir Lenormand no final da reunião que teve com o chefe de polícia e o procurador-geral.

— Exatamente, meu caro Lenormand, trata-se do caso Kesselbach. Mas antes de ouvi-lo, gostaria de mencionar algo... algo que preocupa muito o nosso chefe de polícia. O sr. Delaume pode, ele próprio, falar disso.

— Posso, mas Lenormand sabe muito bem do que se trata — respondeu o chefe de polícia, num tom que deixava clara a pouca paciência que tinha com o subordinado. — Já falamos disso e ele não ignora a minha opinião sobre a sua maneira de agir no Palace Hotel. Foi incorreta e causou indignação geral.

Lenormand se levantou, tirou do bolso um papel e o colocou em cima da mesa.

— O que é isso? — perguntou Valenglay.

— Minha demissão.

O ministro deu um pulo.

— Como? Quer se demitir? Por uma observação do chefe de polícia que de forma alguma é maldosa e à qual nem ele dá tanta importância? Não concorda, Delaume? E você se sente ofendido! Convenhamos, meu caro, você tem um temperamento bem difícil. Trate de botar esse papel de volta no bolso, pois temos coisas mais sérias a tratar.

O chefe da Sûreté se sentou, e Valenglay, impondo silêncio ao chefe de polícia, que não escondia seu descontentamento, continuou:

— Resumindo, Lenormand, trata-se do seguinte: essa volta de Lupin não é boa coisa. Durante muito tempo esse animal nos ridicularizou. Era até engraçado, concordo, e eu mesmo era o primeiro a rir. Mas agora temos três assassinatos em questão. Podíamos aguentar Lupin enquanto ele divertia a plateia. Como assassino, não.

— Então, senhor ministro, o que quer de mim?

— O que eu quero? Ah! É bem simples. Primeiro a prisão dele... e depois a cabeça.

— A prisão posso prometer para os próximos dias. A cabeça, não.

— Como assim? Se for preso, será julgado, condenado e, inevitavelmente... guilhotinado.

— Não creio.

— Por que não?

— Porque Lupin não matou.

— Como? Está louco, Lenormand? E os cadáveres do Palace Hotel? Foram uma alucinação? Não houve um triplo assassinato?

— Houve, mas Lupin não o cometeu.

A afirmação foi clara e contundente, feita com tranquilidade e convicção impressionantes.

O procurador e o chefe de polícia protestaram, mas Valenglay retomou:

— Imagino que tenha sérias razões para levantar essa hipótese.

— Não se trata de uma hipótese.

— Tem provas?

— Duas, ambas de natureza moral, que ainda no hotel expus ao juiz de instrução e os jornais sublinharam. Para começo de conversa, Lupin não mata. Além do mais, por que faria isso depois de já ter conseguido o que queria, isto é, o roubo, e nada tendo a temer de uma vítima amarrada e amordaçada?

— Concordo. Mas e os fatos?

— Os fatos não se sustentam contra a razão e a lógica. Além disso, os fatos também estão do meu lado. O que teria levado Lupin ao quarto em que foi encontrada a cigareira? Por outro lado, as roupas pretas que foram descobertas, e que eram sem dúvida do assassino, em nada correspondem, em tamanho, às de Arsène Lupin.

— Então você já o viu?

— Eu não, mas Edwards e Gourel, sim, e a pessoa que eles viram não é a mesma vista pela camareira na escada de serviço, carregando Chapman pela mão.

— Então nessa sua versão...

— Não é uma versão, senhor presidente do Conselho, é a verdade. Vou fazer a explanação, ou pelo menos o que sei dessa verdade. Na terça-feira 16 de abril, um indivíduo... Lupin... entrou no apartamento do sr. Kesselbach por volta das duas horas da tarde...

Uma gargalhada interrompeu Lenormand. Era o chefe de polícia:

— Deixe-me rir, o senhor parece determinar tudo de forma um

tanto apressada. Ficou provado que o sr. Kesselbach, às três horas desse mesmo dia, entrou no Crédit Lyonnais e desceu à sala dos cofres. Isso se comprova por sua assinatura no registro.

Lenormand respeitosamente esperou que o superior terminasse. Depois, sem se dar ao trabalho de responder diretamente ao ataque, continuou:

— Por volta das duas horas da tarde, Lupin, com a ajuda de um cúmplice chamado Marco, amarrou o sr. Kesselbach, pegou todo o dinheiro vivo que ele tinha na carteira e o obrigou a revelar o número do seu cofre no Crédit Lyonnais. Assim que conseguiu isso, Marco saiu, encontrou outro cúmplice, com o mesmo tipo físico de Kesselbach, usando trajes parecidos com os dele e óculos com aro de ouro. Esse segundo cúmplice entrou no Crédit Lyonnais, falsificou a assinatura do titular da conta, esvaziou o cofre e se retirou. Marco telefonou a seu chefe, confirmando que Kesselbach não o havia enganado. Com o sucesso do golpe, Lupin se foi.

Valenglay não parecia convencido.

— Bom... admitamos que tenha sido assim. O que me espanta é que alguém como Lupin tenha se arriscado tanto por um lucro, afinal, medíocre... Algum dinheiro e o hipotético conteúdo de um cofre.

— Ele esperava mais do que isso. Queria o envelope de marroquim que estava na bolsa de viagem ou a caixa de ébano que estava no cofre. A caixa ele conseguiu, pois a enviou de volta, vazia. É possível concluir que ele hoje conhece, ou está a caminho de desvendar, o tal projeto de Kesselbach, que ele mencionou a seu secretário pouco antes de morrer.

— Que projeto é esse?

— Não sei. O diretor da agência Barbereux, que ele havia contratado, me disse que Kesselbach procurava um indivíduo, um desclassificado, ao que parece, chamado Pierre Leduc. Por que motivo? Que laços teria com o projeto? Não sei dizer.

— Que seja — concluiu Valenglay. — Foi essa a atuação de Arsène Lupin. Temos Kesselbach amarrado e roubado... mas vivo! O que aconteceu até ele ser encontrado morto?

— Nada, por várias horas. Mas à noite alguém entrou.

— Por onde?

— Pelo quarto 420, um dos aposentos reservados para a sra. Kesselbach. O indivíduo certamente usou uma chave falsa.

— Mas — se exaltou o chefe de polícia — entre esse quarto e o apartamento todas as portas estavam com trancas... cinco portas!

— Resta o balcão.

— O balcão?

— Exato. É o mesmo para o andar inteiro, no lado que dá para a rua de Judée.

— E as separações?

— Um homem em boa forma pode passar por elas. O nosso fez isso. Descobri vestígios.

— Todas as janelas do apartamento estavam fechadas e foi constatado, depois do crime, que assim continuavam.

— Exceto uma, a do secretário Chapman, apenas encostada. Eu próprio averigui.

Dessa vez o presidente do Conselho pareceu estar impressionado, de tanto que a versão de Lenormand se mostrava lógica, justa e sustentada em fatos concretos.

Visivelmente interessado, ele perguntou:

— E esse homem, o que queria?

— Não sei.

— Ah! Não sabe...

— Como também não sei como se chama.

— Mas por que matou?

— Não sei. No máximo podemos supor que não veio com o propósito de matar, e sim por também querer os documentos do envelope de marroquim e da caixa. Estando, por acaso, diante de um inimigo que nada podia fazer, ele o matou.

Valenglay murmurou:

— É possível... enfim, de certa maneira... E acha que ele encontrou os documentos?

— Não a caixa, pois não estava ali, mas encontrou na bolsa de viagem o envelope de marroquim preto, de modo que Lupin e ele estão em pé de igualdade: os dois conhecem, do projeto de Kesselbach,

as mesmas coisas.

— Isso quer dizer — observou Valenglay — que vão lutar entre si.

— Exato. E a luta já começou, pois o assassino, encontrando o cartão de Arsène Lupin, prendeu-o no cadáver. Com isso, todas as evidências se puseram contra Lupin... que passaria a ser considerado o assassino.

— De fato... — declarou o ministro. — Um cálculo bastante justo.

— E que tinha tudo para dar certo — continuou Lenormand — se, por outro acaso, agora desfavorável, o assassino, seja na ida ou na volta, não perdesse no quarto 420 sua cigarreira; e se o camareiro Gustave Beudot não a tivesse pego. A partir disso, sabendo ter sido descoberto, ou quase...

— Como ele soube?

— Como? Ora, pelo próprio juiz de instrução Formerie. Seu inquérito foi feito de portas abertas! É óbvio que o assassino estava entre os que assistiam, fossem funcionários do hotel ou jornalistas, quando o juiz de instrução mandou Gustave Beudot à sua mansarda para buscar a cigarreira. Beudot foi, o indivíduo o seguiu e o matou. Sua segunda vítima.

Ninguém mais protestava. O drama estava sendo reconstituído com realismo e exatidão impressionantes.

— E a terceira? — quis saber Valenglay.

— Esta se ofereceu por conta própria. Vendo que Beudot não voltava, e querendo examinar logo a cigarreira, Chapman acompanhou o gerente do hotel. Surpreendido pelo assassino, foi arrastado por ele até um dos quartos e, então, assassinado.

— Mas como ele aceitou ser levado e guiado por alguém que ele sabia ser o assassino de Kesselbach e Gustave Beudot?

— Não sei, como também não sei em que quarto o crime foi cometido nem adivinho a maneira realmente miraculosa que permitiu ao culpado escapar.

— Falou-se de duas etiquetas azuis... — lembrou Valenglay.

— Sim. Uma estava na caixa que Lupin devolveu e a outra eu encontrei e provavelmente vinha do envelope de marroquim que o assassino roubou.

- E então?
- Para mim, elas não têm importância alguma. O que provavelmente importa é o número 813 que Kesselbach escreveu nas duas: sua caligrafia foi identificada.
- E esse número 813?
- Mistério.
- Mesmo?
- Mistério total. Uma vez mais terei que dizer que nada sei.
- Nenhuma pista?
- Nenhuma. Deixei dois homens em um dos quartos do Palace, no andar em que foi encontrado o corpo de Chapman. Por meio deles, vigio todos no hotel. O culpado não está entre os que partiram.
- Não houve um telefonema durante o massacre?
- Houve. Alguém de fora telefonou ao major Parbury, um dos quatro hóspedes com quarto no primeiro andar.
- E esse major?
- Meus auxiliares o vigiam, mas até agora nada encontraram de suspeito.
- E em qual direção pretende encaminhar a investigação?
- Bem... numa direção bastante clara. Para mim, o assassino é algum amigo ou conhecido do casal Kesselbach. Alguém que os seguia, conhecia seus hábitos, sabia por que o marido tinha vindo a Paris e, no mínimo, suspeitava da importância dos tais projetos.
- Não seria então um criminoso profissional?
- Não, não! Mil vezes não! O crime foi executado com habilidade e audácia incríveis, mas levado pela força das circunstâncias. Insisto que é no círculo dos Kesselbach que devemos procurar. Prova disso é que o assassino só matou Gustave Beudot por ele ter a cigarreira, e Chapman por ele poder identificar esse mesmo objeto. Peço que lembrem como Chapman ficou agitado com a descrição da cigarreira: ele intuiu todo o drama. Caso suas suspeitas se confirmassem, ele nos contaria. O desconhecido sabia disso e o matou. E ficamos então sem nada nas mãos, além das iniciais L e M.
- Ele pensou um pouco e acrescentou:
- Outra prova que responde a uma das suas perguntas, senhor

presidente. Acha que Chapman teria seguido esse homem pelos corredores e escadas do hotel se não o conhecesse?

Os fatos se acumulavam. A verdade, ou pelo menos a verdade provável, se fortalecia. Muitos pontos, que talvez fossem os mais interessantes, permaneciam no escuro. Mas uma luz surgia. Mesmo faltando ainda o que os motivara, percebia-se já com clareza a série de atos executados naquele trágico dia.

Sobreveio um silêncio. Cada um dos presentes pensava, procurava argumentos, objeções. Valenglay, por fim, exclamou:

— Meu caro Lenormand, tudo isso foi ótimo... Estou perfeitamente convencido. Mas, no fundo, não avançamos muito.

— Como assim?

— Explico. A finalidade desta reunião não é decifrar uma parte do enigma que, tenho certeza, qualquer dia você acabará desvendando por inteiro, e sim dar uma satisfação, da melhor forma possível, às exigências da opinião pública. Que o assassino seja Lupin ou não, que existam dois, três ou um único culpado, isso não nos dá o seu nome nem a sua prisão. E é o que gera, na opinião pública, essa desastrosa impressão de incapacidade da Justiça.

— E o que posso fazer?

— Justamente dar essa satisfação ao público.

— Achei que minhas explicações já bastassem...

— São palavras! As pessoas querem acontecimentos. Uma única coisa pode contentá-las: uma prisão.

— Bem, não podemos sair prendendo o primeiro que aparecer.

— Já seria melhor do que não prender ninguém — brincou Valenglay. — Veja só, pense um pouco. Não acha que Edwards, o criado de Kesselbach...

— Pelo contrário, tenho certeza de que não. Além disso, seria perigoso, ridículo. Tenho certeza de que o procurador... Há apenas dois indivíduos que podemos prender: o assassino... que não sei quem é... e Arsène Lupin.

— Pois então?

— Não temos como prender Arsène Lupin... ou, pelo menos, precisaríamos de tempo, uma série de medidas... nas quais nem

pensei, pois achava que ele tivesse se aposentado... ou morrido.

Impaciente, como alguém que está acostumado à imediata execução de tudo que quer, Valenglay bateu com o pé no chão:

— No entanto... veja bem, meu caro Lenormand, é preciso... É preciso que você também... Você sabe, tem consciência de que muita gente poderosa não gosta de você... e que se eu não estivesse aqui... Enfim, é inadmissível que você, Lenormand, se omita dessa maneira. E os cúmplices, o que fez deles? Lupin não é o único... Temos Marco... Temos também o outro que se fez passar por Kesselbach para descer ao subsolo do Crédit Lyonnais.

— Esse já bastaria, senhor presidente?

— Se bastaria? Droga, qualquer um!

— Pois então me dê oito dias.

— Oito dias! Não é uma questão de dias, meu querido, é uma questão de horas.

— E quantas o senhor me dá?

Valenglay tirou o relógio do bolso e riu:

— Dez minutos, Lenormand.

O chefe da Sûreté sacou o próprio relógio e respondeu, enfático:

— São quatro a mais do que preciso, senhor presidente do Conselho.

Valenglay olhou para ele sem acreditar.

— Quatro a mais? O que está querendo dizer?

— Estou dizendo que não preciso dos dez minutos concedidos. Bastam-me seis, nenhum a mais.

— Ora, Lenormand... A brincadeira não me parece de muito bom gosto...

O chefe da Sûreté se aproximou da janela e acenou para dois homens que esperavam no pátio principal do Ministério. Em seguida, voltou.

— Senhor procurador-geral, queira assinar um mandado de prisão para Auguste-Maximin-Philippe Daileron, de 47 anos. Deixe em branco o espaço da profissão.

Ele abriu a porta.

— Por favor, Gourel... Você também, Dieuzy.

Os dois homens entraram.

— Está com as algemas, Gourel?

— Sim, chefe.

Lenormand se aproximou de Valenglay.

— Tudo pronto, senhor presidente. Mas peço ainda que não insista nessa prisão nesse momento. Atrapalha meus planos e pode inclusive prejudicá-los irremediavelmente. Podemos comprometer tudo por uma satisfação, no final das contas, mínima.

— Restam-lhe apenas oitenta segundos, sr. Lenormand.

O chefe conteve um gesto de irritação, andou pela sala e, apoiando-se na bengala, se sentou, chateado e decidido a ficar calado. De repente, porém, mudou de ideia e declarou:

— A primeira pessoa a entrar vai satisfazer essa necessidade de uma prisão... contra a minha vontade, volto a dizer.

— Quinze segundos, Lenormand.

— Gourel... Dieuzy... o primeiro que entrar, combinado? Temos o mandado, senhor procurador-geral?

— Dez segundos, Lenormand.

— Por favor, toque a campainha, senhor ministro.

Valenglay assim fez e o funcionário se apresentou à porta, aguardando ordens.

O ministro olhou para o chefe da Sûreté:

— Então, Lenormand? Esperamos pelas suas ordens... Quem Auguste deve trazer?

— Ninguém.

— E quanto ao impostor que você prometeu prender? Seus seis minutos já se esgotaram há tempos.

— Pois. Mas o impostor está aqui.

— Como? Não estou entendendo, ninguém entrou.

— Claro que sim.

— Veja bem, Lenormand, você deve estar de brincadeira... Como eu disse, ninguém entrou.

— Éramos quatro neste gabinete e agora somos cinco. Então, alguém entrou.

Valenglay deu um pulo.

— Como? Ficou louco? O que está dizendo?

Os dois policiais tinham se colocado entre a porta e o funcionário. Lenormand se aproximou dele, pousou a mão no seu ombro e disse, com voz firme:

— Em nome da lei, Auguste-Maximin-Philippe Daileron, funcionário do cerimonial da presidência do Conselho, o senhor está preso.

Valenglay deu uma risada:

— Ah, essa é boa! Era só o que faltava! Grande Lenormand, realmente! Obrigado, há tempos não ria assim...

Lenormand se virou para o procurador-geral e pediu:

— Por favor, pode completar no mandado o espaço deixado em branco com a ocupação do sr. Daileron: funcionário do cerimonial da presidência do Conselho...

— Claro... claro... Funcionário do cerimonial da... presidência do Conselho... — repetia Valenglay, se dobrando de rir. — Esse Lenormand tem umas tiradas geniais... A opinião pública quer uma prisão? Paf! Ele arrasta alguém. Quem? Um funcionário meu,

Auguste... o funcionário padrão... Pois bem, Lenormand, sei que você gosta de ideias fantasiosas, mas não a esse ponto! Acho que dessa vez passou dos limites.

Desde o início de toda essa cena, Auguste não se movera e parecia nada compreender do que se passava ali. Em sua plácida atitude de subalterno leal e fiel, ele apenas parecia surpreso, então olhou em volta cada uma das pessoas, num visível esforço para entender o sentido daquelas palavras.

Lenormand disse alguma coisa a Gourel, que se retirou. Em seguida, indo até Auguste, continuou:

— Nada a fazer. Foi pego. Quando se perde o jogo, o melhor é mostrar as cartas. O que fez na terça-feira?

— Eu? Nada. Estava aqui.

— Mentira. Era o seu dia de folga. Você saiu.

— É verdade... Lembrei. Um amigo do interior veio a Paris, fomos passear no Bois de Boulogne.

— O amigo se chama Marco. E vocês foram passear, só que no subsolo do Crédit Lyonnais.

— Eu? Mas que ideia! Marco? Não conheço ninguém com esse nome.

— E isso, você conhece? — perguntou Lenormand, mostrando um par de óculos com aro de ouro.

— Não, não conheço... nem uso óculos.

— Usa sim, quando vai ao Crédit Lyonnais se fazendo passar pelo sr. Kesselbach. Estes aqui foram encontrados no quarto que você aluga, com o nome de Jérôme, na rua do Colisée, número 5.

— Eu? Um quarto? Moro aqui no Ministério.

— Mas é lá que troca de roupa para representar seus papéis na quadrilha de Lupin.

Auguste passou a mão pela testa, já molhada de suor. Muito pálido, ele balbuciou:

— Não entendo... Está dizendo coisas... coisas...

— Quer entender melhor? Veja só algo que encontrei no seu cesto de lixo aqui mesmo, na antessala do Ministério.

Lenormand abriu uma folha de papel timbrado do Ministério em

que se lia, repetido diversas vezes com uma caligrafia de quem estava treinando: Rudolph Kesselbach.

— Então, o que tem a dizer sobre isso, funcionário padrão? Treinando a assinatura de Kesselbach... Não seria uma prova?

Um soco no meio do peito fez Lenormand quase cair. Com um salto, Auguste chegou à janela aberta, passou a perna pelo parapeito e pulou para o pátio principal.

— Maldito! — gritou Valenglay. — Que bandido!

Ele tocou a campainha, correu e quis gritar pela janela. Mas, com a maior calma do mundo, Lenormand disse:

— Não se preocupe, senhor ministro.

— Mas aquele canalha...

— Só um segundo, por favor. Previ essa possibilidade... Contava, inclusive, que isso acontecesse... pois não há melhor confissão.

Convencido por tanto sangue-frio, Valenglay voltou a se sentar. Logo em seguida, Gourel entrou, carregando pela gola o infeliz Auguste-Maximin-Philippe Daileron, também conhecido como Jérôme, funcionário do cerimonial da presidência do Conselho de Ministros.

— Traga, Gourel — disse Lenormand, como quem diz “Aqui!” a um bom cão de caça que traz a presa entre os dentes. — Ele tentou resistir?

— Mordeu um pouco, mas apertei forte — respondeu o inspetor, mostrando sua mão enorme e nodosa.

— Ótimo, Gourel. Agora tome um fiacre e leve nosso amigo para a detenção. Não precisa se despedir, sr. Jérôme.

Valenglay estava se divertindo. Esfregava as mãos e ria. Pensar que o seu funcionário padrão era cúmplice de Lupin lhe parecia a melhor e mais irônica das aventuras.

— Excelente, meu caro Lenormand, foi incrível. Mas como chegou a isso?

— Ora! Nem foi tão complicado. Eu sabia que Kesselbach tinha consultado a agência Barbareux e que Lupin se apresentou dizendo ser dessa agência. Procurei nessa direção e notei que a indiscrição cometida contra o cliente só podia ter servido a um certo Jérôme, amigo de um funcionário da agência. Se não tivesse sido forçado a

apressar as coisas, eu continuaria a vigiá-lo, chegaria a Marco e depois a Lupin.

— Há de chegar nele, Lenormand. E poderemos assistir a um dos mais formidáveis espetáculos do mundo: seu confronto com Lupin. Aposto em você.

Na manhã do dia seguinte, os jornais publicaram estas linhas:

Carta aberta ao sr. Lenormand, chefe da Sûreté.

Meus cumprimentos, caro senhor e amigo, pela prisão do funcionário Jérôme, do cerimonial. Foi um belo trabalho, bem feito e digno do senhor.

Minhas felicitações também pela eficiente maneira como mostrou ao presidente do Conselho não ser eu o assassino do sr. Kesselbach. A demonstração foi clara, lógica, irrefutável e, principalmente, verídica. Como o senhor bem sabe, eu não mato ninguém. Obrigado por ter deixado isso bem claro. A estima dos meus contemporâneos e a sua própria, prezado senhor e amigo, são para mim indispensáveis.

Dito isso, permita-me auxiliá-lo na perseguição ao monstruoso assassino e dar uma mãozinha no caso Kesselbach. Trata-se de um caso muito interessante, acredite, tão interessante e tão digno da minha atenção que saí do retiro em que vivi nos últimos quatro anos, entre meus livros e meu fiel cachorro Sherlock, convoquei meus antigos companheiros e entrei outra vez em ação.

Como a vida tem reviravoltas imprevistas! Prontifico-me a colaborar com o senhor. Esteja certo, caro senhor e amigo, que estou feliz com isso e dou o devido valor a esse presente que o destino me oferece.

Assinado: Arsène Lupin

Post-scriptum: Uma palavrinha ainda sobre um assunto, em relação ao qual espero poder contar com a sua aprovação. Sendo impróprio que alguém que teve o glorioso privilégio de combater ao meu lado apodreça na palha úmida das prisões do Estado, sinto-me obrigado a preveni-lo que dentro de cinco semanas, na sexta-feira 31 de maio, libertarei meu camarada Jérôme, por mim promovido a funcionário do cerimonial da presidência do Conselho. Não esqueça a data: sexta-feira, 31 de maio. A. L.

3. O príncipe Sernine em ação

1

Um andar térreo, na esquina do boulevard Haussmann com a rua de Courcelles. É onde mora o príncipe Sernine, um dos mais brilhantes membros da colônia russa em Paris, com nome sempre presente nas colunas “Férias e Lazer” dos jornais.

Onze da manhã. O príncipe entra em seu escritório. É um homem de trinta e cinco a trinta e oito anos, com fios prateados que começam a se insinuar nos cabelos castanhos. Tem a pele de alguém saudável, belo bigode e suíças aparadas bem rente, pouco aparecendo no frescor das faces.

Está corretamente vestido com uma sobrecasaca cintada de cor cinza e colete com arremates de cotim branco.

— Coragem — ele murmurou para si mesmo. — Acho que teremos um dia difícil.

Abriu uma porta que dava para uma ampla sala em que várias pessoas aguardavam e disse:

— Varnier está aqui? Entre, Varnier.

Um sujeito com aparência de pequeno-burguês, atarracado, forte, firme nas próprias pernas, atendeu ao chamado. O príncipe fechou a porta assim que ele entrou.

— E então, Varnier, em que pé estão as coisas?

— Tudo certo para esta noite, patrão.

— Ótimo. Resuma em poucas palavras.

— É o seguinte. Desde o assassinato do marido, a sra. Kesselbach, graças ao anúncio que o senhor fez chegar a ela, passa uma temporada na casa de repouso para mulheres em Garches. Está num dos quatro bangalôs que ficam no fundo do jardim, reservados para senhoras que preferem manter certo isolamento. É chamado pavilhão da Imperatriz.

— Tem acompanhantes?

— Sua dama de companhia, Gertrude, com quem ela havia chegado poucas horas depois do crime, e a irmã de Gertrude, Suzanne, que mandou vir de Monte Carlo e trabalha como arrumadeira. São ambas muito fiéis à patroa.

— E Edwards?

— Não foi mantido, voltou para a terra natal.

— Ela recebe visitas?

— Ninguém. Passa os dias numa espreguiçadeira. Parece um tanto fraca, adoentada. Chora muito. Ontem o juiz de instrução esteve por duas horas com ela.

— Está bem. Passemos à moça.

— A srta. Geneviève Ernemont mora do outro lado da estrada, na terceira casa à direita de uma ruela que se perde em campo aberto. Mantém uma escola livre e gratuita para crianças com atraso na aprendizagem. A avó, sra. Ernemont, mora com ela.

— E, pelo que você escreveu, Geneviève Ernemont e a sra. Kesselbach se conheceram.

— Isso mesmo. A jovem foi pedir à viúva ajuda financeira para a escola. Devem ter simpatizado, pois há quatro dias saem juntas para passear no parque de Villeneuve, contíguo ao jardim da casa de repouso.

— A que horas saem?

— Das cinco às seis. Às seis em ponto a jovem volta à escola.

— Você então organizou a coisa?

— Para as seis horas de hoje. Está tudo pronto.

— Ninguém aparecerá?

— Não há rivalidade no parque a essa hora.

— Entendi. Estarei lá. Pode ir.

Ele o fez sair pela porta do vestíbulo e, voltando à sala de espera, chamou:

— Irmãos Doudeville.

Dois rapazes entraram, vestidos com uma elegância um pouco exagerada, ambos com olhar vivo e ar simpático.

— Bom dia, Jean. Bom dia, Jacques. Novidades na Chefatura?

— Nada importante, patrão.

— Lenormand continua confiando em vocês?

— Com certeza. Depois do Gourel, somos os inspetores favoritos. Prova disso é que fomos designados para o Palace Hotel e vigiamos todas aquelas pessoas que se hospedavam no primeiro andar no momento em que Chapman foi assassinado. Gourel passa lá diariamente, e apresentamos a ele o mesmo relatório que ao senhor.

— Muito bem. É essencial que eu esteja a par de tudo que é feito e de tudo que é dito na Chefatura de Polícia. Enquanto Lenormand confiar em vocês, controlo a situação. E no hotel, encontraram alguma pista?

Jean Doudeville respondeu:

— A inglesa que morava num dos quartos foi embora.

— Essa não me interessa. Informe-me a respeito. E o seu vizinho, o major Parbury?

Eles pareceram menos à vontade. Um dos dois disse por fim:

— Pela manhã o major mandou que levassem sua bagagem para a Gare du Nord, pois devia pegar o trem de meio-dia e cinquenta, e saiu num automóvel. Fomos à estação, mas o major não apareceu.

— E a bagagem?

— Ele mandou buscá-la na estação.

— Quem a retirou?

— Um carregador qualquer, pelo que nos disseram.

— Ou seja, perdemos os rastros dele?

— Perdemos.

— Ótimo! — exclamou o príncipe, satisfeito.

Os irmãos se espantaram.

— É verdade... Até que enfim, um indício!

— Acha mesmo?

— Com certeza. A morte de Chapman só pode ter ocorrido num dos quartos desse corredor ocupado por um cúmplice do assassino de Kesselbach. Nesse quarto o secretário foi morto e o assassino pôde trocar de roupa. Depois que ele foi embora, o cúmplice jogou o cadáver no corredor. Quem é esse cúmplice? Pela maneira como o major Parbury desapareceu, podemos achar que ele não é estranho ao

caso. Rápido, telefonem e deem a notícia a Lenormand ou a Gourel. É preciso que se saiba disso, com máxima urgência, na Chefatura. A polícia e eu andamos na maior camaradagem.

Fez ainda algumas recomendações relativas à dupla função de inspetores da polícia a serviço do príncipe Sernine e os dispensou.

Restavam dois visitantes na sala de espera, e ele chamou um deles.

— Peço que me desculpe, doutor. Estou à sua disposição agora. Como vai Pierre Leduc?

— Morto.

— Hum... Já esperava por isso, desde o recado que me mandou esta manhã. Seja como for, o pobre sujeito não durou muito.

— Estava já bem debilitado. Uma síncope, e se foi.

— E não falou?

— Não.

— Tem certeza de que desde o dia em que o apanhamos em mau estado, debaixo de uma mesa de bar em Belleville, ninguém desconfiou que ele era o Pierre Leduc procurado pela polícia, o misterioso personagem que Kesselbach queria encontrar a qualquer preço?

— Certeza absoluta. Ele ficava num quarto à parte. Além disso, enrolei sua mão esquerda com um curativo para que não se notasse a falta do mindinho. Quanto à cicatriz no rosto, ninguém podia ver por causa da barba.

— E só você o visitava?

— Só eu. E aproveitei todos os momentos em que ele parecia mais lúcido para interrogá-lo, como me pediu. Mas nada consegui além de sons indistintos.

Pensativo, o príncipe murmurou:

— Morto... Pierre Leduc morto... O caso Kesselbach claramente dependia dele e quando o encontramos... ele morre... sem dizer coisa alguma sobre si mesmo, sobre seu passado. Será que realmente devo embarcar numa aventura da qual ainda não entendo nada? É um risco... Posso afundar nela.

Refletiu um pouco e exclamou:

— Dane-se! Embarco assim mesmo. Não tem por que largar a

partida só porque Pierre Leduc morreu. Pelo contrário! Para completar, a ocasião é tentadora. Pierre Leduc morreu, viva Pierre Leduc! Pode ir, doutor. Vá para casa. Telefone à noite.

O doutor saiu.

— A nós, Philippe — disse Sernine ao último visitante, um homenzinho de cabelos grisalhos, vestido como camareiro de hotel, mas de um hotel de décima categoria.

— Patrão — começou Philippe —, vou lembrá-lo de que, na semana passada, o senhor me colocou como camareiro no hotel Dois Imperadores, em Versalhes, para vigiar um rapaz.

— Sei disso... Gérard Baupré. Como ele anda?

— Em fim de linha.

— Ainda deprimido?

— Ainda. E quer se matar.

— Acha que é sério?

— Bastante. Encontrei nas coisas dele este bilhete a lápis.

— É mesmo — concordou Sernine, lendo o bilhete. — Anuncia o suicídio... para esta noite!

— Pois sim, patrão, já comprou a corda e prendeu o gancho no teto. Seguindo suas ordens, criei alguma relação com ele, que me contou sua situação, então o aconselhei a procurá-lo: “O príncipe Sernine é rico e generoso, talvez o ajude”.

— Ótimo. Acha que ele vai vir?

— Já está aqui.

— Como sabe?

— Eu o segui. Pegou o trem para cá e agora está andando de um lado para outro no bulevar. Acho que não vai demorar a se decidir.

Nesse exato instante, o criado trouxe um cartão. O príncipe leu e disse:

— Mande o sr. Gérard Baupré entrar.

E pediu, dirigindo-se a Philippe:

— Passe para o escritório, ouça e não faça barulho.

Uma vez sozinho, o príncipe murmurou:

— Como poderia hesitar? Foi o destino que o enviou...

Minutos depois, entrou um rapaz grande e de cabelos claros, magro,

faces encovadas, olhar febril. Manteve-se parado na porta, pouco à vontade, hesitante, parecendo um mendigo que quer estender a mão mas tem vergonha.

A conversa foi curta.

— É o sr. Gérard Baupré?

— Sim... sim... sou eu.

— Não tenho a honra...

— Bem... senhor... eu sei... é que alguém me disse...

— Alguém quem?

— Um camareiro de hotel... que diz ter trabalhado para o senhor...

— Que seja, e então?

— Bem...

O jovem parou, intimidado pela atitude altiva do príncipe, que afinal disse:

— Decida-se, meu rapaz...

— Bom... é que me disseram que o senhor é muito rico e generoso... Achei ser possível...

Não conseguia concluir o pedido, dando-se conta do quanto era humilhante a situação.

Sernine se aproximou:

— Não foi Gérard Baupré quem publicou um livro de poesia intitulado *O sorriso da primavera*?

O rosto do rapaz se iluminou:

— Sim, publiquei... O senhor leu?

— Li... Versos muito bonitos... muito bonitos. Mas espera viver disso?

— Sim... um dia... quem sabe?

— Um dia... não é? E enquanto esse dia não chega, veio me pedir ajuda para viver.

— Para comer.

Sernine pôs a mão em seu ombro e disse com frieza:

— Poetas não comem. Alimentam-se de rimas e de sonhos. Faça isso. É melhor do que pedir esmola.

O jovem ficou paralisado com o insulto. Sem nada dizer, virou as costas e se encaminhou para a porta.

Sernine o interrompeu.

— Só uma coisa ainda. Não tem mais recurso nenhum?

— Nenhum.

— Nada com que possa contar?

— Tenho uma última esperança... Escrevi a um parente, implorando que me enviasse qualquer coisa. Terei resposta ainda hoje. É minha última chance.

— Se não tiver resposta, imagino que esteja decidido, logo mais...

A resposta foi simples e clara:

— Estou.

Sernine riu.

— Deus do céu! Você é impagável, meu jovem! E que convicção! Quanta tolice! Volte a me procurar ano que vem, combinado? Falaremos de tudo isso... É muito estranho, muito interessante... Mas, sobretudo, engraçado... Ha, ha, ha!

Dobrando-se de rir, com gestos forçados de despedida, o príncipe o pôs para fora.

— Philippe — chamou ele, abrindo a outra porta. — Você ouviu?

— Ouvi, patrão.

— Gérard Baupré espera um telegrama esta tarde, uma promessa de ajuda...

— É a sua última cartada.

— Ele não pode receber esse telegrama. Caso chegue, dê um sumiço nele antes.

— Entendi, patrão.

— Está sozinho no hotel?

— Estou. Além de mim tem apenas a cozinheira, que vai para casa no fim do dia. O dono está fora.

— Ótimo. Temos o controle. Até a noite, por volta das onze. Agora vá.

O príncipe Sernine passou para o quarto, chamou o criado e pediu:

— Meu chapéu, minhas luvas e minha bengala. O automóvel está aqui?

— Está sim.

Vestiu-se, saiu e tomou uma grande e confortável limusine, que o levou ao Bois de Boulogne, à casa do marquês e da marquesa de Gastyne, respondendo a um convite para almoçar.

Às duas e meia ele se despediu do casal, mandou o carro parar na avenida Kléber, pegou dois amigos e um médico, e chegou às cinco para as três no Parc des Princes.

Às três horas bateu-se em duelo com o comandante italiano Spinelli, logo no primeiro choque cortou a orelha do adversário; às três e quarenta e cinco, passou pelo clube da rua Cambon, jogou contra a banca e se retirou, às cinco e vinte, com um lucro de 47 mil francos.

Tudo isso sem pressa, com uma espécie de indolência ativa, como se a infernal movimentação que parecia agitar a sua vida em um turbilhão de ações e de acontecimentos fosse a regra geral, mesmo para os dias mais tranquilos.

— Octave — ele disse ao chofer. — Vamos a Garches.

Faltando dez minutos para as seis horas, ele desceu do carro diante dos velhos muros do parque de Villeneuve.

ABANDONADA, semidestruída, a propriedade de Villeneuve conserva ainda algo do esplendor que conheceu no tempo em que a imperatriz Eugénie vinha nela descansar. Com suas árvores centenárias e seu lago, além do horizonte verde dos bosques de Saint-Cloud, a paisagem é cheia de graça e de melancolia.

Uma parte importante da propriedade foi doada ao Instituto Pasteur. Outra, menor e separada da primeira por um espaço aberto ao público, forma uma área ainda bastante ampla, na qual se erguem, perto da casa de repouso, quatro bangalôs isolados.

“É onde está morando a sra. Kesselbach”, pensou o príncipe, vendo

de longe os telhados da casa principal e dos quatro bangalôs.

No entanto, atravessou o parque e se dirigiu ao lago.

De repente parou atrás de algumas árvores, ao ver duas senhoras debruçadas no parapeito da ponte que atravessa o lago.

“Varnier e seus homens devem estar por aqui, mas, caramba, se escondem bem, pois por mais que eu procure...”

As duas agora caminhavam pelo gramado, junto das grandes e veneráveis árvores. O azul do céu se mostrava por entre os galhos, agitados por uma brisa suave. Sentiam-se no ar um perfume primaveril e um fresco verdor.

Nos declives gramados que iam até as águas imóveis, margaridas, violetas, miosótis, narcisos, junquinhos, todas essas florezinhas de abril e maio formavam, aqui e ali, uma espécie de constelação multicolorida. O sol descia no horizonte.

De repente, três homens surgiram e foram na direção das duas mulheres.

Falaram com elas, que davam claros sinais de medo diante das palavras trocadas. Um deles se aproximou da menor e quis tomar sua bolsa, uma bolsa dourada.

As duas gritaram. Os homens estavam na iminência de agredi-las.

“É agora ou nunca”, pensou o príncipe, correndo para lá.

Em dez segundos, já estava quase à beira do lago. Devido à sua aproximação, os assaltantes fugiram.

— Corram, patifes — gritou ele. — O mais que possam, porque estou chegando.

Ele já partia em perseguição, mas uma das mulheres pediu:

— Ah! Por favor, cavalheiro... minha amiga não está bem.

De fato, uma delas, justamente a menor, tinha desmaiado e estava caída na relva.

Ele parou e, preocupado, voltou atrás:

— Está ferida? Será que os miseráveis...

— Não... não... Foi só o susto... a emoção... É que... o senhor vai compreender... é a sra. Kesselbach.

— Ah!

Ele ofereceu um frasco de sais que a jovem imediatamente fez a

amiga inspirar. Em seguida, ele acrescentou:

— Puxe a ametista que serve de rolha. Há uma caixinha de comprimidos. Faça com que ela tome um... só um. É bem forte.

O homem observava a jovem cuidando da amiga. Era loura, com aparência simples, expressão suave e séria. Um sorriso animava o seu rosto, mesmo quando não estava sorrindo.

“É Geneviève”, pensou ele.

E repetiu para si mesmo, comovido: “Geneviève... Geneviève...”.

A sra. Kesselbach aos poucos se recuperava. De início, surpresa, parecia não compreender o que acontecia. Depois voltou a se lembrar e agradeceu ao seu salvador, que, com uma mesura, apresentou-se:

— Permita-me... Príncipe Sernine.

Ela respondeu em voz baixa:

— Não sei como exprimir minha gratidão.

— Basta não exprimi-la, senhora. Somente ao acaso deve agradecer, foi o que dirigiu meus passos para cá. Posso oferecer meu braço?

Minutos depois, a sra. Kesselbach tocou a campainha da casa de repouso e disse ao príncipe:

— Pediria ainda um favor. Não fale dessa agressão da qual nos salvou.

— Mas seria a única maneira de saber...

— Para saber, seria preciso uma investigação, com toda uma agitação ao meu redor, interrogatórios, cansaço, e não tenho mais forças.

O príncipe não insistiu. Cumprimentando-a, perguntou:

— Permite que tenha notícias suas?

— Certamente, é claro...

Ela beijou Geneviève e entrou.

Começava a escurecer, e Sernine não quis que a jovem voltasse sozinha. Porém, mal tinham tomado o caminho, um vulto saiu do escuro, correndo na direção deles.

— Vovó! — exclamou Geneviève.

Ela abraçou uma velha senhora que a cobriu de beijos.

— Ah, minha querida! Minha querida, o que aconteceu? Não entendi como se atrasou, você é sempre tão pontual!

Geneviève fez as apresentações:

— Sra. Ernemont, minha avó. Príncipe Sernine...

Em seguida contou o incidente, e a sra. Ernemont só repetia:

— Ah, minha querida! Que susto deve ter levado! Nunca esquecerei sua ajuda, senhor... Posso jurar... Que susto deve ter levado, minha querida!

— Vamos, vovó, acalme-se, estou aqui...

— Está, mas o susto pode ter causado algum mal. Nunca se sabe... Ah! Que coisa horrível...

Os três caminharam ao longo de uma cerca viva atrás da qual se podia perceber um pátio com árvores, algumas moitas, um descampado e uma casa branca.

Atrás dessa casa se abria, protegida por um punhado de sabugueiros formando um caramanchão, uma pequena cancela.

A velha senhora convidou o príncipe Sernine a entrar e o levou até uma saleta que servia também como sala de visitas.

Geneviève pediu que o príncipe a desculpasse, pois precisava ir ver suas alunas, já que era hora da ceia.

O príncipe e a sra. Ernemont ficaram sozinhos.

A VELHA SENHORA tinha um rosto pálido e triste, com cabelos brancos presos por bandós e coques laterais à inglesa. Era um tanto forte, com andar pesado, e, apesar dos modos que procurava aparentar e dos trajes burgueses, havia nela algo rude de camponesa. Nos olhos, em todo caso, transparecia uma infinita bondade.

Enquanto arrumava um pouco a mesa, sem parar de falar do recente susto, o príncipe Sernine se aproximou dela, pegou sua cabeça com as duas mãos e a beijou nas duas faces.

— Então, minha velha, como está?

Ela ficou pasma, com os olhos perdidos, a boca aberta. O príncipe beijou-a de novo e riu.

Ela gaguejou:

— Você? É você? Ai! Meu Deus! Meu Deus... Será possível? Meu Deus!

— Minha boa Victoire!

— Não me chame assim — ela exclamou, nervosa. — Victoire morreu... Sua velha ama de leite não existe mais. Pertença agora inteiramente a Geneviève...

E acrescentou em voz baixa:

— Ai! Jesus... Bem que eu li o seu nome nos jornais... Então é verdade, voltou àquela sua vida desregrada?

— Como pode ver.

— No entanto, jurou que tinha deixado o mau caminho, que ia embora para sempre, que ia ser honesto.

— Bem que tentei. Há quatro anos venho tentando... Não pode dizer que ouviu falar de mim nesse tempo todo.

— E então?

— Bom, acabei me entediando.

Ela suspirou:

— Continua o mesmo, não mudou nada... É o fim! Ah! não vai mudar nunca... Quer dizer que está no caso Kesselbach?

— E como não estaria? Por acaso acha que, se não fosse por isso, eu teria me dado ao trabalho de organizar um assalto às seis da tarde só para ter a oportunidade de, às seis e cinco, salvar a viúva das garras dos meus cúmplices? Ela agora se verá forçada a receber o seu salvador. Com isso estou no centro da coisa e, protegendo essa senhora, tomo conta do que há em volta. Ah! O que quer? A vida que levo não me permite flamar por aí nem perder tempo com pequenos favores ou agrados menores. Sou obrigado a atos mais teatrais, com desfechos brutais.

Ela o observava preocupada, então disse:

— Estou vendo. Entendo, tudo isso é mentira... Nesse caso... Geneviève...

— Ora! Foram dois coelhos com uma só cajadada. Já que seria um salvador, salvei duas mulheres indefesas. Pense em quanto tempo não gastaria, quanto esforço, talvez inútil, para chegar perto dessa mocinha! O que eu era? O que ainda seria? Um desconhecido, um estranho. Agora sou o salvador. Dentro de uma hora serei... um amigo.

Victoire estremeceu.

— Então você não salvou Geneviève... E quer nos envolver numa das suas histórias...

De repente, numa explosão de revolta, ela o sacudiu pelos ombros:

— Pois saiba que não, está ouvindo? Foi você quem um dia trouxe essa criança e me disse: “Deixo-a aos seus cuidados. Os pais morreram. Cuide dela”. Saiba que Geneviève está aos meus cuidados, e que saberei defendê-la de você e das suas tramoias.

De pé, firme, com as mãos crispadas e uma expressão decidida, a sra. Ernemont parecia mesmo disposta a enfrentar o que fosse preciso.

Tranquilo e com delicadeza, o príncipe Sernine afrouxou, uma de cada vez, as mãos que apertavam os seus ombros, segurou ele próprio a velha senhora pelos braços, sentou-a em uma poltrona, abaixou-se ao lado dela e, num tom muito calmo, disse:

— Droga!

A essa altura, ela já tinha perdido todo o seu ímpeto inicial e começou a chorar. Juntando as duas mãos, pediu:

— Por favor, deixe-nos em paz. Estávamos tão felizes! Achei que tinha se esquecido de nós e agradecia aos céus no final de cada dia. É claro, gosto muito de você, mas... Geneviève, você entende? Eu faria qualquer coisa por ela. Hoje ela ocupa no meu coração o lugar que era seu.

— Estou vendo — ele disse, rindo. — Poderia perfeitamente me mandar para os quintos dos infernos. Vamos, chega de besteira! Não tenho tempo a perder. Preciso falar com Geneviève.

— Quer falar com ela?

— Que crime há nisso?

— O que quer falar com ela?

— É segredo. Um segredo dos mais graves... comovente...

A velha senhora se assustou:

— E que vai fazê-la sofrer? Ai, fico com tanto medo... tanto medo por ela...

— Ela está vindo.

— Não, ainda não.

— Está sim, posso ouvir. Enxugue os olhos e fique tranquila...

— Ouça — ela o interrompeu com firmeza. — Não sei o que

pretende dizer, qual segredo quer revelar a essa menina que você nem conhece, mas que eu conheço: Geneviève é corajosa, forte, mas muito sensível. Tenha cuidado com o que vai dizer. Pode ferir sentimentos... que você nem mesmo é capaz de imaginar...

— Por que não, meu Deus?

— Ela é de uma classe diferente da sua, de um outro mundo... Há coisas que você não pode mais compreender. Há uma barreira intransponível entre vocês. Geneviève tem a mais pura, a mais elevada consciência... e você...

— E eu?

— Não é uma pessoa honesta.

Geneviève entrou, alegre e encantadora.

— As meninas já estão no dormitório, tenho dez minutos de pausa... O que houve, vovó? Parece abalada... Ainda por causa daquilo?

— Não se preocupe — disse Sernine. — Acho que felizmente consegui tranquilizar a sua avó. Mas falávamos da senhorita, da sua infância, e parece ser um assunto que causa certa aflição à sra. Ernemont.

— Minha infância? Ah, vovó! — espantou-se Geneviève, ficando ruborizada.

— Não se zangue com ela, foi por acaso que o assunto surgiu, e, por coincidência, estive muitas vezes no vilarejo em que foi criada.

— Em Aspremont?

— Isso mesmo, Aspremont, perto de Nice... Uma casa nova, toda branca...

— Sim — ela concordou. — Toda branca, com um pouco de azul nas janelas... Eu era bem pequena, saí de lá com sete anos, mas me lembro com detalhes de coisas daquele tempo. Não me esqueci do brilho do sol na fachada branca nem da sombra do eucalipto no fundo do jardim...

— No fundo do jardim havia um campo de oliveiras e, sob uma delas, a mesa em que a sua mãe costurava nos dias de calor...

— É verdade, é verdade — ela lembrou, emocionada. — Eu ficava brincando ali perto...

— Foi onde eu várias vezes conversei com a sua mãe. Ainda há pouco, assim que a vi, aquela lembrança voltou... só que mais alegre, mais feliz.

— Mamãe de fato não era feliz. Meu pai morreu no mesmo dia em que nasci e nada pôde consolá-la. Chorava muito. Guardei dessa época um lencinho com que eu enxugava as lágrimas dela.

— Um lencinho com desenhos cor-de-rosa.

— Como? — ela se espantou. — Como pode saber?

— Estive presente num desses dias em que a consolou... Fez isso com tanta candura que a cena ficou gravada na minha memória.

Ela o olhou com mais atenção e murmurou, quase para si mesma:

— Sim... talvez... acho que me lembro... da expressão dos seus olhos... até do som da sua voz...

Ela fechou os olhos por um momento e se recolheu como se tentasse, sem conseguir, ordenar uma lembrança que escapava. Depois continuou:

— Então o senhor a conheceu?

— Na casa de amigos, perto de Aspremont. Na última vez em que a vi, ela me pareceu ainda mais triste, mais pálida. E quando voltei...

— Estava tudo acabado, não é? Ela se foi rápido demais, em poucas semanas... Fiquei com os vizinhos que cuidavam dela e certa manhã fui levada embora... Na mesma noite, quando eu já estava dormindo, alguém me carregou no colo, embrulhada em algumas cobertas...

— Um homem? — perguntou o príncipe.

— Um homem que falava com doçura, com carinho... uma voz que me fazia bem... E, no caminho, enquanto me carregava, no escuro, depois num carro, ele me embalava e contava histórias... com a mesma voz... a mesma voz...

Ela pouco a pouco parou e olhou com ainda mais atenção para ele, num visível esforço para fixar uma imagem que, por um instante, havia emergido.

Ele perguntou:

— E depois? Para onde foi levada?

— Minha lembrança é vaga... É como se eu tivesse dormido por vários dias... Vejo-me já na cidadezinha da Vendée onde passei a outra metade da infância, em Montégut, na casa dos velhos Izereau, boas pessoas que me deram comida e educação. Nunca esquecerei o cuidado e o carinho com que me trataram.

— E eles também morreram, não é?

— Morreram... uma epidemia de febre tifoide na região, mas eu mesma só soube mais tarde. Assim que adoeceram, fui levada, como da primeira vez e nas mesmas condições, à noite, por alguém que novamente me abrigou em cobertores. Mas eu já era maior, então me

debati, gritei... e ele tampou minha boca com uma echarpe.

— Que idade tinha?

— Catorze anos... foi há quatro anos.

— Então deve se lembrar melhor desse homem...

— Não, ele se escondia ainda mais que o outro e não disse uma só palavra. Mas sempre achei que era o mesmo... pois guardei a lembrança da mesma solicitude, dos mesmos gestos atenciosos e cheios de cuidado.

— E depois?

— Depois, como da primeira vez, há uma certa imprecisão, uma sonolência... Acho que estive doente, com febre... E acordei num quarto alegre e claro. Uma senhora de cabelos brancos se debruçou sobre mim e sorriu. Minha avó... e o quarto é este que tenho aqui em cima.

Recuperando sua expressão radiosa e feliz, Geneviève concluiu a narrativa com um sorriso:

— Foi assim que a sra. Ernemont me encontrou à sua porta, dormindo, pelo que ela me disse; foi assim que me acolheu e se tornou minha avó; e, por tudo isso, a menina de Aspremont tem hoje as alegrias de uma existência calma, ensinando aritmética e gramática a meninas rebeldes ou preguiçosas... mas que gostam dela.

Tudo isso se exprimia de maneira alegre, com um tom ao mesmo tempo reflexivo e vivaz, em que claramente se sentia o equilíbrio de uma natureza ponderada.

Sernine ouvia com crescente surpresa, sem tentar disfarçar a impressão que a jovem lhe causava.

Ele perguntou:

— Nunca mais ouviu falar daquele homem?

— Nunca mais.

— E gostaria de revê-lo?

— Muito.

— Pois então, senhorita...

Geneviève estremeceu.

— O senhor sabe alguma coisa... A verdade, talvez...

— Não... não... Somente...

Ele se levantou e andou pela sala. De vez em quando olhava para a jovem e parecia estar a ponto de dar informações precisas sobre a pergunta que fora feita. Falaria?

A sra. Ernemont aguardava aflita a revelação do segredo do qual podia depender o bem-estar da sua protegida.

Ele se sentou perto de Geneviève, parecendo ainda hesitante, mas, por fim, disse:

— Não... não... Foi só uma ideia que veio à minha cabeça... uma lembrança...

— Uma lembrança? Diga.

— Eu me enganei. Havia, no que contou, certos detalhes que me deram uma impressão errada.

— Tem certeza?

Ele voltou a hesitar e depois afirmou:

— Absoluta.

— Ah! — ela exclamou, desapontada. — Achei que talvez soubesse...

Deixou a frase em suspenso, esperando uma resposta à pergunta, mas sem ousar formulá-la inteira.

Ele se calou. A jovem preferiu então não mais insistir, apenas foi até a sra. Ernemont e se despediu:

— Boa noite, vovó. As meninas já devem estar na cama, mas não dormem se eu não passar lá para dar um beijo.

Estendeu a mão ao visitante.

— Mais uma vez, obrigada.

— Já está indo embora? — ele se surpreendeu.

— Peço que me desculpe; minha avó o acompanhará mais tarde, fazendo as honras da casa.

Ela se inclinou e beijou a mão do príncipe. No momento em que abria a porta, voltou-se mais uma vez e sorriu.

Depois se foi.

Sem se mexer, Sernine ouvia o barulho dos passos se afastando, com o rosto pálido de emoção.

— E então? — perguntou a velha senhora. — Preferiu não contar?

— Pois...

— Esse segredo...

— Mais tarde... hoje... é estranho... Não consegui.

— Era tão difícil assim? Acha que ela não sentiu ser você o desconhecido que duas vezes a levou? Bastava uma palavra...

— Mais tarde... mais tarde... — ele disse, recuperando sua segurança. — Entenda, essa criança mal me conhece. Preciso antes conquistar o direito à sua afeição, à sua ternura. Quando eu der a ela a existência que merece, uma existência maravilhosa, como as que se veem nos contos de fadas, aí falarei.

A velha senhora meneou a cabeça.

— Creio que se engana. Geneviève não precisa de uma existência maravilhosa... Tem gostos simples.

— Tem os mesmos gostos que todas as mulheres; a fortuna, o luxo e o poder trazem alegrias que nenhuma delas despreza.

— Geneviève, sim. E você faria melhor se...

— Veremos mais adiante. Por enquanto, deixe-me fazer à minha maneira. E fique tranquila. Não tenho a menor intenção de envolvê-la nas minhas tramoias, como você diz. Ela pouco vai me ver. Bem, de qualquer forma, era preciso entrar em contato. Está feito... Até mais.

Ele deixou a escola e se dirigiu para o automóvel.

Sentia-se feliz.

— Ela é uma graça... tão doce e tão grave! Os mesmos olhos da mãe, aqueles olhos que me comoviam até as lágrimas... Santo Deus, faz tanto tempo! Que bela lembrança... triste, mas tão bonita!

E concluiu:

— Com certeza é isso, vou cuidar da sua felicidade. De imediato. Ainda hoje! Exatamente, esta noite mesmo vou providenciar um noivo! Para uma jovem, não é essa a condição para a felicidade?

O carro o esperava à beira da estrada.

— Para casa, Octave.

Ao chegar, pediu uma ligação para Neuilly. Por telefone, passou instruções ao amigo médico e depois trocou de roupa.

Jantou no clube da rua Cambon, passou uma hora na Ópera e voltou ao automóvel.

— Vamos a Neuilly, Octave. Temos que pegar o doutor. Que horas são?

— Dez e meia.

— Droga! Pé na tábua!

Dez minutos depois, o veículo parava no fim do bulevar Inkermann, diante de um casarão isolado. Ao ouvir a buzina, o doutor desceu e o príncipe perguntou:

— A encomenda está pronta?

— Empacotada, amarrada, pronta para expedição.

— Em bom estado?

— Ótimo. Se tudo se passar como você disse por telefone, a polícia nada verá de anormal.

— É como ela cumpre o seu dever. Vamos ao frete.

Carregaram para dentro do carro uma espécie de saco comprido, com o formato de um corpo humano e parecendo bastante pesado.

Em seguida, o príncipe disse:

— Para Versalhes, Octave, hotel Dois Imperadores, na rua de la Vilaine.

— É um hotel infame, eu o conheço — estranhou o doutor.

— E vem dizer isso para mim? O trabalho vai ser difícil, pelo menos a minha parte... Mesmo assim, caramba, não trocaria isso por nada nesse mundo! E ainda dizem que a vida é monótona!

O hotel Dois Imperadores: um caminho lamacento, dois degraus para baixo e um corredor mal iluminado por uma lamparina.

Com a mão fechada, Sernine bateu numa porta estreita.

Um servente do hotel apareceu. Era Philippe, aquele mesmo a quem pela manhã o príncipe dera ordens a respeito de Gérard Baupré.

— Continua na mesma? — perguntou Sernine.

— Continua.

— E a corda?

— Com o nó já pronto.

— Não veio o telegrama que esperava?

— Está comigo.

Philippe mostrou o papel azul. Sernine o leu.

— Nossa, bem a tempo! — exclamou satisfeito. — Devem enviar mil francos amanhã mesmo. Vamos lá, a sorte está do meu lado. Quinze para a meia-noite. Mais quinze minutos e o pobre-diabo se lança no além. Leve-me até lá, Philippe. Espere aqui, doutor.

O servente pegou a vela. Depois subiram até o terceiro andar e percorreram, na ponta dos pés, um corredor baixo e fedorento que dava numa escada de madeira com restos mofados de um antigo carpete.

— Ninguém vai nos ouvir? — perguntou Sernine.

— Ninguém. Os dois quartos são isolados. Mas preste atenção, o dele é o da esquerda.

— Sei. Mas agora desça. À meia-noite, você, Octave e o doutor tragam o sujeito embrulhado para cá e esperem.

A escada de madeira tinha dez degraus que o príncipe subiu com infinita precaução. Lá em cima, havia um patamar e duas portas. Sernine precisou de cinco minutos para abrir a da direita sem provocar qualquer rangido que quebrasse o silêncio.

Uma claridade brilhava no escuro do cômodo. Tomando todo cuidado para não bater em nenhuma cadeira, ele seguiu na direção dessa claridade, que vinha do quarto ao lado, filtrada pelos vidros de uma porta com caixilhos, encoberta por um resto de tapeçaria.

O príncipe a afastou. Os vidros eram foscos, mas como as molduras estavam bastante estragadas bastava olhar pelas frestas para acompanhar com facilidade tudo que se passava no outro quarto.

Um homem estava bem à sua frente, sentado diante de uma mesa. Era o poeta Gérard Baupré, que escrevia à luz de uma vela.

Acima dele pendia uma corda, presa a um gancho fixado no teto. A ponta inferior dessa corda se arredondava num nó de força.

Uma leve pancada soou num relógio da cidade.

“Cinco para a meia-noite... ainda cinco minutos”, calculou Sernine.

O rapaz continuava a escrever. Um pouco depois deixou de lado a caneta, pôs em ordem as dez ou doze páginas que acabava de cobrir de tinta e as releu.

Parece não ter gostado muito, pois teve uma contração involuntária no rosto em sinal de descontentamento. Rasgou os papéis e os queimou na chama da vela. Depois, febrilmente escreveu alguma coisa em uma folha ainda em branco, assinou com raiva e se levantou.

Mas ao ver a corda tão perto da sua cabeça, ele voltou a se sentar, com um arrepio de pavor.

Sernine podia ver com clareza o pálido semblante do rapaz, as faces emagrecidas contra as quais ele pressionava os punhos cerrados. Uma lágrima escorreu, uma única, lenta e desolada. Os olhos fixavam o vazio, olhos assustadores de tanta tristeza e que pareciam já enxergar o temível vazio.

E era tão jovem! Tinha a face tão fresca ainda, sem que ruga alguma a riscasse como uma cicatriz! Olhos azuis, o azul de um céu do Oriente.

Meia-noite... As doze trágicas badaladas da meia-noite às quais tantos desesperados vinculam o último segundo de suas existências!

Na décima segunda ele novamente se levantou e, dessa vez, com coragem e sem tremer, olhou para a corda sinistra. Ensaçou inclusive um sorriso, um pobre sorriso, o lamentável repuxar dos lábios de um condenado a quem a morte já abraçou.

Rapidamente subiu na cadeira e pegou a corda com a mão.

Por um instante permaneceu assim, imóvel, não por hesitar ou perder a coragem, mas apenas por ser o instante supremo, o minuto de graça que o infeliz concede a si mesmo antes do gesto fatal.

Contemplou o quarto infame em que a má sorte o havia encurralado, o horrível papel de parede, a cama miserável.

Não havia sequer um livro em cima da mesa, tudo fora vendido. Fotografia alguma, nenhum envelope de carta! Não tinha mais pai,

nem mãe, nem família... O que o prendia ainda à existência? Nada nem ninguém.

Com um movimento brusco ele enfiou a cabeça no laço e puxou a corda até o nó se ajustar bem no pescoço.

Seus dois pés derrubaram a cadeira e ele saltou no vazio.

Dez segundos, vinte segundos se passaram, vinte formidáveis segundos, eternos.

O corpo teve duas ou três convulsões. Instintivamente as pernas buscaram um ponto de apoio. Agora nada mais se movia.

Alguns segundos ainda... A pequena porta com janelinhas de vidro se abriu.

Sernine entrou.

Sem pressa, pegou a folha de papel que o rapaz havia assinado e leu:

Cansado da vida, doente, sem dinheiro, sem esperança, eu me mato. Que ninguém seja acusado pela minha morte.

30 de abril, Gérard Baupré

A página foi colocada de volta, bem à vista, a cadeira erguida e posta sob os pés do rapaz. Ele então subiu na mesa, enlaçou o corpo, suspendeu-o um pouco, afrouxou o nó e liberou a cabeça.

O corpo amoleceu em seus braços. Ele o deixou escorregar em cima da mesa e, pulando ao chão, estendeu-o na cama.

Depois, sempre com a mesma calma, entreabriu a porta do quarto e perguntou baixinho:

— Vocês três estão aí?

Bem perto, nos degraus inferiores da escada de madeira, alguém respondeu:

— Estamos. Devemos levar o pacote?

— Tragam!

Ele pegou o castiçal e iluminou a escada.

Com muita dificuldade os três homens subiram o saco no qual estava embrulhado um corpo.

— Deixem-no aqui — ele disse, mostrando a mesa.

Com um canivete ele cortou os cordões que amarravam o saco. Um lençol branco apareceu e foi afastado.

Dentro havia um cadáver, o cadáver de Pierre Leduc.

— Pobre Pierre Leduc — disse Sernine. — Nunca há de saber o que perdeu, morrendo assim tão jovem! Eu o teria levado longe, meu caro. Bom, temos que nos virar, mesmo sem a sua ajuda... Vamos, Philippe, suba na mesa, e você, Octave, na cadeira. Ergam a cabeça dele até entrar no laço.

Dois minutos depois, o corpo de Pierre Leduc balançava na ponta da corda.

— Perfeito. Até que uma substituição de cadáveres nem é tão difícil. Agora, podem todos sair. Você, doutor, volte logo mais, já pela manhã, para ser informado da morte de Gérard Baupré. Lembre-se, Gérard Baupré... O nome está na carta de despedida. Mande chamar o médico-legista e o comissário de polícia. Faça com que nenhum dos dois note que o defunto tem um dedo amputado e uma cicatriz na bochecha...

— Isso é fácil.

— Providencie para que o boletim de ocorrência seja redigido aqui mesmo, a partir das suas informações.

— Também é fácil.

— Para terminar, evite o envio do corpo ao necrotério e consiga que o enterrem logo, sem muita demora.

— Isso é menos fácil.

— Não custa tentar. Já examinou aquele ali? — mostrava o rapaz inerte na cama.

— Já. A respiração está voltando ao normal. Mas o risco foi grande, a carótida poderia...

— Quem não arrisca... Em quanto tempo vai recobrar consciência?

— Dentro de poucos minutos.

— Tudo bem. Mas não vá embora agora, doutor. Ainda vai ter o que fazer esta noite.

Quando todos se foram, o príncipe acendeu um cigarro e fumou com toda tranquilidade, lançando ao teto anéis de fumaça.

Um suspiro o fez despertar do devaneio. Aproximou-se da cama. O jovem começava a se mexer, o peito subindo e descendo violentamente, como alguém às voltas com um pesadelo.

Levou as mãos à garganta, como se sentisse alguma dor, e esse gesto

o despertou de vez, aterrorizado, perdido...

Então ele viu Sernine.

— O senhor! — ele murmurou, sem compreender. — O senhor!

Olhava um tanto abestalhado, ou como se estivesse vendo um fantasma.

De novo levou a mão à garganta, apalpou o pescoço, a nuca... De repente, soltou um grito abafado, e um pavor louco arregalou seus olhos, arrepiou os cabelos, fez com que ele tremesse como uma folha ao vento. O príncipe tinha se afastado e deixado que visse, pendurado na corda, o enforcado!

Ele se encolheu até a parede. Aquele homem enforcado era ele! Ele mesmo! Estava morto e se via morto! Seria algum perverso delírio post mortem? Uma alucinação de quem não mais existe, mas em cujo cérebro, remexido, palpita ainda alguma vida?

Seus braços se debateram no ar, querendo afastar a medonha visão. Depois, exausto, derrotado mais uma vez, ele perdeu os sentidos.

— Maravilha — riu o príncipe. — Uma natureza sensível, impressionável... O cérebro agora está fora de órbita. O momento é propício... Mas se eu não conseguir o que quero em vinte minutos, perco a ocasião.

Abriu a porta que separava as duas mansardas, voltou, pegou o rapaz pelos braços e o levou para a cama do outro quarto.

Depois umedeceu a testa dele com água fria e o fez inspirar saís.

O desmaio, dessa vez, foi menos demorado.

Timidamente, Gérard entreabriu os olhos e procurou no teto: a visão tinha desaparecido.

Mas a disposição dos móveis, o lugar da mesa e da lareira, sem falar de outros detalhes, o surpreendiam. Além de tudo, havia a lembrança do ato... a dor na garganta...

Ele perguntou ao príncipe:

— Andei sonhando, não foi?

— Não.

— Como assim, não?

Mas, de repente, se lembrou:

— Ah, tem razão! Estou lembrando... Eu quis morrer... e

inclusive...

Ele se inclinou, ansioso:

— E aquilo? A visão?

— Que visão?

— O homem, a corda... Aquilo foi um sonho?

— Não, também faz parte da realidade.

— O quê? O que está dizendo? Não, por favor... Peço que me acorde se eu estiver dormindo... ou que eu morra de uma vez! Eu morri, não morri? E isso é o pesadelo de um cadáver... Ah! Estou delirando... Por favor...

Com delicadeza, Sernine colocou a mão nos cabelos do rapaz e, debruçando-se sobre ele, disse:

— Ouça... ouça bem e entenda. Você está vivo. Sua substância material e seu pensamento são os mesmos e vivem. Mas Gérard Baupré morreu. Consegue compreender isso, não é? A pessoa física chamada Gérard Baupré não existe mais. Você a eliminou. Amanhã, nos registros civis, diante desse nome que era seu, estarão escritos “morto” e a data da morte.

— Mentira! — balbuciou o jovem, aterrorizado. — Mentira! Estou aqui e sou Gérard Baupré.

— Você não é Gérard Baupré — declarou Sernine, apontando para a porta aberta. — Gérard Baupré está ali, no quarto ao lado. Quer ver? Está no gancho em que você o pendurou. Em cima da mesa está a carta que você assinou, confirmando a sua morte. Tudo isso é normal, é definitivo. Não há como voltar atrás nesse ato irrevogável e brutal: Gérard Baupré não existe mais!

Atônito, o rapaz ouvia. Mais calmo, agora que os fatos ganhavam um significado menos trágico, ele começava a compreender.

— E como vai ser?

— Conversemos...

— Está bem... está bem... Vamos conversar...

— Um cigarro? — perguntou o príncipe. — Aceita? Ah! Estou vendo que ainda se sente ligado à vida. Melhor assim, vamos nos entender bem, e muito rápido.

Ele acendeu um cigarro para o rapaz e outro para si mesmo. De

imediatamente, com poucas palavras e num tom seco, explicou:

— Finado Gérard Baupré, você estava cansado da vida, doente, sem dinheiro, sem esperança... Quer se sentir saudável, rico, poderoso?

— Não estou entendendo.

— É simples. O acaso o colocou no meu caminho. É jovem, bonito, poeta, inteligente e, como o seu ato de desespero mostrou, honesto. São qualidades que raramente encontramos reunidas. Admiro-as... e pego-as para mim.

— Não estão à venda.

— Imbecil! Quem está falando de compra e venda? Mantenha a sua consciência. É uma joia preciosa demais para que eu tome de você.

— Mas então o que quer de mim?

— A sua vida!

Apontando para a garganta ainda dolorida do rapaz, ele completou:

— A sua vida! Vida que você não soube como usar! Vida que você desperdiçou, perdeu, destruiu e que posso refazer, seguindo um ideal de beleza, de grandeza e de nobreza que lhe daria vertigem, meu garoto, se percebesse o que imagino em meus pensamentos mais secretos.

Segurando a cabeça de Gérard com as duas mãos, ele prosseguiu, enfático e irônico:

— Você está livre! Sem entraves! Não tem mais que carregar o peso de um nome! Apagou o número de identidade que a sociedade tatuou no seu corpo como se fosse uma marca de ferro em brasa. Está livre! Nesse mundo de escravos em que cada um tem seu rótulo você pode ir e vir incógnito, invisível, como se possuísse o anel de Gíges... ou escolher o rótulo que quiser! Entendeu? Percebe que magnífico tesouro você representa para um artista, para você mesmo, se quiser? Uma vida virgem, nova em folha! Sua vida é uma argila que você pode modelar como bem entender, de acordo com suas fantasias ou com os conselhos da razão.

O jovem fez um gesto de fastio e respondeu:

— E o que quer que eu faça desse tesouro? O que fiz até aqui? Nada.

— Deixe comigo.

— E o que vai conseguir fazer?

— Tudo. Se você não é um artista, eu sou! E entusiasmado, inesgotável, transbordante. Se você não tem o fogo sagrado, eu tenho! Onde fracassou, vencerei! Deixe a sua vida comigo.

— São só palavras, promessas! — exclamou Gérard, mas com uma ponta de ânimo. — Sonhos inócuos! Sei perfeitamente o que valho... Sei da minha covardia, da minha prostração, dos meus esforços que dão em nada, da minha miséria. Para recomeçar a vida, precisaria de uma vontade que não tenho.

— Tenho a minha.

— Precisaria de amigos...

— Não faltarão!

— De recursos...

— Providenciarei. E em enorme quantidade! Você vai dispor de uma espécie de cofre mágico, em que poderá pegar tudo de que precisar.

— Mas afinal quem é você? — perguntou o rapaz, desconfiado.

— Oficialmente, príncipe Sernine. Para você... que importância tem? Sou mais do que príncipe, mais do que rei, mais do que imperador.

— Quem é você? — balbuciou Baupré.

— O patrão... Aquele que quer e que pode... e age. Não há limites para o que quero nem para o que posso. Sou mais rico do que o mais rico, pois sua fortuna me pertence... Mais poderoso do que os mais poderosos, pois o poder deles está a meu serviço.

Mais uma vez, pegou a cabeça do rapaz e o encarou com seu olhar penetrante:

— Seja rico também... seja forte. O que proponho é a felicidade, a vida boa... a paz para a sua mente de poeta... e também a glória. Aceita?

— Sim... aceito — murmurou Gérard, fascinado e dominado. — O que preciso fazer?

— Nada.

— No entanto...

— Nada, como disse. Toda a estrutura do meu projeto depende de você, mas você mesmo pouco importa. Não terá um papel ativo. Por

enquanto, é apenas um figurante... ou nem mesmo isso! Um peão que eu movimento.

— Mas o que farei?

— Nada... versos! O que quiser. Terá dinheiro. Vai gozar a vida. Nem mesmo me preocuparei com o que faz. Repito, você não tem o menor papel na minha aventura.

— E quem serei?

Sernine esticou o braço, apontando para o quarto ao lado:

— Assumirá o lugar daquele ali. *Será ele.*

Gérard estremeceu, revoltado, quase enojado:

— Isso não! É um morto! Além disso, é um crime... Não, eu quero uma vida nova, feita por mim, imaginada por mim... Um nome desconhecido...

— Aquele ali, já lhe disse — afirmou Sernine com energia e autoridade irresistíveis. — Será aquele ali e não outro! Aquele ali, porque seu destino é magnífico, seu nome é ilustre e lhe dará uma herança de nobreza e orgulho por dez séculos.

— Mas é um crime — gemeu Baupré, sem forças.

— Será aquele ali — afirmou Sernine, com repentina violência. — Aquele ali! Ou voltará a ser Baupré, e sobre Baupré tenho direito de vida e morte. Decida.

Ele sacou um revólver, engatilhou e apontou para o jovem:

— Decida!

A expressão do rosto de Sernine era implacável. Gérard ficou com medo e se estendeu na cama chorando.

— Quero viver!

— Quer, de fato? Sem sombra de dúvida?

— Sim, mil vezes sim! Depois da coisa terrível que tentei, morrer me apavora... Tudo, menos a morte! Tudo! Sofrimento, fome, doença, todas as torturas, todas as infâmias... até o crime, se for preciso... mas a morte, não.

Ele tremia de febre e de ansiedade, como se a grande inimiga ainda rondasse por perto e ele se sentisse incapaz de escapar do seu abraço, das suas garras.

O príncipe redobrou os esforços e, com voz cáustica, segurando-o

como a uma presa, acrescentou:

— O que peço não é impossível, nada que cause qualquer mal. O que porventura acontecer de ruim será responsabilidade minha. Não, nada de crime... No máximo algum sofrimento... vai perder um pouco de sangue... Mas o que isso pode representar, comparado ao terror de morrer?

— O sofrimento não me preocupa.

— Então é pra já! — exclamou Sernine. — Agora mesmo! Dez segundos de sofrimento e acabou... Dez segundos e a vida do outro será sua.

Ele o abraçou e, debruçado em uma cadeira, segurou-lhe a mão espalmada em cima da mesa, com os dedos bem separados. Rapidamente tirou do bolso uma faca, apoiou o gume no dedo mínimo, entre a primeira e a segunda junta, e ordenou:

— Bata! Bata você mesmo! Uma pancada com a outra mão e pronto!

Ele tinha pegado a mão direita do rapaz, mostrando como ela devia se abater sobre a outra como um martelo.

Gérard se contorceu, horrorizado. Acabava de compreender.

— Nunca! — ele gaguejou. — Nunca!

— Bata! Uma só pancada e isso acaba. Uma só e você será igual àquele homem, ninguém o reconhecerá.

— O nome dele...

— Primeiro bata!

— Nunca! Isso é tortura! Por favor... mais tarde...

— Agora! É o que quero... é preciso...

— Não... isso não... não posso...

— Bata, imbecil! Será a fortuna, a glória, o amor.

Gérard ergueu a mão, decidido.

— O amor — ele disse. — Pelo amor, sim...

— Você amará e será amado — completou Sernine. — Sua noiva o espera. Eu mesmo a escolhi. A mais pura entre as puras, a mais bela entre as belas. Mas será preciso conquistá-la. Bata!

O braço se tensionou para o movimento fatal, mas o instinto foi mais forte. Uma energia sobre-humana moveu o rapaz. Ele bruscamente se soltou de Sernine e fugiu.

Correu como um louco para o outro quarto e, lá chegando, deixou escapar um grito de horror ao deparar com o abominável espetáculo, voltando a cair junto à mesa, de joelhos, ao lado de Sernine.

— Bata! — ele repetiu, afastando de novo os cinco dedos e recolocando no lugar certo a lâmina da faca.

Foi um ato mecânico. Com um gesto maquinal, olhos desvairados, faces lívidas, o jovem ergueu o punho e bateu.

— Ah! — ele gritou, com um gemido de dor.

O pequeno pedaço de dedo havia saltado. O sangue escorria. Pela terceira vez, ele desmaiou.

Sernine o observou por um momento e disse com doçura:

— Pobre menino! Bom, te devo essa. E sempre pago regamente.

Desceu e encontrou o doutor lá embaixo:

— Pronto. É a sua vez... Suba e faça no rosto dele uma incisão na bochecha, como a de Pierre Leduc. As duas cicatrizes devem ser idênticas. Venho buscá-lo dentro de uma hora.

— Aonde vai?

— Tomar um pouco de ar. Estou com a emoção à flor da pele.

Do lado de fora, ele respirou fundo por um bom tempo. Depois acendeu outro cigarro.

— Um dia e tanto — murmurou. — Meio sobrecarregado, um bocado cansativo, mas produtivo, realmente produtivo. Tornei-me amigo de Dolores Kesselbach. Tornei-me amigo de Geneviève. Arranjei um novo Pierre Leduc bastante apresentável e totalmente dependente de mim. E ainda encontrei um marido para Geneviève, um marido como poucos. Por ora, minha tarefa está terminada. Só preciso colher os frutos de tanto esforço. Agora é a vez de Lenormand trabalhar um pouco. Da minha parte, estou pronto.

Então acrescentou, pensando no pobre mutilado a quem havia deslumbrado com promessas:

— Porém... há sempre um porém... nada sei do que era o tal Pierre Leduc, apesar de ter, com toda generosidade, cedido seu lugar para esse bom rapaz. E isso é desagradável... Afinal, Pierre Leduc pode perfeitamente ter sido filho de um vendedor de salsichas qualquer!

4. Lenormand em ação

1

Na manhã do dia 31 de maio, todos os jornais lembraram que Lupin, numa carta aberta ao sr. Lenormand, havia anunciado para esse dia a fuga do funcionário Jérôme.

Um deles resumia bem a situação em que o caso se encontrava:

A terrível carnificina do Palace Hotel foi em 17 de abril. O que se descobriu desde então? Nada.

Havia três pistas: a cigareira, as letras L e M, o pacote de roupas deixado no escritório do hotel. O que se conseguiu a partir delas? Nada.

Suspeita-se, ao que parece, de um dos hóspedes que ocupava um quarto do primeiro andar, cujo desaparecimento causou desconfiança. Foi encontrado? Sua identidade foi estabelecida? Não.

O drama, então, continua tão misterioso quanto no primeiro dia, envolto em trevas igualmente espessas.

Para completar esse quadro, fontes seguras afirmam haver uma desavença entre o chefe de polícia e o seu subordinado, o sr. Lenormand, e que este último, já menos energicamente apoiado pelo presidente do Conselho, teria apresentado sua demissão há vários dias. O caso Kesselbach estaria agora sendo acompanhado pelo subchefe da Sûreté, sr. Weber, desafeto de Lenormand.

Resumindo, estamos em plena desordem, em total anarquia.

Do outro lado, encontra-se Lupin; ou seja, o método, a energia, a perseverança.

Nossa conclusão? É simples: Lupin sequestrará seu cúmplice hoje, 31 de maio, cumprindo o que anunciou.

Essa conclusão, a mesma de todos os demais jornais, era também a da opinião pública. E tudo leva a crer que a ameaça tenha causado seu efeito também na alta esfera, pois o chefe de polícia e — na ausência de Lenormand, oficialmente doente — o subchefe da Sûreté, sr. Weber, tinham tomado medidas das mais rigorosas, tanto no Palácio de Justiça quanto na prisão de La Santé, onde se encontrava o acusado.

Por medo do ridículo, as autoridades não suspenderam os

interrogatórios do dr. Formerie marcados para aquele dia, mas mobilizaram forças policiais que foram dispostas ao longo de todo o percurso que ia da prisão até o bulevar do Palácio de Justiça.

Para espanto geral, o dia chegou ao fim e a fuga anunciada não aconteceu.

Houve até um início de alguma coisa, com um engarrafamento de bondes, ônibus e caminhões no momento em que passava a viatura penitenciária, e a inexplicável quebra de uma das suas rodas. Mas isso não gerou nenhuma tentativa mais concreta.

Configurou-se então um fracasso. A opinião pública parecia quase decepcionada, e para a polícia foi um estrondoso triunfo.

No dia seguinte, porém, um sábado, um boato incrível se espalhou pelo Palácio e chegou às redações dos jornais: o funcionário Jérôme havia desaparecido.

Seria possível?

Mesmo com edições especiais confirmando a notícia, era difícil acreditar. Mas às seis da tarde uma matéria publicada pelo vespertino *Dépêche du Soir* tornou-a oficial:

Recebemos o seguinte comunicado, assinado por Arsène Lupin. O carimbo especial que se vê no documento é o mesmo da circular que Lupin distribuiu recentemente à imprensa, o que confirma a sua autenticidade.

“Senhor editor-chefe,

“Por favor, me desculpe junto aos leitores por não ter ontem cumprido a minha promessa. Só na última hora percebi que 31 de maio caía numa sexta-feira! Como poderia, numa sexta-feira, devolver a liberdade ao meu camarada? Achei que não devia assumir tamanha responsabilidade.

“Desculpo-me também por não dar aqui, com minha habitual franqueza, explicações sobre a maneira como tudo ocorreu. O procedimento foi tão engenhoso e simples que temo, revelando-o, que todos os malfeitores se aproveitem dele. Que surpresa será no dia em que eu puder falar! Foi só isso?, as pessoas irão perguntar. Foi, mas era preciso ter pensado antes.

“Queira aceitar, senhor editor-chefe...

Assinado: Arsène Lupin”

Uma hora depois, Lenormand recebeu um telefonema: Valenglay, o presidente do Conselho, convocava-o ao Ministério da Justiça.

— ESTÁ COM ÓTIMA aparência, meu querido Lenormand! E eu que

o imaginava doente e evitava incomodá-lo!

— Não estive doente, senhor presidente.

— Então sua ausência foi por simples melindre? Sempre esse gênio difícil.

— Aceito o gênio difícil... não o melindre.

— Mas fica em casa enquanto Lupin aproveita para pôr em liberdade seus amigos...

— E eu teria como impedir?

— Como não? O truque de Lupin foi grosseiro. Como sempre faz, anunciou a data da fuga, todo mundo acreditou, uma falsa tentativa se esboçou, nada aconteceu e, no dia seguinte, sem que se pensasse mais nisso, plaf!, os passarinhos escapolem.

— Senhor presidente — disse muito sério o chefe da Sûreté —, Lupin dispõe de meios tais que não temos como impedir o que ele decide. A fuga era matematicamente previsível. Preferi me manter afastado... e deixar o ridículo para os outros.

Valenglay riu:

— É verdade que o chefe de polícia e o sr. Weber a essa hora não devem estar pulando de alegria... Mas afinal, Lenormand, você tem como me explicar alguma coisa?

— Tudo que se sabe é que a fuga se deu no Palácio de Justiça. O detento foi trazido em uma viatura penitenciária e levado à sala do dr. Formerie... mas não deixou o prédio. No entanto, não se sabe onde se meteu.

— É incrível.

— Incrível.

— E nada se descobriu?

— Sim. O corredor interno onde ficam as salas dos juízes de instrução estava lotado, com uma quantidade anormal de detentos, guardas, advogados, oficiais de justiça, e descobriu-se que toda essa gente havia recebido falsas convocações para o mesmo horário. Além disso, nenhum dos juízes de instrução que supostamente assinaram essas falsas convocações estava presente em suas próprias salas, também devido a falsas convocações do tribunal, que os enviou aos mais diversos pontos de Paris... e dos arredores.

— É só o que se sabe?

— Não. Dois guardas municipais e um detento foram vistos atravessando os pátios. Um fiacre os esperava na rua, e eles se foram.

— E qual é a sua hipótese, Lenormand? Sua opinião?

— Minha hipótese é que os dois guardas municipais eram cúmplices e, aproveitando a confusão no corredor, tomaram o lugar dos verdadeiros. Já a minha opinião é que essa fuga só teve sucesso graças a circunstâncias tão particulares, a um conjunto de fatos tão estranho, que temos de admitir como certas algumas cumplicidades totalmente inadmissíveis. No Palácio, aliás, Lupin tem ligações que frustram todos os nossos cálculos. Tem igualmente na Chefatura de Polícia e entre meus colaboradores. Trata-se de uma organização formidável, um serviço como a Sûreté, só que mil vezes mais hábil, mais audacioso, mais diversificado e mais maleável do que esse que eu dirijo.

— E você tolera isso, Lenormand?

— Não.

— Como explica então a sua inércia desde o início desse caso? O que fez para conter Lupin?

— Preparei a luta.

— Bom... enquanto preparava, ele agia.

— Eu também.

— Descobriu alguma coisa?

— Bastante.

— O quê? Diga logo.

Apoiando-se na bengala, Lenormand deu uma pequena caminhada meditativa pelo amplo escritório. Em seguida, sentou-se diante de Valenglay, passou as pontas dos dedos nas golas da sobrecasaca verde-oliva, como se as escovasse, ajeitou no nariz os óculos com aro de prata e declarou:

— Senhor presidente, tenho na mão três trunfos. Para começar, sei o nome sob o qual Lupin se esconde no momento; nome com o qual ele reside no boulevard Haussmann, recebendo diariamente seus colaboradores, reconstituindo e dirigindo seu bando.

— Mas então, diabos, por que não o prende?

— Só tive essas informações depois. Além disso, o príncipe... vamos

chamá-lo de príncipe Três Estrelas... desapareceu. Está fora do país, por conta de outros negócios.

— E se não voltar?

— Tanto a posição que ele ocupa quanto a maneira como se envolveu no caso Kesselbach o obrigam a voltar, e com o mesmo nome.

— Entretanto...

— Estou chegando ao meu segundo trunfo. Acabei descobrindo Pierre Leduc.

— Não diga!

— Quer dizer, Lupin o descobriu e, antes de viajar, arranhou para ele uma pequena casa nas imediações de Paris.

— Ora! E como soube disso?

— Foi fácil. Lupin designou dois cúmplices para acompanhar, vigiar e proteger Pierre Leduc. Só que esses dois são agentes a meu serviço, dois irmãos que emprego em segredo, e que o entregarão na primeira ocasião que se apresentar.

— Parabéns! Parabéns! Quer dizer que...

— Que, como Pierre Leduc está, pode-se dizer, no centro para o qual convergem todos os esforços dos que estão atrás do famoso segredo Kesselbach... assim que eu tiver Pierre Leduc, um dia ou outro conseguirei apanhar: primeiro, o autor do triplo assassinato, pois o miserável assumiu o lugar de Kesselbach em seu projeto grandioso, até hoje desconhecido, projeto esse que depende de Pierre Leduc para ser levado adiante; e segundo, Arsène Lupin, porque ele quer a mesma coisa.

— Maravilha! Pierre Leduc é a isca oferecida ao inimigo.

— E o peixe já está beliscando. Acabo de receber um aviso dizendo que um indivíduo suspeito foi visto rondando a casa em que Pierre Leduc se encontra sob a proteção dos meus dois agentes duplos. Dentro de quatro horas estarei lá.

— Havia ainda um terceiro trunfo. Qual seria?

— Ocorre que interceptei ontem uma carta endereçada ao sr. Rudolf Kesselbach...

— Interceptou... que isso fique entre nós.

— Eu a abri e fiquei com ela. Aqui. Está datada de dois meses. Foi enviada da Cidade do Cabo, e diz o seguinte:

Meu bom Rudolf, chegarei a Paris no dia 1º de junho, tão miserável quanto na época em que você me ajudou. Mas tenho muita esperança com relação a esse caso que lhe indiquei, envolvendo Pierre Leduc. Que história estranha! Conseguiu encontrá-lo? Em que pé estamos? Ansioso para saber.

Assinado: seu fiel Steinweg

— E hoje é justamente 1º de junho — continuou Lenormand. — Encarreguei um inspetor de ir atrás desse tal Steinweg, e tenho certeza de que o encontraremos.

— Também tenho — exclamou Valenglay, pondo-se de pé. — Mas preciso me desculpar com você, meu caro Lenormand, e fazer minha humilde confissão: estava a ponto de abandoná-lo... completamente! Tinha até marcado para amanhã um encontro com o chefe de polícia e o sr. Weber.

— Eu sei disso.

— Não acredito.

— Não fosse por isso, acha que teria vindo? Precisei mostrar meu plano de batalha. De um lado, plantei armadilhas em que o assassino vai acabar caindo: Pierre Leduc ou Steinweg vão entregá-lo. De outro, estou cercando Lupin. Tenho dois dos agentes dele na minha folha de pagamento, e ele os imagina fiéis colaboradores. Ainda por cima, o próprio Lupin trabalha para mim, pois também procura o autor do triplo assassinato. Ele pensa estar me enganando, mas sou eu que o engano. Teremos sucesso, mas com uma condição.

— Qual?

— Que eu tenha liberdade e possa agir de acordo com as necessidades do momento, sem me importar com a opinião pública que se impacienta ou com chefes que fazem intrigas contra mim.

— Trato feito.

— Nesse caso, dentro de alguns dias terei resolvido tudo... ou estarei morto.

Em Saint-Cloud, uma pequena casa, num dos pontos mais elevados do altiplano, à beira de uma estradinha pouco frequentada. São onze horas da noite. Lenormand deixa o automóvel em uma rua próxima e a pé, seguindo com cuidado, vem se aproximando.

Uma sombra se destaca no escuro.

— É você, Gourel?

— Eu mesmo, chefe.

— Avisou os irmãos Doudeville da minha chegada?

— Avisei. O seu quarto está pronto, pode se deitar e dormir... A menos que tentem sequestrar Pierre Leduc esta noite, o que não é impossível, tendo em vista as movimentações do indivíduo que os Doudeville viram.

Eles atravessaram o jardim, entraram sem fazer barulho e subiram para o primeiro andar. Os dois irmãos, Jean e Jacques, os receberam.

— Alguma notícia do príncipe Sernine? — perguntou Lenormand.

— Nenhuma, chefe.

— E Pierre Leduc?

— Passa o dia deitado no quarto do térreo ou no jardim. Nunca sobe para falar conosco.

— Ele está melhor?

— Bem melhor. O descanso surte efeito a olhos vistos.

— Ele é firmemente leal a Lupin?

— Ao príncipe Sernine, na verdade, pois não sabe que os dois são um só. Pelo menos é o que imagino, já que ele nada diz a respeito de si mesmo. Não dá uma palavra. É realmente um sujeito esquisito. Só uma pessoa tem o dom de animá-lo, fazê-lo falar e até rir. É uma juvenzinha de Garches, Geneviève Ernemont. O príncipe foi quem fez as apresentações. Já veio três vezes... Inclusive hoje...

E acrescentou em tom de brincadeira:

— Acho que temos um clima de flerte... Mais ou menos como Sua Alteza o príncipe Sernine e a viúva Kesselbach. O danado do Lupin

vem querendo muito agradar...

O chefe não respondeu. Sentia-se que todos esses detalhes a que ele parecia não dar importância ficavam registrados nas profundezas da sua memória, para serem revisitados quando fosse preciso tirar conclusões lógicas.

Acendeu um charuto, mastigou-o sem fumar, reacendeu-o e o largou de lado.

Fez ainda duas ou três perguntas e, sem tirar a roupa, se jogou na cama.

— Se perceberem alguma coisa, me acordem... Caso contrário, vou dormir. Agora, cada um no seu posto.

Todos saíram. Uma hora se passou, duas horas...

De repente, Lenormand sentiu que alguém o acordava. Era Gourel:

— De pé, chefe, abriram a cancela.

— Um homem, dois homens?

— Vi um só. A lua apareceu bem na hora... Ele se agachou junto de uma moita.

— E os irmãos Doudeville?

— Mandeí que ficassem do lado de fora, nos fundos. Vão impedir a fuga quando chegar o momento.

Gourel pegou a mão de Lenormand para guiá-lo até o andar de baixo, a um compartimento escuro.

— Não se mexa, chefe, estamos no banheiro de Pierre Leduc. Vou abrir a porta do quarto em que ele dorme. Não se preocupe, ele toma Veronal toda noite... nada vai acordá-lo. Venha por aqui... Ótimo esconderijo, não é? É o cortinado da cama... Daqui podemos ver a janela e todo o lado do quarto até a cama.

A janela em questão estava totalmente aberta e uma difusa claridade adentrava, às vezes mais forte, quando a lua atravessava o véu das nuvens.

Os dois homens não tiravam os olhos desse enquadramento vazio, pois o que esperavam certamente viria dali.

Ouviu-se um leve ruído... um estalido.

— É a treliça, estão subindo por ela — murmurou Gourel.

— É alta?

— Dois metros... dois metros e meio...

Os estalidos ficaram mais nítidos.

— Fique lá fora, Gourel — disse baixinho Lenormand. — Procure os Doudeville. Chame-os para perto da casa e impeçam a saída de quem quer que desça daqui.

Gourel se afastou.

No mesmo instante uma cabeça surgiu no parapeito da janela, depois um vulto subiu ao balcão. Lenormand distinguiu um homem esguio, de tamanho abaixo da média, vestido com roupa escura e sem chapéu.

O homem se voltou e, debruçado na sacada, olhou por alguns segundos o vazio, como se quisesse confirmar que perigo algum o ameaçava. Depois se inclinou e se deitou no chão. Parecia imóvel. Ao fim de certo tempo, contudo, Lenormand se deu conta de que a mancha negra, que se distinguiu no escuro, tinha avançado e se aproximava.

Ela chegou à cama.

O policial teve a impressão de ouvir a respiração daquela coisa e até mesmo de perceber seus olhos, olhos flamejantes, agudos, que atravessavam as trevas como raios de fogo e que *podiam enxergar* em meio à escuridão.

Pierre Leduc deu um profundo suspiro e virou de lado.

De novo o silêncio.

O ser misterioso deslizou junto à cama com movimentos imperceptíveis, mas seu vulto escuro se destacava na brancura dos lençóis que se dependuravam do colchão.

Se Lenormand esticasse o braço poderia tocá-lo. Agora já distinguiu claramente aquela nova respiração que se alternava com a do rapaz dormindo. Teve a impressão até de ouvir as batidas de um coração.

De repente, um feixe de luz. O homem havia ligado uma lanterna elétrica e iluminava em cheio o rosto de Pierre Leduc. Ele próprio, porém, continuava no escuro, então o policial não pôde vê-lo melhor.

Viu apenas algo que brilhava no campo iluminado e estremeceu. Era a lâmina de uma faca fina, pequena, mais semelhante a um estilete do que a um punhal, idêntica àquela encontrada junto ao cadáver de

Chapman, o secretário de Kesselbach.

Conteve-se com toda força para não pular em cima do homem. Queria, antes, saber o que ele tinha vindo fazer...

A mão se ergueu. Iria desferir o golpe? Lenormand calculou a distância para impedi-lo. Alarme falso: não era um gesto de ataque, mas de defesa.

Se Pierre Leduc se movesse, se tentasse gritar, a mão desceria. O homem se debruçou, como se examinasse mais de perto o outro.

“A face direita”, pensou Lenormand. “A cicatriz da face direita... Ele quer ter certeza de que é de fato Pierre Leduc.”

O homem se virara um pouco, de forma que se viam apenas as suas costas. Mas as roupas e o casaco estavam tão próximos que tocavam no cortinado em que se escondia o policial.

“Qualquer movimento que faça, ao menor sinal de alarme, eu o agarro”, ele pensou.

Mas o homem não se moveu, concentrado no exame que fazia.

Depois, tendo passado a arma para a mão que segurava a lanterna, ele ergueu o cobertor; de início muito pouco, em seguida mais e ainda mais, até descobrir o braço esquerdo, para que pudesse ver a mão.

O feixe de luz a iluminou. Viam-se quatro dedos; o quinto estava decepado na segunda falange.

Pela segunda vez Pierre Leduc se moveu. A luz foi imediatamente apagada e por um momento o homem permaneceu ao lado da cama, imóvel e rígido. Estaria se decidindo a matar? Lenormand se angustiava diante do crime que ele poderia com tanta facilidade impedir, mas só queria agir no instante definitivo.

Houve um longo, longuíssimo silêncio. De súbito, ele teve a visão imprecisa de um braço que se erguia. Ele instintivamente se mexeu, esticando a mão para proteger a provável vítima. Com o gesto, esbarrou no homem.

Um grito abafado. O indivíduo desferiu o golpe no vazio, defendeu-se às cegas e depois correu para a janela. Mas Lenormand saltou atrás dele e o agarrou pelos ombros com os dois braços.

Sentiu que o adversário logo cedeu e que, mais fraco, sem ter como resistir, fugia da luta, tentando escapar. Com força, ele o apertou mais,

o imobilizou e o estirou de costas no chão.

— Ah! Te apanhei... Te peguei — murmurou triunfante.

Era uma singular sensação ter nas mãos, de forma tão irresistível, o criminoso terrível, o monstro inominável. Sentia-se vivo e vibrante, furioso e desesperado, como se sua existência se confundisse à dele, como se as duas respirações estivessem no mesmo compasso.

— Quem é você? — ele perguntou. — Quem é? Terá que dizer...

Ele apertava o corpo do inimigo cada vez com mais força, pois tinha a impressão de que aquele corpo se desfazia nos seus braços. Continuou apertando.

De repente, sentiu uma dormência que ia da cabeça aos pés. Vinha de uma finíssima picada na garganta... Assustado, ele apertou mais: a dor aumentou. Percebeu que o homem havia conseguido torcer o próprio braço, levar a mão até o seu peito e fincar o punhal. O braço propriamente estava imobilizado, mas, à medida que Lenormand aumentava a força do abraço, a ponta do punhal afundava mais na sua carne.

Afastou um pouco a cabeça para escapar da picada, mas a arma acompanhou o movimento e o ferimento se alargou ainda mais.

Então parou, assaltado pela lembrança dos três crimes e por tudo que havia de horrível, de atroz e de fatídico naquela pequena ponta de aço que, como uma agulha, perfurava sua pele e implacavelmente penetrava...

De uma só vez, se soltou e deu um pulo para trás. Logo em seguida, tentou retomar a ofensiva. Era tarde.

O homem já passava a perna pela janela e pulava.

— Cuidado, Gourel! — ele gritou, sabendo que o sargento estaria ali, pronto para agarrar o fugitivo.

Debruçou-se.

Passos apressados no chão coberto de seixos, um vulto entre duas árvores... um bater da cancela... E mais nenhum barulho... Nada...

Sem se preocupar com Pierre Leduc, ele gritou:

— Gourel! Doudeville!

Não obteve resposta. Só o grande silêncio noturno dos campos.

Sem querer, pensou ainda no triplo assassinato, no estilete de aço.

Mas era impossível, o homem não teria tido tempo de atacar. Nem mesmo precisara, pois havia encontrado o caminho livre.

Ele, por sua vez, pulou a janela e, acendendo a lanterna, viu Gourel estirado no chão.

— Maldição! Se o tiverem matado, vão pagar caro por isso.

Mas Gourel estava vivo, apenas tonto. Poucos minutos depois, voltou a si e resmungou:

— Um soco, chefe... Um simples soco bem no meio do peito. O cara sabe o que faz!

— Então eram dois?

— Sim, um pequeno, que subiu, e o outro que me pegou de surpresa enquanto eu esperava.

— E os Doudeville?

— Não os vi.

Um deles, Jacques, foi encontrado perto da cancela todo sujo de sangue, com o maxilar arrebentado. O outro, um pouco adiante, sem ar, tendo também levado um murro no peito.

— Mas o que houve? — perguntou Lenormand.

Jacques contou que o irmão e ele tinham encontrado um sujeito que os deixou fora de combate antes que pudessem se defender.

— Estava sozinho?

— Não. Quando voltou a passar por nós, estava com outro, menor que ele.

— Reconheceu quem o atacou?

— Pelo porte físico, pode ser o inglês do Palace Hotel, aquele de quem perdemos o rastro.

— O major?

— Isso, o major Parbury.

Depois de pensar um pouco, Lenormand disse:

— Não há dúvida. Eram dois no caso Kesselbach: o homem do punhal, que matou, e um cúmplice, o major.

— É a opinião do príncipe Sernine — murmurou Jacques Doudeville.

— E hoje também foram eles... os mesmos — continuou o chefe da Sûreté, acrescentando: — Melhor assim. É cem vezes mais fácil prender dois culpados do que um só.

Lenormand cuidou dos seus auxiliares, mandou que descansassem e foi dar uma busca, pois quem sabe os invasores tinham perdido algum objeto ou deixado alguma pista. Nada encontrando, voltou a se deitar.

Pela manhã, com Gourel e os Doudeville já recuperados dos golpes sofridos, ele mandou os dois irmãos procurarem pelos arredores e voltou a Paris com o sargento, para o expediente normal de trabalho.

Almoçou em seu gabinete. Às duas horas da tarde teve uma boa notícia. Um dos seus melhores agentes, Dieuzy, encontrara, descendo de um trem vindo de Marselha, o alemão Steinweg, que havia escrito a Rudolf Kesselbach.

— Dieuzy está aqui? — ele perguntou.

— Está — respondeu Gourel. — Com o alemão.

— Ordene que venham.

Nesse mesmo momento, porém, recebeu um telefonema. Era Jean Doudeville, que ligava de Garches. A conversa foi rápida.

— É você, Jean? Alguma novidade?

— Sim, chefe. O major Parbury...

— Diga.

— Nós o encontramos. Só que agora é espanhol, escureceu um pouco a pele. Acabamos de vê-lo. Estava entrando na Escola Livre de Garches. Foi recebido pela moça... Sabe, aquela conhecida do príncipe Sernine, Geneviève Ernemont.

— Diabos!

Lenormand largou o fone, agarrou o chapéu, saiu corredor afora, viu Dieuzy com o alemão e gritou para eles:

— Às seis horas... aqui mesmo.

Desceu correndo a escada, seguido por Gourel e três inspetores escolhidos ao acaso. Meteram-se todos em um automóvel.

— Para Garches... Dez francos de gorjeta.

Pouco antes do parque de Villeneuve, na esquina da ruela que leva à escola, ele mandou o carro parar. Jean Doudeville, que o esperava, informou:

— O bandido saiu pelo outro lado, há dez minutos.

— Sozinho?

— Não, com a moça.

Lenormand agarrou o rapaz pela gola:

— Miserável! Deixou-o escapar! Devia...

— Meu irmão o seguiu.

— Grande coisa! Ele vai despistar o seu irmão. Acha que dão conta?

Ele próprio assumiu o volante e entrou de qualquer jeito pela ruela, sem se preocupar com o que era estrada e o que era mato. Logo chegaram a uma estradinha que desembocou em uma encruzilhada com outras cinco estradas. Sem pensar duas vezes, escolheu a da esquerda, que ia para Saint-Cucufa. E acertou, pois chegando ao seu ponto mais alto, de onde se descia para o lago, eles passaram pelo outro irmão Doudeville, que gritou:

— Estão em um fiacre... a um quilômetro.

O chefe nem parou. Lançou o automóvel pela descida, sem respeitar as curvas, contornou o lago, e de repente soltou uma exclamação de triunfo.

Havia visto, no alto de uma pequena subida mais à frente, a capota do fiacre.

Mas estava na estrada errada e precisou dar marcha a ré.

Ao voltar a vê-lo, o fiacre ainda estava no mesmo lugar, parado. Enquanto se aproximava, viu que uma mulher saltava do carro. Um homem surgiu no estribo. A mulher estendeu o braço. Ouviram-se dois disparos.

Ela provavelmente mirou mal, pois uma cabeça surgiu, já do outro

lado da capota, e, percebendo o automóvel, o homem deu uma forte chicotada no cavalo, que partiu a galope. Um pouco mais adiante, uma curva fez com que se perdesse o carro de vista.

Em segundos, Lenormand terminou de manobrar o automóvel, tomou a subida, passou pela jovem sem parar e, enlouquecido, fez a curva.

Era um caminho florestal que descia, abrupto e pedregoso, cortando um bosque denso, de modo que só era possível seguir devagar, com muito cuidado. Mas que importância tinha isso naquele momento? Vinte passos adiante, o carro, na verdade uma espécie de cabriolé de duas rodas, trepidava nas pedras, puxado, ou melhor, contido por um cavalo que preferia não correr riscos e prestava bastante atenção onde pisava. Não havia mais o que temer, a fuga era impossível.

Os dois veículos avançaram ladeira abaixo, sacudidos de um lado para outro. Em determinado momento, inclusive, estiveram tão próximos que Lenormand pensou em descer e correr com seus policiais. Mas percebeu o perigo que seria frear numa descida tão violenta e continuou, pressionando de perto o inimigo, como uma presa ao alcance da vista, ao alcance da mão.

— Estamos quase, chefe... Quase lá! — diziam os inspetores, eletrizados com a caçada imprevista.

Na parte de baixo da estradinha, começava um caminho que tomava o rumo do Sena, na direção de Bougival. No terreno plano o cavalo passou a um trote mais lento, sem se apressar e se mantendo no meio da estrada.

Um esforço violento sacudiu o automóvel, que mais parecia avançar aos saltos do que rodar, como uma fera que dá um bote, passando por cima das moitas, disposta a vencer qualquer obstáculo. Chegou ao cabriolé, emparelhou e o ultrapassou.

Lenormand berrou um palavrão... Urrou de ódio... O carro estava vazio!

Vazio. O cavalo seguia placidamente, com as rédeas soltas no lombo, voltando sem dúvida à estrebaria de algum albergue das redondezas onde provavelmente foi alugado por um dia.

Sufocando a raiva, o chefe da Sûreté se limitou a explicar:

— O major deve ter saltado naqueles poucos segundos em que o perdemos de vista, no início da descida.

— Temos só que dar uma batida no bosque, chefe, e com certeza...

— Voltaremos de mãos vazias. O cara já está longe. Não é desses que a gente encurrالا duas vezes no mesmo dia. Filho da mãe!

Encontraram Geneviève na companhia de Jacques Doudeville, e ela não parecia minimamente afetada por toda aquela aventura.

Lenormand se identificou e se ofereceu para levá-la de volta para casa, aproveitando para interrogá-la a respeito do major Parbury. Ela estranhou:

— Ele não é major nem é inglês. E não se chama Parbury.

— E como se chama?

— Juan Ribeira. É espanhol, encarregado por seu governo de observar como funcionam as escolas francesas.

— Que seja. O nome e a nacionalidade pouco importam. É alguém que procuramos. Faz muito tempo que o conhece?

— Uns quinze dias. Ele ouviu falar da escola que fundei em Garches e se interessou pela minha iniciativa, a ponto de me propor uma subvenção anual, com a condição de poder vir, de vez em quando, observar o desenvolvimento dos meus alunos. Não pude recusar...

— Com certeza, mas devia ter consultado mais pessoas... Não conhece o príncipe Sernine? É alguém que poderia tê-la aconselhado.

— Ah! Tenho toda confiança nele, mas atualmente está viajando.

— E não tem seu endereço?

— Não. Além disso, o que eu diria? O sr. Ribeira sempre foi muito educado. Só hoje... Mas não sei...

— Por favor, senhorita, pode falar com franqueza... Pode confiar em mim também.

— Pois bem, ele me procurou ainda há pouco. Disse que vinha a pedido de uma senhora francesa que estava de passagem por Bougival, mãe de uma menina. Ela gostaria de me encarregar da educação da filha e pedia que eu fosse vê-la o mais rápido possível. Nada me pareceu estranho. Além disso, como hoje não é dia de aula e o sr. Ribeira tinha um carro alugado que o esperava no caminho, não vi problema em acompanhá-lo.

— Mas, afinal, o que ele queria?

Ela ficou ruborizada e disse:

— Simplesmente me sequestrar. Ao fim de meia hora, ele confessou.

— Sabe mais alguma coisa sobre ele?

— Não.

— Ele mora em Paris?

— Imagino que sim.

— Nunca lhe escreveu? Não tem algo escrito por ele, algum objeto esquecido, uma pista que possa nos servir?

— Nada... Ah! Uma coisa, talvez... Mas provavelmente não tem a menor importância...

— Mesmo assim, diga... Fale!

— Bom, há dois dias ele pediu para usar minha máquina de escrever e datilografou, com dificuldade, pois não tinha prática, uma carta. Por acaso, vi o destinatário.

— Quem era?

— A carta era para o *Journal*, e ele botou dentro do envelope uns vinte selos.

— Hum... para os anúncios dos classificados, provavelmente — observou Lenormand.

— Tenho a edição de hoje, chefe — disse Gourel.

Lenormand abriu o jornal e foi direto à página oito. Quase imediatamente teve um sobressalto. Leu a seguinte nota, impressa com as abreviações de praxe:

Informamos a qualquer pessoa que conheça o sr. Steinweg que gostaríamos de saber se ele está em Paris e o seu endereço. Resposta por esse mesmo veículo.

— Steinweg — exclamou Gourel. — É justamente o sujeito que Dieuzy trouxe.

“O próprio”, pensou Lenormand. “O mesmo de quem interceptei a carta para Kesselbach, e que o havia colocado na pista de Pierre Leduc... Então eles também querem se informar sobre Leduc e seu passado... Também procuram às cegas...”

Esfregou as mãos, satisfeito, pois tinha Steinweg. Em menos de uma hora o ouviria. Em menos de uma hora seria desfeito o véu tenebroso

que o oprimia e tornava o caso Kesselbach o mais aflitivo e impenetrável que ele tivera que resolver.

5. Lenormand em maus lençóis

1

Às seis da tarde, Lenormand chegava a seu gabinete na Chefatura de Polícia.

Mandou chamar Dieuzy imediatamente.

— Nosso convidado está aí?

— Está.

— O que conseguiu com ele?

— Não muita coisa. Não abre o bico. Expliquei que o trouxe à Chefatura porque, pelas novas normas, os estrangeiros devem fazer uma declaração de permanência no país. Ele aguarda na sala do seu secretário.

— Vou interrogá-lo.

Nesse momento, um funcionário entrou e disse:

— Uma senhora quer vê-lo, chefe. Diz que é urgente.

— Tem o cartão dela?

— Aqui está.

— Sra. Kesselbach! Mande-a entrar.

Ele próprio se adiantou, foi recebê-la e pediu que se sentasse. A jovem senhora tinha ainda o mesmo olhar desolado, a aparência doentia e de extrema lassidão em que se revelavam as aflições sofridas naquelas últimas semanas.

Ela mostrou a edição do *Journal*, já apontando para o anúncio sobre Steinweg.

— Era um velho amigo do meu marido, e com certeza sabe de muita coisa sobre o caso.

— Dieuzy — interrompeu-a Lenormand —, traga a pessoa que espera... A sua visita, senhora, será muito útil. Peço apenas que não diga nada quando esse sujeito aparecer.

A porta foi aberta e entrou um velho de barba branca, rosto marcado por rugas profundas, roupas muito simples e a aparência geral de um desses infelizes perseguidos pelo destino, que andam mundo afora em busca do pão de cada dia.

Permaneceu junto à porta, piscando muito; olhou para Lenormand, estranhou o silêncio com que era recebido e apertou o chapéu, pouco à vontade.

De repente, porém, demonstrando surpresa, seus olhos se arregalaram e ele gaguejou:

— Madame... madame Kesselbach.

Havia reconhecido a jovem senhora.

Tranquilizado, sorrindo, perdendo a timidez, ele se aproximou e disse, com uma pronúncia ruim:

— Ah! Como fico contente... Enfim! Achei que nunca... estranhei... Não tenho recebido notícias, nenhum telegrama... E como vai nosso bom Rudolf?

A jovem mulher teve um gesto de recuo, como se uma descarga elétrica a tivesse atingido, caiu bruscamente em uma cadeira e começou a chorar.

— O quê? Diga, o que há?... — assustou-se Steinweg.

Lenormand logo procurou explicar a situação:

— O senhor, estou vendo, desconhece certos acontecimentos recentes. Há muito tempo está viajando?

— Há três meses... Precisei ir até as minas. Depois voltei ao Cabo, de onde escrevi a Rudolf. Mas no caminho aceitei um trabalho em Port Said. Rudolf deve ter recebido minha carta, imagino.

— Ele não está aqui. Explicarei em seguida as razões dessa ausência. Antes, há um ponto sobre o qual gostaríamos de obter alguns esclarecimentos. Trata-se de uma pessoa que o senhor conheceu e a quem se referia em suas conversas com o sr. Kesselbach: Pierre Leduc...

— Pierre Leduc! O quê? Quem lhe falou dele?

O velho viajante parecia transtornado e, mais uma vez, balbuciou:

— Quem lhe falou dele? Como soube?

— Pelo sr. Kesselbach.

— Impossível! Foi um segredo que contei, e Rudolf sabe manter segredos... ainda mais este...

— É indispensável que nos responda. Estamos no meio de uma investigação sobre Pierre Leduc que logo se concluirá, e só o senhor pode nos ajudar, já que o sr. Kesselbach não está mais aqui.

— Mas, afinal, o que querem saber? — exclamou Steinweg, parecendo ter se decidido.

— Conhece Pierre Leduc?

— Nunca o vi, mas há tempos sei de um segredo que o envolve. Depois de uma série de incidentes que pouco interessa nesse momento, e de uma série de coincidências, acabei chegando à certeza de que a pessoa em questão vive de forma miserável em Paris como Pierre Leduc, mas esse não é o seu verdadeiro nome.

— E ele próprio sabe seu nome verdadeiro?

— Imagino que sim.

— E o senhor?

— Sim, sei o verdadeiro nome dele.

— Pois então diga.

Ele hesitou um pouco, mas logo em seguida explodiu:

— Não posso... não posso...

— E por quê?

— Não tenho o direito. Esse é o segredo. Quando o contei a Rudolf, ele o considerou tão importante que me deu uma boa soma em dinheiro para comprar meu silêncio. E me prometeu uma fortuna, uma verdadeira fortuna, para o dia em que conseguisse encontrar Pierre Leduc e tirar partido do segredo.

Ele sorriu com amargura:

— A boa soma em dinheiro, eu já perdi. Vim, então, saber da minha fortuna.

— O sr. Kesselbach está morto — disse o chefe da Sûreté.

Steinweg deu um salto.

— Morreu? Como pode? Não, isso é uma armadilha. É verdade, sra. Kesselbach?

Ela baixou a cabeça.

O homem parecia arrasado com a inesperada revelação. A notícia

lhe era também infinitamente dolorosa, pois ele se pôs a chorar.

— Pobre Rudolf, eu o conheço desde criança... brincávamos juntos em Augsburg... Gostava muito dele.

Pedindo o testemunho da viúva, continuou:

— E ele de mim, não é? Também gostava de mim, deve ter comentado... O velho Steinweg, como me chamava.

Lenormand se aproximou e, da forma mais clara, disse:

— Ouça. O sr. Kesselbach foi assassinado. Por favor, fique calmo... gritar não vai adiantar... Foi assassinado e todas as circunstâncias do crime indicam que o assassino estava a par do famoso projeto. Haveria algo, na natureza desse projeto, que o faça crer...

Paralisado, Steinweg apenas balbuciou:

— Foi culpa minha... Não devia tê-lo metido nisso...

A sra. Kesselbach foi até ele, suplicante:

— Deve ter alguma ideia... alguma suspeita... Ah, por favor, Steinweg...

— Não faço ideia... nunca imaginei algo assim — ele murmurou. — Preciso pensar um pouco...

— Procure entre as relações do sr. Kesselbach — sugeriu Lenormand. — Ninguém participou das conversas que tiveram naqueles dias? Ele próprio não teria comentado com outra pessoa?

— De forma alguma.

— Pense bem.

Dolores e Lenormand, praticamente em cima dele, esperavam com fervor uma resposta.

— Não, não vejo mesmo quem...

— Pense — insistiu o chefe da Sûreté. — O nome e o sobrenome do assassino têm como iniciais L e M.

— Um L... Não vejo ninguém... L e M...

— Exato. São letras douradas no canto de uma cigarreira que pertencia ao assassino.

— Uma cigarreira? — repetiu Steinweg, fazendo um esforço de memória.

— Em aço polido. Uma das divisões internas tem duas partes, a menor para o papel de enrolar, e a outra para o fumo.

— Duas partes, duas partes — repetia Steinweg, que parecia fixado nesse detalhe. — Não pode mostrá-la?

— Aqui está; quer dizer, uma reprodução exata — disse Lenormand, mostrando uma cigarreira.

— Como? O quê? — exclamou Steinweg, pegando o estojo.

Olhava-o atordoado, examinando e revirando o objeto em todos os sentidos. De repente deu um grito, o grito de alguém que tem a revelação de uma imagem assustadora. Permaneceu assim, lívido, com as mãos trêmulas, o olhar perdido.

— Fale, que droga! Fale! — ordenou Lenormand.

— Ah! — o outro apenas disse, como se uma luz o ofuscasse. — Tudo se explica...

— Fale, insisto, fale...

Ele o empurrou, andou vacilante até a janela, voltou e declarou:

— O assassino de Rudolf, vou dizer... É...

Parou.

— Quem? Continue.

Um longo minuto de silêncio. Na profunda paz daquele gabinete, entre paredes que tinham ouvido tantas confissões, tantas acusações, ecoaria finalmente o nome do abominável assassino? Lenormand tinha a impressão de estar à beira de um insondável abismo, de cujo fundo uma voz subia até ele... Poucos segundos mais e ele saberia...

— Não — murmurou Steinweg. — Não posso...

— O que está dizendo? — enfureceu-se o chefe da Sûreté.

— Estou dizendo que não posso.

— Não tem o direito de se calar! A Justiça exige que fale.

— Amanhã, falarei amanhã... preciso pensar. Amanhã contarei tudo que sei sobre Pierre Leduc, todas as minhas suposições a respeito dessa cigarreira... Amanhã, prometo...

Sentia-se ali uma espécie de obstinação resistente aos mais enérgicos esforços. Lenormand cedeu.

— Que seja. Tem até amanhã. Mas aviso que se amanhã não falar serei obrigado a dar parte ao juiz de instrução.

Tocou a campainha, chamou Dieuzy em separado e disse:

— Acompanhe-o até o hotel e fique por lá. Vou enviar mais dois

policiais... Sobretudo, esteja de olho aberto. Não é impossível que tentem tirá-lo de nós.

O inspetor saiu com Steinweg. Então Lenormand se desculpou, voltando-se para a sra. Kesselbach, a quem toda aquela cena havia abalado profundamente:

— Lamento muito por tudo isso... Posso imaginar o quanto esse encontro pode tê-la afetado.

Fez perguntas sobre a época em que o marido havia retomado contato com o velho Steinweg e sobre a sua duração. Mas a mulher estava tão desanimada que ele não insistiu.

— Devo voltar amanhã? — ela perguntou, indo embora.

— Não, não precisa. Vou mantê-la informada de tudo que Steinweg disser. Permite que lhe ofereça meu braço até o seu carro? Esses três andares são penosos.

Abrindo a porta, deu passagem à visitante. Nesse momento, explodiram exclamações no corredor e várias pessoas surgiram: inspetores de plantão, funcionários administrativos...

— Chefe! Chefe!

— O que foi?

— Dieuzy!

— Ele acaba de sair daqui.

— Foi encontrado na escada.

— Morto?

— Não, desacordado...

— E o homem? O homem que estava com ele? O velho Steinweg?

— Sumiu.

— Raios!

Lenormand saiu correndo pelo corredor, desceu a escada o mais rápido que pôde e, em meio às pessoas que o haviam acudido, encontrou Dieuzy estirado no patamar do primeiro andar.

Avistou Gourel, que vinha subindo.

— Ei, Gourel! Está chegando lá de baixo? Encontrou alguém?

— Não, chefe.

Mas Dieuzy recobrava os sentidos e logo em seguida, assim que abriu os olhos, conseguiu dizer:

— Aqui mesmo, a portinhola...

— Ah, droga! A porta da sétima câmara! — exclamou o chefe da Sûreté. — Quantas vezes eu já disse para deixá-la trancada? Era óbvio que um dia ou outro...*

Correu para a porta e tentou abri-la.

— É claro! O ferrolho está passado do outro lado.

A porta tinha caixilhos envidraçados. Com a coronha do revólver, ele quebrou um deles, puxou o ferrolho e disse a Gourel:

— Vá correndo para a saída da praça Dauphine...

E voltando-se para Dieuzy:

— Vamos, fale. Como deixou que o pusessem nesse estado?

— Um soco, chefe...

— Um soco daquele velho? Ele mal se aguenta em pé...

— Não do velho, chefe, de um outro que perambulava no corredor enquanto Steinweg estava com o senhor. Ele nos acompanhou como se também estivesse de saída. Chegando aqui, perguntou se eu tinha fogo. Fui pegar minha caixa de fósforos... e levei um murro no estômago. Enquanto caía, tive a impressão de que ele abria essa porta e arrastava o velho...

— Poderia reconhecê-lo?

— Com certeza, chefe. Um cara forte, moreno... Típico do Mediterrâneo, com certeza.

— Ribeira — grunhiu Lenormand. — Ele outra vez! Ribeira, aliás,

Parbury. Ah, esse sacana, é muita audácia! Tinha medo do velho Steinweg e veio pegá-lo aqui mesmo, nas minhas barbas!

Enfurecido, bateu com o pé no chão:

— Por Deus, como o miserável soube que o homem estava aqui? Não tem nem quatro horas eu corria atrás dele pelo bosque de Saint-Cucufa... e agora aqui! Como soube? Adivinha meus pensamentos?

O chefe da Sûreté pareceu cair num estado de devaneio, sem mais ouvir nem ver. A sra. Kesselbach passou ao lado e o cumprimentou, sem receber resposta.

Um barulho no corredor, no entanto, o despertou.

— Até que enfim... E então, Gourel?

— Foi aquilo mesmo, chefe — respondeu o sargento, esbaforido. — Eram dois, tomaram aquele caminho e saíram na praça Dauphine. Um automóvel os esperava com duas pessoas a bordo, um homem vestido de preto com um chapéu mole enfiado até os olhos...

— O assassino, o cúmplice de Ribeira-Parbury — murmurou Lenormand. — E a outra pessoa?

— Uma mulher, sem chapéu, vestida como se fosse uma empregada... e bonita, acho que ruiva.

— O quê? Ruiva? Tem certeza do que está dizendo?

— Sim.

Lenormand se virou, desceu a escada saltando os degraus, atravessou os pátios e saiu pelo Quai des Orfèvres.

— Pare! — ele gritou.

Uma carruagem puxada por dois cavalos se afastava. Era a da sra. Kesselbach. O cocheiro ouviu e parou. Lenormand já estava no estribo e disse, atropeladamente:

— Mil desculpas, mas será indispensável a ajuda da senhora. Peço que me permita acompanhá-la... Mas precisamos ser rápidos. Gourel, chame meu carro... Já foi recolhido? Então outro, qualquer um...

Cada qual correu para um lado, mas uns dez minutos se passaram até conseguirem um automóvel de praça. O chefe da Sûreté fervia de impaciência. A viúva, com passos vacilantes na calçada, mantinha à mão seu frasquinho de sais.

Por fim, acomodaram-se no veículo.

— Gourel, suba ao lado do motorista. Direto para Garches.

— Para minha casa? — espantou-se Dolores.

Ele sequer respondeu. Botava a cabeça para fora da janela o tempo todo, agitava sua credencial, identificava-se para os guardas de trânsito. Só quando finalmente chegaram ao Cours-la-Reine ele voltou a se acalmar e perguntou:

— Por favor, senhora, responda algumas perguntas. Viu a srta. Geneviève Ernemont ainda há pouco, por volta das quatro horas?

— Geneviève... Sim, estava me vestindo para sair.

— Foi ela quem falou do anúncio sobre Steinweg no *Journal*?

— Foi, sim.

— E por isso veio à Chefatura?

— Sim.

— Estava sozinha quando conversou com a srta. Ernemont?

— Não sei... Enfim, por quê?

— Tente se lembrar. Uma das empregadas não estava presente?

— É possível, já que eu estava me vestindo.

— Como elas se chamam?

— Suzanne... e Gertrude.

— Uma delas é ruiva, não é?

— Gertrude.

— Conhece-a há muito tempo?

— A irmã sempre trabalhou para mim... e Gertrude há alguns anos. É a dedicação em pessoa, a honestidade...

— Ou seja, a senhora tem toda confiança nela?

— Sim, com certeza.

— Ótimo... ótimo!

Eram sete e meia e a luz do dia começava a diminuir quando o automóvel chegou à casa de repouso. Sem se preocupar com a companheira de viagem, Lenormand foi correndo à portaria.

— A arrumadeira da sra. Kesselbach acaba de chegar, não é?

— Como assim, a arrumadeira?

— Gertrude, uma das duas irmãs.

— Não deve nem ter saído, pois não a vimos.

— Mas alguém deve ter chegado há pouco.

— Não, não abrimos a porta para ninguém desde... desde as seis horas da tarde.

— Não há outra saída além dessa?

— Nenhuma. E a propriedade é cercada por muros altos.

— Temos que ir à sua casa — disse Lenormand à sra. Kesselbach.

Foram os três. Ao chegar, como ela não tinha a chave, tocou a campainha. Suzanne, a outra irmã, foi quem atendeu.

— A Gertrude está? — perguntou a patroa.

— Está sim, madame, no quarto dela.

— Chame-a — ordenou o chefe da Sûreté.

Passado algum tempo, Gertrude desceu, simpática e graciosa em seu avental branco com bordados. Era, de fato, uma ruiva muito bonita.

Lenormand a olhou durante um longo tempo sem dizer nada, como se tentasse perceber algo além daqueles olhos inocentes. Não fez perguntas. Um minuto depois, disse apenas:

— Obrigado, senhorita, era só isso. Vamos, Gourel?

Saiu na companhia do sargento e, já nas alamedas escuras do jardim, afirmou:

— É ela.

— Acha mesmo, chefe? Parecia tão tranquila!

— Tranquila demais. Normalmente teria estranhado, perguntado por que estava sendo chamada. Mas ela, não. Apenas um rosto que procurava manter o sorriso a qualquer preço, como se isso bastasse... E percebi uma gota de suor escorrendo ao longo da orelha.

— E o que isso quer dizer?

— Que tudo fica mais claro. Gertrude é cúmplice dos dois bandidos envolvidos no caso Kesselbach, seja para descobrir e executar o famoso projeto, seja pelos milhões da viúva. A outra irmã provavelmente é conivente com o complô. Lá pelas quatro horas, descobrindo que eu sabia do anúncio no *Journal* e que, além disso, estava indo encontrar Steinweg, ela aproveitou a saída da patroa e foi correndo a Paris encontrar Ribeira e o homem do chapéu mole. Depois foram todos ao Palácio de Justiça, para o sequestro do alemão.

Pensou um pouco mais e concluiu:

— Tudo isso comprova: primeiro, a importância que tem para eles

Steinweg, assim como o medo das suas possíveis revelações; segundo, a verdadeira conspiração que se arma em torno da sra. Kesselbach; e terceiro, que não tenho tempo a perder, pois essa conspiração está prestes a eclodir.

— Entendo, mas há ainda algo inexplicável. Como Gertrude saiu desse jardim em que estamos e voltou sem passar pela portaria?

— Por alguma passagem secreta que os bandidos devem ter aberto há pouco tempo.

— E que na certa desemboca no bangalô da sra. Kesselbach — sugeriu Gourel.

— Pode ser, quem sabe? — disse Lenormand. — Mas tenho outra ideia...

Acompanharam todo o contorno dos muros. Era uma noite clara e, mesmo que as suas duas silhuetas não estivessem tão visíveis, eles próprios enxergavam o suficiente para examinar as pedras e ver que nenhuma brecha tinha sido aberta.

— Talvez uma escada — sugeriu ainda Gourel.

— Não, pois Gertrude passa em pleno dia. Algo assim não daria certo. Deve haver uma passagem subterrânea, com a abertura oculta por alguma construção já existente.

— Há apenas os quatro bangalôs — lembrou Gourel. — E todos estão ocupados.

— Engano seu. O terceiro, chamado pavilhão Hortense, está vazio.

— Como sabe?

— O zelador me disse. Para evitar barulho, a sra. Kesselbach o alugou, pois é o mais próximo do bangalô dela. É possível, inclusive, que a ideia tenha sido de Gertrude.

Deram uma volta em torno da casa. As folhas das janelas estavam fechadas. Por desincargo, Lenormand girou o trinco da porta de entrada: ela se abriu.

— Ah, Gourel! Acho que encontramos. Vamos entrar. Já pode acender a lanterna... Hum! O vestíbulo, as salas de estar e de jantar... é besteira procurar por aqui. Deve haver um subsolo, já que a cozinha não está nesse andar.

— Por aqui, chefe. Tem uma escada de serviço.

Desceram e de fato chegaram a uma cozinha bastante ampla, entulhada de cadeiras de jardim e para-ventos de palhinha. Dali, passava-se para uma lavanderia que servia também de despensa, além de depósito para mais objetos, uns por cima dos outros.

— O que é isso brilhando aqui, chefe?

Abaixando-se, Gourel pegou no chão um alfinete de cobre que tinha como cabeça uma pérola falsa.

— Ainda brilha, o que não aconteceria se estivesse há muito tempo nessa umidade — observou Lenormand. — Gertrude passou por aqui.

Gourel começou a afastar um monte de tonéis vazios, de prateleiras e mesas velhas.

— Está perdendo tempo. Se a passagem fosse aí, como poderiam tirar tudo isso, todas as vezes, e depois botar de volta no lugar? Veja, há uma folha de janela velha presa naquela parede com um prego, mas sem nenhuma necessidade. Afaste-a.

O sargento fez isso e, por trás, havia uma abertura na parede. À luz da lanterna, descobriram uma passagem subterrânea que se prolongava.

— Não me enganei, isso é recente — disse Lenormand. — Um trabalho feito às pressas, para ser usado por pouco tempo... Nenhuma alvenaria. Num lugar ou noutro dois barrotes em cruz e uma viga servindo de teto, e só. Vai durar sabe-se lá quanto tempo, mas com certeza o suficiente para o que se planeja, isto é...

— Isto é o quê, chefe?

— Para começar, serve às idas e vindas entre Gertrude e os cúmplices... Em seguida, num dia próximo, o rapto, ou melhor, o desaparecimento misterioso e incompreensível da sra. Kesselbach.

Eles avançavam com cuidado para não esbarrar em traves que não pareciam muito firmes. À primeira vista, a extensão do túnel era bastante superior aos cinquenta metros que separavam o bangalô do muro externo. Provavelmente, inclusive, ia além do caminho que passava ao redor da propriedade.

— Não estamos indo na direção de Villeneuve e do lago? — perguntou Gourel.

— Pelo contrário, estamos no sentido oposto — afirmou Lenormand.

O corredor descia numa inclinação suave. Veio um degrau, depois outro e uma curva para a direita. Então eles chegaram a uma porta fixada numa moldura de pedras cimentadas com todo o cuidado. Bastou empurrá-la para que se abrisse.

— Um segundo — disse Lenormand, parando. — Pensemos um pouco... Acho melhor voltar.

— Por quê?

— É possível que Ribeira tenha previsto a possibilidade de o subterrâneo ser descoberto e buscado formas de prevenção. Sabe que estivemos remexendo o jardim. Pode ter nos visto entrar nesse bangalô. Quem nos garante que não esteja armando uma cilada?

— Nós somos dois, chefe.

— E se eles forem vinte?

Lenormand olhou. A passagem subterrânea voltava a subir e ele

propôs então que fossem até a outra porta, cinco ou seis metros adiante:

— Vamos até ali e veremos.

Avançou, seguido por Gourel, pedindo para que ele deixasse a porta aberta. Foi até lá, prometendo a si mesmo não ir mais além. Estava bloqueada, de modo que não era possível abri-la, apesar de não parecer trancada à fechadura.

— Uma tranca foi passada do outro lado — ele deduziu. — Vamos voltar sem fazer barulho. De qualquer forma, pela orientação do corredor, poderemos encontrar a outra saída do subterrâneo.

Voltaram à primeira porta e Gourel, agora na frente, se surpreendeu:

— Que estranho, está fechada.

— Como assim? Eu disse para deixá-la aberta.

— Foi o que fiz, chefe, mas o batente da tranca deve ter caído sozinho.

— Não tem como, teríamos ouvido.

— E agora?

— E agora... E agora... não sei...

Ele se aproximou.

— Vamos ver... tem uma chave... Ela gira. Mas do outro lado deve haver uma tranca.

— Quem a teria colocado?

— Ora, quem? Eles! Depois de passarmos. Talvez exista outro corredor paralelo a este... ou estavam no bangalô vazio... Resumindo, caímos numa armadilha.

Concentrando-se na fechadura, introduziu nela seu canivete, tentou outros meios e enfim, num momento de desânimo, declarou:

— Não há o que fazer!

— Como não, chefe? Nada a fazer? Se for assim... estamos perdidos?

— Pois! É o que parece...

Voltaram à outra porta e depois novamente à primeira. Ambas de madeira maciça e reforçadas... Enfim, indestrutíveis.

— Seria preciso um machado — concluiu o chefe da Sûreté — ou

pelo menos uma ferramenta mais eficiente. Até uma faca, com que pudéssemos escavar em torno do local provável da tranca... Mas não temos coisa alguma.

Num súbito acesso de raiva, ele se lançou contra o obstáculo, como se pudesse reduzi-lo a pó. Em seguida, reconhecendo o fracasso, disse a Gourel:

— Ouça, vamos pensar daqui a uma hora ou duas. Estou exausto... vou dormir. Fique de olho enquanto isso... Caso venham nos atacar...

— Ah, se vierem... seria a salvação, chefe — ele exclamou, achando que uma boa briga, por mais desigual que fosse, já seria um alívio.

Lenormand se deitou no chão. Em um minuto já estava dormindo.

Quando acordou, permaneceu alguns segundos indeciso, sem entender, e se perguntando também que mal-estar era aquele que sentia.

— Gourel — ele chamou. — Ei! Gourel?

Sem ter resposta, acendeu a lanterna e viu o sargento a seu lado, em um sono profundo.

“Por que essa sensação ruim? São verdadeiras contrações... Ah, é isso! Estou é com fome... morrendo de fome! Que horas devem ser?”

Seu relógio marcava sete e vinte, mas ele se lembrou de que não tinha dado corda. O de Gourel também estava parado.

Nesse meio-tempo, também o sargento acordou, e pelo mesmo motivo: o estômago vazio. Calcularam que havia passado a hora do almoço e que deviam ter dormido boa parte do dia.

— Estou com as pernas dormentes — acrescentou Gourel. — É como se meus pés estivessem no gelo... Muito esquisito!

Tentou se automassagear e disse:

— Ah! Não é no gelo que os meus pés estavam, era na água... Veja, chefe... Uma poça enorme ali na altura da primeira porta...

— São infiltrações. Vamos para a segunda porta, você vai se secar...

— O que está fazendo, chefe?

— Acha que vou aceitar ser enterrado vivo nesse buraco? É claro que não... não tenho idade para isso. Já que as portas estão fechadas, vamos tentar as paredes.

Ele ia tirando, uma a uma, as pedras que tivessem pontas e

estivessem à altura da mão. Talvez esperasse poder abrir uma galeria que subisse à superfície. Mas era um trabalho demorado e difícil, pois na parte do subterrâneo em que estavam as pedras tinham recebido algum cimento.

— Chefe... chefe... — balbuciou Gourel, com a voz alterada.

— O que é?

— Seus pés estão na água.

— Veja só! É verdade... Bom, fazer o quê? Secaremos ao sol.

— O senhor não está vendo?

— O quê?

— Que está subindo, chefe, está subindo...

— O que está subindo?

— A água...

Lenormand sentiu um arrepio percorrer seu corpo de cima a baixo. De imediato entendeu: não eram infiltrações fortuitas, mas uma inundação planejada, mecânica e irresistivelmente produzida graças a algum sistema maligno.

— Ah, cretino! — ele rosnou. — Se eu pegá-lo...

— Eu sei, chefe, mas antes seria preciso sairmos daqui, e eu...

Gourel parecia completamente abatido, incapaz de qualquer ideia, qualquer plano.

Lenormand tinha se ajoelhado no chão e media a velocidade com que a água subia. Uma quarta parte da primeira porta estava praticamente coberta e a água avançava, já a meio caminho da segunda.

— O progresso é lento, mas constante. Em algumas horas estaremos submersos.

— Isso é terrível, chefe, é apavorante — gemeu Gourel.

— Ah! Não vai começar agora com choradeira, não é? Faça isso se quiser, mas de maneira que eu não ouça.

— Foi a fome que me enfraqueceu, chefe. Minha cabeça está girando.

— Chupe o dedo!

Mas, como disse Gourel, a situação era apavorante, e se Lenormand não dispusesse de tanta energia teria abandonado aquela luta inglória.

O que fazer? Não se podia esperar que Ribeira fosse caridoso e os deixasse escapar. Nem que os irmãos Doudeville os socorressem, já que nem sabiam da existência do túnel.

Ou seja, não restava a menor esperança... a não ser por algum milagre improvável.

— Vamos pensar um pouco — repetia Lenormand. — Seria imbecil demais acabar assim! Mas que inferno! Tem que haver uma saída... Gourel, ilumine aqui!

Colado na segunda porta, ele a examinou de cima a baixo, em todos os cantos. Havia, do lado em que estavam, um ferrolho, um enorme ferrolho, do qual ele desatarraxou os parafusos usando a lâmina do canivete.

— Para quê? — perguntou Gourel.

— Bom, esse ferrolho é de ferro comprido e até pontudo. Não chega a ser uma picareta, mas é melhor que nada... e...

Antes mesmo de terminar a frase, enfiou o tal ferrolho na parede, um pouco antes do pilar de alvenaria que sustentava as dobradiças da porta. Como havia imaginado, atravessada a primeira camada de cimento e de pedras, encontrava-se terra macia.

— Ao trabalho! — ele comandou.

— Às suas ordens, chefe, mas se puder explicar...

— É simples. O negócio é abrir em torno desse pilar uma passagem de três ou quatro metros de comprimento para chegarmos de volta ao túnel, já do outro lado, e sairmos daqui.

— Mas isso vai levar horas e a água está subindo.

— Ilumine aqui, Gourel.

A ideia de Lenormand era boa, e, com certo esforço, deixando cair no chão a terra que ele ia esburacando com o ferrolho, em pouco tempo já havia conseguido um buraco grande o bastante para entrar nele.

— É minha vez, chefe!

— Ah! Voltou à vida? Já que é assim, trabalhe... Guie-se pelo contorno do pilar.

Naquele momento, já tinham água na altura das canelas. Conseguiriam concluir a empreitada? À medida que avançavam, ela ia

ficando mais difícil, pois a terra removida atrapalhava e, deitados de bruços na passagem, eram obrigados o tempo todo a parar para retirar o entulho.

Duas horas depois, tinham completado talvez dois terços do trabalho, mas a água já lhes cobria as pernas. Dentro de uma hora chegaria ao buraco que escavavam.

E aí seria o fim.

Exausto pela falta de comida e corpulento demais para entrar e sair daquele corredor cada vez mais apertado, Gourel teve que desistir. Não se mexia mais, tremendo de aflição por sentir a água gelada que pouco a pouco o cobriria.

Já Lenormand trabalhava, incansável. Um trabalho terrível, uma obra de toupeira, executada em trevas angustiantes. Suas mãos sangravam. Desfalecia de fome. Respirava mal, um ar insuficiente, e, de tempos em tempos, os suspiros de Gourel o faziam se lembrar do medonho perigo que os ameaçava no fundo daquela toca.

Mas nada o desanimaria, pois tinha agora à frente as pedras cimentadas da parede do subterrâneo. Tudo se tornava mais difícil, mas a saída estava próxima.

— Está subindo — gritou Gourel, assustado. — Está subindo.

Lenormand redobrou o esforço. De repente, o ferrolho com que ele escavava saiu no vazio. A passagem estava perfurada. Só era preciso alargá-la, o que seria bem mais fácil agora que podia jogar o entulho para a frente.

Enlouquecido de terror, Gourel berrava como se fosse uma fera agonizando, mas Lenormand nem o ouvia mais, uma vez que tinha a salvação ao alcance das mãos.

Sofreu, porém, alguns segundos de ansiedade ao constatar, pelo barulho das pedras e da terra que caíam, que também aquele lado do túnel estava inundado — o que era natural, já que a porta não era um dique propriamente hermético. Pouco importava! A saída estava livre... Um último esforço e ele passou.

— Venha, Gourel — ele gritou, voltando para buscar o companheiro.

Foi preciso puxá-lo, desfalecido, pelos braços.

— Vamos, anime-se, paspalho, estamos salvos.

— Acha mesmo, chefe? Acha mesmo? Temos água à altura do peito...

— E daí? Enquanto não estiver acima da boca... E a sua lanterna?

— Não funciona mais.

— Tanto faz.

Logo em seguida, soltou uma exclamação de alegria:

— Um degrau... dois degraus! Uma escada... Finalmente!

Saíram da água, aquela maldita água que quase os afogara. Foram tomados por uma sensação deliciosa, uma liberdade inebriante.

— Pare! — murmurou Lenormand.

Sua cabeça havia batido em alguma coisa. Com os braços estendidos, ele pressionou o obstáculo, que facilmente cedeu. Era a tampa de um alçapão que, uma vez aberto, dava para um espaço em que penetrava, por um respiro, um luar de noite clara.

Ele empurrou de vez a tampa e subiu os últimos degraus.

Um pano caiu sobre ele e, logo em seguida, foi agarrado. Ele se sentiu enrolado numa coberta, ou uma espécie de saco, e então amarrado com uma corda.

— Vamos ao outro — disse alguém.

A mesma operação deve ter se repetido com Gourel, pois a mesma voz acrescentou:

— Se gritarem, mate-os logo. Está com o punhal?

— Estou.

— Vamos embora. Vocês dois, carreguem esse daqui. Os outros dois, aquele lá. Nada de luz e nada de barulho... Seria muito ruim! Estão vasculhando o jardim ao lado desde cedo. São uns dez ou quinze, sem parar. Volte para o bangalô, Gertrude, e qualquer coisa telefone para mim em Paris.

Lenormand teve a impressão de estar sendo carregado e, após certo tempo, achou que estavam ao ar livre.

— Aproxime o transporte — disse a mesma voz.

Ele ouviu o barulho de uma carroça e de um cavalo. Logo em seguida, foi jogado em cima de algumas tábuas. Gourel veio logo depois, e o cavalo partiu a trote.

O trajeto durou mais ou menos meia hora.

— Alto! — comandou a mesma voz. — Desçam os embrulhos. Ei, cocheiro, manobre para que a traseira chegue ao parapeito da ponte... Ótimo... Barco nenhum no Sena? Não? Então não percamos tempo... E aí, amarraram pedras neles?

— Paralelepípedos.

— Nesse caso, em frente. Recomende sua alma a Deus, sr. Lenormand, e reze por mim, Parbury-Ribeira, mais conhecido como barão Altenheim. Acabaram tudo? Então boa viagem, sr. Lenormand!

O chefe da Sûreté foi colocado no parapeito e empurrado. Sentindo que caía no vazio, ainda ouviu a mesma voz repetir:

— Boa viagem!

Dez segundos depois, foi a vez do sargento Gourel.

Desde que Lenormand deixou a Sûreté, dois fora da lei já fugiram por essa mesma porta, depois de se livrarem dos agentes que os escoltavam. A polícia abafou tudo sobre essa dupla fuga. Se essa passagem é de fato indispensável, por que não tirar, do outro lado, o ferrolho desnecessário que permite ao fugitivo impedir que o persigam, podendo então sair tranquilamente pelos corredores da sétima câmara civil e da primeira presidência?

6. Parbury-Ribeira-Altenheim

1

As meninas brincavam no jardim sob a vigilância da srta. Charlotte, nova ajudante de Geneviève. A sra. Ernemont distribuiu pedaços de bolo para elas e voltou à saleta que servia também de escritório, passando a uma escrivaninha na qual se pôs a arrumar papéis e documentos.

De repente teve a sensação de uma presença estranha e se virou, inquieta.

— Você! — ela exclamou. — De onde saiu? Por onde?

— Psss! — fez o príncipe Sernine. — Só ouça, não podemos perder um minuto. E Geneviève?

— Está na casa da sra. Kesselbach.

— Voltará logo?

— Só daqui a pelo menos uma hora.

— Então deixe que os irmãos Doudeville venham aqui. Marquei com eles. Como está Geneviève?

— Muito bem.

— Quantas vezes ela esteve com Pierre Leduc desde que viajei, há dez dias?

— Três vezes, e deve encontrá-lo hoje na casa da sra. Kesselbach, a quem ela o apresentou, seguindo ordens suas. Mas vou logo dizendo que esse Pierre Leduc não me agrada. Para Geneviève seria melhor encontrar um bom rapaz da sua própria classe. O professor, por exemplo.

— Está louca? Geneviève se casar com um professorzinho!

— Se pensasse mais na felicidade dela...

— Não me venha com essa, Victoire. Você e esse seu ramerrame. Eu lá tenho tempo para sentimentalismos? Isso é uma partida de xadrez, e

mexo minhas peças sem me interessar pelo que elas pensam. Só depois de ganhar a partida é que vou me preocupar em saber se o cavalo e a rainha, Pierre Leduc e Geneviève, têm um coração.

Ela o interrompeu.

— Você ouviu? Um assobio...

— São os Doudeville. Vá chamá-los e depois nos deixe.

Assim que os dois irmãos entraram, ele os interrogou com a precisão de sempre:

— Vi o que os jornais disseram sobre o desaparecimento de Lenormand e Gourel. Sabem mais do que isso?

— Não. O subchefe Weber assumiu o caso. Há oito dias esquadrimos o jardim da casa de repouso e ninguém sabe explicar como desapareceram. Na Chefatura está o maior rebuliço. Nunca se viu coisa assim... um chefe da Sûreté desaparecer sem deixar rastros!

— E as duas empregadas?

— Gertrude sumiu. Está sendo procurada.

— E a irmã, Suzanne?

— Weber e Formerie a interrogaram. Não encontraram nada contra ela.

— É tudo que têm para me contar?

— Não, há ainda tudo que não é dito aos jornais.

Os Doudeville falaram então dos acontecimentos marcantes dos dois últimos dias de Lenormand: a visita noturna dos bandidos à casa de Pierre Leduc; a tentativa de sequestro cometida por Ribeira, no dia seguinte; a perseguição pelo bosque de Saint-Cucufa; a chegada do velho Steinweg; seu interrogatório na Sûreté, na presença da viúva Kesselbach; e sua fuga do Palácio de Justiça.

— E ninguém, além de vocês, tem conhecimento de todos esses detalhes?

— Dieuzy sabe do incidente Steinweg. Foi ele, inclusive, quem nos contou.

— E continuam confiando em vocês na Chefatura?

— Confiam tanto que abertamente convocam nossos serviços. O sr. Weber põe a mão no fogo por nós.

— Bom, nem tudo está tão ruim assim — disse o príncipe. — Se

Lenormand tiver cometido alguma imprudência que tenha custado a sua vida, como imagino, fez um bom trabalho e é só continuá-lo. O inimigo conta com uma boa dianteira, mas podemos recuperar o terreno perdido.

— Vai ser difícil, patrão.

— Por quê? Trata-se apenas de encontrar o velho Steinweg, já que é ele a chave do enigma.

— Sem dúvida. Mas onde Ribeira o enfiou?

— Na casa dele, ora.

— É preciso então saber onde ele mora.

— Só isso!

Depois de dispensá-los, ele tomou o caminho da casa de repouso. Alguns automóveis estavam estacionados à frente, com dois homens que iam e vinham como se montassem guarda.

Num banco de jardim, perto do bangalô da sra. Kesselbach, estavam sentados Geneviève, Pierre Leduc e um desconhecido de forte compleição física, usando monóculo. Os três conversavam, sem que nenhum deles o tivesse visto.

Várias pessoas saíam do bangalô: o dr. Formerie, o sr. Weber, um escrivão e dois inspetores. Geneviève entrou, e logo depois o homem de monóculo foi falar com o juiz e o subchefe da Sûreté, afastando-se com eles sem pressa. Sernine foi até o banco onde Pierre Leduc havia ficado sozinho e disse baixinho:

— Não se mexa, Pierre, sou eu.

— O senhor!... O senhor!...

Desde a terrível noite em Versalhes, era a terceira vez que o jovem via Sernine e, como nas demais ocasiões, ficou desorientado.

— Diga... Quem é o sujeito de monóculo?

Pierre Leduc mal conseguia falar, muito pálido. Sernine o beliscou no braço.

— Responda, que diabo! Quem é?

— O barão Altenheim.

— De onde surgiu?

— Era um amigo do sr. Kesselbach. Chegou da Áustria há seis dias e pôs-se à disposição da viúva.

As autoridades haviam deixado o jardim, e o barão Altenheim as acompanhara.

— Fez perguntas a você?

— Muitas. Minha situação o interessa. Quer me ajudar a encontrar a minha família e indagou sobre lembranças que eu possa ter guardado da infância.

— E o que você disse?

— Nada, pois nada sei. Por acaso tenho lembranças? Fui colocado no lugar de um outro que nem sei quem é.

— Nem eu! — brincou o príncipe. — E essa é justamente a peculiaridade do seu caso.

— Ah, o senhor acha engraçado! Para o senhor, tudo é sempre engraçado... Mas estou começando a ficar cansado disso tudo. Fui envolvido numa trama um tanto suspeita... Sem falar do perigo que corro ao me fazer passar por alguém que não sou.

— Como assim, não é? Você é um duque, pelo menos tanto quanto eu sou um príncipe... Talvez até mais... Além disso, caso não seja, torne-se, ora! Geneviève só pode se casar com um duque. Olhe só para ela... Aqueles olhos não merecem que você venda até a sua alma?

Sernine sequer o olhava, indiferente ao que o rapaz pudesse pensar. Tinham entrado, e viram Geneviève graciosa e sorridente na parte inferior da escada.

— O senhor está de volta? — ela se alegrou. — Ah! Que ótimo! Fico muito contente. Quer ver Dolores?

Logo em seguida, o príncipe foi levado ao quarto da sra. Kesselbach e se assustou: a viúva estava ainda mais descorada, mais magra do que da última vez em que a havia visto. Deitada em um divã, coberta com panos brancos, parecia um desses doentes que já desistiram de lutar. Era pela vida que ela não lutava mais, contra o destino que lhe desferia golpes.

Foi profundamente tocado que Sernine a olhou, sem procurar esconder sua comoção. Ela agradeceu e falou também do barão Altenheim em termos amigáveis.

— Já o conhecia? — ele perguntou.

— De nome, por meio do meu marido. Os dois eram bastante

ligados.

— Conheci um Altenheim que morava na rua Daru. Acha que pode ser o mesmo?

— Não, este de agora mora... Na verdade, nem sei onde. Ele me disse, mas não guardei...

Mais alguns minutos de conversa e Sernine se despediu. Geneviève o esperava no vestíbulo.

— Preciso contar uma coisa. Algo bem grave... O senhor o viu?

— Quem?

— O barão Altenheim... Não é o seu nome de verdade... ou pelo menos usa outro, além desse. Ele não percebeu, mas eu o reconheci...

Ela o levou para fora, caminhando muito agitada.

— Se acalme, Geneviève...

— É o homem que tentou me sequestrar. Não fosse o pobre sr. Lenormand, eu estaria perdida... O senhor deve saber, pois sempre sabe tudo.

— E qual é o verdadeiro nome dele?

— Ribeira.

— Tem certeza?

— Por mais que tenha mudado a aparência, a pronúncia, as maneiras, o reconheci de imediato, pelo horror que me inspira. Mas eu não disse nada... esperando que o senhor voltasse.

— Nem à sra. Kesselbach?

— Não. Ela parece tão contente de encontrar um amigo do marido. Mas o senhor falará com ela, não é? Precisa protegê-la. Não sei o que o impostor está preparando contra ela, contra mim... Agora que o sr. Lenormand não está mais aqui, ele age com total liberdade. Quem vai desmascará-lo?

— Eu. Cuidarei disso. Mas não comente com ninguém.

Tinham chegado à portaria.

A porta foi aberta.

O príncipe se despediu:

— Até mais, Geneviève, e fique tranquila. Estou aqui.

Fechou a porta, se virou e, de forma instintiva, fez um leve movimento de recuo.

À sua frente estava, muito altivo, ombros largos, forte, o homem do monóculo, o barão Altenheim.

Os dois se encararam por dois ou três segundos, em silêncio. O barão sorriu e, por fim, disse:

— Estava à sua espera, Lupin.

Por mais autocontrole que tivesse, Sernine estremeceu. Dispunha-se a desmascarar o adversário e era o adversário quem o desmascarava no primeiro lance. O tal adversário não só o provocava, mas também, ao mesmo tempo, o desafiava com ousadia, parecendo certo da vitória. O movimento era arrojado e demonstrava muita confiança.

Os dois se mediam com visível hostilidade.

— E o que mais? — perguntou Sernine.

— O que mais? Não acha que precisamos nos ver?

— Por quê?

— Temos que conversar.

— Que dia?

— Amanhã. Almoçaremos num restaurante.

— Que tal na sua casa?

— Não sabe o endereço.

— Sei, sim.

O príncipe rapidamente puxou um jornal que saía do bolso de Altenheim, um jornal que tinha ainda o invólucro de envio, e disse:

— Vila Dupont, número 29.

— Muito bom — reconheceu o outro. — Pois então amanhã o espero em minha casa.

— Amanhã em sua casa. A que horas?

— Uma hora.

— Estarei lá. Boa noite.

Já se separavam quando Altenheim acrescentou:

— Ah! Só mais uma coisa, príncipe. Vá bem armado.

— Por quê?

— Tenho quatro empregados, e você estará sozinho.

— Tenho meus punhos — respondeu Sernine. — Acho que estaremos em pé de igualdade.

Virou-se para ir embora, mas também quis acrescentar:

— Ah! Já que me alertou, farei o mesmo, barão. Consiga mais quatro empregados.

— Por quê?

— Pensei melhor e vou levar meu chicote.

À uma hora da tarde em ponto, um cavaleiro atravessava o portão da vila Dupont, tranquila e provinciana rua cuja única saída dava para a rua Pergolèse, a dois passos do Bois de Boulogne.

Dos dois lados, jardins e belas residências. No fundo, isolada por uma espécie de parque bem pequeno, via-se uma casa antiga e grande, perto da qual passava a linha ferroviária da Ceinture.

Ali, no número 29, morava o barão Altenheim.

Sernine entregou a rédea do cavalo a um menino que ele tinha mandado esperá-lo ali, dizendo:

— Traga-o de volta às duas e meia.

Tocou a campainha. Como a porta do jardim estava aberta, ele se dirigiu à escada externa, onde o esperavam dois sujeitos grandalhões, que vestiam libré e o levaram a um imenso vestíbulo frio, com paredes de pedra e sem qualquer ornamento. A porta se fechou atrás deles com um barulho seco, e, por mais indomável que fosse a sua coragem, nem por isso o visitante deixou de ter a desagradável sensação de estar só e cercado de inimigos numa prisão isolada.

— Anunciem o príncipe Sernine.

A sala era bem ao lado, e ele foi imediatamente levado para lá.

— Ah! Aqui está, meu caro príncipe — disse o barão, vindo recebê-lo. — E então! Veja só... Domínique, sirva o almoço em vinte minutos. Até lá, não nos interrompam. Veja só, meu caro príncipe. Não achei que viesse.

— Não? Por quê?

— Ora! Sua declaração de guerra dessa manhã foi tão clara que nosso encontro se torna supérfluo.

— Minha declaração de guerra?

O barão abriu o *Grand Journal* e mostrou um artigo que dizia:

Comunicado:

O desaparecimento do sr. Lenormand não deixou de abalar Arsène Lupin. Depois de uma investigação sumária, e dando prosseguimento à sua intenção de elucidar o caso Kesselbach, Lupin decidiu que encontrará o sr. Lenormand vivo ou morto, e entregará à

— Não foi seu esse comunicado, meu caro príncipe?

— De fato, fui eu.

— Ou seja, como eu disse, temos uma declaração de guerra.

— Pois.

Altenheim convidou Sernine a se sentar, ele próprio fez o mesmo e disse, num tom conciliador:

— Ocorre que não posso admitir isso. É impossível que dois homens como nós se combatam e se prejudiquem. Basta que se expliquem, que procurem os meios: fomos feitos para nos entendermos.

— Creio, pelo contrário, que dois homens como nós não foram feitos para se entenderem.

O barão conteve um gesto de impaciência e retomou:

— Ouça, Lupin... Aliás, permite que o chame de Lupin?

— E como devo chamá-lo? Altenheim, Ribeira ou Parbury?

— Hum! Vejo que está mais bem informado do que imaginei! Diabo, quer partir para o ataque... É uma razão a mais para um acordo.

Inclinando-se na direção do outro, ele continuou:

— Ouça, Lupin, pense bem no que vou dizer, nenhuma palavra que ouvir deixou de ser bem pesada. É o seguinte: temos ambos uma posição de força... Está sorrindo? É um erro. Você talvez desfrute de recursos que não tenho, mas disponho de outros que você não conhece. Por exemplo, como sabe, escrúpulo algum me impede de agir, mas não tenho a habilidade de um mestre como você... a capacidade para mudar sua própria personalidade. Ainda assim, somos adversários que se equivalem. Resta uma questão: por que adversários? Só por querermos a mesma coisa? E daí? Sabe em que vai dar essa rivalidade? Cada um impedirá o esforço e as manobras do outro, e vamos ambos perder o que queremos! E quem lucra com isso? Um Lenormand qualquer, ou um terceiro salafrário... É tolice.

— Tem razão, é tolice — concordou Sernine. — Mas há outro meio.

— Qual?

— Retire-se.

— Não brinque, estou falando sério. Minha proposta é dessas que não devem ser recusadas sem um exame atento. Vou resumi-la em

duas palavras: sejamos sócios.

— Oh!

— É claro, continuaremos livres, cada um por si, em tudo o mais. Só para o caso em questão juntaremos nossos esforços. Aceita? Apoio mútuo e o resultado meio a meio.

— E o que você traz para a sociedade?

— Eu?

— Sim. Você sabe o que valho, tenho uma história. Nesse casamento que me propõe, você conhece, por assim dizer, o valor do meu dote... Qual o valor do seu?

— Steinweg.

— É pouco.

— É imenso. Com Steinweg saberemos a verdade sobre Pierre Leduc. Com Steinweg teremos acesso ao famoso projeto de Kesselbach. Sernine deu uma gargalhada.

— E precisa de mim para isso?

— Como?

— Veja só, o que me oferece é infantil. Já que tem Steinweg nas mãos, se quer minha colaboração é por não ter conseguido que ele fale. Não fosse assim, dispensaria a minha ajuda.

— E então?

— E então? Não conte comigo!

Os dois homens se apuraram novamente, implacáveis e violentos.

— Não conte comigo — repetiu Sernine. — Lupin não precisa de sócios. Sou desses que agem sozinhos. Se fosse como eu, como diz ser, essa ideia de associação nunca teria vindo à sua cabeça. Quem de fato é chefe comanda. *Associar-se significa obedecer*. E eu não obedeço.

— Isso é uma recusa? Uma recusa? — repetiu Altenheim, lívido com a ofensa.

— O máximo que posso fazer por você, caro aprendiz, é oferecer uma vaga no meu bando. Comece como simples soldado. Sob meu comando verá como um general vence batalhas... e como embolsa o lucro, que é todo dele, só dele. Deu pra entender, aprendiz?

Altenheim rangeu os dentes, fora de si, e grunhiu:

— Está cometendo um erro, Lupin... um erro... Também não

preciso de ninguém. Para mim esse caso não é mais complicado do que qualquer outro que eu tenha resolvido... O que propus foi apenas para chegar mais rápido ao objetivo, sem que um atrapalhe o outro.

— Você não me atrapalha em nada — desdenhou Lupin.

— Veja bem! Sem essa associação apenas um chegará ao fim.

— Isso me parece satisfatório.

— E só chegará depois de passar sobre o cadáver do outro. Dispõe-se a esse tipo de duelo, Lupin? Um duelo de morte, entende? A faca é algo que você despreza, mas e se receber uma em plena garganta?

— Ah! No final das contas, é o que propõe?

— Não, pessoalmente não gosto muito de sangue... Olhe só minhas mãos. Com os punhos que tenho, quando bato, o outro cai. Sei fazer isso... Mas *o outro* mata... Lembre-se do pequeno ferimento na garganta... Ah, tome cuidado, Lupin! Ele é terrível e implacável... Nada pode detê-lo.

Isso foi dito a meia-voz e com tanta emoção que Sernine sentiu um arrepio diante da lembrança abominável do desconhecido.

— Tenho a impressão de que sente medo do próprio cúmplice, barão — ele debochou.

— Medo pelos outros, por qualquer um que se ponha em nosso caminho; medo por você, Lupin. Aceite ou está perdido. Eu mesmo, se for preciso, agirei. O fim está tão perto... tão ao alcance da mão... É melhor que vá embora, Lupin!

A frustração da sua vontade concentrava tamanha energia e brutalidade que ele parecia prestes a agredir o inimigo ali mesmo.

Sernine deu de ombros.

— Por Deus! Que fome! — ele exclamou, bocejando. — Come-se tarde nessa casa!

A porta foi aberta.

— O almoço está servido — anunciou o mordomo.

— Ah! Até que enfim uma boa notícia!

Já saindo da sala de estar, o barão pegou-o pelo braço e, sem se preocupar com a presença do empregado, disse:

— Um bom conselho... aceite. O momento é grave... É o melhor, garanto. É o melhor... Aceite...

— Ótimo, caviar! — festejou Sernine. — Quanta delicadeza... Lembrou-se de que está lidando com um príncipe russo.

Sentaram-se um à frente do outro, e o cão do dono da casa, um animal grande, com longos pelos prateados, tomou lugar entre os dois.

— Apresento-lhe Sirius, meu mais fiel amigo.

— Um compatriota — disse Sernine. — Nunca esquecerei o que o tsar quis me dar quando tive a honra de lhe salvar a vida.

— Ah! Teve essa honra... Um complô terrorista, provavelmente?

— Exato, um complô que eu tinha organizado... Imagine que esse cão se chamava Sebastopol...

O almoço prosseguiu num clima alegre. Altenheim havia recuperado o bom humor e os dois se desdobraram em conversas inteligentes e cortesias. Sernine contou histórias engraçadas às quais o barão respondeu com outras. Sucediavam-se lembranças de caçadas, de esportes e de viagens, em que frequentemente eram citadas as mais tradicionais famílias da Europa, grandes fidalgos da Espanha, lordes ingleses, nobres húngaros e arquiducos austríacos.

— Ah! — suspirou Sernine. — Que bela profissão a nossa! Põe-nos em contato com o que há de mais distinto na Terra. Aceite um pouco desse faisão trufado, Sirius.

O cão, que não despregava os olhos do convidado, abocanhava de uma só vez tudo que Sernine lhe oferecia.

— Uma taça de Chambertin, príncipe?

— Agradeço, barão.

— Recomendo-o, veio da adega do rei Leopoldo.

— Um presente?

— Pode-se dizer que sim, um presente que dei a mim mesmo.

— Delicioso... Que buquê!... Com esse patê de fígado, é um achado. Meus cumprimentos, barão, o seu chef é de primeira.

— É uma chef, príncipe. Eu a roubei, a altíssimo preço, de Levraud, o deputado socialista. Por favor, prove só esse *chaud-froid* com sorvete de chocolate, e peço que dê atenção aos doces secos que o acompanham. Esses doces são uma criação de gênio.

— São, em todo caso, belíssimos — disse Sernine, se servindo. — Se os floreios corresponderem ao sabor... Experimente um, Sirius, vai

adorar. Locusta não teria preparado nada melhor.

Ele rapidamente havia pegado um dos doces e dado para o cachorro, que o engoliu de uma só vez, ficou dois ou três segundos aparvalhado, deu uma pirueta e caiu fulminado.

Sernine tinha se jogado para trás, temendo ser apanhado pelas costas por algum dos empregados, e então começou a rir:

— Aprenda, barão: quando quiser envenenar um amigo, procure manter a voz calma e não deixe as mãos tremerem... ou ele vai desconfiar. E eu que acreditei quando disse não apreciar assassinatos...

— À faca, é verdade — disse Altenheim sem se alterar. — Mas sempre quis envenenar alguém, para saber que gosto teria.

— Diabos! E foi escolher logo um príncipe russo?

Ele se aproximou de Altenheim e disse, em tom de confiança:

— Sabe o que aconteceria se tivesse conseguido, o que acontecerá se meus amigos não me virem voltar às três horas, no máximo? Às três e meia o chefe de polícia saberá tudo sobre o tal barão Altenheim, que antes do final do dia já estará na cadeia.

— Ora, da prisão é possível fugir... já do reino para onde eu o estava enviando...

— Verdade, mas é preciso antes conseguir isso, o que não é tão fácil.

— Bastava uma mordida num desses doces.

— Acha mesmo?

— Experimente.

— Decididamente, meu aprendiz, você está muito longe de chegar a ser um grande mestre da aventura. E acho que sequer se aproximará disso, com armadilhas assim. Quem se imagina digno de levar a vida que temos a honra de levar deve também ser capacitado e estar pronto para todo tipo de eventualidade, inclusive a de não morrer caso um imbecil qualquer tente envenená-lo... Alma intrépida num corpo inatacável é o ideal a que devemos nos propor... e alcançá-lo. Exercite-se, aprendiz de feiticeiro. Sou intrépido e inatacável. Lembre-se do rei Mitrídates VI.

Voltando a se sentar, ele continuou:

— À mesa, agora! Gosto de provar as virtudes que digo ter, e por não querer causar desgosto à sua cozinheira, passe esse prato de docinhos.

Ele pegou um, partiu-o ao meio e passou uma das metades ao barão:

— Coma!

O outro se afastou.

— Covarde! — disse Sernine.

Diante dos olhos incrédulos do barão e dos seus capangas, Sernine comeu primeiro uma metade e depois a outra, tranquila e conscienciosamente, como quem degusta uma guloseima da qual seria pena perder uma só migalha.

Eles voltaram a se ver.

Na mesma noite, o príncipe Sernine convidou o barão Altenheim para um jantar no Cabaret Vatel com um poeta, um músico, um financista e duas belas atrizes da Comédie Française.

No dia seguinte, almoçaram juntos no Bois de Boulogne e se encontraram à noite na Ópera.

Ao longo de uma semana, repetiram programas assim todos os dias.

Era como se não pudessem mais estar longe um do outro, unidos por uma grande amizade, feita de confiança, estima e simpatia. Divertiam-se muito, tomavam bons vinhos, fumavam excelentes charutos e riam a bandeiras despregadas.

Na verdade, um espionava o outro com afinco. Inimigos mortais, separados por um ódio selvagem, cada qual certo de poder vencer e planejando tudo com desenfreada vontade. Ambos esperavam o minuto propício, Altenheim querendo eliminar Sernine e Sernine querendo atirar Altenheim no abismo que ele cavava a seus pés. Os dois sabiam que o desfecho não tardaria. Um deles deixaria a pele. Era uma questão de horas, ou de no máximo alguns dias.

Um drama apaixonante, e alguém como Sernine certamente apreciava aquele estranho e forte sabor. Conhecer o adversário e viver a seu lado, sabendo que a menor falseada, a menor distração representaria a morte; que volúpia!

ALTENHEIM ERA TAMBÉM frequentador do clube Cambon, onde, um dia, àquela hora do crepúsculo em que, no mês de junho, se começa a jantar antes da chegada dos jogadores habituais da noite, estavam presentes no jardim apenas Sernine e o barão. Caminhavam em volta de um gramado, fechado por um muro e alguns tufos de plantas. Nesse muro havia uma pequena porta. De repente, enquanto Altenheim falava, o príncipe teve a impressão de que sua voz parecia menos firme, quase trêmula. Disfarçadamente o observou. Ele tinha a

mão no bolso do paletó e, mesmo através do tecido, era possível notar que ela se crispava no cabo de um punhal, hesitante, indecisa, ora resoluta, ora sem força.

Era delicioso observar! Atacaria? O instinto temeroso e tímido se sobreporia à vontade consciente e movida pelo ato de matar?

De peito aberto, com as mãos para trás, Sernine esperava, com calafrios de ansiedade e prazer. O barão se calara, de modo que, em silêncio, os dois caminhavam lado a lado.

— Vá em frente! — exclamou o príncipe, que tinha parado e, virando-se para o companheiro, completou:

— Faça isso, é agora ou nunca! Ninguém está vendo. Pode escapar por essa portinhola. A chave por acaso está pendurada bem ao lado, e: “O barão? Não, ninguém viu...”. É claro, tudo isso foi armado. Foi você quem me trouxe aqui... E ainda hesita? Ande!

Ele agora olhava o barão de frente. Altenheim estava lívido, trêmulo por tanta energia reprimida.

— É um fracote! Não há o que fazer com você. Quer saber a verdade? Tem medo de mim. Nunca sabe ao certo o que pode acontecer quando está comigo. Quer agir, mas são meus atos, meus possíveis atos que dominam a situação. Realmente, está longe de poder ofuscar o brilho da minha estrela!

Nem tinha acabado de falar quando sentiu estar sendo agarrado pelo pescoço e puxado para trás. Alguém que estava escondido entre as plantas, perto da portinhola, o havia pegado pela cabeça. Um braço se ergueu e uma lâmina brilhou no ar. O braço desceu e o punhal o atingiu em plena garganta.

No mesmo momento, Altenheim pulou em cima dele para terminar o serviço e os dois rolaram pelo gramado. Tudo se passou em vinte ou trinta segundos, no máximo. Por mais forte que fosse, por mais treinado em exercícios de luta, Altenheim cedeu quase de imediato, com um grito de dor. Sernine se levantou e correu para a portinhola que acabava de ser fechada depois de dar passagem a um vulto escuro. Tarde demais! Ele ouviu o barulho da chave na fechadura e não conseguiu abrir.

— Ah, bandido! — ele praguejou. — O dia que eu te pegar será

também o dia do meu primeiro crime! Que miserável!...

Voltou, se abaixou e recolheu os pedaços do punhal que se partira no ataque.

Altenheim começava a se mexer e ele perguntou:

— Como está, barão, recuperando-se? Não conhecia isso, não é? É o que chamo de um direto no plexo solar, ou seja, algo que apaga o sol vital de uma pessoa como se fosse uma vela. É limpo, rápido, indolor... e infalível. Já a punhalada?... Ergh! Basta usar uma pequena malha de aço como a minha e podemos nos despreocupar, sobretudo com relação a gente como o seu amigo de preto, já que esse monstro idiota visa sempre a garganta! Veja só em que estado ficou o brinquedo favorito dele... Aos cacos!

Estendeu a mão:

— Vamos, barão, levante-se. Pago o jantar. E lembre-se sempre de que o segredo da minha superioridade é: alma intrépida num corpo inatacável.

Sernine entrou nos salões do clube, reservou uma mesa para dois, sentou-se num sofá e esperou a hora do jantar, pensando:

“Isso tudo pode até ser engraçado, mas está ficando perigoso. Preciso acabar logo com isso... Do contrário, esses animais vão acabar me mandando para o bebeléu antes do esperado... O chato é que nada posso fazer até encontrar o velho Steinweg... No fundo, é só o que interessa, e se colo tanto no barão é por esperar tirar dele uma pista qualquer. Que diabo podem ter feito com o velho? É óbvio que Altenheim tem contato diário com ele e faz tudo que pode para obter informações sobre o projeto Kesselbach. Mas onde se veem? Onde pode tê-lo enfiado? Na casa de amigos? Na sua própria, no número 29 da vila Dupont?”

Permaneceu pensativo; depois acendeu um cigarro, deu três baforadas e o jogou fora. Deve ter sido um sinal, pois dois jovens se sentaram a seu lado, parecendo não conhecê-lo, mas houve uma comunicação furtiva.

Eram os irmãos Doudeville, transformados para a ocasião em cavalheiros elegantes.

— O que há, patrão?

— Peguem seis dos nossos homens e entrem no número 29 da vila Dupont.

— Mas como?

— Em nome da lei. Não são inspetores da Sûreté? Uma sindicância.

— Mas não podemos...

— Deem um jeito de poder.

— E os empregados? Se resistirem?

— São só quatro.

— E se gritarem?

— Não gritarão.

— E se Altenheim chegar?

— Não chegará antes das dez horas; eu me encarrego disso. Vocês têm duas horas e meia. É mais do que o suficiente para revirar a casa de cima a baixo. Se encontrarem o velho Steinweg, venham me avisar.

O barão se aproximava e o príncipe tomou a dianteira:

— Vamos jantar, não é? O pequeno incidente no jardim me abriu o apetite. A propósito, barão, posso lhe dar alguns conselhos...

Puseram-se à mesa.

Quando terminaram, Sernine propôs uma partida de bilhar, que foi aceita. Terminada a partida, passaram à sala do bacará. O crupiê justamente anunciava:

— A banca está a cinquenta luíses, alguém se habilita?

— Cem luíses — animou-se Altenheim.

Sernine olhou o relógio. Dez horas. Os Doudeville não tinham voltado, ou seja, nada haviam encontrado.

— Banco — ele disse.

Altenheim se sentou e distribuiu as cartas.

— Eu dou.

— Não.

— Sete.

— Seis. Perdi — disse o príncipe. — Cobre o dobro?

— Cubro — respondeu o barão, que voltou a distribuir as cartas.

— Oito — disse Sernine.

— Nove — colocou na mesa o barão.

Sernine se afastou, murmurando:

— Custou-me trezentos luíses, mas fico tranquilo; ele vai continuar jogando.

Pouco depois seu automóvel o deixava no número 29 da vila Dupont. Imediatamente viu os Doudeville e seus homens reunidos no vestíbulo.

— Encontraram o velho?

— Não.

— Raios! Tem que estar em algum lugar! E os empregados?

— Na copa, amarrados.

— Ótimo, prefiro que não me vejam. Os outros podem ir. Jean, fique embaixo vigiando enquanto Jacques me mostra a casa.

Ele percorreu com rapidez a cave e o sótão, praticamente sem parar, sabendo que não descobriria em poucos minutos o que os companheiros não haviam descoberto em quase três horas. Mas gravava meticulosamente a forma e a disposição dos cômodos.

Terminando, voltou ao quarto que Doudeville dissera ser o de Altenheim e o examinou com mais atenção.

— Aqui está o que pode me servir — ele disse, erguendo uma cortina que fechava um quartinho às escuras, cheio de roupas. — A partir daqui posso ver tudo.

— E se o barão revistar a casa?

— Por que faria isso?

— Saberá que estivemos aqui, pelos empregados.

— Sim, mas não que um de nós ficou. Acreditará que foi uma tentativa frustrada, só isso. Ou seja, vou ficar.

— E como sairá?

— Ah! Está perguntando demais. O principal era entrar. Pode ir, e feche as portas. Chame seu irmão e caiam fora. Até amanhã... ou antes disso...

— Antes disso...

— Não se preocupe comigo. Entro em contato quando for preciso.

Sentou-se numa pequena caixa no fundo do quartinho. Uma fileira quádrupla de roupas penduradas o protegia. A não ser em caso de uma investigação explícita, estava totalmente seguro ali.

Dez minutos se passaram. Ouviram-se na rua o trote surdo de um

cavalo e o tilintar do guizo. Uma carruagem parou, a porta de entrada bateu e logo em seguida vozes se misturaram, exclamações, toda uma confusão que se acentuava à medida que, é provável, cada um dos empregados ficava livre da mordada.

Ele pensou: “Estão se explicando. O barão deve estar furioso. Compreendeu enfim meu comportamento desta noite no clube e vê que o enganei... Quer dizer, nem tanto, pois afinal não tenho Steinweg... Será a sua primeira preocupação. Para saber, irá correndo ao esconderijo. Se subir, é no alto. Se descer, é no subsolo”.

Ficou atento. O barulho de vozes continuava no andar térreo, mas nada indicava que alguém subisse ou descesse. Altenheim devia estar interrogando seu pessoal. Só meia hora depois Sernine ouviu passos que subiam a escada e pensou:

“Deve ser no alto, mas por que demoraram tanto?”

— Vá todo mundo dormir — gritou Altenheim, entrando no quarto com um dos empregados e fechando a porta. — Também vou me deitar, Dominique. Vamos falar a noite inteira sem chegar a conclusão alguma.

— Para mim, o que queriam era encontrar Steinweg — respondeu o outro.

— É o que acho também; e então me divirto, já que Steinweg não está aqui.

— E onde está? O que fez dele?

— Isso é segredo meu. E você bem sabe que meus segredos guardo só para mim. Tudo que posso dizer é que o esconderijo é bom e que o velho só sairá depois de falar.

— O príncipe então ficou de mão abanando?

— Sem dúvida. E olha que teve que perder uma grana para chegar a tão pouco. Realmente, só rindo! Pobre príncipe!

— Mesmo assim — insistiu Dominique — precisamos nos livrar dele.

— Fique tranquilo, meu caro, não vai demorar. Em menos de oito dias lhe dou de presente uma carteira feita com pele de Lupin. Mas agora quero dormir, estou caindo de sono.

O barão estava contente, assobiava, cantarolava e até falava

sozinho:

— Isso, com pele de Lupin... e em menos de oito dias... ou até quatro! Ou, do contrário, o sacripanta é quem nos passará para trás! Bem feito, foi um tiro no pé esta noite. Calculou certo... Onde mais Steinweg poderia estar? Só que...

Enfiou-se na cama e, logo em seguida, apagou a luz. Sernine tinha avançado até a cortina, ergueu-a devagar e podia ver a claridade difusa da noite que entrava pelas janelas, deixando o leito na mais completa escuridão.

“Realmente estou fazendo papel de bobo. Calculei tudo errado. Assim que o ouvir roncar, saio de fininho...”

Mas um ruído abafado o surpreendeu e interrompeu o monólogo. Não sabia identificar a natureza daquele ruído, mas vinha da cama. Uma espécie de rangido que, aliás, mal se percebia.

— E então, Steinweg, onde paramos?

Era o barão falando! Era a voz dele, sem sombra de dúvida. Mas como estaria falando com alguém que não estava no quarto? Altenheim, porém, continuou:

— Continua intratável? É isso? Imbecil! Vai ter que dizer o que sabe... Não? Então boa noite, até amanhã...

“Não pode ser, estou sonhando. Ou de repente é ele quem sonha, em voz alta. Steinweg não está neste quarto nem no quarto ao lado... Nem mesmo na casa. O próprio Altenheim disse... Nesse caso, que história maluca é essa?”

Não sabia o que fazer. Pular em cima do barão, agarrá-lo pela garganta e arrancar dele, pela força e por ameaças, o que não tinha conseguido pela esperteza? Era absurdo! Altenheim não se intimidaria.

“Vou tratar de ir embora, é o ponto-final de uma noite perdida.”

Mas não fez isso. Achou impossível ir embora assim, e sentiu que devia esperar, talvez o acaso quem sabe o ajudasse.

Com infinito cuidado despendurou quatro ou cinco trajes completos, estendeu-os no chão, acomodou-se com as costas contra a parede e dormiu tranquilo.

O barão não se levantou cedo. Em algum lugar, um relógio batia nove horas quando ele saltou da cama e chamou o empregado.

O barão então leu a correspondência que foi trazida, se vestiu em silêncio e escreveu algumas cartas, enquanto o empregado pendurava com todo o cuidado as roupas da véspera no quartinho de vestir, e Sernine, com os punhos preparados, se perguntava:

“Hum... vou ter que afundar o plexo solar desse sujeito também?”

Às dez horas, o barão disse:

— Agora vá!

— Só mais esse colete...

— Saia, já disse. Volte quando eu chamar... E só quando eu chamar.

Ele próprio fechou a porta quando o empregado saiu. Esperou um pouco, como alguém que não confia nos outros, se aproximou da mesa onde ficava o telefone, tirou-o do gancho e pediu:

— Alô, senhorita... Por favor, uma ligação para Garches... Isso mesmo, aguardo seu chamado.

Ficou junto à mesa.

Sernine tremia de impaciência. Estaria o barão ligando para seu misterioso companheiro de crime?

O telefone tocou.

— Alô... Ah! É Garches?... Ótimo... Senhorita, por favor, o número 38... Exato, três, oito, duas vezes quatro...

Segundos depois, em voz mais baixa, tão baixa quanto possível sem perder a clareza, continuou:

— É do 38?... Sou eu, não percamos tempo... Ontem?... É verdade, não o acertou no jardim... Da próxima vez, é claro... está se tornando urgente... Ele mandou revistar a casa ontem... depois eu conto... Não, nada encontrou, é claro... O quê?... Alô!... Não, o velho Steinweg se recusa a falar... ameaças, promessas, nada funciona... Alô... Sim, é claro, sabe que não podemos fazer coisa alguma... Nada sabemos do projeto de Kesselbach e só uma parte da história de Pierre Leduc. É o único a ter a chave do enigma... Mas vai falar, garanto, e esta noite, senão... Bom, fazer o quê? Melhor do que deixá-lo escapar! Imagine se o príncipe o tira de nós! É preciso que em três dias esteja liquidado... Tem uma ideia?... De fato, é boa... Hum, excelente!... Vou cuidar disso... Quando nos vemos? Terça-feira, pode ser? Combinado. Terça-feira... às duas horas...

Desligou e saiu. Sernine o ouviu dando ordens.

— E não bobeiem, hein? Não se deixem enganar como ontem. Só volto à noite.

A pesada porta do vestíbulo foi fechada, e ele então ouviu o portão do jardim e o guizo do cavalo se afastando.

Vinte minutos depois, dois empregados subiram, abriram as janelas e arrumaram o quarto.

Depois de saírem, Sernine esperou ainda um bom tempo, até a hora em que estariam almoçando. Supondo todos à mesa, na cozinha, saiu do quartinho em que estava e começou a examinar a cama e a parede ao lado.

— É realmente estranho... Nada que pareça fora do comum. A cama não tem fundo falso... Nenhum alçapão embaixo. Vejamos o quarto ao lado.

Sem fazer barulho, foi até lá. Estava vazio, sem móvel algum.

“Não foi aqui que puseram o velho... Dentro da parede não tem como, é mais uma divisória, muito fina. Francamente, não estou entendendo nada!”

Vasculhou cada centímetro do piso, da parede, da cama, perdendo tempo em tentativas inúteis. Com certeza havia um truque, talvez até simples, mas com o qual ele não atinava.

“A menos que Altenheim tenha simplesmente delirado... É a única hipótese aceitável. E para verificar isso, só o que posso fazer é ficar. Então fico. Aconteça o que acontecer.”

Temendo ser surpreendido, voltou à sua toca e não saiu mais, entre devaneios e cochilos, atormentado por uma fome imensa.

O dia chegou ao fim, começava a noite.

Altenheim só apareceu depois da meia-noite. Subiu para o quarto, dessa vez sozinho, tirou a roupa e se deitou, apagando logo a luz, como na véspera.

A mesma expectativa ansiosa. O mesmo pequeno rangido inexplicável. E com o mesmo tom irônico, Altenheim perguntou:

— Como passou o dia, amigo? Ainda vai perder tempo me xingando? Não, meu velho, não é o que espero de você. Está no caminho errado. Preciso de boas confidências, bem completas e

detalhadas, sobre tudo que contou a Kesselbach... A história de Pierre Leduc e tudo o mais. Fui claro?

Sernine ouvia atordoado. Não havia mais dúvida: o barão de fato falava com o velho Steinweg. Era impressionante! Parecia ouvir o diálogo misterioso entre um vivo e um morto, uma conversa com um ser inominável, respirando em outro mundo, um ser invisível, impalpável, inexistente.

O barão continuou, irreverente e cruel:

— Está com fome? Pois coma, meu velho. Mas lembre-se de que recebeu de uma só vez toda a sua provisão de pão. Caso se contente com só um pouquinho a cada dia, pode ainda aguentar uma semana... digamos dez dias! Em dez dias, plaf!, não teremos mais o velho Steinweg. A menos que resolva falar. Não? Voltamos a conversar amanhã... Durma, meu velho.

NO DIA SEGUINTE, à uma hora, depois de uma noite e uma manhã sem incidentes, o príncipe Sernine deixou a vila Dupont com toda tranquilidade. Um bocado tonto, com as pernas fracas, tentou resumir a situação enquanto se dirigia a um restaurante:

“Terça-feira que vem Altenheim e o assassino do Palace Hotel vão se encontrar em Garches, numa casa cujo número de telefone é 38. Na terça-feira, então, entrego à polícia os dois culpados e liberto Lenormand. Na mesma noite, será a vez do velho Steinweg. Então saberei se Pierre Leduc é ou não filho de um salsicheiro, e se posso fazer dele um marido digno para Geneviève. Amém!”

NA MANHÃ DE terça-feira, por volta das onze horas, o presidente do Conselho, Valenglay, tendo convocado o chefe de polícia e o subchefe Weber, da Sûreté, mostrou a eles uma mensagem expressa do príncipe Sernine, recém-chegada:

Senhor presidente do Conselho,

Sabendo o quanto aprecia o sr. Lenormand, venho informá-lo de fatos que por acaso chegaram a meu conhecimento.

O sr. Lenormand está preso no subsolo da vila das Glicínias, em Garches, perto da casa de repouso.

Os bandidos do Palace Hotel decidiram assassiná-lo hoje, às duas da tarde.

Se a polícia precisar de mim, estarei à uma e meia no jardim da casa de repouso, ou no pavilhão da sra. Kesselbach, de quem tenho a honra de ser amigo.

Aceite, sr. presidente do Conselho etc.

Assinado: príncipe Sernine

— Temos algo extremamente grave, meu caro Weber — disse Valenglay. — Acrescento que podemos confiar plenamente nas afirmações do príncipe Paul Sernine. Várias vezes jantei com ele. Trata-se de alguém sério, inteligente...

— Posso, senhor presidente do Conselho — atalhou o subchefe da Sûreté —, comunicar outra carta que também recebi esta manhã?

— Sobre o mesmo caso?

— Sim.

— Então, por favor.

Ele pegou a carta e leu:

Senhor,

Chamo sua atenção para o fato de o príncipe Sernine, que se diz amigo da sra. Kesselbach, ser ninguém menos que Arsène Lupin.

Uma única prova deve bastar: Paul Sernine é um anagrama de Arsène Lupin. São as mesmas letras. Nenhuma a mais, nenhuma a menos.

Assinado: L. M.

O sr. Weber acrescentou, vendo Valenglay tão confuso:

— Desta vez nosso amigo Lupin encontrou um adversário à altura. Enquanto ele o denuncia, o outro o entrega. A raposa caiu na armadilha.

— E o que faremos?

— Vamos tentar pegar os dois... E, para isso, mobilizarei duzentos homens.

7. A sobrecasaca verde-oliva

1

Meio-dia e quinze. Um restaurante perto da Madeleine. O príncipe almoça. Na mesa ao lado, sentam-se dois jovens. Ele os cumprimenta; conversam como conhecidos que se encontram por acaso.

— Estão na expedição, não é?

— Estamos.

— Quantos homens ao todo?

— Seis, ao que parece, com cada um chegando por conta própria. Vou encontrar o sr. Weber à uma e quarenta e cinco, perto da casa de repouso.

— Ótimo. Estarei lá.

— O quê?

— Não sou eu quem dirige a expedição? E não devo encontrar Lenormand, já que publicamente anunciei isso?

— Acredita mesmo, patrão, que o sr. Lenormand não esteja morto?

— Estou convencido disso. Desde ontem tenho certeza de que Altenheim e seu bando levaram Lenormand e Gourel à ponte de Bougival e os jogaram de lá. Gourel afundou, Lenormand escapou. Darei as provas necessárias na hora certa.

— Mas se ele está livre, por que não aparece?

— Por não estar livre.

— É então verdade o que disse? Que ele está no porão da vila das Glicínias?

— Tudo me leva a crer.

— Mas como sabe? Por qual meio?

— É segredo. O que posso anunciar é que a coisa será... como se diz?... sensacional. Acabaram?

— Acabamos.

— O automóvel está atrás da Madeleine. Encontrem-me lá.

Em Garches, Sernine dispensou o carro e eles seguiram a pé em direção à escola de Geneviève. Lá chegando, ele parou.

— Ouçam, meninos. Isso é da maior importância. Batam à porta da casa de repouso. Por serem da polícia, têm entrada livre, certo? Dirijam-se ao pavilhão Hortense, aquele que está desocupado. Desçam até o subsolo e verão uma folha de janela velha, que basta erguer para descobrir a abertura de um túnel que eu mesmo descobri recentemente. Existe uma comunicação entre ela e a vila das Glicínias. É por onde Gertrude e o barão Altenheim se comunicavam. E foi por onde Lenormand passou, para afinal cair nas mãos do inimigo.

— Acha mesmo, patrão?

— Tenho certeza. Mas agora ouçam o que eu quero de vocês. Confirmem que o túnel está exatamente no estado em que o deixei essa noite, com as duas portas que o bloqueiam abertas, e que um pacote enrolado em sarja preta, que eu mesmo deixei lá, continua em um buraco perto da segunda porta.

— Devemos abrir o pacote?

— Não é preciso, são roupas para uma troca de figurino. Podem ir, mas tentem não chamar atenção. Espero aqui.

Dez minutos depois eles estavam de volta:

— As duas portas estão abertas.

— E o pacote de sarja preta?

— No lugar, perto da segunda porta.

— Que bom! Já é uma e vinte. O subchefe deve estar chegando com seus heróis. Vão vigiar a vila e cercá-la assim que Altenheim entrar. Weber e eu combinamos que baterei à porta. A partir daí, tenho meu próprio plano. Com certeza vamos nos divertir um bocado.

Depois de dispensar os irmãos, Sernine continuou no rumo da escola e retomou seu monólogo:

“Tudo corre da melhor forma. A batalha será travada num terreno que eu escolhi. Minha vitória é inevitável. Estarei livre dos dois adversários e sozinho no caso Kesselbach... sozinho e com dois belos trunfos: Pierre Leduc e Steinweg. Além deles, só o rei... ou seja, euzinho. Há apenas um porém: o que fará Altenheim? É óbvio que ele

também tem um plano de ataque. Por onde vai atacar? E por que ainda não atacou? É preocupante. Terá me denunciado à polícia?”

Os alunos estavam em aula, e ele atravessou o pequeno pátio. Bateu à porta da casa.

— Ah! É você! — estranhou a sra. Ernemont, ao abrir. — Deixou Geneviève em Paris?

— Para isso seria preciso que Geneviève estivesse em Paris — ele respondeu.

— Ué, ela foi, pois você a chamou.

— O que está dizendo? — ele se assustou, pegando-a pelo braço.

— Como assim? Deve saber melhor do que eu!

— Não sei de nada... Que história é essa? Fale!

— Não escreveu a Geneviève marcando de encontrá-la na Gare Saint-Lazare?

— E ela foi?

— Claro... Vocês iam almoçar no Ritz...

— A carta! Deixe-me ver a carta.

Ela foi buscar o papel no andar de cima e lhe entregou.

— E não viu logo que é falsa? A letra está bem imitada... mas é falsa. Isso salta à vista.

Enfurecido, ele apertou as têmporas com as mãos:

— E eu que me perguntava de onde viria o ataque. Ah, miserável! Resolveu usar Geneviève... Como ele pode saber? Não, não sabe... Já é a segunda vez que tenta... Mas é isso, está interessado nela... Não, isso não! Escute, Victoire. Será que ela não está?... Mas que ideia! Estou perdendo a cabeça... e não é hora para isso.

Olhou o relógio.

— Uma e trinta e cinco... tenho tempo. Imbecil! Tempo para quê? Por acaso sei onde ela está?

Ja e vinha como louco, e sua velha ama de leite parecia espantada ao vê-lo tão agitado, tão descontrolado. Tentou acalmá-lo:

— É possível que na última hora ela tenha desconfiado...

— E onde estaria?

— Não sei... Talvez na casa da sra. Kesselbach.

— É verdade... é verdade... tem razão — ele exclamou, cheio de

esperança.

Saiu correndo na direção da casa de repouso.

Encontrou os irmãos Doudeville entrando na portaria, de onde podiam ver a estrada e vigiar os arredores da vila das Glicínias. Sem parar, seguiu direto até o pavilhão da Imperatriz, chamou Suzanne e pediu que o levasse à sra. Kesselbach.

— Geneviève? — ele perguntou.

— Geneviève?

— Ela não veio?

— Não. Há vários dias não a vejo.

— Mas deve vir, não é?

— Acha mesmo?

— Tenho certeza. Onde mais poderia estar? Tente se lembrar...

— Não, não tínhamos marcado nada.

De repente, assustada, ela perguntou:

— Está preocupado? Algo pode ter acontecido com Geneviève?

— Não, nada.

Mas ele já havia saído. Uma ideia surgira. E se o barão Altenheim não viesse à vila das Glicínias? E se a hora do encontro tivesse mudado?

“Preciso vê-lo, preciso, a qualquer preço”, ele repetia.

Correu desabalado, indiferente a tudo. Chegando à portaria, recuperou, porém, o sangue-frio: tinha visto o subchefe da Sûreté, que falava no jardim com os irmãos Doudeville. Se estivesse em seu estado normal, teria notado o pequeno estremecimento que percorreu o sr. Weber quando ele se aproximou, mas não percebeu nada.

— Sr. Weber, não é? — ele perguntou.

— Pois não. Com quem tenho a honra de falar?

— Príncipe Sernine.

— Ah! Muito prazer. Nosso chefe de polícia me falou da considerável ajuda que vem nos prestando.

— Só estará completa quando eu lhes entregar os bandidos.

— Isso não deve demorar. Creio que um deles acaba de entrar... Um homem bem forte, com um monóculo.

— É o barão Altenheim. Seus homens estão por perto?

— Escondidos na estrada, a duzentos metros de nós.

— Pois acho que o senhor pode chamá-los logo para cá. Depois iremos os dois até a vila e tocarei a campainha. Como o barão Altenheim me conhece, imagino que abra a porta, e assim entrarei... com o senhor.

— Excelente plano — concordou Weber. — Volto logo.

Ele saiu do jardim e seguiu pela estrada, na direção oposta à da vila das Glicínias.

Logo em seguida, Sernine pegou um dos irmãos Doudeville pelo braço.

— Vá atrás dele, Jacques. Ganhe tempo para que eu entre nas Glicínias. Invente algo que os atrase. Preciso de dez minutos. Que eles cerquem a casa... mas não entrem. E você, Jean, vá para a saída da passagem subterrânea, no pavilhão Hortense. Se o barão tentar sair por lá, arrebente-lhe a cabeça.

Os Doudeville se foram. O príncipe correu até a grade de ferro alta e blindada que era o portão da vila das Glicínias.

Tocaria a campainha?

Não havia ninguém olhando. Com um salto ele se lançou contra o portão, apoiou o pé na saliência da fechadura e, se agarrando nas barras e usando os joelhos, graças à força dos braços, tomou impulso e conseguiu pular a grade, caindo do outro lado, apesar do risco de se enganchar nas pontas afiadas das barras.

Atravessou rápido um pátio pavimentado, subiu os degraus de uma área interna para a qual davam algumas janelas, todas fechadas por folhas maciças até as cornijas.

Enquanto procurava um meio de entrar na casa, a porta foi entreaberta com um rangido de ferragens que o fez se lembrar da entrada da vila Dupont. Foi quando Altenheim apareceu.

— O que é isso, príncipe? Invasão de propriedade particular? Serei obrigado a chamar a polícia, meu caro.

Sernine o agarrou pela garganta e o derrubou numa banquetta:

— Geneviève... Onde está Geneviève? Se não disser o que fez, miserável...

— Note que está me impedindo de falar — gaguejou o barão.

Sernine o soltou.

— Vá ao que interessa!... E rápido! Responda... Geneviève?

— Há uma coisa muito mais imperativa, sobretudo para gente da nossa espécie: a discrição... — replicou o barão.

Com todo cuidado, ele empurrou a porta e passou alguns ferrolhos. Depois, levando Sernine para uma sala ao lado, sem móveis nem cortinas, continuou:

— Pronto, sou todo seu. O que posso fazer por você, príncipe?

— Geneviève?

— Está muito, muito bem.

— Então confessa?

— Como não? E digo inclusive que a sua negligência nesse sentido me surpreendeu. Como não tomou certas precauções? Era inevitável...

— Basta! Onde ela está?

— Que maneiras indelicadas!

— Onde está?

— Entre quatro paredes, livre...

— Livre?

— Exato. Livre para ir de uma parede a outra.

— Na vila Dupont, imagino? Na prisão que montou para Steinweg?

— Ah, sabe disso! Não, não está lá.

— E para onde a levou? Fale, ou...

— Veja, meu príncipe, não acha que seria estupidez da minha parte revelar o segredo que guardo para ter algum controle sobre você? Tenho a impressão de que ama essa moça...

— Cale-se! — gritou Sernine, fora de si. — Eu o proíbo...

— Não há mal nenhum nisso. Por acaso seria vergonhoso? Também a amo, e então me arrisquei...

Não concluiu, dando-se conta do assustador estado em que se encontrava Sernine, a quem uma raiva contida, silenciosa, desfigurava as feições.

Olharam-se por bastante tempo, cada um procurando o ponto fraco do adversário. De repente, Sernine tomou a iniciativa e, com voz clara, como alguém que mais ameaça do que propõe um pacto, disse:

— Ouça. Você se lembra da proposta de associação que fez? O

projeto Kesselbach para nós dois... divisão dos lucros... Eu recusei. Agora aceito.

— Tarde demais.

— Espere. Aceito mais do que isso: abandono o caso... não me meto em coisa alguma... Fique com tudo. Se quiser, posso até ajudar.

— Qual é a condição?

— Diga onde está Geneviève.

O outro deu de ombros.

— Está parecendo um velho gagá, Lupin. Dá até pena... na sua idade...

Nova pausa terrível entre os dois inimigos.

O barão riu:

— É mesmo uma imensa alegria vê-lo choramingar assim, esmolando. Veja só, não é que o reles soldado está dando uma surra no general?

— Imbecil — murmurou Sernine.

— Príncipe, enviarei minhas testemunhas esta noite... se você ainda estiver neste mundo.

— Imbecil! — repetiu Sernine, com desprezo infinito.

— Prefere acabar logo com isso? Como queira, meu príncipe, a sua hora chegou. Pode recomendar sua alma a Deus. Sorri? É um erro. Tenho uma enorme vantagem sobre você: eu cometo assassinatos... se necessário.

— Imbecil! — disse Sernine mais uma vez, tirando do bolso o relógio. — Duas horas, barão. Tem poucos minutos. Às duas e cinco, duas e dez no máximo, Weber e meia dúzia de brutamontes de maus modos vão forçar a entrada dessa sua toca e agarrá-lo pelo cangote... Portanto, pare de sorrir também. Sei por onde acha que pode fugir, mas a saída está bem guardada. Foi pego, meu velho; será a guilhotina.

Lívido, Altenheim balbuciou:

— Você fez isso? Cometeu essa infâmia?

— A casa está cercada. A invasão é iminente. Fale, e então poderei salvá-lo.

— Como?

— Os homens que guardam a saída do bangalô estão a meu serviço. Se eu lhe der a senha, você se safá.

Altenheim pensou por alguns segundos, pareceu hesitar, mas de repente tomou uma decisão e declarou:

— Que piada! Não seria ingênuo a ponto de se atirar na boca do lobo.

— Está esquecendo Geneviève. Se não fosse por ela acha que eu estaria aqui? Fale.

— Não.

— Tudo bem. Aguardemos. Um cigarro?

— Com prazer.

— Ouviu? — perguntou Sernine após alguns segundos.

— Ouvi... Ouvi... — disse Altenheim, levantando-se.

Eram pancadas na grade. Sernine observou:

— Nem mesmo as intimações de praxe... Nenhuma preliminar... Continua decidido?

— Mais do que nunca.

— Você sabe que, com as ferramentas de que eles dispõem, não vão levar muito tempo.

— Nem que já estivessem aqui dentro eu lhe diria.

A grade cedeu. Ouviu-se o rangido dos gonzos.

— Aceitar ser preso eu até entendo — voltou Sernine —, mas, por conta própria, estender as mãos às algemas é muita burrice. Não seja teimoso. Fale e fuja.

— E você?

— Fico, não tenho o que temer.

— Pois então olhe.

O barão apontou para uma fresta nas folhas da janela. Sernine olhou e recuou assustado.

— Ah, bandido! Também denunciou! Não são dez homens, são cinquenta, cem, duzentos que o Weber trouxe...

O barão desatou a rir:

— E se são tantos é por se tratar de Lupin, é claro. Meia dúzia já bastaria para mim.

— Avisou a polícia?

— Avisei.

— E que prova deu?

— Seu nome... Paul Sernine, quer dizer, Arsène Lupin.

— E você descobriu isso sozinho? Essa brincadeira que ninguém havia notado? Não acredito! Foi o outro, confesse.

Pela fresta, viam-se policiais aos montes se espalhando em torno da vila. O barulho de violentas pancadas começava a vir da porta de entrada.

Era preciso pensar na fuga ou na execução do plano que havia previsto. Mas afastar-se, mesmo que só por um instante, significava perder Altenheim de vista. E como saber se ele não tinha outra saída? Essa simples hipótese era terrível. O barão livre! Podendo voltar para junto de Geneviève e assediá-la com seu odioso amor!

Vendo seus planos impedidos e obrigado a imediatamente improvisar uma nova estratégia, tendo em vista o perigo que Geneviève corria, o príncipe passou por instantes de indecisão atroz. Com os olhos fixos nos do barão, tudo que ele queria era extrair do inimigo o segredo e partir. Mas já nem tentava mais convencê-lo, certo de que qualquer esforço com palavras seria inútil. Entregue a essas reflexões, ele ao mesmo tempo se perguntava quais poderiam ser as do barão, quais as suas armas, suas esperanças de salvação. A porta do vestíbulo, apesar de fortemente trancada, apesar de blindada com ferro, começava a ceder. Os dois estavam bem em frente a ela, imóveis. Já podiam discernir o que diziam as vozes que a atravessavam.

— Você parece bem tranquilo — disse Sernine.

— Por que não? — exclamou o outro, derrubando-o com uma rasteira e fugindo.

Sernine se levantou rápido, passou por uma pequena porta pela qual Altenheim havia desaparecido, sob a escada, e, despencando pelos degraus de pedra, chegou ao subsolo.

Havia um corredor, depois um espaço amplo e baixo, mal iluminado. Agachado, o barão erguia a tampa de um alçapão.

— Idiota — exclamou Sernine, jogando-se em cima dele —, sabe que encontrará meus amigos no final desse túnel, e eles têm ordem de

matá-lo como a um bicho... A menos que... a menos que haja outra saída, em conexão com essa... Ah! Droga, é isso! Te peguei... e você se considera ...

A luta foi violenta. Altenheim, que era um verdadeiro brutamonte, dono de uma musculatura excepcional, cingiu o adversário, imobilizando seus braços e tentando asfixiá-lo.

— É claro... é claro... — dizia o príncipe, com dificuldade, — Bem pensado... Sem poder me servir das mãos para quebrar algum osso seu, você leva vantagem... Só que...

Sernine, então, se assustou. O alçapão, que tinha se fechado com o peso dos dois, parecia se mexer embaixo deles. Ele podia sentir o esforço que *alguém* fazia para erguer a tampa, e o barão também sentia o mesmo, pois tentava deslocar o ponto da luta para que o alçapão pudesse se abrir.

“É o outro!”, pensou Sernine, com a espécie de pavor irracional que lhe causava aquele ser misterioso. “É o outro... Se ele passar, estou perdido.”

Com pequenos movimentos, Altenheim havia conseguido se deslocar um pouco e tentava trazer para si o adversário, que com as pernas se agarrava às dele, ao mesmo tempo que procurava livrar uma das mãos.

Acima deles, pancadas fortes, provavelmente com um aríete...

“Tenho cinco minutos”, pensou Sernine. “Preciso que esse sujeito, em um minuto...”

Continuou em voz alta:

— Cuidado com essa, parceiro.

E aproximou seus próprios joelhos com uma energia incrível. O barão soltou um urro de dor ao sentir uma das coxas torcidas.

Aproveitando o sofrimento do adversário, Sernine soltou a mão direita e o pegou pela garganta.

— Ótimo! Assim ficamos mais à vontade. Não, não tente pegar a faca... ou torço seu pescoço como o de um frango. Está vendo, tem uma margem de segurança... Não aperto demais... só o suficiente para que você não se anime muito.

Enquanto falava, tirou do bolso uma corda muito fina e, com uma

só mão e extrema habilidade, amarrou os pulsos do outro. O barão, já sem fôlego, não apresentava mais qualquer resistência. Com poucos e precisos gestos, Sernine o amarrou firme.

— Mostra que tem juízo! Até que enfim! Nem o reconheço mais. Bom, caso ainda queira escapar, esse arame vai completar meu trabalho. Primeiro os punhos... agora os calcanhares... Pronto. Deus! Está realmente muito bem-comportado!

Recuperando-se um pouco, o barão gaguejou:

— Se me entregar, Geneviève vai morrer.

— Não diga! E como?... Explique isso.

— Está presa. Ninguém sabe onde. Sem mim, ela morrerá de fome... como Steinweg.

Sernine ficou preocupado, mas disse:

— Imagino, mas você vai falar.

— Nunca.

— Vai falar, sim. Não agora, é tarde demais, mas esta noite.

Ele se debruçou no ouvido do outro e disse:

— Preste atenção para entender bem. Daqui a pouco você vai ser preso. Esta noite, vai dormir na Delegacia. É a regra, não tem jeito. Nem eu posso mudar essa fatalidade. Amanhã será levado para a Santé, e depois, sabe para onde?... Pois bem, ofereço ainda uma possibilidade de se salvar. Esta noite, está ouvindo, ainda esta noite irei à sua cela e você me dirá onde Geneviève está. Duas horas depois, se não tiver mentido, estará livre. Caso contrário... é porque não se importa muito em manter a cabeça presa ao pescoço.

Não houve resposta. Sernine se levantou e tentou ouvir. Lá em cima, um barulho muito alto. A porta de entrada havia sido derrubada. Barulhos de passos martelaram as lajes do vestíbulo e o soalho da sala. Weber e seus homens procuravam.

— Até mais, barão. Pense até a noite. A cela é boa conselheira.

Para poder abrir o alçapão, precisou empurrar um pouco o prisioneiro. Como era de esperar, não havia mais ninguém nos degraus.

Desceu, mas deixou o alçapão aberto, como se tivesse a intenção de voltar.

Eram vinte degraus e depois vinha o corredor que Lenormand e Gourel haviam percorrido em sentido contrário.

Enveredou por ele e levou um susto. Pareceu sentir a presença de alguém.

Acendeu a lanterna de bolso. O corredor estava vazio.

Engatilhou o revólver e disse em voz alta:

— Pior para você... Vou atirar.

Não houve resposta nem barulho algum.

“Foi provavelmente uma ilusão”, ele pensou. “Esse sujeito me deixa nervoso. Bom, se eu quiser que tudo dê certo preciso me apressar. O buraco com o pacote de roupas não está longe. Pego o pacote e meu truque está feito... E que truque! Um dos melhores de Lupin.”

Encontrou a porta, que estava aberta, e imediatamente parou. À direita, viu a escavação que Lenormand havia feito para escapar da inundação.

Abaixou-se e iluminou o buraco.

“Caramba!”, ele exclamou, sentindo um calafrio. “Não, não é possível... Doudeville é que deve ter tirado o pacote do lugar.”

Por mais que procurasse, esquadrinhasse a escuridão, o pacote não estava ali. Com certeza aquele ser misterioso o havia pegado.

— Que pena! A coisa foi tão bem arranjada! A aventura voltava ao normal, e eu chegaria ao fim mais tranquilamente... Agora é o caso de sair daqui o mais rápido possível. Doudeville está no bungalô... tenho a fuga garantida. Nada mais de brincadeiras. Preciso me apressar e recolocar tudo em ordem, se possível... E depois, pensarei *nele*... Ah, ele que tome cuidado com as minhas garras.

Não pôde, porém, conter uma exclamação de estupor: a outra porta, a última antes do pavilhão Hortense, estava fechada. Correu até ela. Para quê? O que poderia fazer?

— Dessa vez estou bem encrencado — ele murmurou.

Tomado por uma espécie de desânimo, sentou-se no chão. Era clara a sua fraqueza diante do ser misterioso. Não era Altenheim que importava. O outro, sim, aquele personagem das trevas e do silêncio o dominava, abalava todas as suas estratégias e o esgotava com ataques sutis e infernais.

Havia sido derrotado.

Weber o encontraria ali, como um animal encurralado no fundo da sua toca.

Pôs-se de pé:

— Ah! Não, não! Não se trata só de mim! Há Geneviève, que preciso salvar ainda esta noite... Pode ser que nem tudo esteja perdido. Se o *outro* desapareceu há pouco, tem que existir uma segunda saída por aqui. Em frente! Weber e seu bando ainda não me pegaram.

Explorava o túnel de lanterna na mão, examinando os tijolos que formavam a parede, quando ouviu um grito, um grito horrível, abominável, que o fez se arrepiar de angústia.

Vinha do lado do alçapão. Só então ele se lembrou de que o tinha deixado aberto, pois sua intenção inicial era voltar à vila das Glicínias. Correu para lá, atravessando a primeira porta. No caminho, com a lanterna apagada, sentiu algo ou, na verdade, alguém roçar em seus joelhos, alguém que se esgueirava junto à parede. Mas imediatamente teve a impressão de que aquilo se esvaía, havia desaparecido não se sabe como. Nesse mesmo instante, topou com um degrau e pensou:

“É aqui a outra saída, a segunda, por onde ele passa.”

Lá de cima veio o mesmo grito, menos forte, seguido de gemidos, de estertores... Subiu correndo a escada, chegou ao porão de teto baixo e se aproximou do barão. Ele agonizava, com sangue escorrendo da garganta. As cordas tinham sido cortadas, mas o arame que prendia os pulsos e os tornozelos estava intacto. *Sem poder soltá-lo, o cúmplice o degolara.*

Sernine contemplou o espetáculo com horror, com um suor frio que se impregnava em sua roupa. Pensou em Geneviève presa num lugar que só o barão conhecia, sem possibilidade de socorro.

Ouviu com clareza os policiais abrirem a portinhola escondida do vestíbulo. E com clareza os ouviu descerem a escada de serviço.

Apenas uma porta os separava, a do porão de teto baixo onde ele estava. Trancou-a bem a tempo, no momento em que já iam abri-la. O alçapão continuava livre, bem ao lado... Era a única forma de escapar, pois havia a segunda saída.

“Não, primeiro Geneviève”, ele disse a si mesmo. “Depois, se ainda tiver tempo, pensarei em mim...”

Ajoelhando-se, encostou a mão no peito do barão. O coração ainda batia. Abaixou-se ainda mais:

— Pode me ouvir, não é?

Os olhos piscaram sem força.

Restava um alento de vida no moribundo. Seria possível ainda extrair alguma coisa desse resquício de existência?

A porta, sua última defesa, estava sendo atacada. Sernine murmurou:

— Posso salvá-lo... tenho remédios infalíveis. Basta uma palavra... Geneviève?

A palavra de esperança parecia ter dado algum ânimo a Altenheim, que tentou dizer alguma coisa.

— Fale — desesperava-se Sernine. — Fale, e posso salvá-lo. A vida hoje... a liberdade amanhã... Fale!

A porta tremia sob as pancadas.

O barão articulava sílabas ininteligíveis. Debruçado sobre ele, tenso, com toda a sua energia e força de vontade concentradas ali, Sernine tremia de aflição. Não se preocupava mais com os policiais, com a inevitável captura, com a prisão... pensava apenas em Geneviève... Geneviève morrendo de fome, horror que uma simples palavra daquele miserável podia evitar!

— Responda... É preciso...

Ele ordenava, suplicava. Hipnotizado por aquela autoridade indomável, Altenheim balbuciou:

— Ri... Rivoli...

— Rua de Rivoli, não é? Prendeu-a numa casa dessa rua... Que número?

Uma barulheira... gritos triunfantes... a porta tinha sido posta abaixo.

— Peguem eles — gritou o subchefe Weber. — Agarrem os dois!

— O número... diga. Se gosta dela, responda... Por que se calar agora?

— Vinte... Vinte e sete... — suspirou o barão.

Várias mãos chegaram até Sernine. Dez revólveres o ameaçavam. Ele olhou firme os policiais, que recuaram, com um medo instintivo.

— Qualquer movimento, Lupin, e eu o liquido — gritou Weber, com a arma apontada.

— Não atire — disse Lupin, com gravidade. — Não precisa, eu me rendo.

— Conversa fiada! É mais um dos seus truques...

— Não, a batalha está perdida. Não pode atirar, não estou reagindo.

Pegou seus dois revólveres e os deixou no chão.

— Conversa fiada! — repetiu Weber, implacável. — No coração, rapazes! Ao menor gesto, fogo! À menor palavra, fogo!

Dez homens o rodeavam. Em pouco tempo, quinze. O subchefe indicou a todos o alvo. Furioso, tremendo de satisfação e medo, ele vociferou:

— No coração! Na cabeça! Sem piedade! Se ele se mexer, se falar... à queima-roupa, fogo!

Com as mãos nos bolsos, impassível, Sernine sorria. A cinco centímetros de suas orelhas, a morte o ameaçava. Dedos e mais dedos se crispavam nos gatilhos.

— Ah! — caçou Weber. — Que prazer ver isso... E imagino que desta vez acertamos na mosca, e de uma péssima maneira para o sr. Lupin...

Ele mandou que afastassem as folhas que cobriam um grande respiradouro, e a claridade do dia entrou bruscamente. Só então se interessou por Altenheim. Para surpresa sua, o barão, que ele achou estar morto, abriu os olhos, olhos embaciados, horríveis, já tomados pelo vazio. Ele olhou para Weber. Depois pareceu procurar Sernine e, por fim, ao vê-lo, teve uma convulsão de raiva. Era como se despertasse do torpor, como se o ódio de repente lhe devolvesse alguma força.

Apoiou-se nas duas mãos e tentou falar.

— Pode reconhecê-lo, não é? — perguntou Weber.

— Sim.

— É Lupin, não é?

— Sim... Lupin...

Sernine ouvia, sem deixar de sorrir, e declarou:

— Deus, isso vai ser divertido!

— Tem algo mais a dizer? — perguntou Weber, que via os lábios do barão se agitarem de desespero.

— Sim.

— A respeito do sr. Lenormand?

— Sim.

— Você o mantém preso? Onde? Responda...

Erguendo-se ao máximo, com muito esforço ele olhou fixo para um armário num canto da sala.

— Ali... ali... — ele disse.

— Ahá! Estamos quentes — brincou Lupin.

Weber o abriu. Numa das prateleiras havia um pacote enrolado em sarja preta. Foi desembrolhado, e dentro encontraram um chapéu, uma pequena caixa e roupas... Estremeceu. Tinha reconhecido a sobrecasaca verde-oliva de Lenormand.

— Ah! Miseráveis! Eles o assassinaram.

— Não — fez Altenheim.

— E então?

— É ele... ele...

— Como assim, ele? Lupin matou o chefe?

— Não.

Com feroz obstinação, Altenheim se agarrava à vida, querendo falar e acusar... O segredo que queria revelar estava na ponta da língua, mas ele não conseguia, não tinha mais a capacidade de articular as palavras.

— Diga — insistiu o subchefe. — O sr. Lenormand então está morto?

— Não.

— Está vivo?

— Não.

— Não entendo... Diga, essas roupas? A sobrecasaca?...

Altenheim dirigiu os olhos para Sernine. Uma ideia veio à mente de Weber.

— Ah! Entendi! Lupin roubou as roupas do sr. Lenormand e tramava

usá-las para escapar.

— Sim... Sim...

— Nada mau — exclamou o subchefe. — É bem o estilo dele. Teríamos encontrado Lupin disfarçado de Lenormand, provavelmente amarrado. Seria, para ele, a salvação... Só que não teve tempo, não é?

— Sim... Sim...

Porém, pelo olhar do moribundo, Weber sentiu que havia algo mais; não era esse o segredo. Qual seria, então? Que enigma era aquele, estranho e indecifrável, que o agonizante procurava revelar antes de morrer? Perguntou:

— E o sr. Lenormand, onde está?

— Ali...

— Como assim? Ali?

— Sim.

— Mas só estamos nós aqui!

— Tem... tem...

— Fale...

— Tem... Ser... Sernine...

— Sernine? Como? O quê?

— Sernine... Lenormand...

O sr. Weber deu um pulo. Uma ideia súbita o invadiu.

— Não, não é possível — ele murmurou. — É loucura.

Olhou para o prisioneiro. Sernine parecia achar tudo engraçadíssimo e assistia à cena como um espectador que se diverte e aguarda o desfecho com curiosidade.

Exausto, Altenheim caíra de lado. Morreria sem esclarecer o enigma que suas obscuras palavras anunciavam? Abalado por uma hipótese absurda, inverossímil, que ele procurava afastar mas que persistia, Weber não se conteve:

— Explique-se... O que há por trás disso? Qual é o mistério?

O outro parecia não ouvir, inerte, os olhos parados. Weber se deitou ao lado dele e falou com bastante clareza, querendo que cada sílaba penetrasse no fundo daquela alma já mergulhada na sombra:

— Ouça... Foi o que entendi, não é? Lupin e Lenormand...

Foi preciso um esforço para continuar, de tanto que a frase parecia

assombrosa. No entanto, os olhos mortos do barão pareciam contemplá-lo com aflição. Ele concluiu, tremendo de emoção, como se proferisse uma blasfêmia:

— É isso, não é? Tem certeza? Os dois são a mesma pessoa?

Os olhos não se moviam mais. Um filete de sangue escorreu pelo canto da boca... Dois ou três soluços... Uma última convulsão e acabou. Sob o teto baixo do porão entupido de gente, fez-se um pesado silêncio. Quase todos os policiais que vigiavam Sernine tinham os olhos fixos no moribundo e, estupefatos, sem compreender ou se negando a compreender, ainda *ouviam* a incrível acusação que o bandido não havia podido confirmar.

Weber abriu a caixa encontrada no pacote de sarja preta. Dentro havia uma peruca de cabelos grisalhos, óculos com aro de prata, um cachecol marrom e, num fundo falso, potes de maquiagem. Além disso, em um compartimento, havia pequenos cachos de cabelos grisalhos, em suma, todo o necessário para formar a imagem de Lenormand.

Aproximou-se de Sernine e, depois de olhá-lo por um momento sem nada dizer, pensativo, reconstituindo todas as fases daquela história, perguntou baixinho:

— Então é verdade?

Sem perder a sua sorridente calma, o príncipe respondeu:

— A hipótese não deixa de ser elegante e ousada. Mas, para começar, diga a seus homens que parem de me ameaçar com seus brinquedos.

— Está bem — aceitou Weber, fazendo sinal aos policiais. — Mas responda.

— O quê?

— É o sr. Lenormand?

— Sou.

O tumulto foi geral. O próprio Jean Doudeville, cúmplice de Sernine, ali presente enquanto o irmão vigiava a saída secreta, o olhava atônito. Com a respiração suspensa, Weber permanecia indeciso.

— Incrível, não é? — disse Sernine. — Confesso que acho muito

engraçado... Nossa, como você me fez rir algumas vezes quando trabalhávamos juntos, nós dois, chefe e subchefe! E o mais engraçado é que você achava que o bravo Lenormand estava morto... morto como o pobre Gourel. No entanto não, meu velho, o homem ainda estava vivo...

Ele apontou para o cadáver de Altenheim.

— Foi esse bandido que me jogou no rio, dentro de um saco, com um paralelepípedo amarrado na cintura. Só que se esqueceu de pegar meu canivete... E com um canivete a gente fura sacos e corta cordas. É no que dá, infeliz Altenheim... Se tivesse pensado nisso, não estaria nesse estado. Mas são coisas do passado... Descanse em paz!

Weber ouvia sem saber o que pensar. Por fim fez um gesto de desânimo, como se desistisse de procurar entender.

— Algemem-no — ordenou, subitamente assustado.

— É tudo que tem a dizer? — perguntou Sernine. — Que falta de imaginação... Mas se acha necessário...

Vendo Doudeville na primeira fileira dos seus algozes, estendeu para ele as duas mãos:

— Tenha a honra, meu amigo, e não se preocupe. Sigo as regras... já que não tenho outra escolha.

Isso foi dito de uma forma que indicava a Doudeville que a luta estava suspensa naquele momento, ou seja, deviam aceitar o fato. O rapaz prendeu as algemas. Sem mover os lábios, sem a menor contração no rosto, Sernine cochichou:

— Rua de Rivoli, 27... Geneviève.

Era visível a satisfação de Weber diante do espetáculo. Ele bradou:

— Para a Sûreté, vamos!

— Isso, para a Sûreté — exclamou Sernine. — Lenormand vai prender Arsène Lupin, que vai prender o príncipe Sernine.

— É galhofeiro demais, Lupin.

— É verdade, Weber. Não temos mesmo como nos entender.

Durante todo o percurso, num automóvel escoltado por três outros repletos de policiais, ele não disse mais uma palavra. Passaram muito rapidamente pela Sûreté, apenas para o registro antropométrico, com Weber sempre preocupado com as muitas fugas empreendidas por

Lupin. Depois o prisioneiro foi encaminhado à delegacia e, logo em seguida, à prisão de La Santé. Avisado por telefone, o próprio diretor o esperava. As formalidades de registro e de revista foram breves.

Às sete horas da noite, o príncipe Paul Sernine tomou posse da cela catorze, na ala dois.

— Nada mau esse seu apartamento... de fato — ele declarou. — Luz elétrica, aquecimento central, vaso sanitário... Todo o conforto moderno... Perfeito, negócio fechado. Senhor diretor, é com o maior prazer que reservo este apartamento.

Jogou-se na cama.

— Ah! Tenho ainda um favorzinho a pedir.

— Qual?

— Que não tragam meu chocolate quente matinal antes das dez horas... estou caindo de sono.

E virou-se para a parede.

Cinco minutos depois, estava em sono profundo.

parte ii

Os três crimes de Arsène Lupin

8. Santé Palace

1

No mundo inteiro, foi uma gargalhada geral. É claro, a captura de Arsène Lupin causou enorme frisson e a opinião pública não economizou elogios à polícia pela tão esperada revanche, obtida de forma tão formidável. O grande aventureiro estava preso. O extraordinário, genial e invisível herói mofava, como qualquer bandido comum, entre as quatro paredes de uma cela, esmagado por essa força estupenda chamada Justiça, que, cedo ou tarde, fatalmente derruba os obstáculos que surgem e desmonta as artimanhas de seus adversários.

Tudo isso foi dito, impresso, repetido, comentado e repisado. O chefe de polícia recebeu a insígnia de Comendador da Legião de Honra, o sr. Weber a de Oficial. Foram exaltadas a competência e a coragem dos seus mais modestos colaboradores. Aplaudiu-se. Cantou-se vitória. Artigos foram escritos e discursos pronunciados.

Tudo ótimo! Não obstante, algo pairava sobre todo esse maravilhoso concerto de elogios, essa alegria esfuziante: uma louca hilaridade, enorme, espontânea, inextinguível e tumultuosa.

Há quatro anos Arsène Lupin chefiava a Sûreté!

Há quatro anos! Na prática e oficialmente, com todos os direitos que esse cargo confere, com a estima dos seus superiores, as boas graças do governo e a admiração geral.

Há quatro anos a tranquilidade da população e a defesa da propriedade estavam nas mãos de Arsène Lupin. Era ele o responsável pelo cumprimento da lei. Protegia o inocente e perseguia o culpado.

E quantos serviços não havia prestado! Nunca a ordem estivera tão garantida, nunca o crime fora tão segura e rapidamente desvendado! Bastava se lembrar do caso Denizou, do assalto ao Crédit Lyonnais, do

ataque ao trem expresso de Orléans, do assassinato do barão Dorf... Foram triunfos imprevistos e fulminantes, proezas magníficas que se comparavam às mais célebres vitórias dos mais ilustres policiais.

Há algum tempo, num dos seus discursos, por ocasião do incêndio do Louvre e da captura dos culpados, o presidente do Conselho, o ministro Valenglay, ao defender as maneiras um tanto arrojadas da ação do sr. Lenormand, havia proclamado:

Por sua clarividência e energia, por suas qualidades de decisão e de execução, seus procedimentos inesperados e recursos inesgotáveis, Lenormand nos lembra a única pessoa que, caso viva ainda fosse, poderia lhe fazer frente: Arsène Lupin. Lenormand é um Arsène Lupin a serviço da sociedade.

E agora descobria-se que Lenormand era Arsène Lupin!

Que se passasse por príncipe russo, tudo bem! Eram frequentes as metamorfoses de Lupin. Mas chefe da Sûreté! Que formidável ironia! Quanta fantasia ao longo dessa vida extraordinária e inigualável!

Lenormand! Arsène Lupin!

Explicavam-se, enfim, proezas que pareciam milagrosas e que, ainda recentemente, haviam deixado confusa a opinião pública e desconcertada a polícia. Compreendia-se o rapto do seu cúmplice em pleno Palácio de Justiça, à luz do dia, na data marcada. Ele próprio dissera: “Quando souberem da simplicidade dos meios que utilizei para essa fuga, a surpresa será enorme. Foi só isso?, as pessoas vão se perguntar. Foi, mas era preciso ter pensado antes”.

De fato, tanta simplicidade chegava a ser um pouco infantil: bastava ser o chefe da Sûreté.

E Lupin era o chefe da Sûreté. Com isso, por obedecerem às suas ordens, os policiais se tornavam seus cúmplices involuntários e inconscientes.

Que comédia! Que lance admirável! Monumental e reconfortante farsa em nossa época de frouxidão! Mesmo preso, mesmo irremediavelmente derrotado, apesar de tudo era Lupin o vencedor. Da sua cela, ele deslumbrava Paris. Mais do que nunca era ele o ídolo, era ele o Mestre!

No dia seguinte, ao despertar em seu apartamento do “Santé Palace”, como ele logo passou a chamar o local, Arsène Lupin rápida e

claramente percebeu o formidável alvoroço que sua prisão, sob a dupla identidade de Sernine e Lenormand, sob o duplo título de príncipe e chefe da Sûreté, inevitavelmente causaria.

Ele esfregou as mãos e proclamou:

— Nada melhor para fazer companhia a um solitário do que a aprovação dos seus contemporâneos. Ó glória, sol dos que estão vivos!...

Com a claridade do dia, a cela lhe pareceu ainda mais agradável. A janela, bastante alta, deixava visíveis os galhos de uma árvore, através dos quais se vislumbrava o azul do céu. As paredes eram brancas. Havia apenas uma mesa e uma cadeira, presas ao chão. Ainda assim, tudo era limpo e simpático.

— Vamos, uma pequena temporada de repouso terá seus encantos... Mas comecemos pela higiene do corpo. Tenho o necessário? Não... Nesse caso, chamemos a camareira.

Acionou um mecanismo próximo à porta, que disparou no corredor um sinal.

Pouco depois, ferrolhos e barras de ferro foram destravados do lado de fora, a fechadura fez um clique e um guarda apareceu.

— Água quente, meu amigo — pediu Lupin.

O homem olhou para ele, ao mesmo tempo surpreso e enfurecido.

— Ah, e uma toalhinha de asseio! Ora! Não tem toalhinha de asseio?

O guarda resmungou:

— Não está querendo se divertir às minhas custas, está? Não é um bom começo.

Ele já ia saindo, mas Lupin o puxou pelo braço com violência:

— Cem francos para levar uma carta ao correio.

Tirou do bolso uma nota de cem francos que havia passado pela revista e a ofereceu.

— A carta — respondeu o guarda, pegando o dinheiro.

— Preciso escrevê-la!... É rápido.

Sentou-se à mesa, lançou algumas palavras a lápis num papel, enfiou-o num envelope e o endereçou:

O guarda pegou a carta e saiu.

— Aí vai uma correspondência que chegará ao destinatário como se eu mesmo a levasse em mãos. Daqui a no máximo uma hora terei resposta. É o tempo de que preciso para entender a minha atual situação.

Sentado na cadeira, a meia-voz, ele resumiu:

— Tenho, no final das contas, dois adversários a combater: primeiro, a sociedade como um todo, que me mantém preso, mas não me preocupa; segundo, um personagem desconhecido que não me mantém preso, mas me preocupa. Foi quem disse à polícia que eu era Sernine. Foi quem descobriu que eu era Lenormand. Foi quem fechou a porta da passagem subterrânea e também quem provocou minha prisão.

Pensou por um segundo e continuou:

— Ou seja, a luta é entre ele e eu. E para continuarmos essa luta, ou seja, para descobrir e resolver o caso Kesselbach, eu estou preso e ele livre, desconhecido, inacessível e dispondo de dois trunfos que acreditei serem meus, Pierre Leduc e o velho Steinweg... Contas feitas, ele tem tudo para chegar ao que quer depois de me afastar em definitivo.

Nova pausa meditativa, seguida de novo monólogo:

— Nada brilhante essa situação. De um lado tudo, de outro nada. À minha frente, alguém com minha força, ou até mais, pois não tem os escrúpulos que me atrapalham. E não tenho armas para atacá-lo.

Maquinalmente repetiu várias vezes essas últimas palavras e por fim se calou. Apoiou a testa nas mãos e ficou pensativo até ver a porta se abrir.

— Por favor, senhor diretor, entre — ele convidou.

— Estava me esperando?

— Não lhe escrevi pedindo que viesse? Nem por um segundo tive dúvida de que o guarda lhe entregaria minha carta. Tanto que coloquei no envelope suas iniciais, S. B., e sua idade, 42.

De fato, o diretor se chamava Stanislas Borély e tinha 42 anos. Era um homem de aparência agradável, personalidade calma, e tratava os

presos com toda a indulgência que fosse possível. Ele disse a Lupin:

— Não se enganou quanto à probidade do meu subordinado. Aqui está o seu dinheiro. Será devolvido quando for solto... Mas terá que passar pela revista outra vez.

Lupin seguiu o sr. Borély até a saleta reservada para isso, se despiu e, enquanto suas roupas eram inspecionadas com justificada desconfiança, ele próprio passou por um exame dos mais meticulosos.

Em seguida, foi levado de volta à cela, e o sr. Borély admitiu:

— Fico mais tranquilo tendo feito isso.

— E muito bem feito, senhor diretor. O seu pessoal abrilhanta esse ofício com muita delicadeza, e faço questão de dar prova da minha satisfação.

E deu outra nota de cem francos ao sr. Borély, que engoliu em seco.

— Como? Mas... de onde veio?

— Não quebre a cabeça, senhor diretor. Um sujeito como eu, levando a vida que levo, tem que estar sempre pronto para qualquer eventualidade, para que nenhum contratempo, por pior que seja, o pegue desprevenido, mesmo a prisão.

Com o polegar e o indicador da mão direita, ele segurou o dedo médio da mão esquerda e, com um golpe seco, o arrancou, para depois tranquilamente entregá-lo ao sr. Borély.

— Por favor, não se preocupe. Não é o meu dedo de verdade, mas um simples tubo coberto por uma película habilmente colorida, feito sob medida para se ajustar a meu dedo da forma mais realista.

E acrescentou, rindo:

— E de modo, é claro, a esconder uma terceira nota de cem francos... Fazer o quê? Cada um tem a carteira que pode... de acordo com as necessidades...

Ele parou de falar ao ver a expressão assustada do sr. Borély.

— Queira me desculpar, de forma alguma estava querendo impressioná-lo com meus pequenos truques de salão. Quis apenas mostrar que sou um cliente... um tanto... particular... e pedir que não me queira mal caso eu cometa certas infrações às regras gerais do seu estabelecimento.

O diretor havia se recomposto e falou de forma taxativa:

— Espero que se adapte a essas regras sem me obrigar a tomar medidas mais rigorosas...

— E o senhor lamentaria ter que chegar a esse ponto, não é? Pois é exatamente disso que quero poupá-lo, mostrando que nada vai me impedir de agir à vontade, de me corresponder com meus amigos, de defender os graves interesses a mim confiados fora daqui, de escrever aos jornais que publicam minhas declarações, de dar continuidade aos meus projetos e, para concluir, de preparar a minha fuga.

— A sua fuga!

Lupin riu com toda sinceridade.

— Veja só, senhor diretor... minha única desculpa para estar na prisão é sair dela.

O argumento não pareceu suficiente ao sr. Borély, que procurou também sorrir:

— Um homem prevenido vale por dois...

— Foi essa a minha intenção. Tome todas as precauções, sem deixar nenhuma de lado, para que mais tarde não possam acusá-lo. Por outro lado, agirei de maneira que, quaisquer que sejam os seus problemas após a minha fuga, pelo menos a sua carreira não fique prejudicada. Era o que eu queria dizer. Agora o senhor pode ir.

Enquanto Borély se retirava, muito intrigado com seu estranho hóspede e bastante inquieto com o que ele poderia estar tramando, o prisioneiro se jogou na cama, sussurrando:

— Meu velho Lupin, é muita desfaçatez! Até parece que você já sabe como sair daqui!

A prisão de La Santé foi construída a partir do conceito de irradiação. No centro do bloco principal há uma praça de onde partem todos os corredores, de forma que um preso não pode sair da sua cela sem ser imediatamente visto pela vigilância postada na cabine envidraçada que fica situada no meio dessa praça.

O que surpreende quem visita o lugar é encontrar, o tempo todo, detentos sem escolta que parecem circular como se estivessem livres. Na verdade, para ir de um lugar a outro, por exemplo, da cela à viatura penitenciária que os espera no pátio para levá-los ao Palácio de Justiça, onde são interrogados pelo juiz de instrução, eles atravessam linhas retas, cada qual terminando numa porta, que é aberta por um guarda cuja função específica é abri-la e controlar as duas linhas retas que ela rege.

Dessa maneira, prisioneiros que parecem livres são enviados de porta em porta, de controle em controle, como encomendas que passam de mão em mão.

Do lado de fora, guardas municipais recebem esses objetos e os dirigem a um dos compartimentos do “camburão”.

É essa a praxe.

Com Lupin, nada disso foi feito.

Desconfiou-se daquela caminhada pelos corredores. Desconfiou-se da viatura penitenciária. Desconfiou-se de tudo.

O subchefe Weber foi pessoalmente, acompanhado de doze dos seus melhores agentes, armados até os dentes, buscar o temível prisioneiro à porta da sua cela e o transportou num fiacre que tinha como cocheiro um dos seus homens. À direita e à esquerda, à frente e atrás, trotavam guardas municipais.

— Puxa! — exclamou Lupin. — Fico até comovido com tanta atenção. Uma guarda de honra. É formidável, Weber, você realmente tem o senso da hierarquia! E não esquece tudo que deve a seu chefe imediato.

Batendo no ombro dele, Lupin confidenciou:

— Estou pensando em pedir demissão, Weber. Vou designá-lo como meu sucessor.

— Isso já está quase feito — disse o subchefe.

— Que boa notícia! Estava um pouco preocupado com a minha fuga e agora fico mais tranquilo, tendo você como chefe dos serviços da Sûreté...

Weber não aceitou a provocação. No fundo, tinha um sentimento dúbio e complexo diante do adversário, um sentimento formado pelo temor que lhe inspirava Lupin, pela deferência que tinha pelo príncipe Sernine e pela admiração respeitosa que sempre demonstrara por Lenormand. Tudo isso misturado ao rancor, à inveja e ao ódio saciado.

Chegaram ao Palácio de Justiça. Nos corredores e celas subterrâneos a que eram levados os detentos, uma área conhecida como “Ratoeira”, agentes da Sûreté os esperavam, entre os quais Weber se alegrou em ver seus dois melhores auxiliares, os irmãos Doudeville.

— O dr. Formerie já chegou? — ele perguntou.

— Sim, chefe. O juiz de instrução está na sua sala.

Weber subiu a escada, seguido por Lupin junto aos Doudeville, um de cada lado.

— E Geneviève? — perguntou baixinho o prisioneiro.

— A salvo...

— Onde?

— Com a avó.

— A sra. Kesselbach?

— Em Paris, no hotel Bristol.

— Suzanne?

— Desaparecida.

— Steinweg?

— Não se sabe.

— A vila Dupont está sendo vigiada?

— Sim.

— A imprensa desta manhã era boa?

— Excelente.

— Ótimo. Para entrar em contato, sigam estas instruções.

Tinham chegado ao corredor interno do primeiro andar. Lupin colocou na mão de um dos irmãos uma bolinha de papel.

AO VER LUPIN ENTRAR, na companhia do subchefe, o dr. Formerie disse a seguinte frase arrebatadora:

— Ah, finalmente! Não tinha a menor dúvida de que um dia poríamos a mão em você.

— Nem eu, senhor juiz de instrução — respondeu Lupin. — E fico contente que o destino o tenha escolhido para que se faça justiça à pessoa honesta que eu sou.

“Está debochando de mim”, pensou Formerie, que, mantendo o mesmo tom irônico e sério, respondeu:

— Essa pessoa honesta deve explicações sobre, por enquanto, trezentos e quarenta e quatro casos de roubo, de assalto a residências, de fraude, de falsificação, de chantagem, de receptação etc. Trezentos e quarenta e quatro!

— Só isso? — indignou-se Lupin. — Fico envergonhado.

— Essa pessoa honesta tem hoje que se explicar a respeito do assassinato do cidadão Altenheim.

— Veja só, isso para mim é novidade. A ideia foi sua, senhor juiz de instrução?

— Exatamente.

— Estou impressionado! São notáveis os seus progressos, dr. Formerie.

— A posição em que estava quando foi preso não deixa a menor dúvida.

— Nenhuma, mas tomo a liberdade de fazer uma pergunta: de que morreu Altenheim?

— De um ferimento na garganta, feito com uma faca.

— E onde está essa faca?

— Não foi encontrada.

— Sendo eu o assassino, como não foi encontrada, já que fui pego ao lado do homem que teria assassinado?

— Acha então que o assassino...

— É o mesmo que degolou Kesselbach, Chapman e companhia. A

natureza do ferimento prova isso.

— E por onde ele teria escapado?

— Pelo alçapão que se encontra no mesmo lugar em que ocorreu o crime.

Formerie viu nisso uma boa ocasião para demonstrar sua astúcia:

— E como se explica que não tenha seguido um exemplo tão inspirador?

— Eu tentei, mas a saída estava bloqueada por uma porta que não consegui abrir. Foi durante essa tentativa que o assassino voltou à sala e matou o cúmplice, temendo revelações que provavelmente seriam feitas. Ao mesmo tempo, escondeu no armário, onde foi encontrado, o embrulho de roupas que eu havia preparado.

— Para que eram essas roupas?

— Para me disfarçar. Indo à vila das Glicínias, minha intenção era entregar Altenheim à Justiça, dar fim ao meu personagem de príncipe Sernine e reaparecer como...

— O sr. Lenormand. É o que vai dizer?

— Exatamente.

— Não.

— Como?

Formerie sorria zombeteiro, balançando o dedo indicador da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, e repetiu:

— Não.

— Como assim, não?

— Essa história pode ser boa para o público, meu amigo, mas não para o dr. Formerie. Não vai me fazer engolir isso de Lupin e Lenormand serem a mesma pessoa.

O juiz explodiu numa gargalhada e continuou:

— Lupin, chefe da Sûreté! Não! Invente o que quiser, isso eu não engulo! Há limite para tudo. Sou tolerante... mas não vamos exagerar... Cá entre nós, confesso que não entendo. Que novidade é essa?

Lupin o olhou surpreso. Apesar de tudo que sabia a respeito do juiz, não o imaginava tão presunçoso e tão cego. Uma única pessoa, naquele momento, negava a dupla personalidade do príncipe Sernine:

o dr. Formerie.

Lupin se voltou para o subchefe que, boquiaberto, ouvia:

— Meu bravo Weber, a sua promoção me parece um tanto comprometida. Pois se, no fim das contas, eu não sou Lenormand, isso quer dizer que ele existe... E se assim for, não tenho dúvida de que o dr. Formerie, com sua perspicácia, logo vai encontrá-lo... E nesse caso...

— Vamos encontrá-lo! — exclamou o juiz de instrução. — Vou cuidar disso e garanto que a acareação entre o senhor e ele não será coisa à toa.

Soltou uma gargalhada, batendo na mesa como se fosse um tambor.

— Essa é muito boa! Obrigado, não se morre de tédio a seu lado. Desse modo, sendo Lenormand, orquestrou a prisão do seu próprio cúmplice Marco!

— Perfeitamente! Foi preciso fazer um agrado ao presidente do Conselho e salvar o Gabinete. É um fato histórico.

Formerie se dobrava de tanto rir.

— Incrível, é mesmo de matar! Que ótima resposta, meu Deus! Vai correr o mundo. Nesse caso, pelo que diz, foi com você que fiz a investigação inicial no Palace, depois do assassinato do sr. Kesselbach?

— Foi comigo também que acompanhou o caso do diadema, quando eu era o duque de Charmerace — rebateu Lupin, sarcástico.

Formerie se contraiu, perdendo toda a alegria com aquela desagradável lembrança. De súbito, em tom grave, ele concluiu:

— Então vai insistir nessa versão absurda?

— Sou obrigado, pois é a verdadeira. Será fácil para o senhor, se pegar um navio para a Cochinchina, encontrar em Saigon provas da morte do verdadeiro Lenormand, o bom sujeito cuja identidade assumi. Poderá consultar seu atestado de óbito.

— Mais mentiras!

— Garanto, senhor juiz de instrução, que nada disso faz a menor diferença para mim. Se não concorda que eu seja Lenormand, não falamos mais nisso. Se prefere achar que matei Altenheim, fique à vontade. Vai acabar arranjando provas. Repito que nada disso tem a menor importância para mim. Considero nulas e descabidas todas as

suas perguntas e todas as minhas respostas. O seu inquérito pouco importa, pela simples razão de que estarei longe quando ele tiver terminado. Porém...

Sem fazer cerimônia, ele pegou uma cadeira, sentou-se à frente de Formerie, do outro lado da mesa, e continuou num tom seco:

— Há um porém: saiba que, apesar das aparências, não tenho tempo a perder, o que não é o seu caso. O senhor tem seus próprios negócios ... e eu, os meus. É pago para defender os seus, enquanto eu preciso pagar para defender os meus. E o meu negócio atual é desses que não toleram um minuto de distração, um segundo de pausa no preparo e na execução daquilo que é preciso ser feito. Assim sendo, devo prosseguir, e como me forçaram a temporariamente ficar girando os polegares entre as quatro paredes de uma cela, é a vocês dois que encargo desse meu interesse. Entendido?

Estava de pé, numa postura insolente e com uma expressão desdenhosa, mas tamanha era a sua capacidade de domínio que seus dois interlocutores não haviam ousado interrompê-lo.

Formerie preferiu rir, como alguém que se diverte.

— Muito engraçado! Pitoresco!

— Pitoresco ou não, juiz, é como vai ser. O meu processo, esclarecer se matei ou não, buscar meus antecedentes, meus delitos ou crimes do passado, são ninharias com que o senhor pode se distrair à vontade, contanto que em momento algum perca de vista a sua missão.

— Que vem a ser...? — perguntou Formerie, sempre com ironia.

— Que vem a ser assumirem minhas investigações relativas ao projeto Kesselbach e, sobretudo, encontrarem o tal Steinweg, cidadão alemão, sequestrado pelo falecido barão Altenheim.

— Que história é essa?

— É uma das que eu guardava para mim enquanto era, ou melhor, achava ser Lenormand. Parte dela se passou na minha sala, perto daqui, e Weber não deve desconhecer os fatos. Resumindo, o velho Steinweg sabe a verdade sobre o misterioso projeto que Kesselbach tinha em mente, e Altenheim, que também estava na pista, sumiu com Steinweg.

— Ninguém some assim com uma pessoa. Esse Steinweg tem que

estar em algum lugar.

— Com certeza.

— E sabe onde?

— Sei.

— Fico curioso...

— Está na vila Dupont, número 29.

Weber ergueu os ombros, surpreso:

— Na casa de Altenheim? Onde ele morava?

— Exatamente.

— É esse o crédito que se pode dar a todas essas tolices! Encontrei esse endereço num bolso do barão. Uma hora depois a casa foi ocupada por meus homens!

Lupin suspirou aliviado:

— É uma ótima notícia! Eu temia a ação do cúmplice, daquele que não consegui pegar, e um novo rapto de Steinweg. E os empregados?

— Não estavam mais lá.

— Claro, foram avisados por telefone pelo outro. Mas Steinweg continua lá.

Weber se impacientou:

— Não tem ninguém lá. Repito que meus agentes estão o tempo todo na casa.

— Senhor subchefe da Sûreté, eu lhe dou um mandado para que pessoalmente faça uma busca na mansão da vila Dupont... Preste-me contas amanhã do resultado.

Weber ergueu de novo os ombros e, sem se impressionar com a impertinência, apenas disse:

— Tenho coisas mais urgentes...

— Senhor subchefe da Sûreté, nada é mais urgente. Se demorar, todos os meus planos vão a pique. O velho Steinweg nunca mais falará.

— Por quê?

— Porque morrerá de fome se daqui a um, ou no máximo dois dias, não lhe derem o que comer.

— Isso é grave... Gravíssimo — murmurou Formerie após um minuto de reflexão. — Só que...

Ele sorriu.

— Infelizmente um grande defeito fere a sua revelação.

— Mesmo? Qual?

— É que tudo isso, sr. Lupin, não passa de uma enorme farsa... O que quer? Começo a conhecer seus truques, e quanto mais obscuros eles são, mais desconfio.

— Idiota — resmungou Lupin.

Formerie se levantou.

— Podemos dar por encerrado o interrogatório. Como vê, não passava de mera formalidade para colocar frente a frente dois duelistas. Agora que apresentamos nossas armas, falta apenas a obrigatória testemunha para o choque das espadas: o seu advogado.

— Pfff! Era só o que faltava!

— É indispensável.

— Fazer a Defensoria Pública trabalhar num caso assim... tão problemático?

— É necessário.

— Sendo assim, escolho o dr. Quimbel.

— Ah, o representante da Ordem... Nada mau, estará em boas mãos.

Terminada essa primeira sessão, enquanto descia a escada para a “Ratoeira” escoltado pelos dois Doudeville, com curtas frases imperativas o preso prescreveu:

— Que vigiem a casa de Geneviève... quatro homens o tempo todo. Também a sra. Kesselbach... elas correm perigo. Será dada uma busca na vila Dupont... estejam lá. Se descobrirem Steinweg, façam com que ele não fale logo... inventem alguma coisa, se necessário.

— Quando vai estar livre, patrão?

— Nada a fazer por agora... Aliás, não tenho pressa. Preciso

descansar.

No pátio, ele foi entregue aos guardas municipais, que cercavam a viatura.

— Para casa, meninos — ele disse. — E com cuidado. — Tenho um encontro comigo mesmo às duas horas em ponto.

O trajeto se passou sem incidentes.

De volta à cela, Lupin escreveu uma longa carta com instruções detalhadas para os irmãos Doudeville, além de outras duas cartas.

Uma para Geneviève:

Geneviève, você agora sabe quem sou e pode então compreender por que escondi o nome de quem, duas vezes, a carregou nos braços quando era pequena.

Geneviève, fui amigo de sua mãe, amigo longínquo cuja dupla existência ela ignorava, mas com quem sabia poder contar. Por isso, antes de morrer, ela me escreveu pedindo que cuidasse de você.

Por mais indigno que eu seja da sua estima, Geneviève, continuarei fiel àquele pedido. Não me expulse por completo do seu coração.

Arsène Lupin

A outra carta era endereçada a Dolores Kesselbach.

Apenas o interesse levou o príncipe Sernine à sra. Kesselbach. Mas uma imensa necessidade de apoiá-la o manteve próximo.

Agora que o príncipe Sernine é apenas Arsène Lupin, ele pede à sra. Kesselbach que não tire dele o direito de protegê-la de longe, como se protege alguém que não se verá mais.

Havia envelopes em cima da mesa. Ele pegou um, depois outro, e quando ia pegar o terceiro uma folha de papel branco chamou sua atenção. Nela estavam coladas algumas palavras, claramente recortadas de jornais. Ele leu:

A luta com Altenheim não foi boa para você. Desista do caso e prometo não me opor à sua fuga. Assinado: L. M.

Uma vez mais, veio a Lupin a mesma sensação de repulsa e terror que sempre lhe inspirava aquele ser inominável e fabuloso; a sensação de asco que se tem ao tocar num animal venenoso, num réptil.

— Ainda ele, mesmo aqui!

E era isso que o assustava: uma súbita percepção do poder do inimigo, tão grande quanto o seu próprio, mas dispondo de meios que ele não conhecia.

Suspeitou imediatamente do guarda. Mas como teriam corrompido um homem de modos tão duros e severos?

— Bom! No final das contas, é melhor assim! — ele exclamou. — Sempre lidei com a arraia-miúda. Para combater a mim mesmo, precisei me tornar chefe da Sûreté... Dessa vez estou bem servido! Tenho alguém que me passa a perna... com malabarismos, pode-se dizer... Se eu conseguir, do fundo da minha cela, evitar seus golpes e acabar com ele, encontrar Steinweg e arrancar do velho uma confissão, desvendar e levar adiante o caso Kesselbach, defender a viúva, conquistar para Geneviève a felicidade e a fortuna... Aí sim será porque Lupin... continua a ser o Lupin de sempre. Mas, para isso, tratemos de dormir.

Deitou-se na cama, murmurando:

— Steinweg, tenha só mais um pouco de paciência, não morra até amanhã à noite, e posso jurar...

Dormiu o restante do dia, a noite inteira e também a manhã. Por volta das onze horas, vieram avisá-lo que seu advogado o esperava no locutório e ele respondeu:

— Diga ao dr. Quimbel que se ele precisar de informações sobre tudo de que sou acusado basta que consulte os jornais dos dez últimos anos. Meu passado pertence à história.

Ao meio-dia, o mesmo cerimonial e as mesmas precauções da véspera para levá-lo ao Palácio de Justiça. Voltou a ver o mais velho dos irmãos Doudeville, trocou algumas palavras com ele e passou as três cartas que havia escrito. Por fim, chegou à sala do dr. Formerie.

Seu advogado já estava presente, com uma pasta recheada de documentos.

Lupin começou se desculpando:

— Que o Ilustríssimo me perdoe por não ter podido recebê-lo. Lamento também todo esse trabalho, aliás inútil, uma vez que...

— Sim, sim, já sabemos — interrompeu-o Formerie. — Estará ausente... Que seja. Mas enquanto isso façamos a nossa parte. Arsène Lupin, apesar de todas as nossas investigações, não temos dados exatos sobre o seu verdadeiro nome.

— Que coincidência! Nem eu!

— Sequer podemos afirmar que é o mesmo Arsène Lupin encarcerado na Santé em tal data e que escapou naquela primeira vez...

— Muito correto esse “primeira vez”.

— O que de fato temos — continuou Formerie — é uma ficha de Arsène Lupin no serviço antropométrico, que registra um Arsène Lupin muito diferente do seu registro atual.

— Isso me parece cada vez mais estranho.

— Referências diferentes, medidas diferentes, impressões digitais diferentes... Nem mesmo as fotografias têm qualquer relação. Peço então que estabeleça a sua identidade exata.

— É exatamente o que eu quero pedir. Vivi sob tantos nomes diferentes que acabei esquecendo o meu. Não sei mais quem sou.

— Recusa-se então a responder.

— Sim.

— Por quê?

— Porque sim.

— É essa a sua intenção?

— Sim. Como disse: esse seu inquérito não tem a menor importância. Ontem dei-lhe a incumbência que realmente interessa. Aguardo o resultado.

Formerie perdeu a paciência:

— E eu disse que não acredito nessa sua história, portanto não trataria disso.

— Se fosse verdade, por que foi à vila Dupont ontem, depois do nosso encontro, na companhia do bom Weber, e revistou cada canto da casa 29?

— Como sabe disso? — perguntou o juiz, parecendo sem graça.

— Pelos jornais.

— Quer dizer que lê jornais?

— É preciso se manter informado.

— De fato, por mero desengano de consciência, fui a essa casa, sumariamente e sem dar a menor importância...

— Pelo contrário, deu tanta importância e cumpre a missão de que o encarreguei de forma tão digna de elogio que nesse momento o

subchefe da Sûreté continua por lá.

Desconcertado, Formerie balbuciou:

— Que absurdo! O sr. Weber e eu temos mais com que nos preocupar.

Nesse momento um funcionário entrou e disse alguma coisa ao ouvido do juiz, que exclamou:

— Que ele entre!... Que ele entre!...

E se precipitando:

— E então, sr. Weber? Qual a novidade? Encontrou o tal homem...?

Ele nem mesmo procurava dissimular a ansiedade.

— Nada — respondeu o subchefe da Sûreté.

— Está certo disso?

— Afirmo não haver pessoa alguma naquela casa, viva ou morta.

— No entanto...

— É um fato, senhor juiz de instrução.

Pareciam ambos desconsolados, como se a convicção de Lupin os tivesse também contagiado.

— Como vê, Lupin... — lamentou Formerie.

E acrescentou:

— O máximo que podemos supor é que o velho Steinweg esteve lá, mas foi levado embora.

Lupin declarou:

— Anteontem de manhã ele ainda estava.

— E às cinco da tarde meus homens ocuparam a casa — lembrou Weber.

— Devemos então admitir que foi levado nesse ínterim — concluiu Formerie.

— Não — cortou Lupin.

— Acha que não?

A instintiva pergunta do juiz de instrução reconhecia de forma ingênua a superioridade de raciocínio do adversário, como uma espécie de submissão antecipada a tudo que ele decretasse.

— Mais do que isso — afirmou Lupin de maneira categórica. — É materialmente impossível que Steinweg tenha sido libertado nesse espaço de tempo. Ele está na casa 29 da vila Dupont.

Weber ergueu os braços para o teto.

— Isso é maluquice, pois estou vindo de lá! Vasculhei cada cômodo! Não se esconde uma pessoa como se esconde uma moeda de dois centavos.

— O que fazer então? — gemeu Formerie.

— O que fazer? — respondeu Lupin, repetindo a pergunta. — É simples. Chamar um carro e me levar, tomando todas as precauções que quiser, à casa 29 da vila Dupont. É uma hora agora. Às três terei descoberto Steinweg.

A proposta era precisa, imperiosa, exigente. Os dois magistrados sentiram o peso daquela formidável autoridade. Formerie olhou para Weber. Por que não, afinal? Que mal podia haver em tentar?

— O que acha, sr. Weber?

— Hum... não sei....

— Trata-se da vida de um homem.

— Isso é verdade... — admitiu o subchefe, que começava a refletir melhor.

A porta se abriu. Um funcionário trouxe uma mensagem, que Formerie abriu e que trazia as seguintes palavras:

Tomem cuidado. Se Lupin entrar na casa da vila Dupont, sairá livre. Sua fuga foi preparada. — L. M.

Formerie ficou lívido. O perigo do qual acabava de escapar o apavorou. Uma vez mais Lupin o havia manipulado. Não existia Steinweg algum. Num tom de voz muito baixo, deu graças a Deus. Sem o milagre daquele bilhete anônimo estaria perdido, desmoralizado.

— Basta por hoje — ele decidiu. — Retomaremos o interrogatório amanhã. Guardas, levem o acusado de volta ao presídio.

Lupin não protestou. Imaginou que o golpe tinha vindo *do outro*. Calculou haver vinte chances contra uma para que a libertação de Steinweg não pudesse ocorrer naquele momento. Mas ainda restava essa vigésima primeira chance... Não havia por que se desesperar. Então disse, com toda simplicidade:

— Proponho nos encontrarmos amanhã de manhã, senhor juiz, no

número 29 da vila Dupont.

— Está louco? Já disse que não!

— Mas digo que sim, e isso basta. Amanhã, às dez horas. Seja pontual.

Como das outras vezes, assim que entrou na cela, Lupin se deitou e, bocejando, pensou:

“Na verdade, nada melhor para o bom andamento dos meus negócios do que a minha situação atual. Cada dia dou um empurrãozinho que movimenta toda a engrenagem e é só esperar o dia seguinte. As coisas acontecem por si mesmas. Que tranquilidade para um homem assoberbado de trabalho como eu!”

Virando-se para a parede, concluiu:

“Steinweg, caso aprecie a vida, não morra já! Peço só mais alguma boa vontade. Faça como eu: durma.”

Acordando apenas para a refeição, ele mais uma vez dormiu até a manhã seguinte. Foi o barulho das fechaduras e dos ferrolhos que interrompeu seu sono.

— De pé — disse o guarda. — Vista-se... Rápido.

Weber e seus homens esperavam no corredor e o levaram até o fiacre.

— Cocheiro, vila Dupont, 29 — disse Lupin, subindo a bordo. — E estamos com pressa...

— Ah! Sabe então para onde vamos? — comentou o subchefe.

— É claro, pois marquei ontem com Formerie no número 29 da vila Dupont, às dez horas. Quando Lupin diz uma coisa, essa coisa acontece. Prova disso...

Já a partir da rua Pergolèse o aparato policial empregado alegrou o prisioneiro. Uma quantidade respeitável de agentes atravancava a rua. A vila Dupont fora pura e simplesmente interditada.

— Um verdadeiro estado de sítio — zombou Lupin. — Weber, distribua da minha parte um luís para cada um desses pobres rapazes que você incomodou sem razão alguma. Nossa! Deve estar mesmo apreensivo! Não sei como não me algemou.

— Esperava apenas que sugerisse — disse o subchefe.

— Não se acanhe, meu velho. É preciso que equilibre as forças entre

nós! E vocês hoje são só uns trezentos!

Com os punhos presos, ele desceu do carro diante da escada externa e foi imediatamente levado para onde Formerie aguardava. Os policiais saíram, ficando apenas Weber.

— Aceite minhas desculpas, senhor juiz de instrução — disse Lupin —, estou um ou dois minutos atrasado. Acredite que da próxima vez...

Formerie estava azul de raiva. Um tremor nervoso o agitava. Mas conseguiu dizer:

— Ouça, a minha esposa, a sra. Formerie...

Foi obrigado a se interromper, sem quase conseguir respirar, a garganta apertada.

— Como vai sua senhora? — perguntou Lupin, interessado. — Tive o prazer de dançar com ela no último inverno, no baile da prefeitura, e essa lembrança...

— Ouça — recomeçou o juiz de instrução. — A sra. Formerie recebeu ontem à noite um telefonema da mãe, pedindo que fosse vê-la com urgência. Ela atendeu de pronto ao chamado, mas infelizmente não pude acompanhá-la, pois estava estudando o seu dossiê.

— Estudando o meu dossiê? Que bobagem! — observou Lupin.

— À meia-noite — continuou o juiz —, vendo que ela não voltava, preocupado, fui à casa da mãe dela. Minha esposa não estava lá. Minha sogra não havia telefonado. Tudo não passava de uma abominável cilada, e até agora ela não voltou para casa.

— Ah! — indignou-se Lupin.

Depois, tendo pensado um pouco, continuou:

— Pelo que me lembro, a sra. Formerie é muito bonita, não é?

O juiz pareceu não compreender. Andou até Lupin e, ansioso, numa pose um tanto teatral, completou:

— Esta manhã fui avisado por carta que minha mulher estará de volta assim que Steinweg for encontrado. Aqui está a carta, assinada por Lupin. É sua?

Lupin examinou a carta e concluiu gravemente:

— De fato, é minha.

— Está querendo conseguir de mim o comando das buscas relativas a Steinweg?

— É o que exijo.
— E minha mulher será imediatamente libertada?
— Será.
— Mesmo que essas buscas sejam infrutíferas?
— Tal hipótese não é admissível.
— E se eu recusar? — revoltou-se Formerie, num arroubo imprevisto.

Lupin murmurou:

— Uma recusa poderia ter consequências graves... A sra. Formerie é bonita...

— Que seja. Procure... fique à vontade — resmungou o juiz cruzando os braços como quem sabe se resignar, quando necessário, diante da força maior dos acontecimentos.

Weber não dissera uma palavra, mas furiosamente mordida o bigode e era clara a raiva que sentia por ser obrigado a mais uma vez ceder aos caprichos daquele inimigo vitorioso mesmo quando vencido.

— Vamos subir — disse Lupin.

Todos subiram.

— Abram a porta desse quarto.

Foi aberta.

— Tirem minhas algemas.

Houve um minuto de hesitação. Formerie e Weber se entreolharam.

— Tirem minhas algemas — repetiu Lupin.

— Assumo a responsabilidade — disse o subchefe.

Fazendo um sinal aos oito homens que o acompanhavam, determinou:

— Arma em punho! Assim que eu mandar, fogo!

Os policiais sacaram seus revólveres.

— Guardem as armas — ordenou Lupin. — E mãos nos bolsos.

Diante da hesitação geral, ele declarou:

— Dou minha palavra de honra de que estou aqui para salvar a vida de um homem que agoniza e não tentarei fugir.

— A honra de Lupin... — ironizou um dos policiais.

Um pontapé seco na perna o fez urrar de dor. Todos os seus colegas se adiantaram, revoltados.

— Parem! — gritou Weber, pondo-se no caminho. — Continue, Lupin. Tem uma hora... Se dentro de uma hora...

— Não aceito condições — respondeu o intransigente prisioneiro.

— Pois faça como quiser, animal! — rosnou irritado o subchefe, recuando e fazendo com que seus homens o acompanhassem.

— Maravilha — disse Lupin. — Vou poder trabalhar com mais tranquilidade.

Sentou-se numa poltrona confortável, pediu um cigarro, esperou que o acendessem e passou a lançar para o teto anéis de fumaça, enquanto todos esperavam com uma curiosidade que sequer procuravam disfarçar.

Passado algum tempo, ele enfim disse:

— Weber, mande que desloquem a cama.

A cama foi deslocada.

— Tirem os cortinados.

Foram tirados.

TEVE INÍCIO UM prolongado silêncio. Parecia uma dessas experiências de hipnotismo a que assistimos com um misto de ironia e ansiedade, um obscuro medo de que coisas misteriosas possam acontecer. Quem sabe veriam um moribundo surgir do nada, trazido pelo encantamento irresistível do mágico. Quem sabe veriam...

— O quê? Já?... — surpreendeu-se Formerie.

— Já — respondeu Lupin. — Acha que fico em minha cela sem pensar em coisa alguma, e que o forcei a me trazer aqui sem ter uma ideia formada sobre a questão?

— E então? — apressou-o Weber.

— Mande um dos seus homens até o quadro das campainhas elétricas. Deve ser para o lado da cozinha.

Um dos agentes foi convocado e saiu.

— Agora, aperte o botão dessa campainha elétrica que fica à altura da cama... Muito bem. Aperte forte e insista... Chega. Pode chamar o sujeito que foi mandado para lá.

Um minuto depois, o agente estava de volta.

— E então, companheiro, ouviu a campainha?

— Não.

— Algum dos números do quadro deu sinal?

— Não.

— Ótimo, não me enganei — disse Lupin. — Weber, por favor, desatarraxe essa campainha, que é falsa, como pode ver. Isso... comece girando essa parte de porcelana em volta do botão... muito bem. E agora, o que vê?

— Uma espécie de funil — respondeu o subchefe. — Pode ser a extremidade de um tubo.

— Incline-se... Ponha a boca nesse tubo, como se fosse um megafone.

— Pronto.

— Chame... Chame: “Steinweg!... Ei! Steinweg!”. Não precisa gritar... fale normalmente. E aí?

— Nada.

— Tem certeza? Ouça bem... Resposta nenhuma?

— Nenhuma.

— Azar. Deve ter morrido... ou está sem condições de responder.

Formerie se alarmou:

— Nesse caso tudo está perdido.

— Nada está perdido — retrucou Lupin. — Só será mais demorado. Esse tubo tem duas extremidades, como qualquer tubo; precisará segui-lo até a outra extremidade.

— Teremos que pôr a casa abaixo.

— Que exagero... Nada disso. Vocês vão ver...

Ele próprio se pôs ao trabalho, tendo em volta os agentes, que, aliás, estavam muito mais interessados em vê-lo agir do que em vigiá-lo.

Passou para o outro quarto e de imediato, como tinha previsto, viu um cano de chumbo que saía de uma quina e subia até o teto, como se fosse para água corrente.

— Ahá! — alegrou-se Lupin. — É no alto! Muito esperto... Em geral se procura no subsolo...

Descoberto o conduto, era só segui-lo. Chegaram então ao segundo andar, depois ao terceiro e, por fim, às mansardas. Descobriram que o teto de uma delas estava furado e a tubulação passava dali para um sótão baixo, também perfurado no alto.

Só que, mais acima, havia apenas o telhado.

Foi trazida uma escada e eles atravessaram uma lucarna. O telhado era feito de placas de metal.

— Estamos na pista errada — declarou Formerie.

Lupin balançou os ombros e disse:

— De forma alguma.

— Mas o tubo vai dar nas chapas do telhado.

— Isso prova que entre essas placas e o alto do sótão há um espaço livre, onde encontraremos o que procuramos.

— Impossível.

— É o que vamos saber. Ergam as placas... Não, aí não... É por aqui que o tubo deve sair.

Três policiais executaram a ordem. Um deles exclamou:

— Aqui!

Todos se debruçaram. Lupin estava certo. Sob as placas apoiadas num madeiramento já bastante podre, havia uma área livre com no máximo um metro de altura no ponto mais espaçoso.

O primeiro policial a se aventurar atravessou o forro e caiu no sótão.

Foi preciso continuar por cima do telhado, erguendo com todo o cuidado as placas de metal.

Um pouco adiante havia uma chaminé. Lupin, que seguia à frente, orientando o trabalho dos policiais, parou e disse:

— Ali está.

Um homem, que mais parecia um cadáver, estava deitado. Todos viram, à luz clara do dia, aquele rosto lívido e contorcido de dor. Correntes o prendiam a argolas de ferro chumbadas na chaminé. Havia duas tigelas a seu lado.

— Está morto — proclamou o juiz de instrução.

— Como sabe? — respondeu Lupin, deslizando um pouco e testando com o pé o forro, que ali parecia mais sólido. Aproximou-se do corpo.

Formerie e Weber foram atrás.

Depois de um rápido exame, Lupin declarou:

— Ainda respira.

— É verdade — concordou Formerie. — O coração bate fraco, mas

ainda bate. Acha que pode ser salvo?

— Claro que sim, já que não está morto — garantiu Lupin, seguro de si.

E ordenou:

— Leite, agora mesmo! Leite com água de Vichy. Rápido! Vou salvá-lo.

VINTE MINUTOS DEPOIS, o velho Steinweg abria os olhos.

Lupin, que estava ajoelhado a seu lado, murmurou de forma bem clara, de maneira que suas palavras ficassem gravadas no cérebro do doente:

— Ouça, Steinweg, não revele a ninguém o segredo de Pierre Leduc. Eu, Arsène Lupin, pagarei o preço que pedir. Deixe tudo comigo.

O JUIZ DE INSTRUÇÃO pegou Lupin pelo braço e perguntou, muito sério:

— E minha esposa?

— Está em sua casa, esperando-o impaciente.

— Como assim?

— Ora, senhor juiz, nunca duvidei de que aceitaria esse pequeno passeio que fizemos. Seria inadmissível qualquer recusa da sua parte.

— Por quê?

— A sra. Formerie é muito bonita.

9. Uma página de história moderna

1

Lupin lança com violência os punhos para a direita e para a esquerda e os recolhe junto ao peito, repetindo trinta vezes essa movimentação. Então move o tronco para a frente e para trás, seguido de uma elevação alternada das pernas e uma rotação também alternada dos braços.

Isso tudo por quinze minutos; quinze minutos dedicados toda manhã a exercícios de ginástica sueca, para desenferujar os músculos.

Feito isso, ele se põe à mesa, pega folhas de papel branco dispostas em pacotes numerados e, dobrando uma delas, faz um envelope; repete essa operação com várias e sucessivas folhas.

Era a tarefa que ele havia aceitado e à qual diariamente se submetia. Os detentos podiam escolher, entre as atividades disponíveis, como confecção de envelopes, leques de papel, bolsas de metal e outras, a de sua preferência.

Enquanto usava as mãos nessa ocupação mecânica e fortalecia os músculos graças aos exercícios, Lupin não parava de pensar em seus negócios.

De repente, ouviu o ranger das trancas e da fechadura.

— Ah! É você, meu excelente guardião? Já chegou a hora do preparativo final, o corte de cabelo que antecede o grande corte derradeiro?

— Não — disse o homem.

— O inquérito, então? O passeio ao Palácio? É estranho, pois nosso bom juiz Formerie me avisou que agora, por prudência, ele me interrogará aqui mesmo nesta cela. E devo confessar que isso contraria um pouco meus planos.

— É uma visita — disse o lacônico carcereiro.

“Até que enfim”, alegrou-se Lupin.

Enquanto caminhava para o locutório, ia completando o pensamento:

“Nossa, se for quem acho que é, isso quer dizer que me viro bastante bem! Em quatro dias, e do fundo de uma cela, ter planejado tudo, que golpe de mestre!”

Em geral, depois de obterem uma autorização formal assinada pelo diretor da Primeira Divisão da Chefatura de Polícia, os visitantes são levados às estreitas celas que servem de locutório na penitenciária. Essas celas são divididas ao meio por duas grades, distantes cinquenta centímetros uma da outra, e têm duas portas que dão para corredores distintos. O preso entra por uma delas e o visitante por outra. Não podem então se tocar, falar em voz baixa nem trocar qualquer objeto. Em determinados casos, um guarda pode assistir à conversa.

Na presente ocasião, coube ao chefe da guarda essa honra.

— Quem diabo pode ter conseguido autorização? — resmungou Lupin ao entrar. — Nem é o meu dia de receber visita.

Enquanto o guarda fechava a porta, ele se aproximou da grade e examinou a pessoa que estava atrás da outra, mal podendo distinguir seus traços na semiescuridão.

— Ah! É o meu caro Stripani! Que coisa boa!

— Sim, eu mesmo, querido príncipe.

— Não, nada de títulos, por favor. Renunciei aqui a todas essas fatuidades da vaidade humana. Pode me chamar de Lupin, está mais de acordo com a situação.

— Pode ser, mas foi o príncipe Sernine que conheci, o príncipe Sernine que me salvou da miséria, devolveu-me a felicidade e a fortuna. Para mim, o senhor será sempre o príncipe Sernine.

— Vamos ao que interessa, Stripani... Ao que interessa! Os minutos do chefe da guarda são preciosos e não temos o direito de abusar. Em poucas palavras, o que o traz aqui?

— O que me traz aqui? Deus do céu! É bem simples. Achei que não devia procurar outra pessoa para concluir a obra que começou. Além disso, só o senhor teve em mãos todos os elementos para, naquela época, restaurar a verdade e me salvar. Assim sendo, só o senhor pode

me proteger de uma nova ameaça. O próprio chefe de polícia assim entendeu, quando expus a situação...

— De fato, bem que estranhei essa autorização para me visitar.

— Era impossível recusar, meu príncipe. Urge que intervenha num caso em que estão em jogo tantos interesses, e não somente meus, mas de personagens do alto escalão, como bem sabe...

De canto de olho, Lupin observava o guarda, que ouvia atento, com o tronco inclinado, louco para descobrir o significado secreto daquelas estranhas palavras.

— Assim sendo?... — perguntou Lupin.

— Assim sendo, meu caro príncipe, peço que reúna todas as suas lembranças a respeito daquele documento impresso, escrito em quatro línguas, cujo início pelo menos se referia...

Um soco no maxilar, pouco abaixo da orelha. O chefe da guarda balançou por dois ou três segundos e, como um volume inerte, sem um gemido, caiu nos braços de Lupin.

— Certo, Lupin — ele próprio se parabenizou. — Trabalho dos mais limpos. Diga, Steinweg, trouxe o clorofórmio?

— Tem certeza de que o apagou?

— E como! Por três ou quatro minutos... mas isso não basta.

O alemão tirou do bolso um tubo de cobre que fez se alongar como um telescópio, e em cuja ponta estava preso um frasco.

Lupin pegou o frasco, derramou algumas gotas num lenço e o aplicou no nariz do chefe da guarda.

— Ótimo! Isso basta. Vou ganhar de oito a quinze dias de solitária... mas são ossos do ofício.

— E eu?

— Você? O que quer que lhe façam?

— Bem, esse soco...

— Não teve nada com isso.

— E a autorização para vir vê-lo? É simplesmente falsa.

— Não teve nada com isso.

— Usei-a para vir.

— Explico: você deu entrada ontem numa solicitação legal em nome de Stripani. Esta manhã recebeu uma resposta oficial. Nada tem a ver

com o resto. Só meus amigos, que forjaram a resposta, podem ter problemas. Vá ver se alguém está vindo...

— E se nos interromperem?

— Por que nos interromperiam?

— Estranharam quando mostrei minha autorização para ver Lupin.

O diretor me chamou e a examinou por todos os lados. É provável, inclusive, que tenha telefonado para a Chefatura de Polícia.

— Tenho certeza disso.

— E então?

— Tudo foi previsto. Não se preocupe, conversemos. Já que veio, imagino que saiba do que se trata.

— Seus amigos explicaram...

— E aceita?

— O homem que me salvou da morte pode dispor de mim como bem entender. Eu posso fazer o que for e ainda estarei em dívida.

— Antes de me contar o segredo, lembre-se da posição em que me encontro... preso, sem nada poder...

Steinweg riu:

— Por favor, não brinque. Revelei o segredo a Kesselbach porque ele era rico e poderia, melhor do que ninguém, tirar partido dele. Mas por mais que esteja preso e sem nada poder, acho-o cem vezes mais habilitado do que Kesselbach com seus cem milhões.

— Oh!

— Sabe muito bem disso! Cem milhões não teriam bastado para descobrir o buraco em que eu agonizava, muito menos para me trazer aqui e falar por uma hora com esse tal preso que nada pode. É preciso algo mais. E você tem esse algo mais.

— Nesse caso, fale. E comece do início. O nome do assassino?

— Isso é impossível.

— Como assim? Você o conhece e prometeu me contar tudo.

— Tudo, menos isso.

— Mas...

— Depois.

— Está louco? Por quê?

— Não tenho provas. Depois, quando estiver livre, procuraremos

juntos. E, aliás, para quê? Realmente não posso.

— Tem medo dele?

— Tenho.

— Normal — concordou Lupin. — Na verdade, não é o mais urgente. Quanto ao resto, está resolvido a falar?

— Sobre todo o resto.

— Ótimo! Como se chama Pierre Leduc?

— Hermann IV, grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz, príncipe de Berncastel, conde de Fistingen, senhor de Wiesbaden e de outras localidades.

Lupin ficou feliz da vida, descobrindo enfim que o seu protegido não era filho de um vendedor de salsichas.

— Nossa! — ele murmurou. — Título é o que não falta! Que eu saiba, o grão-ducado de Deux-Ponts-Veldenz fica na Prússia, não?

— Isso, no rio Moselle. A Casa de Veldenz é um ramo da casa palatina de Deux-Ponts. O grão-ducado foi ocupado pelos franceses depois do tratado de Lunéville e incorporado ao departamento de Mont-Tonnerre. Em 1814, foi restaurado, tendo no trono Hermann I, bisavô do nosso Pierre Leduc. O filho, Hermann II, teve uma juventude tumultuada, se arruinou, dilapidou as finanças do Estado e acabou sendo detestado por seus súditos, que incendiaram parte do velho castelo de Veldenz e o expulsaram. O grão-ducado passou então a ser administrado por três regentes em nome de Hermann II, que, anomalia bastante curiosa, não abdicou do título de grão-duque reinante. Viveu bastante pobre em Berlim, mais tarde participou da campanha contra a França ao lado de Bismarck, de quem era amigo, foi gravemente ferido por um obus no cerco de Paris e, ao morrer, confiou a Bismarck seu filho Hermann... Hermann III.

— Pai do nosso Pierre Leduc — concluiu Lupin.

— Exato. Hermann III caiu nas graças do chanceler, que várias vezes fez dele seu enviado secreto junto a diversas personalidades estrangeiras. Quando seu protetor caiu, Hermann III deixou Berlim, viajou e acabou se fixando em Dresden. Estava presente quando Bismarck morreu, e ele próprio morreu dois anos depois. São fatos

públicos, conhecidos de todos na Alemanha. É a história dos três Hermann, grão-duques de Deux-Ponts-Veldenz no século XIX.

— E o último, Hermann IV, o que realmente nos interessa?

— Falaremos dele em seguida. Vamos antes aos fatos ignorados.

— Que só você conhece — disse Lupin.

— Só eu e mais uns poucos.

— Outros? Não se guardou então o segredo?

— Sim, o segredo foi bem guardado por quem o conhecia. Não se preocupe, são pessoas que de forma alguma querem a sua divulgação.

— Como você sabe, então?

— Por um antigo empregado e secretário particular do grão-duque Hermann III. Esse homem, que morreu nos meus braços na Cidade do Cabo, já tinha me contado que o grão-duque se casou clandestinamente e teve um filho. Depois me revelou o famoso segredo.

— Esse mesmo que você depois repassou a Kesselbach?

— Exato.

— Então fale.

Nesse instante, ouviu-se um barulho de chave na fechadura.

— Não diga nada — murmurou Lupin, encostando-se na parede, ao lado da porta.

Assim que a porta foi aberta, o prisioneiro a empurrou com violência e puxou o homem que entrava, um guarda que, surpreso, deu um grito.

— Bico fechado, companheiro. Se reagir, acabo com você.

O homem foi deitado no chão.

— Vai ficar calmo? Compreende a situação? Compreende? Ótimo... Onde está o seu lenço? Agora estenda as mãos... Bom, fico mais calmo. Ouça. Foi enviado por precaução, não é? Para ajudar o chefe, caso necessário? Bem pensado, mas um pouco tarde. Como vê, ele está morto! Qualquer gesto ou barulho que faça, também morre.

Tomou as chaves e enfiou uma delas na fechadura.

— Pronto, com isso teremos alguma paz.

— Do lado daí... mas e do meu? — observou o velho Steinweg.

— Por que viriam?

— Podem ter ouvido o grito.

— Acho que não. De qualquer forma, meus companheiros não lhe deram chaves falsificadas?

— Deram.

— Então trave a fechadura com uma delas... Fez isso? Ótimo! Temos agora pelo menos dez bons minutos pela frente. Vê só, amigo? As coisas que parecem mais difíceis são na verdade simples. Basta um pouco de sangue-frio e saber se adaptar às circunstâncias. Vamos, não fique impressionado e fale. Em alemão é melhor. O carcereiro não precisa participar dos segredos de Estado de que vamos tratar. Vá em frente, meu velho, fique à vontade. Estamos em casa.

Steinweg continuou:

— Na mesma noite em que Bismarck morreu, o grão-duque Hermann III e seu fiel servidor, meu amigo da Cidade do Cabo, pegaram um trem que os levou a Munique... a tempo de embarcarem

no expresso que partia para Viena. De Viena foram a Constantinopla, depois ao Cairo, a Nápoles, a Túnis. Em seguida, foram à Espanha, a Paris, Londres, São Petersburgo, Varsóvia... Sem parar em cidade alguma. Com apenas suas duas malas, pegavam um fiacre, percorriam ruas em velocidade, chegavam a outra estação, ou ao porto mais próximo, e tomavam um trem ou um navio.

— Ou seja, tinham medo de estar sendo seguidos e procuravam despistar — concluiu Arsène Lupin.

— Certa noite, deixaram a cidade de Tréveris vestindo macacões e bonés de operários, com um cajado no ombro e uma trouxa na ponta. Percorreram a pé os trinta e cinco quilômetros que os separavam de Veldenz, onde se situa o antigo castelo de Deux-Ponts, ou melhor, suas ruínas.

— Não precisa descrever.

— Ficaram o dia inteiro escondidos numa floresta dos arredores. Na noite seguinte, se aproximaram das velhas muralhas. Hermann mandou que o empregado o esperasse ali e escalou o muro num local em que havia uma fenda conhecida como Brecha do Lobo. Voltou uma hora depois. Na semana seguinte, após novas peregrinações, ele voltou para casa, em Dresden. Estava terminada a expedição.

— E qual a finalidade de tudo aquilo?

— O grão-duque nunca deu a menor explicação, mas, por certos detalhes e certas coincidências ocorridas, meu amigo pôde, pelo menos parcialmente, reconstituir os fatos.

— Rápido, Steinweg, não temos muito tempo e estou bastante curioso.

— Quinze dias depois da expedição, o conde Waldemar, oficial da guarda do imperador e seu amigo pessoal, foi à casa do grão-duque acompanhado por seis homens. Lá ficou o dia inteiro, sem que saíssem do escritório, e às vezes se ouviam violentas discussões. Meu informante inclusive ouviu a seguinte frase, num momento em que passava pelo jardim, próximo das janelas: “Esses papéis lhe foram entregues, sua majestade tem certeza disso. Se não os devolver agora mesmo...”. O restante da frase, o sentido da ameaça, e, aliás, de toda essa cena, podem ser facilmente deduzidos pelo que aconteceu em

seguida: a casa de Hermann foi revistada do porão ao sótão.

— Mas isso é ilegal.

— Seria se o grão-duque se opusesse, mas ele próprio acompanhou o conde nas buscas.

— E o que procuravam? As memórias do chanceler?

— Melhor do que isso. Procuravam um maço de documentos secretos, cuja existência era conhecida devido a indiscrições cometidas, e por certo sabiam que havia sido confiado ao grão-duque Hermann.

COM OS DOIS COTOVELOS apoiados na grade e os dedos crispados na malha de ferro, Lupin murmurou, pensativo:

— Documentos secretos... provavelmente da maior importância.

— De altíssima importância. Sua publicação teria resultados imprevisíveis, não só do ponto de vista da política interna mas também no que concerne às relações exteriores.

— Ah! Será possível? — murmurava Lupin, indócil. — Que provas tem?

— Provas? A própria mulher do grão-duque fez confidências ao meu amigo depois da morte do marido.

— De fato... de fato — balbuciava Lupin. — É como se viessem do grão-duque em pessoa.

— Mas isso não é tudo, temos algo mais concreto ainda! — exclamou Steinweg.

— Não diga!

— Um papel! Escrito de próprio punho e assinado, listando...

— Listando...?

— Os documentos secretos que lhe foram confiados.

— Em poucas palavras...

— Em poucas palavras é impossível. O relatório é longo, recheado de anotações, de observações às vezes incompreensíveis. Vou citar apenas dois títulos, de dois maços de documentos secretos. O primeiro: “Cartas originais do Kronprinz a Bismarck”. As datas mostram que essas cartas foram escritas durante os três meses do reinado de Frederico III. Para se ter ideia do que podem conter, basta

lembrar a doença do imperador, o seu desacordo com o filho...

— Sei... sei... E o outro título?

— “Fotografias das cartas de Frederico III e da imperatriz Vitória à rainha Vitória da Inglaterra.”

— Isso existe? Mesmo? — Lupin não se continha.

— Cito algumas anotações do grão-duque: “Texto do tratado com a Inglaterra e a França”. E as seguintes palavras, um tanto obscuras: “Alsácia-Lorena... Colônias... Limitação naval...”.

— Isso existe — murmurou Lupin. — E acha que são palavras obscuras? Pelo contrário, são luminosas! Ah, como é possível?...

UM BARULHO NA PORTA. Alguém bateu.

— Não pode entrar — gritou o prisioneiro. — Estou ocupado...

Bateram também do lado de Steinweg.

Lupin gritou ainda mais alto:

— Um pouco de paciência que em cinco minutos terminamos.

Voltou-se para o velho, num tom imperioso:

— Fique tranquilo e continue... Então acredita que a expedição do grão-duque e do seu amigo ao castelo de Veldenz tinha como finalidade apenas esconder esses documentos?

— Sem dúvida alguma.

— Mas o grão-duque pode tê-los tirado de lá depois disso.

— Não, ele não saiu de Dresden até morrer.

— E os inimigos do grão-duque, os que queriam reaver e destruir esses papéis, não podem tê-los procurado no lugar certo?

— As investigações que fizeram de fato os levaram até lá.

— Como sabe?

— Como pode imaginar, tudo isso me interessou, e a primeira coisa que fiz, depois de ter conseguido acesso às revelações, foi ir a Veldenz e me informar pessoalmente nos vilarejos da região. Soube que o castelo já havia sido duas vezes invadido por uma dúzia de homens vindos de Berlim, com o beneplácito dos regentes.

— E?

— E nada encontraram. Desde então não se pode mais ir ao castelo.

— Mas o que impede?

— Uma guarnição de cinquenta soldados, vigiando noite e dia.

— Soldados do grão-ducado?

— Não, soldados da guarda pessoal do imperador.

Vozes se ergueram no corredor, e outra vez alguém bateu à porta, chamando o chefe da guarda.

— Ele está dormindo, senhor diretor — respondeu Lupin, tendo reconhecido a voz do sr. Borély.

— Abra! É uma ordem!

— Não tenho como. A fechadura está travada. Se aceitar um conselho, mande fazer um corte em torno dessa fechadura.

— Abra!

— Estamos conversando sobre o destino da Europa. Não se importa com isso?

Voltando-se para o velho:

— Então não conseguiu entrar no castelo?

— Não.

— Mas está convencido de que os tais documentos estão lá.

— Não dei todas as provas disso? Não bastaram?

— Sim, bastaram — murmurou Lupin. — É onde estão escondidos... com certeza... É onde estão escondidos.

Ele tinha a impressão de estar vendo o castelo, de descobrir o misterioso esconderijo. A visão de um tesouro inesgotável, de arcas transbordando de pedras preciosas e outras riquezas não o entusiasmava mais do que a daqueles trapos velhos de papel vigiados pela guarda do kaiser. Que maravilhosa conquista seria! Digna dos seus talentos! E era incrível como, uma vez mais, sua clarividência e intuição o haviam guiado, lançando-o ao acaso naquela pista incerta!

Do lado de fora, atacavam a fechadura.

Ele perguntou ao velho Steinweg:

— De que morreu o grão-duque?

— De uma pleurisia, em poucos dias. Mal conseguiu recobrar a consciência, e o mais horrível, pelo que soube, era ver o tremendo esforço que fazia, entre dois acessos de delírio, para organizar as ideias e poder falar. Às vezes chamava a mulher e a olhava aflito, movendo os lábios sem nada conseguir articular.

— Resumindo: ele falou? — cortou Lupin, brusco, começando a se inquietar com o ataque à fechadura.

— Não, não falou. Mas num instante mais lúcido, concentrando toda a sua energia, conseguiu rabiscar sinais numa folha de papel que sua mulher lhe estendeu.

— E esses sinais?

— Indecifráveis, na maior parte...

— Na maior parte... E na menor? — quis saber Lupin, ansioso. — Nas outras partes?

— Primeiro, três algarismos perfeitamente distintos: um 8, um 1 e um 3...

— 813... Sei ... e depois?

— Depois algumas letras... várias letras entre as quais só foi possível reconstituir com certeza um grupo de três e, imediatamente depois, um grupo de duas.

— “Apoon”, não é?

— Ah, já sabe disso...

A fechadura estava sendo removida, quase não havendo mais parafusos que a prendessem. Lupin perguntou, na iminência de ser interrompido:

— Então essa palavra incompleta, “Apoon”, e o número 813 foi tudo que o grão-duque deixou à mulher e ao filho para que pudessem encontrar os documentos secretos?

— Foi.

Lupin agarrou a fechadura com as duas mãos para que não caísse.

— Senhor diretor, assim vão acabar acordando o chefe da guarda. É muita indelicadeza. Só mais um minuto, é possível? Steinweg, que fim levou a mulher do grão-duque?

— Morreu pouco depois do marido. De tristeza, pode-se dizer.

— E a criança? Ficou com parentes?

— Que parentes? O grão-duque não tinha irmãos nem irmãs. Além disso, era um casamento morganático e secreto. Não, a criança foi levada pelo meu amigo, o antigo empregado de Hermann, que o criou com o nome de Pierre Leduc. Era um menino rebelde, independente, de difícil convivência e com ideias estranhas. Um dia sumiu e não deu

mais notícia.

— Sabia do segredo do seu nascimento?

— Sabia, como também sabia do papel em que Hermann havia escrito as letras e o número 813 e a história toda.

— E depois só você teve conhecimento disso?

— Sim.

— E não contou a ninguém, além de Kesselbach?

— Somente a ele. Mas por prudência, mesmo tendo mostrado o papel com as letras e o número, assim como a lista de que falei, guardei comigo os dois documentos. A sequência dos fatos mostrou que fiz bem.

— E ainda tem esses documentos?

— Sim.

— Estão em segurança?

— Total.

— Em Paris?

— Não.

— Ótimo. Não esqueça que sua vida está em perigo e que o perseguem.

— Sei disso. O menor passo em falso e estou perdido.

— Exato. Então tome cuidado, despiste o inimigo, vá buscar os papéis e aguarde minhas instruções. Está tudo resolvido. Daqui a um mês, no máximo, iremos juntos ao castelo de Veldenz.

— E se eu estiver preso?

— Eu o soltarei.

— Acha possível?

— Assim que eu sair, no dia seguinte. Minto, na mesma noite... uma hora depois.

— Sabe como?

— Há dez minutos, sim. É infalível. Tem algo mais a dizer?

— Não.

— Então vou abrir.

Puxou a porta e humildemente disse:

— Sr. Borély, nem sei como me desculpar...

Não terminou a frase. A brusca entrada do diretor e de mais três

homens não permitiu.

Borély estava indignado, lívido de raiva. Ver os dois guardas no chão o deixou transtornado:

— Mortos!

— Mas o que é isso? De jeito nenhum — ironizou Lupin. — Veja só, esse aqui se mexe. Diga alguma coisa, animal.

— E o outro? — preocupou-se o diretor, indo até o chefe da guarda.

— Só dormindo. Estava cansadíssimo, então o ajudei a ter uns minutos de repouso. Posso assinar uma declaração a seu favor. Lamentaria muito que esse bom funcionário...

— Chega! — disse Borély exasperado.

Depois, dirigindo-se aos guardas:

— Levem-no por enquanto para a cela. Quanto ao visitante...

Lupin não soube mais nada das intenções do sr. Borély em relação ao velho Steinweg. Mas isso pouco importava. Levava para a sua solidão problemas bem mais interessantes. Agora tinha o segredo de Kesselbach.

10. A grande combinação de elementos de Lupin

1

Por mais surpreendente que pareça, ele não foi mandado para a solitária. Algumas horas depois, o sr. Borély foi à sua cela e disse considerar inútil a punição.

— Mais do que inútil, senhor diretor, perigosa, inábil e sediciosa — completou o prisioneiro.

— Em que sentido? — perguntou o outro, cada vez mais preocupado com aquele hóspede.

— Vou explicar. O senhor está chegando da Chefatura de Polícia, onde contou a quem de direito a confusão provocada pelo detento Lupin, e mostrou a autorização dada a Stripani para a visita. Não há como culpá-lo, uma vez que, ao tomar conhecimento do documento, o senhor teve a precaução de telefonar à Chefatura, mostrando sua surpresa, e foi quando soube então que a licença era perfeitamente válida.

— Ah, sabe disso...

— Sei, até porque foi um dos meus agentes que o atendeu. A pedido seu, foi feito um rápido exame, que logo revelou ser falsa a autorização... e procura-se agora o seu autor. Fique tranquilo, não será descoberto.

Borély sorriu, como se protestasse, e Lupin continuou:

— Interrogou-se então o meu amigo Stripani, que sem se fazer de rogado disse seu nome verdadeiro, Steinweg! Como pode? O prisioneiro teria então conseguido fazer alguém entrar na prisão de La Santé para conversar com ele por uma hora! Que escândalo! Melhor abafá-lo, não é? Solta-se Steinweg e envia-se Borély ao prisioneiro, com amplos poderes para comprar o seu silêncio. Estou correto, senhor diretor?

— Absolutamente correto! — respondeu Borély, decidido a levar a coisa na brincadeira, para disfarçar seu desconforto. — Pode-se achar que tem o dom da onividência. E aceita nossas condições?

Lupin deu uma gargalhada.

— Acato perfeitamente o pedido. Pode tranquilizar nossas autoridades da Chefatura. Vou ficar calado. Afinal, tenho vitórias suficientes no meu histórico para manter esta última em silêncio. Não farei comunicado nenhum à imprensa... pelo menos não sobre esse assunto.

Reservava-se então a liberdade de fazê-los sobre outros assuntos. De fato, toda a atividade de Lupin convergiria, naquele momento, para essas duas metas: comunicar-se com os amigos e, por meio deles, levar adiante uma campanha jornalística, o que era um dos seus pontos fortes.

Desde a sua prisão, aliás, ele havia passado as instruções necessárias aos irmãos Doudeville e calculava que os preparativos já estivessem bastante adiantados.

Todos os dias, resignava-se então à confecção de envelopes, feitos com materiais que lhe eram trazidos todas as manhãs em pacotes numerados, que pela noite eram levados, dobrados e finalizados com cola.

Como a distribuição dos pacotes numerados se dava sempre da mesma forma entre os presos que haviam escolhido essa tarefa, o pacote entregue em cada cela tinha sempre o mesmo número de ordem.

Por experiência, o cálculo estava certo. Faltava só subornar um dos empregados da empresa particular encarregada de fornecer o material e retirar os envelopes.

Foi fácil.

Certo do sucesso, Lupin esperava com tranquilidade que o sinal combinado entre os amigos e ele surgisse na primeira folha do pacote.

O tempo, aliás, passava rápido. Por volta do meio-dia ele recebia a visita diária do juiz de instrução, que o interrogava com dureza, diante da taciturna presença do dr. Quimbel, seu advogado.

Era uma alegria. Tendo acabado por convencer o dr. Formerie de

que não participara do assassinato do barão Altenheim, ele passou a confessar crimes totalmente imaginários. As consequentes investigações pedidas pelo juiz chegavam a resultados absurdos, nos quais a opinião pública reconhecia o estilo característico do grande mestre da ironia que era Lupin.

Eram brincadeiras inocentes, desculpava-se ele. Afinal, era preciso se divertir um pouco.

Mas a hora para ocupações mais sérias se aproximava. No quinto dia, Arsène Lupin notou no pacote que lhe fora trazido o sinal combinado, uma marca de unha riscando a folha.

— Pronto, vamos começar.

Pegou num esconderijo um frasco minúsculo, tirou a tampa, umedeceu a ponta do dedo indicador com o líquido que havia dentro e o passou na terceira folha do pacote.

Pouco tempo depois, rabiscos se esboçaram, depois letras, palavras e, enfim, frases.

Ele leu:

Está tudo bem. Steinweg livre. Escondido no campo. Geneviève com boa saúde. Vai com frequência ao hotel Bristol ver a sra. Kesselbach, doente. Todas as vezes encontra Pierre Leduc. Responda pelo mesmo meio. Não há perigo.

O principal é que a comunicação com o exterior estava estabelecida. Uma vez mais, o esforço de Lupin era coroado de êxito. Agora só precisava executar o seu plano, aproveitar as confidências do velho Steinweg e recuperar a liberdade por meio de uma das mais extraordinárias e geniais combinações de elementos já germinadas em seu cérebro.

Três dias depois, foram publicadas no *Grand Journal* as seguintes linhas:

Além das memórias de Bismarck, que para as pessoas bem informadas se limitam à história oficial dos acontecimentos em que o grande chanceler se envolveu, existe uma série de cartas confidenciais de considerável interesse.

Essas cartas foram encontradas. Sabemos por fonte segura que serão publicadas em breve.

Todos se lembram do formidável impacto que causou essa nota enigmática, dos comentários feitos, das hipóteses levantadas e,

sobretudo, das polêmicas na imprensa alemã. Quem teria inspirado aquelas linhas? Que cartas eram essas? Quais personagens as haviam escrito ao chanceler ou as haviam recebido? Seria uma vingança póstuma? Ou uma indiscrição cometida por alguém que se correspondera com Bismarck?

Um comunicado publicado dias depois esclareceu alguns pontos, mas atiçou ainda mais a curiosidade, por sua extravagância.

Era o seguinte:

Santé Palace, cela catorze, ala dois

Senhor redator-chefe do *Grand Journal*,

A sua edição da última terça-feira transcreveu informações que deixei escapar outra noite durante uma conferência que dei na Santé sobre política internacional. Tais informações, verdadeiras no essencial, exigem entretanto uma pequena retificação. Essas cartas existem e ninguém irá contestar sua excepcional importância, uma vez que há dez anos são ininterruptamente procuradas pelo governo interessado. Contudo, ninguém sabe onde se encontram nem o que contêm.

Os leitores, tenho certeza, me perdoarão a demora em satisfazer sua legítima curiosidade. Além do fato de não ter em mãos todos os elementos necessários para descobrir a verdade, minhas atuais ocupações não deixam que eu dedique a esse caso o tempo que gostaria.

Tudo que posso dizer por ora é que essas cartas foram confiadas pelo moribundo a um dos seus mais fiéis amigos, e que esse amigo precisou, depois disso, sofrer as pesadas consequências da sua dedicação. Espionagem, perquirições domiciliares, nada lhe foi poupado.

Dei ordem a dois dos melhores agentes da minha polícia secreta para que retomem a pista desde o início, e tenho certeza de que em dois dias, no máximo, poderei esclarecer esse apaixonante mistério.

Assinado: Arsène Lupin

Era então Arsène Lupin quem publicamente dera início àquele caso! Era quem, de dentro de uma penitenciária, punha em cena a comédia ou a tragédia anunciada num comunicado publicado num jornal. Que história! Foi um deleite geral. Com um artista do seu talento, o espetáculo não deixaria de ser pitoresco e inesperado.

Três dias depois, lia-se no *Grand Journal*:

Obtive o nome do amigo dedicado a quem fiz alusão. Trata-se do grão-duque Hermann III, príncipe reinante (mesmo que deposto) do grão-ducado de Deux-Ponts-Veldenz e confidente de Bismarck, de quem era amigo.

Uma busca foi feita em seu domicílio pelo conde de W..., à frente de doze homens. O resultado foi nulo, mas ficou provado que o grão-duque tinha os documentos em seu poder.

Onde os teria escondido? É uma pergunta que provavelmente ninguém no mundo pode responder no presente momento.

Peço vinte e quatro horas para fazer isso.

Assinado: Arsène Lupin

De fato, vinte e quatro horas depois a nota prometida foi publicada:

As famosas cartas estão escondidas no castelo feudal de Veldenz, capital do grão-ducado de Deux-Ponts. O castelo foi parcialmente devastado no século XIX.

Em que lugar exatamente? E qual o teor dessas cartas? São esses os dois problemas que busco resolver e para os quais darei a solução em quatro dias.

Assinado: Arsène Lupin

No dia anunciado, foi imensa a procura pelo *Grand Journal*. Para decepção de todos, as informações prometidas não se encontravam naquela edição. O mesmo silêncio se repetiu no dia seguinte e também no outro.

O que teria acontecido?

Soube-se o motivo devido a uma indiscrição cometida na Chefatura de Polícia. Ao que tudo indica, o diretor da Santé foi avisado de que Lupin se comunicava com os cúmplices graças aos pacotes de envelopes que produzia. Não se descobriu como, mas por via das dúvidas se proibiu qualquer trabalho desse tipo ao insuportável prisioneiro.

Ao que o insuportável prisioneiro respondeu:

— Já que é assim, vou me dedicar ao meu processo. Avisem meu advogado.

E era verdade. Lupin, que até então se negava a qualquer conversa com o dr. Quimbel, passaria a recebê-lo e a preparar sua defesa.

Já no dia seguinte, muito contente no locutório dos advogados, o dr. Quimbel mandou chamar Lupin.

Era um homem de idade, usando óculos com lentes que faziam seus olhos parecerem enormes. Pôs o chapéu em cima da mesa, abriu sua pasta e, sem perder tempo, deu início a uma série de perguntas previamente preparadas.

Lupin respondeu com extrema boa vontade, se perdendo inclusive numa infinidade de detalhes que o dr. Quimbel anotava depressa, em fichas presas umas por cima das outras.

— E então — retomava o advogado, debruçado sobre o papel — o senhor diz que nessa época...

— Digo que nessa época... — continuava Lupin.

Sem que percebessem, com pequenos gestos aliás bastante naturais, ele tinha apoiado os cotovelos na mesa. Depois abaixou pouco a pouco um braço, enfiou a mão sob o chapéu ali perto e tirou de dentro um desses papéis dobrados que são colocados entre a tira interior de couro e o forro quando o chapéu está grande demais.

Desdobrou o papel. Era uma mensagem de Doudeville, escrita no código combinado.

Estou trabalhando como camareiro na casa do dr. Quimbel. Pode responder pelo mesmo meio.

Foi o assassino L. M. quem denunciou o truque dos envelopes. Ainda bem que o senhor tinha previsto essa possibilidade!

Seguia-se um relatório minucioso de tudo que as mensagens de Lupin no jornal haviam suscitado.

Ele tirou do bolso um papel dobrado da mesma forma, com suas próprias instruções, colocou-o no lugar do outro e voltou à posição anterior. Estava terminada a performance.

E assim voltaram os comunicados de Lupin no *Grand Journal*:

Peço que os leitores me desculpem por não ter cumprido minha promessa. O serviço postal do Santé Palace é deplorável.

Aliás, estamos quase no fim. Tenho em mãos todos os documentos que estabelecem a verdade, assentada em bases indiscutíveis. Esperarei para publicá-los. Que se saiba, entretanto: entre as cartas endereçadas ao chanceler, algumas foram remetidas por aquele que então se declarava seu aluno e admirador, mas que, anos depois, se livraria do incômodo tutor e governaria por si mesmo.

Fui claro o suficiente?

No dia seguinte:

As cartas foram escritas durante a doença do último imperador. Isso já não indica a importância que elas têm?

Quatro dias de silêncio e veio o último comunicado, que teve grande repercussão:

Terminei minha pesquisa. Entendi tudo. De tanto pensar, descobri o segredo do esconderijo.

Meus amigos irão a Veldenz e, apesar dos obstáculos, entrarão no castelo por uma passagem que lhes indiquei.

Os jornais publicarão em seguida a fotografia das cartas, cujo teor já conheço, mas que desejo divulgar na íntegra.

Essa publicação certa e inelutável ocorrerá dentro de exatas duas semanas, no próximo 22 de agosto.

Até lá me mantereis calado... à espera.

Os comunicados ao *Grand Journal* foram de fato interrompidos, mas Lupin não havia parado de se corresponder com os amigos “pelo chapéu”, como passou a ser chamado o novo truque. Era tão simples! Nenhum perigo! Quem poderia imaginar que o chapéu do dr. Quimbel servisse de caixa de correio?

Em suas visitas matinais, a cada dois ou três dias, o célebre advogado fielmente trazia a correspondência do cliente. Eram cartas de Paris, do interior, da Alemanha, tudo resumido e compilado por Doudeville de maneira breve e em linguagem cifrada.

Uma hora depois, com toda a sua gravidade, o dr. Quimbel levava as ordens de Lupin.

CERTO DIA, PORÉM, o diretor da Santé recebeu uma mensagem assinada por L. M. dizendo que o dr. Quimbel, sem saber, era quem servia de carteiro para Lupin, e sugeria que suas visitas fossem controladas mais de perto.

O diretor conversou com o advogado, que passou a levar sempre com ele um assistente do próprio escritório.

Mais uma vez, apesar de todos os seus esforços e criatividade, apesar dos milagres de engenhosidade que se renovavam a cada fracasso, mais uma vez Lupin se via isolado do mundo exterior pela genialidade maligna do formidável adversário.

E isso no momento mais crítico, no instante solene em que, do fundo de uma cela, ele dava sua última cartada contra as forças coligadas que o perseguiam de forma tão terrível.

EM 13 DE AGOSTO, sentado à frente dos dois advogados, um jornal que protegia alguns papéis do dr. Quimbel chamou sua atenção. O título, em letras graúdas, era “813”.

Embaixo, como subtítulo, se lia: “Novo assassinato. Agitação na Alemanha. Descoberto o segredo de Apoon?”.

Era impossível controlar a aflição. Mais abaixo, conseguiu ler:

Dois comunicados sensacionais chegaram nas últimas horas.

Foi encontrado, perto de Augsburg, o cadáver de um velho com a garganta cortada. Conseguiu-se levantar sua identidade: um certo Steinweg, de quem se falou na época do caso Kesselbach.

Por outro lado, recebemos um telegrama anunciando que o famoso detetive inglês Herlock Sholmes foi chamado às pressas a Colônia, onde se encontrará com o imperador para irem juntos ao castelo de Veldenz.

Herlock Sholmes garante que descobrirá o segredo de Apoon.

Se conseguir, será um implacável fim para a incompreensível campanha que de tão estranha maneira Arsène Lupin há um mês leva adiante.

É possível que nunca a curiosidade geral tenha sido tão sacudida quanto por aquele duelo anunciado entre Sholmes e Lupin, duelo naquele momento invisível, pode-se dizer que até anônimo, mas impressionante tanto pelo escândalo produzido em torno do assunto quanto pelo que estava em jogo entre os dois inimigos inconciliáveis, mais uma vez em campos opostos.

E não se tratava ali de pequenos interesses particulares, de insignificantes assaltos a residências, de míseras paixões individuais, mas de um caso que envolvia a política de três grandes nações do Ocidente e que podia perturbar a paz do universo.

Não podemos esquecer que naquela época já havia a crise do Marrocos, de modo que qualquer fagulha podia dar início à conflagração.

Esperava-se com ansiedade, sem saber muito bem o quê. Pois, afinal, se o detetive saísse vitorioso do duelo, se encontrasse as cartas, quem saberia? Que prova seria apresentada do seu triunfo?

No fundo, todos torciam por Lupin, que tinha o hábito de tornar públicos os seus atos. O que faria? Como poderia escapar do terrível perigo que o ameaçava? E será que tinha conhecimento desse perigo?

Entre as quatro paredes da sua cela, o preso número catorze se fazia mais ou menos essas mesmas perguntas, e não por vã curiosidade, mas por real preocupação e com permanente ansiedade.

Sentia-se terrivelmente só, com as mãos atadas, sua força de vontade anulada, o cérebro impotente. Por mais hábil, engenhoso, intrépido e heroico que fosse, isso de nada servia. A luta estava sendo travada lá fora. Seu papel tinha terminado. Ele havia juntado as peças e azeitado as engrenagens da grande máquina que deveria gerar — e de certa forma mecanicamente fabricar — a sua liberdade. Constatava, porém, não ter como agir para aperfeiçoar e controlar a sua obra. Na data prefixada, o dispositivo seria ativado. Até lá, mil incidentes contrários podiam surgir, mil obstáculos serem levantados, sem que

ele tivesse como combater tais incidentes ou derrubar tais obstáculos.

Lupin passou pelas horas mais dolorosas da sua vida. Duvidou de si mesmo. Sua existência não afundaria no horror da prisão?

Não teria se enganado nos cálculos? Não teria sido uma infantilidade acreditar que a liberdade podia vir de algo que aconteceria numa data que ele próprio havia predeterminado?

“Loucura!”, ele então pensava. “Meu raciocínio está errado. Como admitir semelhante coincidência de circunstâncias? Um fator mínimo pode destruir tudo... um simples grão de areia...”

A morte de Steinweg e o desaparecimento dos documentos que o velho iria lhe entregar não o perturbavam. Os documentos, afinal, nem eram tão essenciais, pois com o pouco que Steinweg já lhe havia adiantado ele podia, com seu poder de dedução e genialidade, reconstituir o teor das cartas do imperador e armar um plano de batalha que lhe garantisse a vitória. Mas também pensava na presença de Herlock Sholmes no centro do campo de batalha. O inglês procurava e podia encontrar as cartas, derrubando o edifício que fora construído com tanta paciência.

Pensava também no *outro*, no inimigo implacável, emboscado em volta da prisão, talvez dentro da própria prisão, e que adivinhava seus planos mais secretos antes mesmo de brotarem no mistério do seu pensamento.

17 de agosto... 18 de agosto... 19... Dois dias ainda... Dois séculos, isso sim! Ah, intermináveis minutos! Normalmente tão calmo, tão senhor de si, tão competente em se divertir, Lupin estava febril, ora animado, ora deprimido, sem força contra o inimigo, assustado diante de tudo, taciturno.

20 DE AGOSTO.

Queria agir, mas não tinha como. Por mais que fizesse, não podia apressar a hora do desfecho. Desfecho que aconteceria ou não, mas a certeza só viria depois do último minuto da última hora daquele último dia. Só então se poderia constatar o fracasso definitivo da sua combinação de elementos.

“Fracasso inevitável”, ele não parava de repetir. “O sucesso

dependeria de circunstâncias sutis demais e de habilidades psicológicas... É óbvio que estou me iludindo quanto ao valor e ao alcance das minhas armas... Mas mesmo assim...”

Voltava a esperança. Ele pesava suas chances, que de repente pareciam reais e formidáveis. O fato se daria como ele havia imaginado e pelas razões previstas. Era inevitável...

Inevitável, sim. A menos que Herlock Sholmes tivesse descoberto o esconderijo...

Voltava a pensar em Sholmes e, de novo, um imenso desânimo o abatia.

O ÚLTIMO DIA.

Acordou tarde, depois de uma noite de pesadelos.

Não viu ninguém nessa manhã, nem o juiz de instrução, nem o advogado.

A tarde se arrastou lenta e triste, vindo em seguida o anoitecer, o terrível anoitecer das celas... Teve febre. Seu coração saltava dentro do peito como um animal enlouquecido.

OS MINUTOS PASSAVAM, irreparáveis...

Nove horas, e nada. Dez horas, e nada.

Com os nervos tensos como a corda de um arco, ele ouvia os ruídos indistintos da prisão, tentava discernir através daquelas paredes inexoráveis qualquer coisa que pudesse ecoar sinais da vida exterior.

Como gostaria de poder parar a marcha do tempo e dar ao destino um pouco mais de folga!

Para quê? Não estava tudo acabado?

— Ah! — ele se desesperava. — Estou enlouquecendo. Só quero que tudo isso acabe! Melhor assim. Recomeçarei de outra forma... tentarei outra coisa... Não aguento mais, não aguento mais.

Apertava com força a cabeça, concentrado, direcionando todo o seu pensamento a um só objeto, como se pudesse assim criar o acontecimento formidável, assombroso, inacreditável do qual dependiam sua independência e sua fortuna.

— É preciso que isso aconteça — ele murmurou. — É preciso, e não só porque quero, mas por ser o que quer a lógica. E acontecerá... acontecerá...

Deu algumas pancadas na própria cabeça, e palavras delirantes lhe vieram aos lábios.

A FECHADURA RANGEU. No estado de espírito em que se encontrava, não ouvira as passadas no corredor. De repente um raio de luz penetrou na cela, através da porta entreaberta.

Três homens entraram.

Não lhe causaram a menor surpresa.

O milagre inaudito acontecia e isso logo pareceu natural, normal, em perfeito acordo com a verdade e a justiça.

Mas então uma onda de orgulho o inundou. Naquele minuto, ele teve a clara noção da sua força e inteligência.

— DEVO ACENDER A LUZ? — perguntou um dos três homens, cuja voz ele reconheceu ser do diretor do presídio.

— Não — respondeu o mais alto deles, com um sotaque estrangeiro. — Essa lanterna basta.

— Devo deixá-los?

— Faça de acordo com o seu dever — respondeu o mesmo indivíduo.

— Pelas instruções que recebi do chefe de polícia, devo seguir o que me disserem.

— Nesse caso, é preferível que saia.

O sr. Borély se retirou, deixando a porta entreaberta, mas ficou perto o suficiente para ouvir tudo do lado de fora.

O visitante falou por um momento com o outro, que estava até então calado. Enquanto isso, Lupin tentava em vão distinguir as fisionomias no escuro. Percebia apenas vultos negros, vestidos com largos capotes de automobilistas e bonés com abas laterais abaixadas.

— É Arsène Lupin? — perguntou o homem, lançando a luz da lanterna em seu rosto.

Ele sorriu.

— Sim. Sou aquele que chamam Arsène Lupin, atualmente preso na Santé, cela catorze, ala dois.

— Foi quem publicou no *Grand Journal* uma série de comunicados mais ou menos fantasiosos, tratando de supostas cartas...

Lupin o interrompeu.

— Desculpe, mas antes de continuar essa conversa, cuja finalidade, devo dizer, não me parece muito clara, eu gostaria de saber com quem tenho a honra de falar.

— Isso é absolutamente desnecessário — disse o estrangeiro.

— É absolutamente indispensável — afirmou Lupin.

— Por quê?

— Por uma questão de cortesia, cavalheiro. Os senhores sabem meu nome, eu não sei os dos senhores. É algo que não posso admitir.

O estrangeiro se impacientou.

— O simples fato de termos sido trazidos pelo diretor dessa prisão prova...

— Que o sr. Borély ignora as regras da boa educação — atalhou Lupin. — Ele devia ter feito as devidas apresentações. Estamos aqui em pé de igualdade, saiba. Nesta cela não há um superior e um subalterno, não há um visitante condescendente e um preso. Há três homens, e dois deles mantêm na cabeça um chapéu que deveria ter sido retirado.

— Mas era só o que...

— Aceite a lição como bem entender, cavalheiro — concluiu Lupin.

O estrangeiro se aproximou mais e quis falar.

— Primeiro, o chapéu — insistiu Lupin. — O chapéu...

— Trate de me ouvir!

— Não.

— Sim.

— Não.

As coisas se deterioravam de forma estúpida. O estrangeiro que até então se mantinha calado colocou a mão no ombro do companheiro e disse em alemão:

— Deixe-me tratar disso.

— Como? Tínhamos combinado...

— Cale-se e saia!

— Quer que o deixe a sós...

— Quero.

— E a porta?

— Feche-a ao sair e se afaste.

— Mas esse homem... é Arsène Lupin...

— Saia.

O outro saiu resmungando.

— Feche a porta — disse em voz mais alta o segundo visitante. —

Feche bem... Toda... Assim.

Ele então se virou, pegou a lanterna e pouco a pouco a ergueu.

— Preciso dizer quem sou? — ele perguntou.

— Não — respondeu Lupin.

— E por que não?

— Porque eu sei.

— Ah!

— É quem eu esperava.

— Esperava por mim?

— Perfeitamente, sire.

11. Carlos Magno

1

— Silêncio — alarmou-se o estrangeiro. — Não diga essa palavra.

— Como devo chamar vossa...?

— Por nome nenhum.

Ficaram calados, mas não como num desses momentos que precedem a luta de dois adversários dispostos ao combate. O estrangeiro ia e vinha, como quem está acostumado a mandar e a ser obedecido. Imóvel, Lupin deixara de lado sua atitude normal de provocação e o sorriso irônico. Aguardava, com a expressão séria. Mas no fundo do seu ser, ardente, loucamente, saboreava a situação prodigiosa em que se encontrava: numa cela de prisão, ele, o aventureiro, o falsário, o ladrão Arsène Lupin... e à sua frente aquele semideus do mundo moderno, entidade fabulosa, herdeiro de César e de Carlos Magno.

Seu próprio poder o embriagou um pouco. Sentiu os olhos umedecerem, pensando em seu triunfo.

O estrangeiro parou e foi direto ao assunto já em sua primeira frase:

— As cartas devem ser publicadas amanhã, 22 de agosto, não é?

— Ainda esta noite. Dentro de duas horas meus amigos vão entregar ao *Grand Journal* não ainda as cartas, mas a lista exata delas, relacionadas pelo grão-duque Hermann.

— Essa lista não será entregue.

— Não será.

— Será entregue a mim.

— Será entregue a vossa... ao senhor.

— Todas as cartas também.

— Todas as cartas também.

— Sem que nenhuma tenha sido fotografada.

— Sem que nenhuma tenha sido fotografada.

O estrangeiro falava num tom de voz calmo, em que não se percebia súplica nem qualquer inflexão de autoridade. Não dava ordens nem pedia, apenas determinava atos incontornáveis. Assim devia ser e assim seria, quaisquer que fossem as exigências de Arsène Lupin, qualquer que fosse o preço exigido para o cumprimento desses atos. As condições estavam aceitas de antemão.

“Nossa, estou lidando com peixe grande. Se ele explorar minha generosidade, estou perdido”, pensou Lupin.

A maneira como a conversa transcorria, a franqueza das palavras, o charme da voz e das maneiras, tudo lhe agradava imensamente.

Ele se apurou para não fraquejar nem abrir mão das vantagens que havia conquistado com tanta dificuldade.

O ESTRANGEIRO RETOMOU a conversa:

— Leu essas cartas?

— Não.

— Mas algum dos seus homens as leu?

— Não.

— E então?

— O que tenho é a lista delas, com anotações do grão-duque. Além disso, sei onde ele as escondeu.

— Por que não pegou?

— Só fiquei sabendo depois que me prenderam aqui. Mas meus amigos estão indo para lá.

— O castelo está bem guardado: duzentos dos meus melhores homens o ocupam.

— Dez mil não bastariam.

Depois de um minuto de reflexão, o visitante perguntou:

— Como soube do segredo?

— Deduzi.

— Tinha outras informações, elementos que os jornais não publicaram?

— Não.

— No entanto, por quatro dias mandei revistar o castelo inteiro...

— Herlock Sholmes procurou mal.
— Ah! — exclamou o estrangeiro para si mesmo. — É estranho... bem estranho... E acredita ser correta a sua suposição?

— Não é uma suposição, é uma certeza.

— Que assim seja, espero... — ele murmurou. — Só estaremos tranquilos quando esses papéis deixarem de existir.

Postando-se bruscamente diante de Arsène Lupin, ele perguntou:

— Quanto?

— O quê? — surpreendeu-se Lupin.

— Quanto pelos documentos? Quanto pela revelação do segredo?

Esperava uma soma. Acabou propondo, ele próprio:

— Cinquenta mil... cem mil?

Não havendo resposta, continuou, com alguma hesitação:

— Mais? Duzentos mil? Pode ser! Aceito.

Lupin sorriu e disse em voz baixa:

— É uma bela quantia. Mas não acha provável que algum monarca, digamos o rei da Inglaterra, chegue a um milhão? Falando com sinceridade?

— Creio que sim.

— E também é provável que essas cartas não tenham preço para o imperador, podendo valer tanto dois milhões quanto duzentos mil francos... tanto três milhões quanto dois milhões?

— Creio que sim.

— E, *caso necessário*, o imperador pagaria esses três milhões?

— Pagaria.

— O acordo então será fácil.

— Nesse patamar? — exclamou o estrangeiro, não sem certo alarme.

— Nesse patamar, não... Não busco dinheiro. É outra coisa que quero, outra coisa que para mim vale bem mais do que milhões.

— O quê?

— A liberdade.

O estrangeiro deu um pulo:

— O quê? Sua liberdade? Mas nada posso com relação a isso. É assunto do seu país... da Justiça... Não tenho nenhum poder...

Lupin se aproximou e disse, ainda mais baixo:

— Tem todo poder, sire... Minha liberdade não é algo tão excepcional para que lhe recusem.

— Teria então que solicitá-la?

— Sim.

— A quem?

— A Valenglay, presidente do Conselho de Ministros.

— Ele não poderia muito mais do que posso...

— Ele pode abrir as portas da prisão para mim.

— Seria um escândalo.

— Quando digo abrir... entreabrir já bastaria... Simularíamos uma fuga... todos já esperam por isso, ninguém vai fazer muitas perguntas.

— Entendo... entendo... Mas Valenglay não vai aceitar...

— Aceitará.

— Por quê?

— Porque o senhor dirá ser esse o seu desejo.

— Meus desejos não são ordens para ele.

— Não, mas entre governos se faz esse tipo de coisa. E Valenglay é um político...

— Imagina então que o governo francês vá cometer um ato tão arbitrário só porque ficará feliz em atender um desejo meu?

— Essa felicidade não será a única.

— Qual será a outra?

— A de estar servindo à França ao aceitar a proposta que acompanhará o pedido de liberdade.

— Uma proposta minha?

— Exatamente, sire.

— Qual?

— Não sei, mas creio sempre haver algum terreno favorável para entendimentos... para possibilidades de acordos...

O ESTRANGEIRO O OLHAVA sem compreender. Lupin se inclinou e sugeriu, como se buscasse as palavras, aventasse uma hipótese:

— Supondo que dois países divirjam em torno de uma questão insignificante, que tenham pontos de vista opostos sobre algo

secundário... algo relativo, por exemplo, a interesses coloniais, quando o orgulho acaba pesando mais do que os próprios interesses... Não é possível que o chefe de um desses países resolva por conta própria tratar do assunto com um espírito novo de conciliação?... E dê as instruções necessárias... para...

— Para que eu deixe o Marrocos com a França — disse o estrangeiro, estourando de rir.

A ideia sugerida por Lupin pareceu a coisa mais cômica do mundo e ele ria à larga, tamanha era a desproporção entre o objetivo esperado e os meios empregados!

— Claro... claro — retomou ele, tentando voltar a ficar sério, sem conseguir. — A ideia é, sem dúvida, original... A política exterior revirada de ponta-cabeça para que Arsène Lupin escape da prisão! Projetos do império indo por água abaixo para que Arsène Lupin possa dar continuidade às suas façanhas! Aliás, por que não pediu a Alsácia e a Lorena?

— Pensei nisso, sire — disse Lupin.

O estrangeiro redobrou o ataque de riso.

— Maravilha! E me poupou disso?

— Dessa vez, sim.

Lupin tinha cruzado os braços. Também se divertia ao exagerar seu papel. Continuou, fingendo seriedade:

— Talvez um dia as circunstâncias façam com que eu disponha do poder de *querer* e de *obter* essa restituição da Alsácia-Lorena. Nesse dia, farei isso. Por ora, as armas de que disponho me forcem a ser mais modesto. A paz no Marrocos já basta.

— Só isso?

— Só isso.

— O Marrocos pela sua liberdade?

— Nada mais... Ou melhor, para que não percamos de vista o objetivo dessa conversa: um pouco de boa vontade por parte de um dos dois grandes países em questão... e, em troca, a entrega das cartas que estão em meu poder.

— Essas cartas... essas cartas! — murmurou o estrangeiro, irritando-se. — Talvez, no final das contas, nem tenham tanto valor assim...

— Algumas são de vossa majestade, que lhes deu valor suficiente para que viesse até esta cela.

— Bom! E daí?

— Há outras, de outros remetentes, sobre as quais posso dar informações.

— Ah! — exclamou o estrangeiro, mais preocupado.

Lupin hesitou.

— Fale, fale sem rodeios — ordenou o visitante. — Seja claro.

Depois de um silêncio profundo, Lupin declarou com certa solenidade:

— Há vinte anos, um projeto de tratado foi estudado entre a Alemanha, a Inglaterra e a França.

— Isso não é verdade! É impossível! Quem teria...?

— O pai do atual imperador e a rainha da Inglaterra, avó dele, ambos por influência da imperatriz.

— É impossível! Repito, impossível!

— Essa correspondência está num esconderijo no castelo de Veldenz; esconderijo cujo segredo sou o único a conhecer.

O visitante, que ia e vinha, agitado, parou e perguntou:

— O texto do tratado faz parte dessa correspondência?

— Faz, sire, e foi escrito de próprio punho por vosso pai.

— E o que diz?

— Por esse tratado, a Inglaterra e a França concediam e prometiam à Alemanha um império colonial imenso, um império que ela não possui e que lhe seria indispensável para garantir a sua grandeza hoje. Um império interessante o suficiente para que ela abandone seus sonhos de hegemonia e se limite a ser... o que é.

— E o que a Inglaterra exigia em troca?

— A limitação da armada alemã.

— E a França?

— A Alsácia e a Lorena.

O imperador se calou, apoiando-se na mesa, pensativo. Lupin continuou:

— Tudo estava pronto. Os gabinetes de Paris e de Londres, consultados, concordaram. Já era coisa feita. O grande tratado de

aliança se concluiria, estabelecendo a paz universal e definitiva. A morte de vosso pai destruiu esse belo sonho. E pergunto a vossa majestade: o que pensará o mundo quando souber que Frederico III, um dos heróis da Guerra Franco-Prussiana de 1870, um alemão, um alemão puro-sangue, respeitado por seus concidadãos e até por seus inimigos, aceitava e consequentemente considerava justa a restituição da Alsácia-Lorena?

Ele se calou por um momento, deixando que o problema se colocasse em termos precisos à consciência do imperador, à sua consciência de homem, de filho e de soberano.

Em seguida, concluiu:

— Cabe a vossa majestade saber se quer ou não que a história registre esse tratado. No que me concerne, fica claro que minha humilde pessoa não tem lugar nesse debate.

Um longo silêncio se seguiu às palavras de Lupin, que aguardava, profundamente aflito. Era o seu destino que se decidia naquele minuto por ele idealizado e, de certa forma, concebido com tanto esforço e obstinação... Minuto histórico, engendrado em seu cérebro e no qual sua “humilde pessoa” tinha um peso decisivo no destino de impérios e na paz mundial...

À sua frente, César meditava.

O que faria? Qual solução daria ao problema?

Ele caminhou ao longo da cela por alguns minutos, que pareceram intermináveis a Lupin.

Então parou e disse:

— Há outras condições?

— Há, sire, mas insignificantes.

— Quais?

— Encontrei o filho do grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz. O grão-ducado deve ser devolvido a ele.

— O que mais?

— Ele ama uma jovem que também o ama. A mais bonita e mais correta das mulheres. Ele se casará com essa jovem.

— O que mais?

— Só isso.

— Mais nada?

— Nada. Vossa majestade teria apenas que mandar entregar essa carta ao redator-chefe do *Grand Journal* para que ele destruía, sem ler, o artigo que deve receber a qualquer momento.

Com o coração apertado e a mão trêmula, Lupin entregou a carta. Se o imperador a pegasse, estaria aceitando o trato.

Ele hesitou e, com um gesto furioso, pegou a carta, enfiou na cabeça o chapéu, vestiu o capote e se retirou sem dizer uma palavra.

Lupin permaneceu alguns segundos vacilante, ainda aturdido.

Depois, de repente, despencou na cadeira, gritando de alegria e de orgulho.

— Senhor juiz de instrução, lamento ter que lhe dizer adeus hoje.

— Como assim? Pretende nos deixar?

— Muito a contragosto, acredite, pois nossas relações avançavam com encantadora cordialidade. Mas não há prazer que não chegue ao fim. Minha estada de cura no Santé Palace chegou ao fim. Outros deveres exigem minha presença. Terei que fugir esta noite.

— Então boa sorte, sr. Lupin.

— Muito obrigado, senhor juiz de instrução.

Com paciência, Arsène Lupin aguardou o momento da fuga, não sem se perguntar como aconteceria e de que maneira a França e a Alemanha, juntas nessa obra tão louvável, conseguiriam realizá-la sem causar escândalo.

Em plena tarde, o carcereiro lhe disse que fosse ao pátio de entrada. Ele se dirigiu imediatamente para lá e encontrou o diretor, que o entregou nas mãos do sr. Weber, que, por sua vez, o fez entrar num automóvel, a bordo do qual já se encontrava outro passageiro.

Lupin teve um acesso de riso:

— Como? Foi a você, meu pobre Weber, que deram esse castigo? Será você o cúmplice da minha evasão? Confesse que não tem muita sorte! Ah, meu pobre camarada! Ganhou notoriedade com a minha prisão e agora se imortaliza com a minha fuga.

Só então olhou para o outro personagem:

— Veja só, também o chefe de polícia está metido nessa? Que presente de grego, não? Se puder lhe dar um conselho, é melhor que fique nos bastidores. Deixe os holofotes para Weber! É um direito dele. O danado é forte, vai aguentar.

O CARRO SEGUIA rápido ao longo do Sena e por Boulogne. Em Saint-Cloud, atravessaram o rio.

— Entendi — exclamou Lupin. — Estamos indo a Garches! Precisam de mim para a reconstituição da morte de Altenheim: quando

descermos ao subterrâneo, eu desaparecerei. Dirão que fugi por outra saída, que apenas eu conhecia. Meu Deus! Que falta de imaginação!

Ele parecia decepcionado.

— Imaginação zero! Fico até envergonhado... E são essas pessoas que nos governam! Que época, a nossa! Meus pobres amigos, deviam ter falado comigo. Teria arranjado uma escapada mais caprichada, do tipo milagroso. Tenho um estoque delas à disposição! O público teria vibrado, pulado de alegria. Em vez disso... Mas é verdade que foram pegos de surpresa... Mesmo assim...

O plano era exatamente como Lupin havia previsto. Entraram pela casa de repouso e foram até o pavilhão Hortense. Lupin e seus dois acompanhantes desceram e atravessaram a passagem subterrânea. Chegando ao final, o subchefe disse:

— Está livre.

— Veja só! — disse Lupin. — Era mesmo só isso! Mas agradeço, meu caro Weber, e perdoe todo esse incômodo. Prezado chefe de polícia, minhas lembranças à sua senhora.

Subiu a escada que levava à vila das Glicínias. Ao erguer a tampa da saída, se viu no porão.

Uma mão pesou em seu ombro.

À sua frente estava o primeiro visitante da noite anterior, o ajudante de ordens do imperador. Quatro homens o acompanhavam, dois de cada lado.

— Ora, ora! — estranhou Lupin. — Mas que brincadeira é essa? Não estou livre?

— Está, sim — grunhiu o alemão com sua voz áspera. — Livre... para viajar conosco... se não vir nisso nenhum incômodo.

Lupin o observou por um segundo com uma vontade louca de lhe mostrar o valor de um bom soco no nariz.

Mas os cinco pareciam decididos. Aquele que visivelmente era o chefe não tinha por ele lá muita ternura e bem que gostaria de algum pretexto para empregar medidas mais extremas. E afinal, que problema haveria em acompanhá-los?

Então respondeu:

— Incômodo? De jeito nenhum, sempre foi o meu sonho!

No pátio, uma potente limusine aguardava. Dois homens subiram na frente, dois outros na cabine, e Lupin e o estrangeiro no banco mais ao fundo.

— Vamos! — exclamou Lupin, em alemão. — Pé na estrada para Veldenz.

— Cale a boca! — mandou o homem sentado a seu lado. — Os outros não precisam saber. Fale em francês, que eles não entendem. Mas para que falar?

“É verdade, para que falar?”, pensou Lupin.

Rodaram o restante do dia e toda a noite, sem qualquer incidente. Duas vezes pararam em cidadezinhas adormecidas para abastecer o veículo.

Num esquema de revezamento, os alemães vigiavam o prisioneiro, que só abriu o olho ao amanhecer.

Pararam para a primeira refeição numa estalagem no alto de uma colina, onde se via uma placa com indicações. Lupin percebeu que estavam a meia distância entre Metz e Luxemburgo. De lá tomaram uma estrada que partia na direção nordeste, para o lado de Tréveris.

Lupin disse a seu companheiro de viagem:

— Não é com o conde Waldemar que tenho a honra de falar? O confidente do imperador, que revistou a casa de Hermann III em Dresden?

O estrangeiro permaneceu mudo.

“Saiba, meu querido, que realmente não vou com a sua cara. Um dia ou outro quero arrebentá-la. É feio, gordo, grandalhão; enfim, não gosto de você”, ele pensou.

E acrescentou, em voz alta:

— O senhor conde comete um erro em não responder. Eu ia dizer coisas do seu interesse: no momento em que subíamos, percebi um automóvel mais atrás de nós, parado ao longe. Notou?

— Não, por quê?

— Por nada.

— Mas...

— Não, não é nada... uma simples observação. Aliás, estamos dez minutos à frente... e nosso carro tem no mínimo quarenta cavalos.

— Sessenta — emendou o alemão, olhando de canto de olho, preocupado.

— Hum, então podemos ficar tranquilos.

A estrada subia um pouco. No alto, o conde se debruçou na janela.

— Caramba! — ele praguejou.

— Algum problema? — perguntou Lupin.

O conde se virou para ele e ameaçou:

— Tome muito cuidado... Se alguma coisa acontecer, será pior.

— Ih! O outro parece estar se aproximando... Mas para que se preocupar, meu caro conde? É muito provável que seja só um viajante... Talvez até uma ajuda que estão lhe enviando.

— Não preciso de ajuda — rosnou o alemão, com o mesmo olhar. O carro estava a apenas duzentos ou trezentos metros.

Então disse a seus homens, indicando Lupin:

— Amarrem-no! E se ele resistir...

Sacou o revólver.

— Por que eu resistiria, meu doce teutão? — zombou Lupin.

E acrescentou, enquanto lhe amarravam as mãos:

— É realmente engraçado ver como as pessoas tomam cuidado quando é desnecessário e não tomam quando deveriam. Por que se importa tanto com esse carro? Cúmplices meus? Que ideia!

Sem responder, o alemão dava ordens ao motorista:

— Fique na pista da direita!... Diminua... Deixe que passem... Se também diminuïrem, pare!

Mas para sua grande surpresa, o outro carro parecia até ter aumentado a velocidade. Passou por eles como um raio, deixando uma nuvem de poeira.

De pé, na traseira do automóvel, que tinha uma parte descoberta, via-se o vulto de um homem vestido de preto.

Ele ergueu o braço. Dois estampidos de arma de fogo ecoaram.

O conde, que ocupava toda a janela esquerda, tombou dentro do carro. Antes mesmo de se ocuparem dele, os dois alemães que o acompanhavam dentro da cabine pularam em cima de Lupin e acabaram de amarrá-lo.

— Idiotas! Imbecis! — ele gritou, tremendo de raiva. — Pelo

contrário, soltem-me! Pronto, ainda por cima resolveram parar agora! Triplos idiotas, corram atrás... É o homem de preto... o assassino... Que absurdo! Imbecis...

Foi amordaçado. Só depois pensaram no conde. O ferimento não parecia grave e conseguiram estancar o sangue com rapidez. Mas a vítima, muito agitada, foi tomada por um acesso de febre e começou a delirar.

Eram oito da manhã. Estavam em plena área rural, longe de qualquer cidade. Os homens não tinham a menor ideia do destino exato da viagem. Para onde ir? A quem prevenir?

Encostaram o carro à beira da estrada, junto de um bosque, e esperaram.

Assim se passou o dia. Só no fim da tarde um pelotão de cavalaria chegou, enviado de Tréveris à procura do automóvel.

DUAS HORAS DEPOIS, Lupin desceu da limusine e, sempre escoltado por dois alemães, subiu os degraus, à luz incerta de uma lanterna, até um quartinho com janelas gradeadas.

Ali passou a noite.

Na manhã seguinte, um oficial o conduziu por um pátio repleto de soldados até o centro de uma longa série de construções que rodeavam uma pequena elevação, onde se viam ruínas monumentais.

Foi levado até uma grande sala pouco mobiliada. Sentado diante de uma escrivaninha, seu visitante da antevéspera lia jornais e relatórios, sublinhando trechos com um lápis vermelho.

— Pode nos deixar — ele disse ao oficial.

Aproximou-se de Lupin:

— Os documentos.

O tom não era mais o mesmo. Era o tom imperioso e seco do mandante que se sente em casa e se dirige a um inferior. E bota inferior nisso! Um escroque, um aventureiro da pior espécie, diante do qual fora obrigado a se humilhar!

— Os documentos — ele repetiu.

Lupin não se deixou impressionar. Calmamente disse:

— Estão no castelo de Veldenz.

— Estamos nas alas de serviço do castelo de Veldenz.

— Os documentos se encontram nas ruínas.

— Leve-me até eles.

Lupin não se mexeu.

— O que está esperando?

— O que estou esperando? Não é tão simples quanto vossa majestade imagina. Preciso de algum tempo para dispor dos elementos necessários à abertura do esconderijo.

— De quantas horas precisa?

— De vinte e quatro horas.

Houve um gesto de irritação, logo reprimido.

— Ah! Não disse isso antes.

— Não, sire... Como também não se falou da pequena viagem que eu faria, entre seis guarda-costas. Devo entregar os documentos, foi esse o nosso acordo.

— Mas só vou deixá-lo livre quando me entregar esses papéis.

— É uma questão de confiança, sire. Da mesma forma, eu me sentiria obrigado a entregar esses papéis se tivesse ficado realmente livre ao deixar a prisão. Vossa majestade pode estar certo de que não os levaria comigo debaixo do braço. A única diferença é que já estariam em suas mãos. Com isso, perdemos um dia. E um dia, no presente caso... pode custar caro. Bom, teria sido melhor haver alguma confiança.

Surpreso, o imperador olhava aquele desclassificado, um bandido que se mostrava ofendido por terem duvidado da sua palavra.

Sem levar adiante a conversa, tocou uma campainha e disse:

— O oficial de plantão.

O conde Waldemar entrou, muito pálido.

— Ah! É você, Waldemar? Está melhor?

— Às ordens de vossa majestade.

— Pegue cinco homens com você. Os mesmos, já que confia neles. Não perca de vista este... cavalheiro até amanhã de manhã.

Olhou o relógio.

— Até as dez horas de amanhã... Não, concederei até o meio-dia. Acompanhe-o por onde ele queira ir, faça o que ele mandar.

Resumindo, você está à disposição dele. Ao meio-dia irei encontrá-los. Se não me entregar o pacote de cartas, você o colocará de volta no automóvel e, sem perder um segundo, o levará diretamente à prisão de La Santé.

— E se ele tentar fugir...

— Dê um jeito.

Waldemar saiu.

Lupin pegou um charuto em cima da mesa e se sentou confortavelmente numa poltrona.

— Melhor assim! Prefiro essa maneira de agir, franca e categórica.

O conde havia chamado seus homens e deu voz de comando a Lupin:

— Vamos!

O francês acendeu o charuto e não se moveu.

— Amarrem suas mãos! — ordenou o conde.

Feito isso, ele repetiu:

— Vamos!

— Não.

— Como não?

— Estou pensando.

— Em quê?

— Em onde pode estar o esconderijo.

O conde deu um pulo.

— Como? Não sabe?

— Ora! — riu Lupin. — É o que há de melhor nessa aventura: não faço a menor ideia de por onde começar a procurar esse famoso esconderijo nem como descobri-lo. O que diz disso, meu bom Waldemar? Engraçado, não é? Não faço a menor ideia.

12. As cartas do imperador

1

As ruínas de Veldenz, conhecidas por todos que visitam os rios Reno e Moselle, compreendem os vestígios de um antigo castelo feudal que o arcebispo de Fistinguen mandou construir em 1277 e também, junto de um enorme torreão devastado pelas tropas de Turenne, as paredes intactas de um amplo palácio do Renascimento onde os grão-duques de Deux-Ponts moravam há três séculos.

O palácio foi saqueado pelos camponeses, revoltados contra Hermann II. As janelas vazias se tornaram duzentos buracos escancarados nas quatro fachadas. Todos os lambris, as tapeçarias e a maior parte dos móveis foram destruídos no incêndio. Ao caminhar sobre as vigas calcinadas dos assoalhos, é possível ver o céu aparecer num ou noutro ponto através dos tetos despencados.

Em duas horas, sempre seguido por sua escolta, Lupin já havia percorrido tudo.

— Estou muito bem impressionado com os seus esforços, meu caro conde. Acho que nunca tive um cicerone tão bem documentado e, coisa rara, tão taciturno. Mas agora que tal almoçarmos?

Na verdade, Lupin nada descobrira além do que já sabia no primeiro minuto, e o seu desconforto só aumentava. Com o objetivo de agradar seu visitante e sair da prisão, ele havia blefado, fingindo saber o que não sabia, e ainda planejava por onde começar a busca.

“Isso não está nada bem”, ele dizia para si mesmo de vez em quando. “Não podia estar pior.”

Além disso, também não contava com sua lucidez habitual, obcecado pelo assassino desconhecido, o monstro que evidentemente seguia os seus passos.

Como o misterioso personagem continuava na sua pista? Como

soubera de sua saída da prisão e da viagem para Luxemburgo e a Alemanha? Uma milagrosa intuição? Ou puro resultado de informações precisas? Mas, nesse caso, a que preço, mediante quais promessas ou ameaças ele as conseguia?

Eram questões que não saíam do pensamento de Lupin.

Por volta das quatro horas, no entanto, depois de nova perambulação pelas ruínas, durante a qual examinou sem sucesso as pedras, mediu a espessura das muralhas, observou de perto a forma e a aparência das coisas, ele perguntou ao conde:

— Não ficou nenhum empregado do último grão-duque que tenha morado no castelo?

— Todos se foram, só um continuou na região.

— E onde está?

— Morreu há dois anos.

— Sem filhos?

— Tinha um filho que se casou e foi expulso de casa com a mulher por comportamento escandaloso. Deixaram o filho menor, uma menina chamada Isilda.

— Onde ela mora?

— Aqui mesmo, no final da ala de serviço. O avô servia de guia para os visitantes no tempo em que se podia visitar o castelo. A menina sempre morou nestas ruínas e é tolerada por compaixão: uma pobre inocente que mal fala e não sabe o que diz.

— Foi sempre assim?

— Parece que não. A partir dos dez anos de idade começou pouco a pouco a perder a razão.

— Depois de algum acontecimento ruim, a partir de algum medo?

— Não. Pelo que soube, sem motivo algum. O pai era alcoólatra e a mãe se matou num acesso de loucura.

Lupin pensou um pouco e disse:

— Gostaria de vê-la.

O conde deu um sorrisinho estranho.

— Pode vê-la, é claro.

Ela estava num dos quartos em que a deixavam morar.

Lupin se surpreendeu ao encontrar uma graciosa criatura: muito

magra, muito pálida, mas quase bonita com seus cabelos louros e traços delicados. Os olhos, verde-água, tinham uma expressão vaga, sonhadora, olhos de cego.

Lupin fez algumas perguntas que Isilda não respondeu, e outras que foram respondidas com frases incoerentes, como se ela não compreendesse o sentido das palavras que lhe dirigiam nem o das que pronunciava.

Ele insistiu, pegando sua mão com carinho, falando com voz afetuosa sobre a época anterior aos seus dez anos, sobre o avô, sobre coisas que poderiam evocar nela lembranças da vida de criança, livre entre as majestosas ruínas da construção.

Isilda se calava, olhos parados, impassível, talvez emocionada, mas sem que isso despertasse sua inteligência adormecida.

Lupin pediu lápis e papel, então escreveu na página em branco: “813”.

O conde mais uma vez sorriu.

— Ora! De que acha graça? — irritou-se o francês.

— Nada... nada... Isso me interessa... interessa muito...

A moça olhou a folha estendida à sua frente e depois girou a cabeça, distraída.

— Não está funcionando — disse o sorridente conde.

Lupin escreveu as letras “Apoon”.

Isilda manifestou o mesmo desinteresse.

Sem desistir, reescreveu diversas vezes as mesmas letras, mas deixando entre elas intervalos que variavam. A cada tentativa, observava o rosto da jovem.

Ela não se movia, com os olhos presos no papel e uma indiferença que nada parecia perturbar.

Mas, de repente, pegou o lápis, arrancou a folha das mãos de Lupin e, como se tomada por súbita inspiração, traçou dois L no intervalo deixado entre duas letras.

Lupin estremeceu.

Uma palavra se formara: “Apollon”.

Mas nem o lápis nem o papel foram abandonados, e, com os dedos crispados, a expressão tensa, a jovem parecia se esforçar para

submeter a mão à ordem vacilante do seu pobre cérebro.

Lupin aguardava, tenso.

Muito depressa, como se estivesse alucinada, Isilda escreveu uma palavra, a palavra “Diane”.

— Mais uma palavra!... Outra palavra! — pediu Lupin, com ardor.

Ela apertou mais os dedos no lápis, quebrou a ponta e com o que restou ainda traçou um grande J, para depois tudo largar de lado, visivelmente extenuada.

— Outra palavra! Escreva! — ordenou Lupin, agarrando-a pelo braço.

Mas viu que os olhos tinham voltado à indiferença, e o fugidio brilho de sensibilidade não luziria mais.

— Vamos embora.

Já se afastava quando ela correu e se colocou no caminho, fazendo-o parar.

— O que quer?

Ela estendeu a mão aberta.

— O quê? Dinheiro? Ela tem o hábito de esmolar? — ele perguntou ao conde.

— Não. E não entendo...

Isilda tirou do bolso duas moedas de ouro e fez tilintar uma na outra, alegre.

Lupin examinou-as.

Eram moedas francesas novas, com data daquele ano.

— Onde pegou isso? — agitou-se Lupin. — São moedas francesas! Quem lhe deu? Quando? Foi hoje? Fale! Responda!

Ele ergueu os ombros.

— Mas que idiota! Como se ela fosse responder! Por favor, conde, me dê quarenta marcos... Obrigado... Tome, Isilda, são seus...

Ela pegou as duas moedas e as agitou na mão junto com as outras. Depois, estendendo o braço, apontou para as ruínas do palácio do Renascimento com um gesto que parecia designar mais especificamente a ala esquerda, o alto dessa ala.

Seria um gesto mecânico? Talvez um agradecimento pelas duas moedas de ouro?

Olhou para o conde, que não parava de sorrir.

“O que tanto diverte esse animal? Pelo visto me acha um palhaço”, pensou Lupin.

Por via das dúvidas, tomou a direção do palácio, seguido pela escolta.

NO TÉRREO, IMENSAS salas de recepção se interligavam. Nelas estavam reunidos os móveis que haviam escapado do incêndio.

O primeiro andar do lado norte era cortado por uma longa galeria, para a qual se abriam doze belas salas, exatamente iguais.

A mesma galeria se repetia no segundo andar, mas com vinte e quatro quartos, também idênticos. Tudo vazio, deteriorado, lamentável.

No alto, nada. As mansardas tinham sido destruídas pelo fogo.

Por uma hora Lupin andou, correu e, com olhos atentos, tudo escarafunchou.

Já ao cair da noite, voltou correndo para uma das doze salas do primeiro andar, como se a escolhesse por razões particulares que só ele conhecia.

Surpreendeu-se ao encontrar ali o imperador, sentado numa poltrona que mandara trazer, fumando.

Sem se preocupar com aquela presença, começou a inspeção da sala pelo método que estava acostumado a empregar, dividindo o espaço em setores que eram sucessivamente examinados.

Vinte minutos depois, disse:

— Peço, majestade, que tenha a bondade de se afastar um pouco. Essa lareira...

O imperador balançou a cabeça.

— Será mesmo necessário que eu me dê a esse incômodo?

— Sim, majestade, essa lareira...

— É igual a todas as demais, já que esta sala em nada difere das que há ao lado.

Lupin olhou para ele sem entender. O imperador se pôs de pé, rindo:

— Creio que estive abusando da minha boa-fé, sr. Lupin.

— De que maneira, sire?

— Pelo amor de Deus, parece bem simples! Foi libertado com a condição de me entregar papéis que me interessam e não tem a menor ideia de onde podem estar. Fui... como vocês dizem em francês?... enrolado.

— Acha isso, majestade?

— Bem, não estaria há dez horas procurando se soubesse onde está o que procura. Não acha que é inevitável a sua volta imediata à prisão?

Lupin pareceu estupefato.

— Vossa majestade não marcou o meio-dia de amanhã como horário limite?

— Por que esperar?

— Por quê? Para que eu possa terminar o que comecei.

— O que começou? Não começou coisa alguma, sr. Lupin.

— Nisso vossa majestade se engana.

— Então prove... e esperarei até o meio-dia de amanhã.

Lupin pensou e disse, com gravidade:

— Uma vez que vossa majestade precisa de provas para ter confiança em mim, aqui estão. As doze salas que dão para essa galeria têm cada qual um nome diferente, com a inicial marcada na porta. Uma dessas letras, menos apagada do que as outras pelas chamas, me chamou a atenção quando percorri a galeria. Examinei as demais portas: todas têm uma inicial pouco legível inscrita na própria galeria, acima do batente.

“Uma dessas iniciais era um D, primeira letra de Diane. Outra era um A, de Apollon. São, em francês, os nomes de divindades mitológicas. Teriam a mesma referência as outras iniciais? Descobri um J, de Júpiter; um V, de Vênus; um M, de Mercúrio; um S, de Saturno etc. Essa parte do problema estava resolvida: cada uma das doze salas tem o nome de uma divindade do Olimpo, e a palavra Apoon, completada por Isilda, designa a sala de Apolo.

“É nessa sala, exatamente aqui onde nos encontramos, que estão escondidas as cartas. Talvez possamos, em poucos minutos, achá-las.”

— Em poucos minutos ou em alguns anos... e mesmo assim! — riu o

imperador.

Parecia estar se divertindo. Também o conde dava sinais de alegria.

Lupin perguntou:

— Vossa majestade pode me explicar?

— Sr. Lupin, a apaixonante investigação de hoje, com seus brilhantes resultados, eu já fiz. Isso mesmo, na companhia do seu amigo Herlock Sholmes. Juntos interrogamos a jovem Isilda, juntos utilizamos com ela o mesmo método e juntos notamos as iniciais da galeria, para chegarmos aqui, na sala de Apolo.

Lívido, Lupin balbuciou:

— Ah! Sholmes... chegou... até aqui?

— Sim, depois de quatro dias de buscas. É verdade que isso não nos adiantou muito, pois nada descobrimos. Mas pelo menos sabemos que aqui as cartas não estão.

Tremendo de raiva, profundamente atingido em seu orgulho, Lupin sentia aquela ironia como golpes de chicote. Nunca se vira tão humilhado. Como gostaria de esganar o gordo Waldemar, com seu risinho irritante!

Contendo-se, disse:

— Sholmes precisou de quatro dias, a mim bastaram algumas horas. E teria agido mais rápido se não tivesse sido atrapalhado em minhas buscas.

— E quem fez isso, meu Deus? Meu fiel conde? Espero que ele não tenha ousado...

— Não, sire, quem me atrapalhou foi meu mais terrível e poderoso inimigo, o ser infernal que matou seu cúmplice Altenheim.

— Ele está aqui? Acha mesmo? — exclamou o imperador, com uma agitação que deixava claro serem do seu conhecimento todos os detalhes daquela dramática história.

— Está por todo lugar em que estou, ameaçando-me com permanente ódio. Foi quem desvendou minha dupla identidade como Lenormand, chefe da Sûreté, foi quem me fez ser preso e ainda me persegue desde que deixei a prisão. Ontem, querendo me atingir no automóvel, feriu o conde Waldemar.

— Mas o que o faz acreditar que ele esteja aqui em Veldenz?

— Isilda recebeu duas moedas de ouro, duas moedas francesas!
— Mas o que ele estaria fazendo aqui? O que quer?
— Não sei, sire, mas é a encarnação do mal. Que vossa majestade tome cuidado! Ele é capaz de tudo.

— Impossível! Tenho duzentos homens nestas ruínas. Ele não pode ter entrado. Teria sido visto.

— Alguém o viu, com certeza.

— Quem?

— Isilda.

— Que seja interrogada! Waldemar, leve o prisioneiro até essa jovem.

Lupin mostrou suas mãos amarradas.

— A batalha será dura. Tenho como lutar assim?

O imperador disse ao conde:

— Desamarre-o... E mantenha-me a par de tudo...

Sem qualquer prova, apenas reavivando a imagem horrenda do assassino, num improvisado esforço, Lupin recuperou o prazo e a direção das buscas. E pensou: “Tenho dezesseis horas. É mais do que suficiente”.

Chegaram ao local onde ficava Isilda, no final das antigas alas de serviço, construções que agora serviam de caserna para os duzentos guardas das ruínas e cuja área esquerda, onde justamente se encontravam, era reservada aos oficiais.

Isilda não estava.

O conde mandou dois homens saírem à procura dela, mas ao voltarem disseram que ninguém a havia visto.

No entanto, não podia ter saído da área das ruínas. E o palácio do Renascimento estava, por assim dizer, ocupado por metade das tropas. Ninguém poderia ter entrado.

Por fim, a mulher de um tenente que morava no alojamento ao lado disse ter estado o tempo todo na janela e que a moça não saía.

— Se não tivesse saído — exclamou Waldemar —, estaria aqui; mas não está.

Lupin observou:

— Não tem um andar em cima?

— Tem, o que não tem é escada para lá.

— Tem, sim.

Lupin, então, mostrou uma portinhola aberta num canto mal iluminado. Viam-se na penumbra os primeiros degraus de uma escada extremamente íngreme.

— Por favor, meu caro conde — ele disse a Waldemar, que já se dirigia à subida —, deixe-me essa honra.

— Por quê?

— Pode ser perigoso.

Ele subiu e logo chegou a um sótão estreito e baixo.

Deixou escapar um grito.

— O que foi? — perguntou o conde, também chegando ali.

— No chão... Isilda...

Ajoelhou-se ao lado dela, mas logo percebeu que a jovem estava apenas atordoada, sem qualquer ferimento, exceto alguns arranhões nos pulsos e nas mãos.

Um lenço a amordaçava. Lupin deduziu:

— O assassino estava aqui com ela. Quando chegamos, atacou-a com um soco e a amordaçou para que não ouvíssemos os gemidos.

— Mas por onde fugiu?

— Por ali... veja... Há um corredor que liga todas as mansardas do primeiro andar.

— E a partir dali?

— Dali desceu pela escada de um dos alojamentos.

— Mas teria sido visto!

— Como saber? Ele é invisível. Mas pouco importa! Mande seus homens atrás de informações. E que revirem todas as mansardas e todos os alojamentos do térreo!

Hesitou. Deveria também sair à procura do assassino?

Mas um barulho o fez voltar à jovem, que tinha se levantado. Lupin pôde então ver uma dúzia de moedas de ouro escorregando de suas mãos. Um rápido exame mostrou que eram todas francesas.

— Bom — ele disse. — Não me enganei. Mas por que tanto ouro? Para recompensar o quê?

De repente, notou no chão um livro e se abaixou na sua direção.

Com um movimento rápido, a moça o pegou antes e o apertou contra o peito com uma energia selvagem, parecendo disposta a defendê-lo contra tudo e contra todos.

— Entendi. As moedas foram dadas em troca do livro, mas ela não aceitou — concluiu. — Por isso os arranhões nas mãos. Seria interessante saber por que o assassino queria esse livro. Será que conseguiu dar uma olhada?

Então disse a Waldemar:

— Meu caro conde, ordene, por favor...

Waldemar fez um sinal. Três homens saltaram em cima da jovem e, depois de uma luta aguerrida em que a pobre Isilda espumava de raiva e se contorcia aos gritos, eles conseguiram pegar o tal livro.

— Calma, menina — dizia Lupin. — Calma... tudo isso é por uma boa causa... Fiquem de olho nela! Enquanto isso, examino o objeto de litígio.

Era, numa velha encadernação de pelo menos um século, um tomo avulso de Montesquieu, intitulado *Viagem ao templo de Gnide*. Assim que o abriu, observou:

— Veja só, é estranho. Na frente de cada página foi colado um pergaminho, e em cada uma dessas folhas temos linhas escritas com letras muito apertadas e finas.

Então leu, logo no início:

Diário do cavaleiro Gilles de Mairèche, criado francês de sua alteza real o príncipe de Deux-Ponts-Veldenz, começado no ano da graça de 1794.

— Como? É o que diz aí? — espantou-se o conde.

— O que o surpreende?

— O avô de Isilda, o velho que morreu há dois anos, se chamava Malreich, ou seja, o mesmo nome, só que germanizado.

— Isso é muito bom! O avô de Isilda devia ser filho ou neto do francês que escreveu esse diário num volume tirado da obra de Montesquieu. E assim isso foi parar nas mãos dela.

Folheou ao acaso:

15 de setembro de 1796. — Sua alteza caçou.

20 de setembro de 1796. — Sua alteza saiu a cavalo. Montava Cupidon.

— Ora — murmurou Lupin. — Até aqui não chega a ser empolgante.

Foi mais adiante:

12 de março de 1803. — Mandeí dez escudos para Hermann. Ele é cozinheiro em Londres.

Lupin começou a rir.

— Hum! Com Hermann destronado, o respeito foi por água abaixo.

— O grão-duque reinante — observou Waldemar — foi, de fato, afastado das próprias terras pelas tropas francesas.

Lupin continuou:

1809. — Hoje, terça-feira, Napoleão passou a noite em Veldenz. Eu que preparei a cama de sua majestade e, no dia seguinte, retirei suas águas de toalete usadas.

— Ah! Napoleão esteve em Veldenz? — perguntou Lupin.

— Sim, foi um ponto de junção do seu exército, por ocasião da campanha da Áustria, que devia terminar em Wagram. Foi uma honra da qual a família ducal sempre se orgulhou muito.

Lupin retomou:

28 de outubro de 1814. — Sua alteza real voltou às suas terras.

29 de outubro. — Esta noite levei sua alteza até o esconderijo e fiquei contente em mostrar que ninguém o havia descoberto. Aliás, como desconfiar da existência de um esconderijo num...

Uma brusca interrupção... Um grito de Lupin... Isilda havia de repente escapado dos homens que a vigiavam, jogou-se em cima dele e fugiu, levando o livro.

— Ah, mas que danada! Corram... Deem a volta por baixo. Vou procurá-la no corredor.

Mas ela havia fechado a porta depois de passar e trancara com o ferrolho. Ele teve que descer e correr ao longo da área de serviço, procurando uma escada que o levasse ao primeiro andar.

Só na quarta tentativa conseguiu achar um alojamento aberto e pôde subir. O corredor, porém, estava vazio e foi preciso bater nas portas, forçar as fechaduras e invadir quartos desocupados, enquanto Waldemar, igualmente empenhado na perseguição, espetava cortinas e tapeçarias com a ponta da espada.

Ouviram chamados que vinham da ala direita do térreo e correram para lá. Era a mulher de um dos oficiais que gesticulava, no final do corredor. Disse que Isilda estava no seu alojamento.

— Como sabe? — perguntou Lupin.

— Tentei entrar no meu quarto. A porta estava fechada e ouvi barulho lá dentro.

De fato, não foi possível abri-la.

— A janela, deve haver uma janela — sugeriu Lupin.

Foi levado para fora. Imediatamente, pegando a espada do conde, quebrou os vidros.

Depois, ajudado por dois homens, agarrou-se na parede, passou o braço, girou o fecho e entrou no quarto.

Agachada diante da lareira, Isilda estava cercada de chamas.

— Ah, infeliz! — gritou Lupin. — Ela o jogou no fogo!

Empurrou-a com força, quis pegar o livro, mas queimou as mãos. Só com a ajuda de pinças conseguiu puxá-lo para fora. Abafou as chamas com uma toalha de mesa.

Mas era tarde. As páginas do velho manuscrito, devoradas pelo fogo, se desmancharam em cinzas.

Lupin a olhava, tentando entender. O conde disse:

— Acho que ela sabe o que fez.

— Não, não sabe. É provável que tenha recebido o livro do avô como um tesouro; um tesouro ao qual ninguém devia ter acesso. Com seu entendimento limitado, instintivamente preferiu então jogá-lo nas chamas.

— E agora?

— E agora o quê?

— Não vai conseguir chegar ao esconderijo?

— Ahá, meu caro conde! Quer dizer que achava possível o meu sucesso? Lupin não lhe parece mais um completo charlatão? Fique tranquilo, Waldemar, Lupin pode ainda tirar alguns coelhos da cartola. Chegarei lá.

— Antes da décima segunda hora de amanhã?

— Antes da décima segunda hora desta noite. Mas estou morrendo de inanição. Se me permitir abusar da sua bondade...

Foi levado a uma sala da ala de serviço, que servia como cantina dos suboficiais, onde lhe serviram uma refeição substancial enquanto o conde foi fazer seu relatório ao imperador.

Vinte minutos depois, ele voltou. Os dois se acomodaram um diante do outro, silenciosos e pensativos.

— Waldemar, um bom charuto seria muito bem-vindo... Obrigado. Hum... estala como um havana de respeito.

Acendeu o charuto e, um ou dois minutos depois, completou:

— Pode fumar, conde, não me incomoda.

Uma hora se passou. Waldemar cochilava e, de vez em quando, tentando se manter acordado, bebia uma boa taça de champanhe.

Soldados iam e vinham, cumprindo o serviço.

— Café — pediu Lupin.

Trouxeram o café.

— Péssimo — ele reclamou. — Se for esse mesmo que o César

bebe!... Ainda assim, mais uma xícara, Waldemar. A noite talvez seja longa... Argh, que café horrível!

Acendeu outro charuto e não disse mais uma palavra.

Minutos se passaram e ele continuava sem se mexer nem falar.

De repente, Waldemar se levantou, se endireitou todo e disse a Lupin, indignado:

— Ei, você, de pé!

Naquele momento Lupin assobiava baixinho, o que continuou a fazer com toda tranquilidade.

— De pé, já disse!

Lupin se virou. Sua majestade acabava de entrar. Ele se levantou.

— Como estão nossas buscas? — perguntou o imperador.

— Acredito, sire, que logo poderei dar satisfação a vossa majestade.

— Não diga! Já sabe...

— Do esconderijo? Praticamente, sire... Apenas alguns detalhes ainda me escapam... Mas estando no local tudo se esclarecerá, não tenho a menor dúvida.

— Devemos esperar aqui?

— Não, sire, peço que me acompanhe até o palácio do Renascimento. Mas temos tempo e, se me permitir, gostaria ainda de refletir sobre dois ou três pontos.

Sem esperar resposta, ele se sentou, para grande indignação de Waldemar.

Pouco depois, o imperador, que tinha se afastado e estava falando com o conde, se aproximou.

— O sr. Lupin está pronto, afinal?

Nenhuma resposta. A pergunta foi repetida. Ele inclinou a cabeça.

— Está dormindo. Tudo indica que está dormindo.

Furioso, Waldemar o sacudiu pelo ombro com força. Lupin caiu da cadeira, ficou no chão, teve duas ou três convulsões e não se mexeu mais.

— Mas o que ele tem? — exclamou o imperador. — Espero que não esteja morto!

Pegou uma lâmpada e se debruçou sobre Lupin.

— Como está pálido! O rosto parece de cera! Faça alguma coisa,

Waldemar... Sinta o coração... Está vivo, não é?

— Está, sire — respondeu o conde, depois de um breve exame. — O coração bate com regularidade.

— Então o que pode ser? Não compreendo... O que aconteceu?

— E se eu for procurar o médico?

— Vá correndo...

O médico encontrou Lupin no mesmo estado, inerte e tranquilo. Mandou que o deitassem numa cama, fez um demorado exame e perguntou o que ele havia comido.

— Acha que foi envenenado, doutor?

— Não, sire, não há traços de envenenamento. Mas imagino... Que bandeja é essa, e essa xícara?

— Café — respondeu o conde.

— Para o senhor?

— Não, para ele. Eu não tomei.

O médico provou o café e concluiu:

— Como imaginei: o doente foi narcotizado.

— Mas por quem? — alarmou-se o imperador. — Não é possível, Waldemar, é inadmissível o que vem acontecendo aqui!

— Sire...

— Isso passou dos limites! Começo realmente a acreditar que esse homem tem razão e que há um estranho no castelo... As moedas de ouro, esse narcótico...

— Se alguém tivesse entrado na área delimitada, saberíamos, sire... Há três horas procuramos em todos os lugares.

— No entanto, não fui eu quem preparou esse café, posso garantir... A menos que tenha sido você...

— Sire!

— Pois então procure... investigue... Dispõe de duzentos homens e as alas de serviço não são tão grandes! O bandido, afinal, ronda por aí, por esses prédios... pelos lados da cozinha... Como vou saber? Vá! Mexa-se!

A noite inteira o gordo Waldemar de fato se mexeu. Conscienciosamente, pois era essa a ordem suprema, mas sem convicção, pois era impossível que um estranho se escondesse

naquelas ruínas tão bem vigiadas. Concluiu então que estava certo: as investigações foram inúteis e não era possível descobrir a mão misteriosa que havia preparado a bebida soporífica.

Já Lupin passou a noite na cama, sem se mexer. Pela manhã, o médico, que em momento algum havia se afastado, comunicou a um enviado do imperador que o paciente ainda dormia.

Às nove horas, no entanto, ele se moveu pela primeira vez, numa espécie de esforço para despertar.

Um pouco depois, balbuciou:

— Que horas são?

— Nove e trinta e cinco.

Fez um novo esforço. Era visível, naquele torpor, o empenho de todo o seu ser para voltar à vida.

Um relógio bateu dez vezes.

Ele estremeceu e disse:

— Levem-me... levem-me ao palácio.

Com permissão do médico, Waldemar chamou alguns homens e mandou avisar o imperador.

Lupin foi colocado numa maca e transportado para o palácio.

— Ao primeiro andar — ele murmurou.

Subiram.

— No final do corredor — ele disse. — O último quarto à esquerda.

Foi levado para esse quarto, que era o décimo segundo. Ao chegar, deram-lhe uma cadeira, na qual ele se sentou, exausto.

O imperador chegou: Lupin não se mexeu. Estava com o olhar distante e, ao que tudo indicava, inconsciente.

Depois de alguns minutos, pareceu despertar. Olhou as paredes em volta, o teto, as pessoas, e perguntou:

— Um sonífero, não é?

— Sim, foi isso — declarou o médico.

— Encontraram... o homem?

— Não.

Ele parecia meditar. Várias vezes, deixou pender a cabeça com ar pensativo, mas logo perceberam que voltara a dormir.

O imperador se aproximou de Waldemar.

— Dê ordem para que preparem o seu carro e o tragam.
— O quê? Mas sire...
— Na verdade, estou começando a achar que ele faz pouco de nós e que tudo isso não passa de encenação para ganhar tempo.
— Pode ser... é claro... — concordou Waldemar.
— Ele evidentemente explora certas coincidências curiosas, mas não sabe de coisa alguma, e essas histórias de moedas de ouro, de narcótico, são puras invenções! Se continuarmos aceitando esse joguinho, ele vai acabar arranjando um jeito de escapar. O carro, Waldemar.

O conde deu as ordens e voltou. Lupin não havia acordado. O imperador, que inspecionava a sala, perguntou:

— Estamos na sala de Minerva, não é?
— Isso mesmo, sire.
— Mas então por que esse N em dois lugares?

De fato, havia dois N, um acima da lareira e outro acima de um velho relógio embutido na parede, abandonado, que deixava entrever seu mecanismo intrincado e os pesos inertes na ponta de suas cordas.

— Esses dois N... — disse Waldemar.

O imperador não ouviu a resposta. Lupin se agitara, abrindo os olhos e articulando sílabas indistintas. De repente, levantou-se, andou pela sala e voltou a se sentar, extenuado.

Ele lutava; uma luta renhida entre o seu cérebro, seus nervos e sua vontade contra o torpor horrível que o paralisava; luta do moribundo contra a morte, luta da vida contra o vazio.

Era um espetáculo infinitamente doloroso.

— Está sofrendo — murmurou Waldemar.

— Ou pelo menos finge estar — declarou o imperador. — E faz isso com perfeição. Que ator!

Lupin balbuciou:

— Uma injeção, doutor, uma injeção de cafeína... rápido.

— Permite, sire? — perguntou o médico.

— Claro... Até o meio-dia, tudo que ele quiser deve ser atendido.

Foi o que prometi.

— Quantos minutos... até o meio-dia? — retomou Lupin.

— Quarenta — alguém respondeu.

— Quarenta?... Vou conseguir... Com certeza vou conseguir... Preciso...

Segurou a própria cabeça com as duas mãos.

— Ah, se eu tivesse de volta o meu cérebro, o de verdade, meu bom cérebro que raciocina! Seria coisa de um segundo! Resta um único ponto obscuro... Mas não consigo... meu pensamento oscila... não consigo trazê-lo de volta... é horrível...

Seus ombros subiam e desciam. Estaria chorando?

Ele repetia:

— 813... 813...

E mais baixinho:

— 813... um 8... um 1... um 3... sim, é claro... Mas por quê?... Não basta...

O imperador murmurou:

— Ele impressiona. É difícil acreditar que alguém possa representar tão bem um papel...

Onze e meia... onze e quarenta e cinco...

Lupin continuava imóvel, com os punhos pressionando as têmporas.

O imperador esperava, os olhos presos num relógio que Waldemar segurava.

Dez minutos ainda... cinco ainda...

— Waldemar, o carro está aí? Seus homens estão prontos?

— Tudo preparado, sire.

— O seu relógio tem alarme?

— Tem, sire.

— Assim que acabar de soar meio-dia...

— Mas...

— Assim que acabar de soar meio-dia, Waldemar.

A cena beirava o trágico, com essa espécie de grandeza e solenidade que ganham as horas à medida que se aproxima um possível milagre. Era como se a própria voz do destino fosse falar.

O imperador não escondia a aflição. Aquele estranho aventureiro chamado Arsène Lupin, cuja vida prodigiosa ele conhecia tão bem, o perturbava... Então, apesar de decidido a dar um ponto-final em toda

aquela história duvidosa, não podia evitar certa expectativa... e ainda esperar.

Dois minutos... um minuto. Os segundos passaram a ser contados.

Lupin parecia dormir.

— Prepare-se — disse o imperador ao conde, que foi até Lupin e colocou a mão em seu ombro.

O alarme do relógio vibrou: uma, duas, três, quatro, cinco...

— Waldemar, puxe os pesos do velho relógio de parede.

Um momento de espanto. Lupin é que havia falado, muito calmo.

O conde se indignou com aquele tom.

— Obedeça, Waldemar — disse o imperador.

— Você ouviu, meu caro, obedeça — insistiu Lupin, que também havia recuperado a ironia. — Mexa sua engrenagem e faça o mesmo com o relógio... puxando os cabos de forma alternada... um, dois... Perfeito. Era como se dava corda antigamente.

De fato, a engrenagem foi ativada e se ouviu um tique-taque regular.

— Agora os ponteiros — disse Lupin. — Posicione-os um pouco antes do meio-dia... Não mexa mais... eu continuo.

Ele se levantou e foi até o mostrador das horas, que estava a no máximo um passo de distância, olhando-o fixamente, com o corpo inteiro tenso.

As doze pancadas soaram, doze pancadas surdas, profundas.

Um pesado silêncio. Nada aconteceu. O imperador, no entanto, esperava como se algo fosse acontecer. E Waldemar não se mexia, de olhos arregalados.

Lupin, que havia se debruçado na direção do mostrador, endireitou-se e murmurou:

— Ótimo... é isso...

Voltou para sua cadeira e ordenou:

— Waldemar, posicione os ponteiros em dois minutos para o meio-dia. Não, não no sentido contrário, meu camarada... no sentido certo. É verdade, demora mais... Fazer o quê?

Todas as horas e todas as meias horas soaram até chegarem às onze e trinta.

— Ouça, Waldemar — disse Lupin, mas de maneira grave, sem zombaria, como se estivesse também emocionado e ansioso. — Está vendo no mostrador uma pequena ponta arredondada que marca a primeira hora? Essa ponta se movimenta, não é? Ponha o dedo indicador da mão esquerda em cima e apoie. Ótimo. Faça o mesmo com o polegar na ponta que marca a terceira hora. Ótimo... Agora, com a mão direita, pressione a oitava hora. Muito bem. Obrigado. Pode se sentar, querido.

Pouco depois, o ponteiro maior se deslocou, chegou à décima segunda ponta... E novamente soou o meio-dia.

Lupin não dizia nada, muito pálido. No silêncio, cada uma das doze pancadas ecoou.

Na décima segunda, houve um ruído de algo que se destravava. O relógio parou. O pêndulo se imobilizou.

De repente, o enfeite de bronze, uma cabeça de carneiro que coroava o mostrador das horas, caiu, deixando aberta uma espécie de pequeno nicho, talhado na própria pedra.

Nesse nicho, havia uma caixa de prata artisticamente entalhada.

— Ah! — deixou escapar o imperador. — Você estava certo.

— Tinha alguma dúvida, sire? — perguntou Lupin.

Ele pegou a caixa e a entregou:

— Imagino que vossa majestade mesmo queira abrir. As cartas que me incumbiu de procurar estão aí.

O imperador ergueu a tampa e pareceu muito espantado.

A caixa estava vazia.

A caixa estava vazia!

Foi teatral, imenso, imprevisto. Após o sucesso dos cálculos de Lupin, após a tão engenhosa descoberta do segredo do relógio, o imperador, para quem a vitória final parecia assegurada, estava desconcertado.

À frente dele, lívido, torturando os maxilares, com os olhos injetados de sangue, Lupin rangia os dentes de raiva, impotente. Secou a testa banhada de suor, pegou bruscamente a caixa, revirou-a como se esperasse ainda encontrar um fundo falso. No final, para eliminar qualquer dúvida, num acesso de fúria esmigalhou-a com as mãos.

Isso o fez respirar mais aliviado.

O imperador perguntou:

— Quem foi o responsável?

— Continua sendo o mesmo, sire, aquele que segue o mesmo caminho que eu, buscando o mesmo objetivo, o assassino do sr. Kesselbach.

— Quando?

— Esta noite. Ah, sire, por que não me deixou livre ao sair da prisão? Eu teria chegado aqui sem perder tanto tempo. Teria chegado antes dele! Antes dele, eu mesmo teria dado as moedas a Isilda!... Antes dele, eu teria lido o diário de Malreich, o velho criado francês!

— Acha que foi pelas revelações daquele diário?...

— Com certeza! Ele pôde lê-las, teve mais tempo para isso. Na sombra, não sei onde, informado de tudo que fazemos, não sei por quem, ele me dopou e se livrou de mim a noite inteira.

— Mas o palácio está sendo vigiado.

— Pelos seus soldados, sire. Acha que isso incomoda pessoas como ele? Com certeza, inclusive, Waldemar concentrou suas buscas nas alas de serviço, desguarnecendo com isso as portas do palácio.

— Mas e o barulho do relógio? As doze pancadas em plena noite?

— Brincadeira de criança, sire! É a coisa mais simples do mundo

impedir que um relógio soe!

— Tudo isso me parece bem inverossímil.

— Tudo isso, infelizmente, me parece muito claro. Se fosse possível, desde já, revistar todos os seus homens, ou saber as compras que farão no próximo ano, encontraríamos dois ou três que nesse momento têm no bolso algumas cédulas de dinheiro francês.

— Que absurdo! — protestou Waldemar.

— Pois acredite, meu querido conde, é uma questão de preço, e o sujeito de quem falamos não mede as despesas. Se ele quisesse, tenho certeza de que o senhor mesmo...

O imperador não ouvia, entregue a reflexões. Andou de um lado para outro na sala e depois fez sinal para um dos oficiais que aguardava no corredor.

— Meu automóvel... que o preparem. Estamos de partida.

Ele parou, observou Lupin por um momento e disse, aproximando-se do conde:

— Você também, Waldemar... Direto para Paris, sem paradas...

Lupin ficou de orelha em pé. Ouviu Waldemar responder:

— Com esse diabo a bordo, prefiro levar uma dúzia de guardas a mais...

— Como queira. Mas seja rápido, é preciso chegar ainda esta noite.

Lupin ergueu os ombros e murmurou:

— Que estupidez!

O imperador se voltou para ele, que continuou:

— Francamente, sire, Waldemar é incapaz de impedir minha fuga, então... — ele bateu o pé com violência. — Acredita que eu vá perder tempo mais uma vez? Vossa majestade pode até desistir da luta, mas eu não. Comecei e irei até o fim.

O imperador contrapôs:

— Não estou desistindo. Minha polícia entrará em ação.

Lupin soltou uma gargalhada.

— Que vossa majestade me desculpe, mas é muito engraçado! Vossa polícia... vale o que valem todas as polícias do mundo, ou seja, nada, absolutamente nada! Não, sire, não vou voltar à Santé. Com a prisão propriamente não me preocupo, mas preciso estar livre para agir

contra esse indivíduo. Livre estarei, então.

O imperador perdeu a paciência:

— Esse indivíduo... você nem sabe quem é.

— Mas saberei. E só eu posso conseguir isso. Ele próprio tem consciência desse fato. Sou seu único inimigo. É a mim que ele ataca. Foi a mim que quis atingir, outro dia, com uma bala de revólver. Foi a mim que precisou dopar, esta noite, para poder agir à vontade. O duelo é entre mim e ele. O mundo não tem nada a ver com isso. Ninguém pode me ajudar, assim como ninguém pode ajudá-lo. Somos dois, e isso é tudo. Até aqui a sorte o favoreceu. Mas no fim é inevitável: minha vitória é fatal.

— Por quê?

— Porque sou o melhor.

— Ele pode matá-lo.

— Não me matará. Arrancarei suas garras, vou deixá-lo incapacitado para agir. Recuperarei as cartas. Não há poder humano que possa impedir isso.

Falava com uma convicção tão violenta e tamanha confiança nas suas previsões que dava a elas a aparência real das coisas já feitas.

O imperador não conseguia evitar uma impressão confusa, inexplicável, uma espécie de admiração misturada àquela confiança que Lupin de maneira tão autoritária exigia. No fundo, só hesitava por se sentir desconfortável em empregar um fora da lei e fazer dele um aliado, por assim dizer. Preocupado, sem saber qual partido tomar, ele andava do corredor às janelas, calado.

Por fim, perguntou:

— E quem nos garante que as cartas foram roubadas esta noite?

— O roubo está datado, sire.

— O que disse?

— Basta que olhe a parte interna do ornamento que ocultava o esconderijo. A data foi escrita a giz branco: 24 de agosto, à meia-noite.

— É verdade... é verdade... — murmurou o imperador, confuso. — Como não vi?

E acrescentou, deixando transparecer curiosidade:

— É como esses dois N pintados na parede... não entendo. Estamos

na sala de Minerva.

— É a sala em que pernitoou Napoleão, imperador dos franceses — declarou Lupin.

— Como sabe?

— Waldemar pode confirmá-lo, sire. Para mim, quando vi o diário do velho criado, foi uma revelação. Percebi que Sholmes e eu pegamos o caminho errado. “Apoon”, a palavra incompleta que o grão-duque Hermann esboçou em seu leito de morte, não é uma contração da palavra “Apollon”, mas sim da palavra “Napoléon”.

— Está certo... tem razão... — disse o imperador. — As mesmas letras se encontram nas duas palavras, e na mesma ordem. O grão-duque quis evidentemente escrever Napoleão. Mas e o número 813?

— Ah! Foi o ponto que mais me deu trabalho esclarecer. Sempre achei que seria preciso somar os três algarismos: 8, 1 e 3. O número 12, assim obtido, me pareceu se aplicar a esta sala, que é a décima segunda do corredor. Mas isso não bastava, devia haver algo mais, algo que meu cérebro enfraquecido não conseguia formular. Ver o relógio de parede, justo na sala Napoleão, me fez entender tudo. Evidentemente era a décima segunda hora que o número 12 significava. Meio-dia, meia-noite! Não são as horas mais solenes, as mais escolhidas? Mas por que os algarismos 8, 1 e 3? Outros chegariam ao mesmo total...

“Foi quando pensei em fazer soar o relógio, a título de experiência, e vi que as pontas da primeira, da terceira e da oitava hora eram móveis. Obtive então três algarismos, 1, 3 e 8, que, colocados numa ordem fatídica, dão o número 813. Waldemar empurrou as três pontas e houve o destrave. Vossa majestade conhece o resultado.

“É essa, sire, a explicação para aquela palavra misteriosa e para os três algarismos que o grão-duque escreveu com mão agonizante, na esperança de que o filho encontrasse um dia o segredo de Veldenz e se tornasse dono das famosas cartas escondidas.”

O imperador escutava com atenção, cada vez mais surpreso com a engenhosidade, a clarividência, a argúcia e a voluntariosa persistência que via naquele homem.

— Waldemar? — ele chamou.

— Sire?

Mas no momento em que ia dizer alguma coisa, ouviu-se uma balbúrdia no corredor. Waldemar saiu e voltou.

— É a louca, sire, que os soldados tentam impedir de passar.

— Deixem-na vir — exclamou Lupin imediatamente. — É preciso que ela venha, sire.

O imperador fez um sinal e Waldemar foi buscar Isilda.

Quando a jovem entrou, a comoção foi geral. Seu rosto, tão pálido, estava coberto de manchas escuras. Suas feições em agonia indicavam intenso sofrimento. Estava ofegante, com as duas mãos crispadas contra o peito.

— Meu Deus! — exclamou Lupin, horrorizado.

— O que foi? — perguntou o imperador.

— O médico, sire! Não podemos perder um minuto!

Indo até a jovem, ele pediu:

— Fale, Isilda... Viu alguma coisa? Tem algo a dizer?

Ela parou. Os olhos pareciam menos vagos, de certa forma iluminados pela dor. Articulou sons... não palavras.

— Ouça — disse Lupin. — Responda sim ou não... com a cabeça... Você o viu? Sabe onde ele está?... Sabe quem ele é?... Ouça, se não responder...

Conteve a raiva que sentia. Mas, de repente, lembrando-se da experiência do dia anterior, em que ela parecia ter guardado uma memória visual do tempo em que tinha o juízo intacto, escreveu na parede um L e um M em maiúsculas.

A jovem estendeu os braços na direção das letras e balançou a cabeça, parecendo dizer sim.

— O que mais? O que mais? Escreva!

Mas ela deu um grito terrível e caiu no chão aos urros.

Depois, bruscamente, o silêncio, a imobilidade. Um sobressalto ainda, e não se moveu mais.

— Morreu? — perguntou o imperador.

— Envenenada.

— Ah, pobre menina... Por quem?

— Por *ele*, sire. É provável que Isilda o conhecesse, e ele teve medo

de que o denunciasse.

O médico estava chegando. O imperador indicou a vítima e logo em seguida disse a Waldemar:

— Todos os seus homens em campo... Revistem tudo... Telegramas para todos os postos da fronteira...

Depois, aproximando-se de Lupin:

— De quanto tempo precisa para recuperar as cartas?

— Um mês, sire...

— Ótimo. Waldemar o esperará aqui. Terá ordem minha e plenos poderes para lhe fornecer tudo que pedir.

— O que peço, sire, é a liberdade.

— Está livre...

Lupin o acompanhou com os olhos enquanto ele se afastava, depois disse entre dentes:

— Primeiro a liberdade... mas depois, quando eu lhe entregar as cartas, ó majestade, vou querer um aperto de mão. Isso mesmo, um aperto de mão de um imperador a um ladrão... para provar que se engana em bancar o imperador comigo. Pois, afinal, é um abuso; deixei meu apartamento no Santé Palace, presto favores, e ele mantém esse arzinho... Se voltar a cruzar com cliente assim...

13. Os sete bandidos

1

— A madame pode receber?

Dolores Kesselbach pegou o cartão que o empregado lhe entregava e leu: “André Beauny”.

— Não — ela disse. — Não o conheço.

— O cavalheiro insiste muito. Diz que madame aguarda a sua visita.

— Ah! Pode ser... é verdade... Traga-o aqui.

Desde os acontecimentos que tanto abalaram a sua vida, e de forma tão implacável, Dolores, após um período no hotel Bristol, acabara de se mudar para uma tranquila casa da rua des Vignes, no finalzinho do bairro de Passy.

Um bonito jardim se estendia nos fundos da casa, cercado por outros, dos vizinhos, com vegetação densa. Quando as crises mais dolorosas não a prendiam por dias inteiros no seu quarto, com as janelas fechadas, sem que ninguém pudesse vê-la, ela pedia que a levassem para debaixo das árvores e ali ficava, estendida numa espreguiçadeira, melancólica, incapaz de reagir contra o destino adverso.

O saibro do caminho estalou e, trazido pelo criado, um jovem de bela aparência se aproximou, vestido com muita simplicidade, à maneira um tanto fora de moda de certos pintores, com colarinho rebatido e gravata bufante de bolinhas brancas sobre fundo azul-marinho.

O empregado se afastou.

— André Beauny, não é? — perguntou Dolores.

— Isso mesmo, senhora.

— Não tive a honra...

— Creio que sim... Ao saber que sou amigo da sra. Ernemont, avó

de Geneviève, a senhora escreveu a Garches, dizendo que gostaria de falar comigo. Por isso estou aqui.

Dolores se ergueu, espantada.

— Ah, o senhor é...

— Sou.

Ela balbuciou:

— É mesmo? É o senhor? Não o reconheço.

— Não reconhece o príncipe Sernine?

— Não... Nada coincide... nem a fronte, nem os olhos... E não é também...

— Como os jornais descreveram o preso da Santé — ele completou, sorrindo. — No entanto, sou eu.

Um longo silêncio se fez, com os dois pouco à vontade.

Ele, por fim, perguntou:

— Posso saber o motivo?

— Geneviève não lhe disse?

— Não estive com ela. Mas sua avó pensou ter entendido que precisa dos meus serviços...

— É isso... isso mesmo...

— E para quê? Fico muito feliz.

Ela hesitou por um segundo e murmurou:

— Estou com medo.

— Medo? — ele exclamou.

— Sim — ela continuou em voz mais baixa. — Medo de tudo, medo do que acontece e do que acontecerá amanhã, depois de amanhã... medo da vida. Sofri tanto... não aguento mais.

Aquilo o afetava de maneira estranha. O dúbio sentimento que sempre o levava àquela jovem senhora ficava mais claro com o pedido de proteção. Era uma ardente necessidade de se dedicar por inteiro a ela, sem esperar qualquer recompensa.

Dolores continuou:

— Agora estou só, completamente só, cercada de estranhos que empreguei ao acaso, e tenho medo... Sinto que alguma coisa à minha volta se agita.

— Com que finalidade?

- Não sei. Mas o inimigo ronda e se aproxima.
- Viu alguém? Notou alguma coisa?
- Sim, dois homens passaram diversas vezes aqui na rua, há alguns dias, e pararam diante da casa.
- Pode descrevê-los?
- Vi melhor um deles: grande e forte, sem barba, vestindo uma jaqueta preta de algodão, curta.
- Como um garçom?
- Sim, como um maître. Mandeí que um dos meus empregados o seguisse. Então descobri que ele tomou a rua de la Pompe e entrou numa casa mal conservada, em cujo térreo há uma loja de vinhos, a primeira na rua, à esquerda. Depois disso, outra noite...
- Outra noite?
- Da janela do meu quarto, vi um vulto no jardim.
- Nada mais?
- Só isso.

Ele pensou um pouco e propôs:

- Permite que dois homens meus durmam num dos quartos do térreo?
- Dois homens seus?
- Ah, não se preocupe... São bons sujeitos, o velho Charolais e seu filho. De forma alguma parecem o que são... Com eles estará tranquila. Com relação a mim...

Ele hesitou um pouco. Achou que ela o convidaria a vir vê-la de novo. Como nada aconteceu, ele disse:

- É preferível que não me vejam aqui... Sim, é preferível... para a senhora. Meus homens me manterão informado.

Queria dizer mais alguma coisa, ficar, se sentar ao lado dela e reconfortá-la. Mas tinha a impressão de não haver mais pretexto e achava que qualquer palavra a mais dita por ele seria uma ofensa.

Então respeitosamente se despediu e saiu.

Atravessou o jardim com passadas rápidas, querendo logo estar na rua para dominar a emoção que sentia. O empregado o esperava à porta do vestíbulo. No momento em que saía, uma jovem tocava a campainha no portão.

Ele estremeceu:

— Geneviève!

Ela o olhou, surpresa, mas imediatamente, mesmo desconcertada pela extrema juventude daquele olhar, o reconheceu. Isso a perturbou a ponto de fazê-la se apoiar na porta.

Ele polidamente havia tirado o chapéu e a olhava, sem se atrever a estender a mão. O que ela faria? Não era mais o príncipe Sernine... era Arsène Lupin. E ela sabia quem era Arsène Lupin, sabia que ele saíra da prisão.

Na rua, estava chovendo. A jovem entregou o guarda-chuva ao empregado e balbuciou:

— Por favor, deixe-o aberto em algum lugar...

E passou.

“Meu pobre amigo”, ele disse a si mesmo, indo embora, “são emoções fortes demais para alguém inquieto e sensível como você. Cuide do seu coração ou... Bom, era só o que faltava, seus olhos umedecem! É um mau sinal, companheiro Lupin, está ficando velho.”

Logo em seguida, ele bateu no ombro de um rapaz que atravessava a Chaussée de la Muette, em direção à rua des Vignes. O rapaz parou e disse:

— Queira desculpar, mas não acredito...

— Pois acredite, meu caro Leduc. Ou tem a memória bem fraca. Lembre-se de Versalhes... o quartinho do hotel Dois Imperadores...

— O senhor!

O jovem tinha dado um pulo para trás, apavorado.

— Como não? Eu mesmo, o príncipe Sernine, ou melhor, Lupin, já que sabe meu nome! Achou que Lupin tinha morrido? Ah, entendo, a prisão... achou... Quanta inocência!

Deu uns tapinhas no ombro do rapaz:

— Vamos, meu jovem, recupere-se. Tem ainda uns dias tranquilos para escrever versos. Ainda não chegou a hora. Escreva versos, poeta!

Segurando-lhe o braço com força, ele completou, olhando-o de frente:

— Mas a hora se aproxima, poeta. Não se esqueça de que me pertence de corpo e alma. E prepare-se para representar seu papel.

Será difícil, mas magnífico. Aliás, juro que parece realmente ser a pessoa mais indicada para esse papel!

Soltou uma risada, deu meia-volta e deixou o jovem Leduc aparvalhado.

Um pouco mais adiante, na esquina da rua de la Pompe, ficava a loja de vinhos de que havia falado a sra. Kesselbach. Ele entrou e conversou por um bom momento com o dono. Depois chamou um automóvel e mandou que o levasse ao Grand Hotel, onde se hospedara como André Beauny.

Os irmãos Doudeville o esperavam.

Apesar de acostumado a esse tipo de comemoração, ele não deixou de se alegrar com as provas de admiração e fidelidade com que os amigos o receberam.

— Mas afinal, conte um pouco o que aconteceu. Quando se trata do patrão, até nos habituamos ao extraordinário... mas dessa vez... Então está livre? E aqui, em plena Paris, só disfarçado.

— Um charuto? — ofereceu Lupin.

— Obrigado... não.

— Devia experimentar, Doudeville. Esses são fora do comum. Vêm de um grande conhecedor, que se diz meu amigo.

— Hum... e podemos saber quem é?

— O kaiser... Vamos, não fiquem com essas caras de bobos e ponham-me a par de tudo, não tenho lido os jornais há muito tempo. Minha fuga, que efeito causou na opinião pública?

— Fulminante, patrão!

— Qual foi a versão da polícia?

— Que a fuga se passou em Garches, durante uma reconstituição do assassinato de Altenheim. Infelizmente, alguns jornalistas mostraram que essa versão não se sustentava.

— E depois?

— Depois, uma confusão geral. Procuram, riem, todos se divertem.

— E Weber?

— Está na corda bamba.

— Além disso, alguma novidade na Sûreté? Algo novo sobre o assassino? Alguma pista que nos ajude a estabelecer a identidade de

Altenheim?

— Nada.

— Maldição! Só de pensar que pagamos milhões por ano para alimentar essa gente! Se continuar assim, vou acabar deixando de pagar meus impostos. Pegue uma cadeira e uma caneta. Leve em seguida esta carta ao *Grand Journal*. Há muito tempo o universo está sem notícias minhas. Não deve aguentar mais de impaciência. Escreva:

Senhor redator-chefe,

Que os leitores me desculpem por frustrar sua legítima expectativa.

Fugi da prisão, e não posso dizer como. Além disso, depois da fuga, descobri o famoso segredo, mas não posso dizer que segredo é esse nem como o descobri.

Tudo isso, mais dia menos dia, será objeto de um relato dos mais originais que, partindo das minhas anotações, meu biógrafo titular publicará. É uma página da história da França que nossos netos lerão com interesse.

Por ora, tenho coisa melhor a fazer. Revoltado por ver em quais mãos caíram as funções que eu exercia, cansado de constatar que o caso Kesselbach-Altenheim continua no mesmo ponto, demito o sr. Weber e reassumo o cargo de honra que eu com tanto brilho ocupava, para satisfação geral, como Lenormand.

Arsène Lupin, chefe da Sûreté

Às oito da noite, Arsène Lupin e Doudeville entravam no Caillard, o restaurante da moda. O primeiro vestindo um fraque, mas com a calça um tanto larga, como usam os artistas, e a gravata mais solta do que o normal. Já Doudeville vestia uma sobrecasaca, com toda a aparência e a seriedade de um magistrado.

Escolheram a parte mais reservada do restaurante, separada do salão principal por duas colunas.

Um maître impecável e esnobe recebeu os pedidos, de bloquinho na mão. Lupin fez o seu com a minúcia e o requinte de um gourmet.

— Devo dizer — ele explicou ao seu companheiro de mesa — que as refeições cotidianas da prisão eram comíveis, mas é sempre mais agradável poder escolher o próprio prato.

Comeu com apetite e em silêncio, limitando-se apenas a alguma curta observação, vez ou outra, dentro das suas preocupações mais gerais.

— É claro, tudo se arranjará... mas não vai ser fácil. Que adversário! O que me deixa pasmo é que, passados seis meses de luta, nem sei o que ele quer! Seu principal cúmplice morreu, estamos praticamente no fim da batalha, e não entendo o seu jogo... O que quer o miserável? No que me concerne, meu plano é claro: pôr a mão no grão-ducado, colocar no trono um soberano da minha confiança, casá-lo com Geneviève... e reinar. Tudo isso é límpido, honesto e dentro dos conformes. Já o infame personagem, essa larva das trevas, aonde quer chegar?

Em seguida, chamou:

— Garçom!

O maître se aproximou.

— Pois não...

— Charutos.

O homem voltou com diversas caixas.

— O que me aconselha? — perguntou Lupin.

— Esses H. Upmann são excelentes.

Lupin ofereceu um a Doudeville, escolheu outro e o cortou. O maître riscou um fósforo e o aproximou. Rapidamente, Lupin agarrou o pulso do garçom e disse:

— Nenhuma palavra... eu o conheço... seu verdadeiro nome é Dominique Lecas...

O homem, que era grande e forte, tentou se soltar e precisou abafar um grito de dor. Lupin tinha torcido o seu pulso.

— Dominique... e mora na rua de la Pompe, num quarto andar, para onde se retirou com um bom dinheiro, obtido quando trabalhava... preste atenção, imbecil, ou te quebro os ossos... quando trabalhava para o barão Altenheim, de quem era mordomo.

O maître ficou paralisado, com o rosto branco de medo.

Além deles, não havia mais ninguém na saleta em que estavam. Ao lado, no salão principal, três clientes fumavam e dois casais conversavam, bebericando licores.

— Como vê, estamos tranquilos... podemos falar.

— Quem é o senhor? Quem é?

— Não me reconhece? Procure se lembrar daquele formidável almoço na vila Dupont... Foi você inclusive, velho patife, que me ofereceu um prato de docinhos... e que docinhos!

— O príncipe... o príncipe... — gaguejou o infeliz.

— Bingo! O príncipe Arsène, o príncipe Lupin em pessoa... Ah, respira aliviado? Acha que não há o que temer de Lupin, não é? Está errado, amigo, tem tudo a perder.

Tirou um cartão do bolso e mostrou:

— Veja só, agora sou da polícia... Fazer o quê? É como sempre acabamos... nós, os grandes senhores do roubo, os imperadores do crime.

— E o que quer? — perguntou o maître, ainda inquieto.

— O que quero é que atenda aquele cliente que está chamando ali. Faça o seu serviço e volte. Sem bancar o esperto nem tentar cair fora. Tenho dez agentes na calçada, de olho em você. Vá.

O homem fez o que lhe foi dito. Cinco minutos depois estava de volta e, de pé diante da mesa, de costas para a sala principal, como se

explicasse aos clientes a qualidade dos charutos, perguntou:

— E então? Do que se trata?

Lupin enfileirou sobre a mesa algumas notas de cem francos.

— Para cada resposta correta às minhas perguntas, uma nota.

— Combinado.

— Começo. Quantas pessoas trabalhavam para o barão Altenheim?

— Sete, além de mim.

— Só?

— Só. Apenas uma vez alguns operários italianos foram chamados para abrir os subterrâneos da vila das Glicínias, em Garches.

— Eram dois subterrâneos?

— Dois. Um levando ao pavilhão Hortense e outro partindo dele e passando por baixo do bangalô da sra. Kesselbach.

— O que pretendiam?

— Sequestrar a sra. Kesselbach.

— As duas empregadas, Suzanne e Gertrude, eram cúmplices?

— Eram.

— Onde estão?

— Fora da França.

— E os sete colegas da quadrilha Altenheim?

— Eu saí fora, mas eles continuam.

— Onde posso encontrá-los?

Dominique hesitou. Lupin tirou duas notas de mil francos e disse:

— É muito digno da sua parte, Dominique. Tem só que pôr a mão em cima e responder.

— Pode encontrá-los na estrada de la Révolte, número 3, em Neuilly. Um deles é conhecido como Quinquilheiro.

— Muito bem. E agora o nome, o nome verdadeiro de Altenheim. Sabe qual é?

— Ribeira.

— Está pegando um caminho errado, Dominique. Ribeira era um nome de guerra. Perguntei o nome de verdade.

— Parbury.

— Outro nome de guerra.

O maître hesitava. Lupin mostrou três notas de cem francos.

— Droga! — exclamou o homem. — Afinal, ele está morto mesmo, não é? E bem morto.

— O nome dele? — insistiu Lupin.

— O nome dele? Cavaleiro de Malreich.

Lupin deu um pulo na cadeira.

— O quê? O que disse? Cavaleiro... repita... cavaleiro...

— Raoul de Malreich.

Houve um silêncio. Com os olhos fixos, Lupin se lembrou da louca de Veldenz, morta envenenada. Isilda tinha o mesmo nome: Malreich. Era também o nome do pequeno fidalgo francês que chegara à corte de Veldenz no século XVII.

— De onde era Malreich?

— De origem francesa, mas nascido na Alemanha. Vi os documentos dele uma vez... Por isso descobri o nome. Ah, se ele soubesse, acho que me estrangularia.

Lupin pensou e perguntou:

— Era quem comandava?

— Era.

— Mas tinha um cúmplice, um sócio...

— Ah! Não fale disso... não fale...

O rosto do maître expressou de repente uma enorme ansiedade, que Lupin achou semelhante à espécie de pavor, de repulsa natural que ele próprio sentia só de pensar no assassino.

— Quem é? Você o viu?

— Por favor, não fale dele... não se deve falar dele.

— Quem é, estou perguntando.

— É o patrão... o chefe... ninguém o conhece.

— Mas você o viu. Responda. Você o viu?

— No escuro, algumas vezes... à noite. Nunca de dia. Suas ordens vinham em pequenos bilhetes... ou por telefone.

— O nome?

— Não sei. Nunca se falava dele. Dava azar.

— Ele se veste de preto, não é?

— Sim, de preto. É pequeno... magro... louro...

— É um assassino, não é?

— Sim... mata como outros roubam um pedaço de pão.

Sua voz tremia. Ele suplicou:

— Chega, não se deve falar disso... posso garantir... dá azar.

Lupin se calou, impressionado com a aflição do sujeito.

Ficou pensando por um bom tempo, depois se levantou e disse:

— Tome, pegue o seu dinheiro, mas se quiser viver em paz não comente com ninguém sobre a nossa conversa.

Saiu do restaurante com Doudeville e caminhou até a Porta Saint-Denis em silêncio, preocupado com tudo que acabara de saber.

Pegou o braço do companheiro e disse:

— Ouça, Doudeville. Vá à Gare du Nord e chegue a tempo de pegar o expresso para Luxemburgo. Vá a Veldenz, capital do grão-ducado de Deux-Ponts-Veldenz. Não será difícil conseguir na prefeitura a certidão de nascimento do cavaleiro de Malreich e algumas informações sobre sua família. Estará de volta depois de amanhã, sábado.

— Devo avisar à Sûreté?

— Farei isso. Telefone dizendo que está doente. Ah, mais uma coisa. Vamos nos encontrar ao meio-dia num pequeno café da estrada de la Révolte chamado restaurante Buffalo. Vá vestido como um operário.

JÁ NO DIA SEGUINTE, vestindo um macacão de trabalho e um boné, Lupin foi a Neuilly e começou sua investigação em torno do número 3 da estrada de la Révolte. Uma entrada larga dava para um primeiro pátio e a partir dali havia uma verdadeira cidadela, uma quantidade de passagens e ateliês em que se agitava toda uma população de artesãos, mulheres e crianças. Em poucos minutos ele ganhou a simpatia da zeladora, com quem conversou fiado por uma hora sobre os assuntos mais diversos. Ao longo dessa hora, viu passar, um de cada vez, três indivíduos com um aspecto que lhe chamou a atenção:

“Isso é caça, e com cheiro forte... pode-se seguir pelo nariz. Querendo se passar por trabalhador... Uma ova! É olhar de bicho que sente o inimigo por todo lugar: cada moita, cada montinho de mato pode esconder uma armadilha.”

À tarde e na manhã de sábado ele continuou a investigar e concluiu que os sete cúmplices de Altenheim moravam todos naquele grupo de

prédios. Quatro deles exerciam oficialmente a profissão de vendedores de roupas. Dois vendiam jornais e o sétimo se dizia quinquilheiro, que era como, aliás, o chamavam.

Todos passavam uns pelos outros fingindo não se conhecerem. No fim do dia, porém, Lupin constatou que se reuniram numa espécie de depósito no fundo do último dos pátios, onde o Quinquilheiro amontoava suas mercadorias, ferros-velhos, fogões arrebitados, tubos de aquecimento enferrujados... além de, sem dúvida, a maior parte do que roubavam.

“Hum, estamos indo bem. Pedi um mês ao meu primo da Alemanha, mas acho que quinze dias bastarão. E fico contente por começar a operação pelos caras que me fizeram dar aquele mergulho no Sena. Meu bom e velho Gourel, vou enfim vingá-lo. Nunca é tarde!”, pensou Lupin.

Ao meio-dia, ele chegou ao restaurante Buffalo, um espaço pequeno, de teto baixo, aonde trabalhadores braçais e cocheiros iam para comer o prato do dia.

Alguém se sentou a seu lado.

— Tudo certo, patrão.

— Ah, é você, Doudeville. Ótimo. Estou ansioso para saber. Conseguiu as informações? A certidão de nascimento? Conte tudo.

— Bom, aí vai! O pai e a mãe de Altenheim morreram no exterior.

— Prossiga.

— Deixaram três filhos.

— Três?

— Isso mesmo. O mais velho teria hoje trinta anos. Chamava-se Raoul de Malreich.

— Sim, o nosso Altenheim. E quem mais?

— A caçula era uma menina, Isilda. No registro, foi recentemente marcado “Morta”.

— Isilda... Isilda — repetiu Lupin. — Como pensei, Isilda era irmã de Altenheim. Achei que seus traços me lembravam alguém... É o que os ligava... E o outro, o terceiro, ou melhor, o do meio?

— Um menino. Tem atualmente vinte e seis anos.

— Como se chama?

— Louis de Malreich.

Lupin levou um susto.

— É isso! Louis de Malreich... As iniciais L. M. A terrível e aterradora assinatura... O assassino se chama Louis de Malreich... Irmão de Altenheim e de Isilda. E matou os dois com medo de que revelassem alguma coisa...

Lupin permaneceu por algum tempo taciturno, sombrio, provavelmente ainda obcecado pelo personagem misterioso.

Doudeville perguntou:

— Por que se preocuparia com a irmã? Era louca, pelo que disseram.

— Louca, mas capaz de se lembrar de alguns detalhes da infância. Reconheceu o irmão com quem tinha sido criada... E essa lembrança lhe custou a vida.

Em seguida, acrescentou:

— Louca! Toda essa gente é louca... A mãe era louca... O pai, alcoólatra... Altenheim, um verdadeiro animal... Isilda, uma pobre demente... Já o outro, o assassino, é o monstro, o maníaco imbecil...

— Imbecil, patrão?

— Com certeza... imbecil! Com lampejos de genialidade, com artimanhas e intuições de demônio, mas perturbado, louco como toda a família Malreich. Só loucos matam, e sobretudo loucos como esse. Afinal...

Interrompeu o que ia dizer. Seu rosto se contraiu de tal forma que Doudeville se assustou.

— O que houve, patrão?

— Veja.

Um homem acabava de entrar e pendurar o chapéu num gancho... um chapéu preto, de feltro mole. Sentou-se a uma mesa pequena, examinou o cardápio que o garçom lhe mostrava, fez o pedido e esperou, imóvel, com o tronco muito aprumado e os dois braços cruzados em cima da toalha.

Lupin o via bem de frente.

Tinha um rosto magro e seco, imberbe, com órbitas profundas, no fundo das quais se viam olhos cinzentos, cor de ferro. A pele parecia esticada nos ossos como um pergaminho, tão dura, tão grossa que nenhum pelo conseguira atravessá-la.

A expressão era apática, nada a animava. Pensamento nenhum parecia existir sob aquela testa de marfim. As pálpebras, sem cílios, nunca se moviam, dando ao olhar a fixidez dos olhos de uma estátua.

Lupin acenou para um garçom.

— Quem é aquele homem?

— Aquele que está almoçando ali?

— Isso.

— Um cliente. Vem duas ou três vezes por semana.

— Sabe como se chama?

— Até sei... Léon Massier.

— Ah! — balbuciou Lupin, sentindo um calafrio.

L. M... as duas iniciais... Seria Louis de Malreich? Avidamente o observou. Seu aspecto na verdade correspondia ao que havia imaginado, pelo que sabia dele e da sua infame existência. Mas o que mais o perturbava era aquele olhar de morto onde deveria haver vida e calor... era a impassibilidade onde era de se supor tormento e desordem: era o esgar lancinante dos grandes malditos.

Voltou a perguntar ao garçom:

— Sabe o que ele faz?

— Não, realmente não sei dizer. É um sujeito estranho. Está sempre sozinho... Não fala com ninguém. Nunca ouvimos a sua voz. Ele

mostra no cardápio o que quer, com o dedo. Em vinte minutos termina, paga e vai embora.

— E volta...?

— A cada quatro ou cinco dias. Não é regular.

“É ele, só pode ser ele”, Lupin repetia para si mesmo. “É Malreich, ali está... respirando a quatro passos de mim. São aquelas mãos que matam. É aquele cérebro que se inebria com o cheiro do sangue... É o monstro, o vampiro...”

Seria mesmo possível? Lupin o considerava tão fantástico que se sentia desconcertado vendo-o sob uma forma viva; indo, vindo, agindo. Não podia aceitar que comesse pão e bife como todo mundo, que bebesse cerveja como qualquer um, pois o imaginava uma besta imunda, se alimentando de carne crua e bebendo o sangue das vítimas.

— Vamos embora, Doudeville.

— O que houve, patrão? Ficou pálido.

— Preciso de ar fresco.

Do lado de fora, ele respirou a plenos pulmões, secou a testa molhada de suor e murmurou:

— Já me sinto melhor. Estava sem ar.

Controlando-se, explicou:

— Doudeville, o desfecho se aproxima. Há semanas luto às cegas contra um inimigo invisível. Mas, de repente, o acaso o colocou no meu caminho! Estamos agora em pé de igualdade.

— Que tal nos separarmos, patrão? Nosso inimigo nos viu juntos. Chamaremos menos atenção...

— Será que nos viu? — devaneou Lupin. — Parece não ver nem ouvir nada, sequer olhar. Que figura estranha!

De fato, dez minutos depois Léon Massier apareceu e se afastou, sem se preocupar em saber se estava sendo seguido ou não. Tinha acendido um cigarro e fumava, com uma das mãos atrás das costas, como alguém que flana aproveitando o sol e o ar fresco, sem imaginar que vigiam o seu passeio.

Atravessou a barreira de controle municipal das mercadorias, passou ao longo das fortificações, saiu novamente pela Porta

Champerret e voltou à estrada de la Révolte.

Entraria no prédio número 3? Lupin torcia por isso, pois seria uma prova indiscutível do envolvimento com a quadrilha Altenheim, mas o homem virou e tomou a rua Delaizement, continuando por ela até passar do velódromo Buffalo.

À esquerda, em frente ao velódromo, entre as quadras de tênis que se alugam e os quiosques da rua Delaizement, havia um pequeno pavilhão isolado, com um jardimzinho em volta.

Léon Massier parou, pegou seu molho de chaves, abriu o portão do jardim, depois a porta da casa, e entrou.

Lupin se aproximou com cuidado. De imediato, notou que os prédios da estrada de la Révolte chegavam até os fundos do jardim.

Avançando mais, percebeu um depósito alto, encostado no muro.

Pela disposição, ficou claro que esse depósito se anexava ao que havia no último pátio do número 3 da estrada de la Révolte, usado pelo Quinquilheiro.

Ou seja, Léon Massier morava em uma casa contígua ao cômodo em que se reuniam os sete cúmplices da quadrilha Altenheim. Isso queria dizer que Léon Massier era de fato o chefe supremo que comandava a quadrilha e o fazia por uma passagem aberta entre os dois depósitos que se comunicavam.

— Não me enganei — disse Lupin. — Léon Massier e Louis de Malreich são a mesma pessoa. A coisa fica mais simples.

— Bem mais — concordou Doudeville. — Em poucos dias tudo estará resolvido.

— Sim, porque terei levado uma navalhada na garganta.

— O que é isso, patrão? Que ideia!

— Vai saber! Sempre achei que esse monstro me daria azar.

DALI EM DIANTE foi só acompanhar, por assim dizer, a vida de Malreich de maneira que nenhum dos seus movimentos passasse despercebido.

Era uma vida das mais estranhas, segundo as pessoas do bairro interrogadas por Doudeville. O “fulano do pavilhão”, como era chamado, morava ali havia poucos meses. Não via nem recebia

ninguém. Ao que tudo indicava, não tinha empregados. Além disso, as janelas, apesar de sempre abertas, mesmo à noite, estavam invariavelmente às escuras, sem que nunca se visse a claridade de uma vela ou de uma lâmpada.

Na maior parte do tempo, aliás, Léon Massier saía ao anoitecer e só voltava bem tarde... ao amanhecer, diziam as pessoas que o haviam visto ao raiar do sol.

— E sabem o que ele faz? — perguntou Lupin ao companheiro.

— Não. Sua existência é absolutamente irregular. Às vezes desaparece por vários dias... ou talvez esteja fechado em casa. Na verdade, ninguém sabe de coisa alguma.

— Pois vamos saber, e não vai demorar.

Grande engano. Passados oito dias de investigações e esforços contínuos, não se soube muita coisa mais sobre o estranho personagem. Lupin o seguia, mas um detalhe extraordinário é que o homem, que andava com passinhos miúdos pelas ruas, sem nunca parar, desaparecia de repente como por milagre. Às vezes usava prédios com saídas duplas, mas em outras ocasiões parecia simplesmente evaporar entre as pessoas, como um fantasma, deixando Lupin paralisado, perdido, confuso e cheio de raiva.

Ele corria então para a rua Delaizement e ficava de tocaia. Minutos se arrastavam, quartos de hora se acumulavam. Parte da noite havia se passado. De repente, chegava o homem misterioso. O que teria feito?

— Uma mensagem expressa, patrão — disse Doudeville a Lupin certa noite, por volta das oito horas, ao encontrá-lo na rua Delaizement.

Lupin rasgou o envelope. A sra. Kesselbach implorava que fosse ajudá-la. Ao cair da tarde, dois homens tinham parado sob uma das suas janelas e dito: “Sorte nossa, não perceberam... Então está combinado, o golpe será esta noite”. Ela desceu e constatou que a folha de uma janela da copa não fechava mais ou, em todo caso, podia ser aberta de fora.

— É o próprio inimigo quem afinal começa a batalha. Até prefiro assim! Estou cansado de ficar de pé vigiando a casa de Malreich — disse Lupin.

— Ele está lá agora?

— Não. Mais uma vez me despistou pela cidade. Eu bem que queria dar o troco. Mas antes disso preste atenção, Doudeville. Reúna uma dezena dos nossos homens mais firmes... Ah, chame Marco e Jérôme. Desde a história do Palace Hotel deixei-os meio de molho... Mas que venham dessa vez. Depois de juntar todo mundo, leve-os para a rua des Vignes. O velho Charolais e o filho já devem estar montando guarda. Entenda-se com eles e me encontre às onze e meia na esquina das ruas des Vignes e Raynouard. De lá ficaremos de olho na casa.

Doudeville se foi. Lupin esperou ainda uma hora, até que a tranquila rua Delaizement ficasse deserta, e, vendo que Léon Massier não voltava, resolveu se aproximar do pavilhão.

Ninguém por perto. Tomou impulso na mureta onde se fixava a grade que cercava o jardim e pouco depois estava lá dentro.

Seu plano era forçar a porta e revistar os cômodos, atrás das tão faladas cartas do imperador roubadas por Malreich em Veldenz. Mas achou ser mais urgente visitar o depósito.

Ficou muito surpreso ao ver que a porta não estava trancada. Em seguida, com uma lanterna elétrica, constatou não só que o tal depósito estava totalmente vazio mas que também não havia porta

alguma no muro dos fundos.

Procurou bem e nada encontrou. Do lado de fora, porém, viu uma escada apoiada na parede, que evidentemente servia para subir numa espécie de desvão sob o telhado de ardósia.

Caixas velhas, feixes de palha e armações para jardinagem atravancavam o tal desvão, ou melhor, pareciam atravancar, pois ele facilmente descobriu uma passagem que o levou ao muro.

Esbarrou num cercado, que tentou deslocar.

Não conseguindo, examinou-o melhor e percebeu, primeiro, que estava preso no muro, e, depois, que faltava um dos caixilhos.

Atravessou-o com o braço, projetou a luz da lanterna e olhou: era um grande hangar, um depósito maior do que o do pavilhão, lotado de ferragens e de objetos de todo tipo.

“Achei. Por essa abertura bem no alto do depósito do Quinquilheiro é que Louis de Malreich vê, escuta e vigia seus cúmplices, sem ser visto nem ouvido. Entendo agora por que eles não conhecem o chefe”, pensou Lupin.

Satisfeito, desligou a lanterna e se preparava para ir embora quando uma porta, bem em frente e abaixo, foi aberta. Alguém entrou. Uma lâmpada foi acesa. Era o Quinquilheiro.

Resolveu então ficar, pois se o bandido ainda estava ali era porque a expedição não começaria logo.

O Quinquilheiro tirou dois revólveres do bolso, verificou se estavam funcionando bem e trocou as balas, enquanto assobiava um refrão popular.

Uma hora se passou assim. Lupin começava a se preocupar, sem, no entanto, se mover.

Mais alguns minutos, meia hora, uma hora...

Por fim o homem disse em voz alta:

— Entre.

Um dos bandidos entrou e, logo depois, chegaram os demais.

— Estamos todos aqui — disse o Quinquilheiro. — Dieudonné e Bochecha já nos esperam lá. Vamos, não há tempo a perder... Estão armados?

— Até os dentes.

— Melhor assim. A coisa vai ser quente.
— Como sabe, Quinquilheiro?
— Estive com o chefe... Quando digo que *estive*... Enfim, ele falou comigo...

— Sei, como sempre à sombra — disse um dos homens —, numa esquina... Ah, eu bem que preferiria lidar com Altenheim. Pelo menos sabíamos o que estava acontecendo.

— E agora não sabe? — o Quinquilheiro reagiu, com brusquidão. — Vamos assaltar a casa da Kesselbach.

— E os dois vigias? Os dois sujeitos colocados pelo Lupin?

— Azar o deles. Somos sete. Será melhor que fiquem calados.

— E a Kesselbach?

— Primeiro amordaçada, depois amarrada e trazida para cá... Vai ficar aqui nesse sofá velho... E esperaremos novas ordens.

— O dinheiro é bom?

— As joias da Kesselbach, para começar.

— Sei, isso se der certo. Estou falando do garantido.

— Três notas de cem francos de adiantamento para cada um. Depois o dobro.

— Está com a grana?

— Estou.

— Ótimo. Podemos até reclamar, mas em matéria de pagamento o cara é sem igual.

E num tom mais baixo, que Lupin mal conseguiu entender, ele continuou:

— Diga, Quinquilheiro, se tivermos que usar a faca, tem um prêmio?

— O de sempre, dois mil.

— E se for Lupin?

— Três mil.

— Ah, se pudermos pegar o sujeito...

Um de cada vez, eles deixaram o depósito.

Lupin ainda ouviu o Quinquilheiro dizer:

— O plano de ataque é o seguinte: a gente se divide em três grupos. Um assobio e todos vão em frente...

Às pressas, Lupin deixou seu esconderijo, desceu a escada, contornou o pavilhão sem entrar e pulou a grade.

— O Quinquilheiro tem razão, vai ser quente... Ah, então é a minha pele que eles querem! Um prêmio por Lupin! Que patifes!

Atravessou a barreira municipal, entrou em Paris e fez sinal para um táxi motorizado.

— Rua Raynouard.

Mandou parar a trezentos metros da rua des Vignes e caminhou até a esquina.

Para sua surpresa, Doudeville não estava lá.

“Estranho”, ele pensou, “e já é mais de meia-noite... isso é muito suspeito.”

Esperou dez, vinte minutos. À meia-noite e meia, ninguém. Um atraso maior podia ser perigoso. No final das contas, se Doudeville e os amigos por algum motivo não viessem, Charolais, o filho e ele mesmo já bastariam para impedir o ataque, sem falar na ajuda dos empregados.

Seguiu então em frente, mas percebeu dois homens que tentavam se esconder no escuro, numa reentrância da casa.

“Droga! São os dois da quadrilha que encontrariam os outros aqui, Dieudonné e Bochecha. Acabei ficando muito para trás.”

Teve que perder mais um tempo. Seria melhor ir direto a eles e tirá-los de combate, para só depois entrar na casa pela janela da copa que sabia estar livre? Era a opção mais prudente, que ainda lhe permitiria levar imediatamente a sra. Kesselbach, deixando-a fora de perigo.

Mas assim comprometeria seu plano, desperdiçando aquela oportunidade única de pegar na armadilha não só a quadrilha inteira, mas provavelmente Louis de Malreich também.

De repente, ouviu um assobio em algum lugar do outro lado da casa.

Seriam já os outros? O contra-ataque aconteceria no jardim?

Àquele sinal os dois homens pularam a janela e entraram.

Lupin deu um salto, escalou a sacada e entrou na copa. Pelo barulho dos passos, julgou que os bandidos passavam pelo jardim, e o barulho era tão claro que o tranquilizou. Charolais e o filho não podiam deixar

de ter ouvido.

Então subiu. O quarto da sra. Kesselbach ficava logo adiante. Entrou.

À claridade de uma lamparina ele viu Dolores num divã, desacordada. Correu até ela, despertou-a e, com voz enfática, perguntou:

— Ouça... Charolais e o filho? Onde estão?

Ela balbuciou:

— O quê? Por que pergunta? Eles se foram...

— Como, se foram?

— Uma mensagem expressa sua... há uma hora...

Ao lado dela estava um papel azul, onde ele leu:

Envie imediatamente os dois vigias... e todos os meus homens... Espero-os no Grand Hotel. Não se preocupe.

— Caramba! E você acreditou! E os seus empregados?

— Foram embora.

Ele se aproximou da janela. Lá fora, dois homens vinham de uma extremidade do jardim.

Pela janela do quarto ao lado, que dava para a rua, viu dois outros, na calçada.

Pensou em Dieudonné e Bochecha, mas sobretudo em Louis de Malreich, que devia rondar por perto, invisível e implacável.

— Maldição! — ele murmurou. — Começo a achar que estou perdido.

14. O homem de preto

1

Naquele momento, Arsène Lupin teve a impressão, ou antes a certeza, de ter sido atraído para uma arapuca por meios que ainda não podia identificar, mas que sem dúvida tinham sido muito bem planejados e com prodigiosa competência.

Tudo fora previsto, tudo era proposital: o afastamento dos seus homens, o desaparecimento ou a traição dos empregados e até a sua presença na casa da sra. Kesselbach.

Tudo dera certo graças a competentes ações do inimigo, mas também a circunstâncias que lhe foram quase milagrosamente favoráveis, pois afinal Lupin poderia ter chegado antes que a falsa mensagem fizesse seus amigos se retirarem. Nesse caso, porém, seria a guerra entre o seu bando e o de Altenheim. Lembrando-se, no entanto, do comportamento de Malreich, do assassinato do barão e do envenenamento da louca de Veldenz, Lupin se perguntava se a armadilha tinha sido montada apenas contra ele ou se Malreich não havia também previsto, num confronto geral, a eliminação de cúmplices que agora o incomodavam.

Era apenas uma intuição, uma ideia fugidia, pois o momento exigia ação. Devia defender Dolores, cujo sequestro, em princípio, era a motivação do ataque.

Entreabriu a janela da rua e apontou o revólver. Um tiro e seria o alarme no bairro, fazendo os bandidos fugirem.

— Não! — ele murmurou. — Não é agora que vou fugir da luta. A oportunidade é boa demais... Além disso, quem garante que fugiriam?... Eles têm a vantagem da superioridade numérica e estão pouco ligando para a vizinhança.

Voltou ao quarto de Dolores. Ouviu um barulho. Prestou atenção e

suspeitou que tivesse vindo da escada. Trancou bem a porta.

Dolores chorava e soluçava no divã.

Ele perguntou, suplicante:

— Estamos no primeiro andar. Teria forças para descer pela janela? Eu ajudaria... com lençóis...

— Não, não me deixe... Eles vão me matar... Proteja-me.

Ele a levou nos braços para o quarto ao lado e, inclinando-se sobre ela, pediu:

— Não se mexa e fique calma. Juro que, enquanto eu estiver vivo, nenhum desses homens chegará até aqui.

A porta do primeiro quarto foi sacudida com violência. Agarrando-se a ele, Dolores choramingou:

— Ah, são eles! Estão ali... Vão matá-lo... Você está só...

Ele afirmou com convicção:

— Não estou só, você está aqui... Está aqui perto de mim.

Quis se soltar; ela pegou a sua cabeça com as duas mãos e, olhando-o bem nos olhos, perguntou.

— Aonde vai? O que vai fazer? Não morra... não quero isso... Preciso que viva... preciso...

Balbuciou outras palavras que não puderam ser ouvidas e que ela parecia abafar nos lábios para que não fossem ouvidas. Sem mais energia, exausta, voltou a cair desacordada.

Ele se debruçou e a contemplou por um instante. Com carinho, beijou seus cabelos.

Em seguida voltou ao primeiro quarto, fechou bem a porta que ligava os dois cômodos e acendeu a luz.

— Só um minuto, meninos! — ele gritou. — Estão com tanta pressa assim para serem aniquilados? Sabem que do lado de cá é Lupin quem os espera? Vejam bem onde estão se metendo!

Enquanto falava, abriu um biombo de maneira a ocultar o sofá em que, pouco antes, a sra. Kesselbach descansava. Antes, porém, ele havia jogado em cima do móvel um monte de vestidos e cobertas.

A porta estava prestes a ser derrubada.

— Pronto! Já vou! Estão prontos? Vejam o primeiro desses cavalheiros!

Rapidamente a chave foi girada na fechadura e o ferrolho puxado.

Gritos, ameaças, um burburinho de animais raivosos no enquadramento da porta aberta.

Ninguém, no entanto, se atrevia a entrar. Em vez de saltarem em cima de Lupin, hesitavam inquietos, paralisados de medo...

Era o que ele havia previsto.

De pé no meio do quarto bem iluminado, com os braços estendidos ele contava um bolo de notas, uma a uma, estalando-as nos dedos. Separou-as em sete partes iguais e tranquilamente propôs:

— Três mil francos de prêmio para cada um se Lupin for enviado *ad patres*? Não foi o que prometeram? Pago o dobro.

Colocou as pilhas em cima de uma mesa, ao alcance dos bandidos.

O Quinquilheiro berrou:

— Conversa fiada! Ele quer é ganhar tempo. Atirem!

Ergueu o braço. Os companheiros o fizeram esperar.

Lupin continuava a falar:

— É claro, isso não altera o plano de vocês. Vieram aqui para, primeiro, sequestrar a sra. Kesselbach; e segundo, aproveitando a viagem, roubar suas joias. Eu seria o último dos salafrários se me opusesse a essas duas coisas.

— Conversa fiada! Aonde quer chegar? — grunhiu o Quinquilheiro, que, bem ou mal, ouvia.

— Ah! O Quinquilheiro começa a se interessar. Chegue mais, meu velho... Vocês todos... Há um sorrateiro vento encanado no alto dessa escada, e gente sensível como vocês pode pegar um resfriado... O que é isso? Estão com medo? Como sabem, estou sozinho... Animem-se, meninos.

Entraram no quarto, intrigados e desconfiados.

— Feche a porta, Quinquilheiro... ficaremos mais à vontade. Obrigado, garoto. Ah, vejo que nesse meio-tempo as notas de mil sumiram. Quer dizer que temos um acordo. É sempre fácil haver acordo entre pessoas corretas!

— O que está dizendo?

— O quê? Ora, que estamos combinados...

— Combinados?

— Como não? Não aceitaram o dinheiro? Estamos juntos nessa, sócio, eis como vamos agir: primeiro, sequestrar a jovem senhora; segundo, pegar as joias.

O Quinquilheiro riu:

— Não precisamos de você.

— Precisam sim, sócio.

— Para quê?

— Não sabem onde as joias estão escondidas e eu sei.

— Podemos encontrar.

— Só amanhã, não esta noite.

— Então vai falando. O que quer?

— Repartir as joias.

— E por que não pegou tudo, já que sabe onde estão?

— Não consegui abrir sozinho. Tem um segredo que não conheço.

Já que estão aqui, podem me ajudar.

O Quinquilheiro hesitava.

— Repartir... repartir... umas pedras e alguns cobres, quem sabe...

— Imbecil! Tem pra lá de um milhão de francos.

Os homens se alvoroçaram, impressionados.

— Pode ser — concordou o Quinquilheiro. — Mas e se a Kesselbach fugir? Está no outro quarto, não é?

— Não, está aqui mesmo.

Então ele rapidamente afastou uma das abas do biombo, deixando que vissem o amontoado de roupas e de cobertas que ele tinha juntado no sofá.

— Está desmaiada, mas só vou entregá-la depois da divisão.

— Mas...

— É pegar ou largar. Posso estar só, mas sabem o quanto valho.

Então...

Os homens se entreolharam e o Quinquilheiro disse:

— Onde é o esconderijo?

— Sob o piso da lareira. Mas, ao que parece, quando não se sabe o segredo é preciso erguer a lareira inteira, o espelho, os mármore, tudo num bloco só. É um trabalho duro.

— Ah! Nós damos conta. Vai ver só. Em cinco minutos...

Deu as ordens e seus companheiros logo começaram, com uma animação e uma disciplina admiráveis. Dois deles, em cima de cadeiras, tentavam erguer o espelho. Os outros quatro se empenhavam na lareira, junto com o Quinquilheiro, que, agachado, controlava o conjunto e comandava:

— Energia, rapazes! Juntos, por favor... Cuidado! Um, dois... Ah! Vamos, força! Hum, acho que mexeu um pouco.

Parado atrás deles, com as mãos nas costas, Lupin os olhava com ternura, saboreando com todo o seu orgulho de artista, de comandante, aquela tão evidente comprovação da sua autoridade, da sua força, da magnífica ascendência que exercia sobre os outros. Como aqueles bandidos podiam ter, por um segundo, admitido uma história tão absurda, perdendo a noção das coisas a ponto de lhe conceder todas as chances da batalha?

Tirou dos bolsos dois revólveres enormes e excelentes, estendeu os dois braços e tranquilamente, escolhendo suas duas primeiras vítimas, e as duas seguintes, apontou como se aponta para um alvo num estande de tiro. Dois disparos ao mesmo tempo, e dois mais...

Gritos... Quatro homens tombaram, um depois do outro, como bonecos de brinquedo.

— Quatro tirados de sete, restam três — disse Lupin. — Devo continuar?

Seus braços continuavam estendidos, os dois revólveres engatilhados e apontados para o grupo formado pelo Quinquilheiro e mais dois camaradas.

— Canalha! — rosnou o primeiro, procurando uma arma.

— Mãos para o alto ou atiro! — gritou Lupin. — Muito bem! Agora, vocês, desarmem o amigo... ou...

Tremendo de medo, os dois controlaram o chefe e o forçaram a se acalmar.

— Amarrem-no! Rápido com isso, diabos! Estão esperando o quê? Assim que eu tiver ido embora, estarão livres... Deu pra entender? Primeiro os pulsos... com seus cintos... E os tornozelos. Rápido...

Desamparado, vencido, o Quinquilheiro não resistia mais. Enquanto os dois homens o amarravam, Lupin se abaixou e deu uma violenta

coronhada na cabeça de cada um. Eles caíram no chão.

— Isso é um trabalho bem feito — ele disse, com um suspiro de alívio. — Pena que não eram uns cinquenta... No embalo em que estou... E tudo isso com suavidade... sorriso nos lábios... O que achou, Quinquilheiro?

O bandido só resmungou. Lupin então continuou:

— Não fique chateado, amigo. Se servir de consolo, pense que cooperou com uma boa ação salvando a sra. Kesselbach. Ela virá agradecer pessoalmente pela generosidade.

Foi até a porta do segundo quarto e abriu.

— Ah! — ele exclamou à entrada, perplexo, assustado.

O quarto estava vazio.

Aproximou-se da janela e viu uma escada posicionada contra a sacada, uma escada desmontável de aço.

— Raptada... raptada... — ele murmurou. — Louis de Malreich... Ah, maldito!

Pensou por um minuto, tentando controlar a aflição. Achou que não era preciso se alarmar demais, pois a sra. Kesselbach não corria qualquer perigo imediato. Mesmo assim era grande a raiva e ele descontou nos bandidos, distribuindo chutes nos feridos e pegando o dinheiro de volta. Depois, amordaçou-os e amarrou as mãos de todos com tudo que pôde encontrar: cordões de cortinas, lençóis e cobertores rasgados em tiras. Em seguida enfileirou no tapete, diante do sofá, sete embrulhos humanos, juntos e preparados para expedição.

— Espetinhos de múmias no canapé — ele riu. — Prato de primeira para quem sabe apreciar! Bando de idiotas, como se meteram nisso? Parecem afogados num necrotério... Também, quem mandou irrem contra Lupin, o defensor das viúvas e dos órfãos? Estão tremendo? Não é preciso, meus cordeirinhos! Lupin não faz mal a uma mosca... Só que Lupin é bom sujeito, não gosta da canalha e conhece seus deveres. E, vejam só, acham possível conviver com velhacos assim? Em que mundo estamos? Não se respeita mais a vida do próximo? Os bens alheios? Não há mais leis? Nem sociedade? Nem consciência? Nada mais? Onde vamos parar, Deus do céu, onde?

Sem nem se dar ao trabalho de fechar a porta, ele saiu do quarto, chegou à rua e andou até o táxi que o esperava. Mandou o motorista procurar um colega e seguiram, os dois automóveis, para a casa da sra. Kesselbach.

Uma boa gorjeta já de início evitou explicações desnecessárias. Com a ajuda dos dois taxistas, os sete prisioneiros foram colocados nos carros de qualquer jeito, um por cima do outro. Os feridos gritavam e gemiam.

— Cuidado com as mãos — ele avisou, fechando as portas.

Sentou-se no primeiro automóvel.

— Podemos ir!

— Para onde? — perguntou o motorista.

— Quai des Orfèvres, 36. É o endereço da Sûreté.

Os motores roncaram. Barulho de partida, e o estranho cortejo começou a descer as ladeiras do Trocadéro.

Nas ruas, os carros passaram por carroças de legumes. Os lampiões começavam a ser apagados por homens com varas compridas.

Havia estrelas no céu. Soprava uma brisa fresca.

Lupin cantava.

Prça de la Concorde, Louvre... Mais adiante, a massa negra da Notre-Dame...

Ele se virou e abriu a portinhola:

— Tudo bem, amigos? Comigo também, obrigado. A noite está deliciosa, respira-se um ar...

Ao chegarem no calçamento mais desigual do Quai, os carros começaram a trepidar. Já se aproximavam do Palácio de Justiça e da entrada da Sûreté.

— Esperem um pouco — pediu Lupin aos dois taxistas. — E, sobretudo, vigiem os sete passageiros.

Atravessou o primeiro pátio e seguiu o corredor da direita, que dava nas salas do serviço central.

Ali sempre havia inspetores de plantão.

— Temos caça, cavalheiros — ele anunciou ao entrar. — E das boas. O sr. Weber está? Sou o novo comissário de polícia de Auteuil.

— O sr. Weber está em seu alojamento. Deve ser avisado?

— Um segundo. Estou com pressa. Vou deixar um bilhete.

Ele se sentou a uma mesa e escreveu:

Querido Weber,

Trouxe de presente os sete bandidos que compunham a quadrilha de Altenheim, os mesmos que mataram Gourel... e muitos outros, inclusive a mim, quando eu me chamava Lenormand.

Falta apenas o chefe. Vou efetuar a prisão dele agora mesmo. Venha me encontrar. O sujeito mora em Neuilly, na rua Delaizement, e é conhecido como Léon Massier.

Cordiais saudações.

Arsène Lupin, chefe da Sûreté

Lacrou o bilhete.

— Para o sr. Weber. É urgente. Preciso agora de sete homens para receber a mercadoria. Deixei-a no Quai.

Diante dos automóveis, foi alcançado por um inspetor-chefe. Lupin

o reconheceu.

— Ah, sr. Lebœuf! Peguei todo um cardume... A quadrilha inteira de Altenheim... Nesses dois carros.

— Onde os pegou?

— Estavam sequestrando a sra. Kesselbach e assaltando a casa. Explicarei tudo mais tarde.

O inspetor-chefe o chamou de lado e disse, intrigado:

— Desculpe, me disseram que é o comissário de Auteuil. Mas não me parece... Com quem tenho a honra de falar?

— Com alguém que lhes dá de graça sete patifes da melhor qualidade.

— Mesmo assim gostaria de saber...

— Meu nome?

— Sim.

— Arsène Lupin.

Dizendo isso, deu uma violenta rasteira no inspetor, correu para a rua de Rivoli, tomou um automóvel que passava e mandou que o motorista o levasse à Porta de Ternes.

Os prédios da estrada de la Révolte não estavam longe, e ele se encaminhou para o número 3.

Apesar de todo sangue-frio e autocontrole que tinha, Arsène Lupin não conseguia dominar a emoção que o invadia. Encontraria Dolores Kesselbach? Louis de Malreich a teria levado para a sua própria casa ou para o depósito do Quinquilheiro?

Lupin havia lhe tirado a chave, de forma que foi fácil, depois de tocar a campainha e atravessar todos os pátios, abrir a porta e entrar no hangar de velharias.

Acendeu a lanterna de bolso e se orientou. Um pouco à direita, estava o espaço livre onde havia transcorrido, sob os seus olhos, a última reunião dos cúmplices.

No sofá, percebia-se uma forma escura.

Era Dolores, enrolada em cobertas e amordaçada.

Ele a ajudou.

— Ah, você!... Você... — ela balbuciou. — Eles não o machucaram?

Imediatamente, se endireitando, apontou na direção dos fundos e

disse:

— Por ali, *ele* saiu por ali... Pude ouvir... tenho certeza... É preciso ir... por favor...

— Deixe-me antes tirar você daqui.

— Não, ele... Pegue-o... por favor... pegue-o.

Naquele momento, em vez de abatê-la, o medo parecia lhe trazer forças inusitadas, e ela repetiu, com o imenso desejo de acabar com o medonho inimigo que a torturava:

— Primeiro ele... Não posso mais viver, é preciso que me livre dele... é preciso... não posso mais viver...

Ele a desamarrou, pedindo que ela permanecesse no sofá:

— Tem razão. Aliás, não corre perigo aqui. Espere que volto daqui a pouco.

Mas ela segurou com vivacidade a sua mão:

— E você?

— O que tem?

— Se aquele homem...

Ela parecia se inquietar com Lupin naquele combate supremo a que o expunha. No último instante, parecia preferir que não fosse.

Ele murmurou:

— Obrigado, mas fique tranquila. Que perigo corro? Ele é um só.

Deixando-a, foi para o fundo do hangar. Como imaginou, uma escada se apoiava na parede e o levou à pequena passagem de onde ele havia acompanhado a reunião dos bandidos. Era o caminho que Malreich havia tomado para voltar ao pavilhão da rua Delaizement.

Refez ele próprio o trajeto percorrido horas antes, passou para o outro depósito e desceu até o jardim. Viu-se atrás da casa de Malreich.

Nem por um segundo imaginou que ele não estivesse ali. Inevitavelmente se encontrariam e o formidável duelo que travavam chegaria ao fim. Mais alguns minutos e tudo estaria terminado.

Estranho! Bastou girar a maçaneta para que a porta se abrisse. O pavilhão sequer estava trancado.

Atravessou uma cozinha, um vestíbulo e subiu uma escada, sem procurar abafar o som dos seus passos.

No patamar, parou. Tinha a testa molhada de suor, as têmporas

latejando forte.

Mas estava calmo, senhor de si e consciente de cada mínimo pensamento.

Deixou seus dois revólveres num degrau.

“Nada de armas, apenas as mãos, nada além das minhas mãos. Isso basta... melhor assim”, ele pensou.

À sua frente, três portas. Escolheu a do meio. Nada impedia que entrasse.

Não havia luz no quarto, mas pela janela amplamente aberta entrava a claridade da noite e, ainda que no escuro, ele podia ver os lençóis e o cortinado branco da cama.

Havia alguém de pé ali.

De forma brusca, dirigiu para lá o feixe de luz da lanterna.

— Malreich!

A face lívida de Malreich, seus olhos escuros, as cadavéricas maçãs do rosto, o pescoço descarnado...

Imóvel, a cinco passos dele, que não saberia dizer se aquele rosto de morto exprimia algum terror ou mesmo o menor sinal de inquietude.

Lupin deu um passo, outro, e mais outro.

O homem não se movia.

Estaria vendo? Compreendia? Era como se os seus olhos fitassem apenas o vazio, imaginando-se diante de uma alucinação e não de um perigo real.

Mais um passo...

“Ele vai se defender, tem que se defender”, pensou Lupin.

Avançou o braço até ele.

O homem não fez qualquer gesto, não recuou, suas pálpebras não bateram. Houve o contato.

E foi Lupin quem, transtornado, apavorado, perdeu a cabeça. Derrubou o homem, estirou-o na cama, enrolou-o nos lençóis, prendeu-o nas cobertas e o manteve sob seu joelho como uma presa... sem que se esboçasse qualquer resistência.

— Ah! — ele exclamou, embriagado de alegria e de ódio aplacado.

— Até que enfim o esmaguei, inseto nojento! Estou por cima...

Ouviu um barulho lá fora, na rua Delaizement: pancadas na grade.

Correu à janela e gritou:

— É você, Weber? Já? Chegou em boa hora! É o funcionário padrão! Feche o portão, meu caro, e venha correndo, seja bem-vindo.

Em questão de minutos revistou os bolsos do prisioneiro e pegou sua carteira, apanhou os papéis que encontrou nas gavetas da escrivaninha e da secretária, pôs tudo em cima da mesa e examinou.

Soltou um grito de alegria: o pacote de cartas estava ali, o pacote das famosas cartas que prometera entregar ao imperador.

Devolveu os papéis onde os havia encontrado e foi até a janela.

— Tudo resolvido, Weber! Pode entrar! O assassino de Kesselbach está na cama, preparado e atado... Até mais, Weber...

Descendo às pressas a escada, correu até o depósito e, enquanto Weber entrava na casa, ele voltava a Dolores Kesselbach.

Ele havia prendido sozinho os sete companheiros de Altenheim!

E entregara à Justiça o misterioso chefe do bando, o monstro infame, Louis de Malreich!

Numa ampla varanda de madeira, sentado diante de uma mesa, um jovem escrevia.

Às vezes erguia a cabeça e vagamente contemplava as colinas do horizonte onde as árvores, despojadas pelo outono, deixavam cair suas últimas folhas sobre os telhados vermelhos das casas e sobre os gramados dos jardins. Depois voltava à sua ocupação.

Passado um momento, ele pegou a folha de papel em que escrevia e leu em voz alta:

*Nossos dias, à deriva, partem
Como levados pela corrente
Que os conduz a uma margem
Que só se alcança morrente.*

— Vejam só! — disse alguém atrás dele. — A poeta Amable Tastu não faria melhor. Afinal, nem todo mundo pode ser Lamartine.

— O senhor!... O senhor! — balbuciou o jovem, apavorado.

— Pois, poeta, eu mesmo, Arsène Lupin, que vem visitar seu caro amigo Pierre Leduc.

Pierre Leduc começou a tremer como num acesso de febre. Perguntou em voz baixa:

— Chegou a hora?

— Sim, meu excelente Pierre Leduc, chegou a hora de deixar, ou melhor, interromper essa doce existência de poeta que vem levando há meses aos pés de Geneviève Ernemont e da sra. Kesselbach para interpretar o papel que lhe reservei na minha peça... Uma bela peça, posso assegurar, um drama leve, bem estruturado dentro das regras da arte, com vibratos, risos e ranger de dentes. Chegamos ao quinto ato, o desfecho se aproxima, e você, Pierre Leduc, é o herói. Que glória!

O rapaz se pôs de pé:

— E se eu recusar?

— Idiota!

— Isso mesmo, e se eu recusar? Afinal, o que me obriga a me curvar

à sua vontade? O que me obriga a aceitar um papel que nem sei qual é, mas que desde já me causa repulsa e envergonha?

— Idiota — repetiu Lupin.

Forçando o rapaz a se sentar, ele próprio se sentou ao lado e explicou, com sua voz mais suave:

— Está esquecendo, meu bom jovem, que não se chama Pierre Leduc, mas sim Gérard Baupré. E ostenta o admirável nome Pierre Leduc por ter, como Gérard Baupré, assassinado Pierre Leduc e roubado sua identidade.

O jovem pulou de indignação:

— Está louco? Sabe muito bem que organizou tudo isso sozinho...

— Diabos, até sei! Mas e quando eu der à Justiça provas de que o verdadeiro Pierre Leduc morreu de morte violenta e você assumiu o seu lugar?

Aterrorizado, o rapaz gaguejou:

— Não vão acreditar... Por que eu teria feito isso? Para quê?

— Idiota! O motivo é tão óbvio que até Weber vai perceber. Você mente ao dizer que não aceita um papel por nem saber qual é. Você sabe muito bem. É o mesmo que teria representado Pierre Leduc se não tivesse morrido.

— Mas Pierre Leduc para mim, para todo mundo, é só um nome. Quem era? Quem sou?

— Que diferença faz?

— Quero saber. Quero saber para onde estou indo...

— Se souber, vai seguir em frente?

— Vou, se esse motivo de que fala valer a pena.

— Se não valesse, acha que eu teria todo esse trabalho que estou tendo?

— Quem sou? Qualquer que seja meu destino, fique certo de que estarei à altura. Mas quero saber. Quem sou?

Arsène Lupin tirou o chapéu, inclinou-se e disse:

— Hermann IV, grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz, príncipe de Berncastel, eleitor de Tréveris e senhor de outras terras mais.

TRÊS DIAS DEPOIS, Lupin levava a sra. Kesselbach de automóvel em direção à fronteira. A viagem se fazia em silêncio.

Com emoção, recordava as palavras de Dolores na casa da rua des Vignes, quando ele a defendera dos cúmplices de Altenheim. Também a jovem senhora devia se lembrar, pois parecia pouco à vontade a seu lado e visivelmente perturbada.

À tardinha, chegaram a um pequeno castelo perdido entre folhagens e flores, coroado por um belo telhado de ardósia e cercado por um parque de árvores seculares.

Lá encontraram já a postos Geneviève, recém-chegada de uma cidade próxima, aonde tinha ido escolher empregados que fossem da região.

— Esta é a sua moradia, madame — disse Lupin. — É o castelo de Bruggen. Estará segura aqui, até que tudo se estabeleça em sua ordem definitiva. Amanhã Pierre Leduc, a quem já avisei, será seu hóspede.

Sem perder tempo, prosseguiu então na direção de Veldenz e entregou ao conde de Waldemar o pacote com as cartas que havia recuperado.

— Sabe o que ficou combinado, meu caro Waldemar — disse Lupin. — Trata-se agora, em primeiro lugar, de restaurar a Casa Deux-Ponts-Veldenz e devolver o grão-ducado ao grão-duque Hermann IV.

— Hoje mesmo começarei as negociações com o conselho de Regência. Pelo que fui informado, não criarão complicações. Mas esse grão-duque Hermann...

— Sua Alteza está morando atualmente no castelo de Bruggen, com o nome Pierre Leduc. Fornecerei todas as provas necessárias para sua identificação.

Na mesma noite Lupin retomou a estrada na direção de Paris, com a firme intenção de acompanhar ativamente o processo de Malreich e dos sete bandidos.

SERIA FASTIDIOSO RELEMBRAR como tudo aquilo se passou e a maneira como foi conduzido o caso, de tanto que os fatos, em seus mínimos detalhes, estão gravados na memória de todos. Foi um desses acontecimentos sensacionais que até nos mais recuados rincões as pessoas comentam.

O que gostaria, porém, de rememorar é a participação vultosa que

teve Arsène Lupin na evolução do caso e nos incidentes preliminares do inquérito.

Na verdade, foi ele quem dirigiu tudo. Desde o início assumiu o lugar dos poderes públicos, ordenando buscas, indicando providências a serem tomadas, determinando as perguntas a serem feitas aos acusados, tendo respostas para tudo...

Quem não se lembra do espanto geral, a cada manhã, quando líamos nos jornais aquelas cartas irresistíveis cheias de lógica e segurança; cartas assim assinadas:

Arsène Lupin, juiz de instrução

Arsène Lupin, procurador-geral

Arsène Lupin, ministro da Justiça

Arsène Lupin, agente da polícia

Em todo esse trabalho ele imprimia um frescor, um ardor e mesmo uma violência que nos surpreendiam, pois estávamos mais acostumados à sua ironia e inclusive certa indulgência com os delitos, por razões até profissionais, pode-se dizer.

Mas não daquela vez; ali ele parecia odiar.

Odiava o tal Louis de Malreich, bandido sanguinário, besta feroz que sempre temera e que, mesmo preso, mesmo derrotado, ainda lhe causava essa sensação de pavor e repugnância que nos causam os répteis.

Além disso, Malreich não tivera a audácia de atormentar Dolores?

“Ele jogou e perdeu: sua cabeça vai rolar”, dizia Lupin, em seus pensamentos.

Era o que ele queria para o infame inimigo: o patíbulo, a manhã nevoenta, a lâmina da guilhotina descendo, matando...

ESTRANHO ACUSADO AQUELE que o juiz de instrução interrogou por meses a fio entre as paredes da sua sala! Estranho personagem aquele homem ossudo, com aparência de esqueleto e olhos mortos!

Parecia ausente, como se não estivesse ali, mas em algum outro lugar. Sem absolutamente se importar em dar respostas!

— Chamo-me Léon Massier.

Foi essa a frase atrás da qual ele se entrincheirou.

Ao que Lupin respondia:

— Mentira! Léon Massier, nascido em Périgueux, órfão aos dez anos de idade, morreu há sete anos. Você roubou os documentos dele. Mas se esqueceu da certidão de óbito. Aqui está ela.

E Lupin enviou ao tribunal uma cópia da certidão.

— Sou Léon Massier — afirmava ainda o acusado.

— Mentira! — voltava a rebater Lupin. — Chama-se Louis de Malreich, último descendente de uma família da pequena nobreza que se estabeleceu na Alemanha no século XVIII. Tinha um irmão, que usava os nomes Parbury, Ribeira e Altenheim. E você o matou. Tinha uma irmã, Isilda de Malreich, que você também matou.

— Sou Léon Massier.

— Mentira! É Malreich. Aqui está a sua certidão de nascimento. Aqui estão a do seu irmão e a da sua irmã.

E Lupin enviou à Justiça as três certidões.

Aliás, exceto no tocante à sua identidade, Malreich não se defendia, esmagado pelo acúmulo de provas levantadas contra ele. O que poderia dizer? Quarenta bilhetes escritos por ele foram juntados ao processo, sendo feita a comparação da caligrafia. Eram bilhetes enviados aos cúmplices e que ele não havia destruído depois de reavê-los.

Todos esses bilhetes eram ordens em torno do caso Kesselbach: o sequestro de Lenormand e Gourel, a caçada ao velho Steinweg, a abertura dos subterrâneos de Garches e tudo o mais. Como negar?

Contudo, uma coisa bastante estranha desconcertou a Justiça. Interrogados sobre o chefe, todos os sete bandidos afirmaram não conhecê-lo pessoalmente. Nunca o tinham visto. Recebiam instruções por telefone ou em locais escuros, por meio daqueles bilhetinhos que Malreich lhes transmitia depressa, sem dizer uma palavra.

De qualquer maneira, a comunicação entre o pavilhão da rua Delaizement e o depósito do Quinquilheiro já não era prova suficiente da cumplicidade? Dali, Malreich via e ouvia. Dali o chefe vigiava seus soldados.

As contradições? Os fatos aparentemente inconciliáveis? Lupin

explicou tudo. Num artigo célebre, publicado na manhã do julgamento, ele reconstituiu o caso desde o início, revelando o que havia por baixo, destrinchando o emaranhado. Mostrou como Malreich, morando sem que ninguém soubesse no quarto do irmão, o falso major Parbury, ia e vinha, invisível pelos corredores do Palace Hotel, e assim assassinou Kesselbach, assassinou um camareiro, assassinou o secretário Chapman.

Estão vivos em nossa memória os debates, que foram ao mesmo tempo aterradores e enfadonhos. Aterradores pelo clima de aflição que pesou sobre o público e pelas lembranças de crimes e de sangue que não saíam da nossa lembrança. Enfadonhos, pesados, obscuros e sufocantes pelo formidável silêncio que manteve o acusado.

Nenhuma revolta. Nenhum gesto. Nenhuma palavra.

Imagem de cera que não via nem ouvia! Visão assustadora da calma e da impassibilidade! No tribunal, o frêmito era geral. Inflamadas, as imaginações evocavam — em vez de enxergar no acusado apenas um homem — uma espécie de ser sobrenatural, um gênio dos contos orientais, um daqueles deuses da Índia, símbolo do que há de mais feroz, cruel, sanguinário e destruidor.

Já os outros bandidos não interessavam a ninguém, comparsas insignificantes que se perdiam à imensa sombra daquele chefe.

O depoimento mais comovente foi o da sra. Kesselbach. Para surpresa de todos, e do próprio Lupin, Dolores, que não havia respondido a nenhuma das convocações do juiz, cujo endereço atual era ignorado, apareceu como viúva inconsolável para dar um testemunho definitivo contra o assassino do seu marido.

Depois de olhá-lo durante um longo tempo, ela declarou:

— Foi ele quem invadiu minha casa da rua des Vignes e me raptou, foi quem me deixou trancada no depósito do Quinquilheiro. Eu o reconheço.

— Tem certeza?

— Juro perante Deus e perante os homens.

No dia seguinte, Louis de Malreich, dito Léon Massier, foi condenado à morte. E sua personalidade de tal maneira absorvia, por assim dizer, as dos cúmplices que eles puderam se beneficiar de

circunstâncias atenuantes.

— Louis de Malreich, tem alguma coisa a dizer? — perguntou o presidente do tribunal.

Ele não respondeu.

Uma só questão permaneceu obscura para Lupin. Por que Malreich teria cometido todos aqueles crimes? O que ele queria? Qual era o seu objetivo?

A resposta não tardaria, e estava próximo o dia em que, trêmulo de horror, desesperado, mortalmente atingido, descobriria a assustadora verdade.

POR ENQUANTO, MESMO que essa lembrança não parasse de voltar, ele deixou de lado o caso Malreich. Estava resolvido a criar pele nova, como dizia, ser outra pessoa. Por outro lado, estava tranquilo com relação à sra. Kesselbach e a Geneviève, cuja existência tranquila ele acompanhava de longe. Ao mesmo tempo, Jean Doudeville, enviado a Veldenz, o mantinha informado sobre as negociações que prosseguiram entre a Corte da Alemanha e a Regência de Deux-Ponts-Veldenz. Ele então empregava seu tempo a liquidar as coisas do passado e a preparar seu futuro.

A ideia de uma vida diferente a ser levada junto à sra. Kesselbach lhe trazia novas ambições e sentimentos inesperados, entre os quais a imagem de Dolores se inseria, sem que ele visse qual, exatamente, era o seu papel.

Ao longo de algumas semanas, eliminou todas as provas que pudessem um dia comprometê-lo, todas as pistas que pudessem levar até ele. Distribuiu entre os antigos companheiros uma soma de dinheiro suficiente para que se pusessem ao abrigo das necessidades e se despediu, dizendo que partia para a América do Sul.

Certa manhã, após uma noite de minuciosas reflexões e um aprofundado estudo da situação, ele decidiu:

— Pronto, não há mais o que temer! O velho Lupin morreu. Entra em cena o novo.

Recebeu um telegrama vindo da Alemanha. Era o desfecho aguardado. O conselho de Regência, sob forte pressão da Corte de

Berlim, havia levado a questão aos eleitores do grão-ducado e estes, sob forte pressão do conselho, confirmaram sua inquebrantável fidelidade à velha dinastia dos Veldenz. O conde Waldemar, assim como três delegados da nobreza, do Exército e da magistratura, foi encarregado de ir ao castelo de Bruggen estabelecer com rigor a identidade do grão-duque Hermann IV, além de tomar, junto com sua alteza, todas as medidas relativas à sua entrada triunfal no principado dos seus ancestrais, evento previsto para o início do mês seguinte.

“Dessa vez é coisa feita, o grande projeto de Kesselbach se realiza”, festejou Lupin. “Só resta fazer com que Waldemar engula o meu Pierre Leduc. Nada mais fácil! Amanhã será anunciado o noivado de Geneviève e Pierre, e já será à noiva do grão-duque que Waldemar será apresentado!”

Foi assim, bem satisfeito, que ele partiu de automóvel para o castelo de Bruggen.

Cantarolava no carro, assobiava, e lá pelas tantas disse ao motorista:

— Octave, sabe quem está tendo a honra de levar a bordo? O dono do mundo... Nada menos, meu velho, e isso o deixa impressionado, não? Mas é a pura verdade. Sou o dono do mundo.

Esfregando as mãos, ele continuou baixinho:

— Mas demorou. Há um ano essa luta começou. É bem verdade que foi a mais formidável que precisei enfrentar... Nossa Senhora... que duelo de gigantes!

E repetiu:

— Dessa vez é coisa feita. Os inimigos no xadrez. Obstáculo nenhum no caminho. O espaço está aberto, é só construir! Tenho o material à disposição, tenho o pessoal, é só construir, Lupin! E que o palácio seja digno de ti!

Mandou parar o carro a algumas centenas de metros do castelo, para que sua chegada fosse mais discreta, e disse a Octave:

— Entre daqui a vinte minutos, às quatro horas, e leve minhas malas para o pequeno chalé no final do parque. É lá que vou ficar.

Na primeira curva do caminho já podia vislumbrar o castelo, no fim de uma aleia escura de tílias. De longe, viu Geneviève, que passava pela porta de entrada.

Comoveu-se.

— Geneviève, Geneviève — murmurou com carinho. — A promessa que fiz à sua mãe, no fim da vida, também se realiza... Geneviève, grã-duquesa... E eu à sombra, velando por sua felicidade... dando continuidade aos grandes feitos de Lupin.

Riu alto e passou por trás das árvores do lado esquerdo da aleia, encoberto por uma vegetação cerrada. Podia assim chegar ao castelo sem que o percebessem das janelas do salão ou dos quartos principais.

Sua intenção era ver Dolores antes que ela o visse. Assim como acabava de fazer com Geneviève, pronunciou várias vezes seu nome, mas com um fervor que o surpreendeu:

— Dolores... Dolores...

Seguiu furtivamente os corredores e chegou à sala de jantar. Por um espelho de dois lados, podia ver metade da sala. Aproximou-se.

Dolores estava estendida num divã, com Pierre Leduc de joelhos a seu lado, olhando-a extasiado.

15. O mapa da Europa

1

Pierre Leduc amava Dolores!

Foi para Lupin uma dor profunda, aguda, como se o ferissem nos princípios básicos da sua vida — uma dor tão forte que ele percebeu, pela primeira vez, tudo que Dolores passara pouco a pouco a representar na sua existência.

Pierre Leduc amava Dolores, olhava-a com olhos de quem ama.

Lupin sentiu crescer em seu interior, cego e feroz, o instinto assassino. Aquele olhar amoroso, dirigido justo àquela mulher, o enlouquecia. Era esmagador o grande silêncio entre aqueles dois, e nesse silêncio, na imobilidade das suas atitudes, só o que se destacava era aquele olhar amoroso, aquele hino mudo e voluptuoso com que os olhos exibem a paixão, o desejo, o entusiasmo e todo o arrebatamento de uma pessoa por outra.

Ao mesmo tempo, observava Dolores. Os olhos estavam escondidos sob as pálpebras abaixadas, pálpebras sedosas com seus longos cílios negros. Mas com certeza pressentia aquele olhar amoroso em busca do seu! Pressentia aquela carícia impalpável!

“Ela o ama... ela o ama”, roía-se Lupin de ciúme.

Pierre se moveu.

“Ah, esse miserável! Se ousar tocar nela, eu o mato.”

Mas ao mesmo tempo pensava, enquanto constatava seu desvario e tentava combatê-lo:

“Que idiota estou sendo! Como você, Lupin, chegou a esse ponto? Imagine só, é até normal que ela o ame. É claro, já achou que notava certa emoção por parte dela quando o via... certa perturbação... Mas, triplo idiota, você não passa de um bandido, um ladrão... enquanto ele é duque, é jovem...”

Pierre não se movera mais. Mas seus lábios, sim, e Dolores parecia despertar. Lenta e suavemente ela entreabriu as pálpebras, girou a cabeça e seus olhos se entregaram aos do rapaz, num desses olhares que se oferecem e são mais profundos do que o mais profundo beijo.

Foi repentino, brusco como um relâmpago. Em três pulos Lupin invadiu a sala, chegou até o jovem, jogou-o no chão e, com o joelho no peito do rival, fora de si, virou-se para a sra. Kesselbach:

— Então não sabe? O sonso não contou? Como pode amar alguém assim? Por acaso parece um grão-duque? Ah, que piada!...

Ria raivosamente, enquanto Dolores o olhava sem nada entender.

— Grão-duque? Hermann IV, duque de Deux-Ponts-Veldenz? Príncipe reinante? Grande eleitor? É de matar de rir. Ele? Chama-se Baupré, Gérard Baupré, o último dos vagabundos... um mendigo que tirei da lama. Grão-duque? Eu é que o tornei grão-duque! Ha ha ha, chega a ser engraçado! Precisava vê-lo cortando o dedo... desmaiou três vezes... um frouxo... Ah! E agora lança olhares galantes... e me desafia... Não perde por esperar, grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz.

Pegou-o nos braços como um embrulho, sacudiu-o e o jogou pela janela aberta.

— Cuidado com as roseiras, grão-duque, têm espinhos.

Quando se voltou, Dolores estava à sua frente e o olhava de uma forma que ele nunca imaginou ser possível, com olhos cheios de ódio e exasperação. Seria a mesma Dolores, a fraca e doentia Dolores?

Ela perguntou:

— O que está fazendo? Como se atreve? E ele?... É verdade?... Mentiu para mim?

— Se mentiu? — exclamou Lupin, compreendendo a humilhação da mulher. — Se mentiu? Ele, grão-duque? Um fantoche, nada mais. Um instrumento que afinei para tocar músicas a meu gosto! Um imbecil! Ah, que imbecil!

Tomado pela raiva, ele batia os pés e mostrava os punhos na direção da janela aberta. Depois começou a andar de um lado para outro da sala, despejando frases que traíam seus pensamentos secretos.

— Imbecil! Não viu o que eu esperava dele? Não percebeu a grandeza do seu papel? Mas vou enfiar à força esse papel na sua

cachola. Erga a cabeça, cretino! Será grão-duque e pronto! E príncipe reinante! Com súditos a pagarem impostos! E um palácio que Carlos Magno vai reconstruir! E alguém a lhe dar ordens, que serei eu, Lupin! Entendeu, idiota? Erga a cabeça, infeliz, o máximo que puder! Olhe para o alto, lembre-se de que um Deux-Ponts foi enforcado por roubo antes mesmo que existissem os Hohenzollern. E você é um Deux-Ponts, droga, e não um qualquer, mas eu, Lupin, estou aqui. Vai ser grão-duque, eu lhe garanto. Grão-duque de papelão? É possível, mas grão-duque, animado pelo meu sopro e ardendo pela minha febre. Fantoche? É possível. Mas um fantoche que dirá as *minhas* palavras, fará *meus* gestos, executará *minhas* vontades, realizará *meus* sonhos... Isso mesmo... meus sonhos.

Parou onde estava, como se a magnificência do seu sonho interior o paralisasse.

Em seguida se aproximou de Dolores e, com a voz abafada, numa espécie de exaltação mística, recitou:

— À minha esquerda, a Alsácia-Lorena... À minha direita, Baden, Wurtemberg, a Baviera... a Alemanha do Sul, Estados com personalidades próprias, descontentes, esmagados sob a bota do Carlos Magno prussiano, mas inquietos, prontos para se libertarem... Entende tudo que alguém como eu pode fazer no meio disso, as aspirações e os ódios que posso despertar, tudo que posso suscitar em termos de distúrbios e revoltas?

Em voz mais baixa ainda, repetiu:

— E à esquerda, a Alsácia-Lorena! Entende? Estou sonhando? Não creio, é a realidade de depois de amanhã, de amanhã. Isso... eu quero... eu quero... Ah, tudo que eu quero e farei, é incrível! Veja só, a dois passos da fronteira da Alsácia! Em plena terra alemã! Perto do velho Reno! Basta uma intriga, com algum talento, para virar tudo de cabeça para baixo. E esse talento, eu tenho... para dar e vender... Serei o chefe! Aquele que dirige. Para o fantoche, o título e as honrarias... Para mim, o poder! Ficarei à sombra. Nenhum cargo oficial: nem ministro nem íntimo do soberano... Nada. Serei um servidor do palácio, o jardineiro, quem sabe... Isso, jardineiro... Que vida maravilhosa: cuidar das flores e transformar o mapa da Europa!

Ela o olhava com avidez, dominada e submissa à força daquele homem. Seus olhos exprimiam uma admiração que sequer tentava dissimular. Ele pousou a mão num ombro da jovem mulher e disse:

— É esse o meu sonho. Por maior que seja, os fatos serão ainda maiores, juro. O kaiser viu o quanto valho. Um dia, ele vai me rever bem plantado à sua frente. Tenho todos os trunfos na mão. Valenglay vai ter que me seguir! A Inglaterra também. O jogo está na mesa. É esse o meu sonho... Mas há outro.

De repente, ele se calou. Dolores não tirava os olhos dele. Uma emoção infinita se exprimia em seu rosto.

Uma grande alegria o invadiu por sentir uma vez mais, e de forma tão clara, a perturbação dela a seu lado. Não tinha mais a impressão de ser para ela... o que era, o ladrão, o bandido, mas um homem, um homem que amava, um amor que revolia, no fundo de uma alma amiga, sentimentos não expressados.

Então não falou mais, e mesmo assim expressou, sem pronunciá-las, palavras de ternura e adoração, pensando na vida que poderiam levar em algum lugar não distante de Veldenz, incógnitos e poderosos.

Um longo silêncio os uniu. Em seguida ela se ergueu e com suavidade ordenou:

— Vá embora, peço que parta. Pierre se casará com Geneviève, eu prometo, mas é melhor que parta... que não esteja aqui... Vá! Pierre se casará com Geneviève.

Ele esperou ainda. Talvez quisesse palavras mais precisas, mas nada ousou pedir. Retirou-se deslumbrado, embriagado, tão feliz em obedecer e submeter o seu destino ao dela!

Havia no caminho para a porta uma cadeira que ele precisou deslocar. Seu pé esbarrou em algo. Ele olhou. Era um espelho de bolso com moldura de ébano e uma inscrição dourada.

Ao ver o objeto, ele estremeceu e o pegou.

Na inscrição distinguiam-se duas letras entrelaçadas, um L e um M.

Um L e um M!

— Louis de Malreich — ele pronunciou com um arrepio.

Virou-se para Dolores.

— De onde vem esse espelho? De quem é? Seria importante...

Ela pegou o objeto e o examinou:

— Não sei... nunca o tinha visto... talvez de algum empregado.

— De um empregado, é provável — ele disse. — Mas é muito estranho... uma coincidência...

Nesse instante, Geneviève entrou, vinda da sala de estar, e, sem ver Lupin, oculto por um biombo, logo exclamou:

— Ah! Achou seu espelho de bolso? Há tanto tempo pediu que o procurassem... Onde estava?

E continuou sem parar, dizendo:

— Que bom! Parecia tão preocupada! Vou avisar que não precisam mais procurar...

Lupin não se movia, confuso e tentando compreender, sem conseguir. Por que Dolores não dissera a verdade? Por que não se explicara logo sobre o espelho?

Uma ideia passou por sua cabeça. Ele perguntou:

— Conhecia Louis de Malreich?

— Conhecia — ela respondeu, observando-o, como se quisesse adivinhar seus pensamentos.

Ele voltou, extremamente agitado.

— Conhecia? Quem era? Quem é? E por que não disse? Onde o conheceu? Fale... Responda... Por favor...

— Não — ela disse.

— Mas é preciso... é preciso... Pense! Louis de Malreich, o assassino! O monstro! Por que não disse?

Ela colocou a mão no ombro de Lupin e declarou com firmeza:

— Ouça, nunca mais me pergunte isso porque não direi. É um segredo que morrerá comigo. Aconteça o que acontecer, ninguém no mundo saberá, juro...

Por alguns minutos ele continuou diante dela, ansioso, sem conseguir controlar os próprios pensamentos.

Lembrou-se do silêncio de Steinweg e do seu pavor quando pediu que lhe revelasse o terrível segredo. Dolores também sabia, e também se calava.

Sem nada dizer, ele saiu.

O ar livre e o espaço aberto lhe fizeram bem. Deixou para trás os muros do parque e andou por muito tempo pelo campo, falando em voz alta:

— O que está havendo? O que se passa? Há meses e meses, ao mesmo tempo que luto e ajo, faço dançarem na ponta dos seus cordões os personagens que devem participar da execução dos meus projetos. E não me preocupei em olhá-los mais de perto para saber o que ocorre com eles. Não conheço Pierre Leduc, não conheço Geneviève, não conheço Dolores... Tratei-os como marionetes, mas são personagens reais. E agora me choco com obstáculos...

Bateu o pé e exclamou:

— Obstáculos que não existem! O estado de espírito de Geneviève e Pierre pouco importa... Pensarei nisso mais tarde, em Veldenz, depois de construir a felicidade dos dois. Mas Dolores... Conhece Malreich e nada disse... Por quê? Quais relações os unem? Tem medo dele? Teme que fuja da prisão e venha se vingar de alguma indiscrição?

À noite foi para o chalé em que pretendia ficar, no fundo do parque, e jantou de mau humor, reclamando de Octave, que o servia lenta ou rapidamente demais.

— Chega, deixe-me só. Não está fazendo nada direito hoje... E esse café? Está horrível.

Deixou a xícara pela metade e por duas horas passeou pelo parque, repisando os mesmos pensamentos. Por fim uma hipótese foi ficando mais nítida:

“Malreich escapou da prisão, aterroriza a sra. Kesselbach e já sabe

por ela do incidente do espelhinho...”

Deu de ombros:

“E esta noite virá te puxar os pés na cama. Bom, estou delirando. É melhor ir me deitar.”

Entrou no quarto e foi para a cama. Logo adormeceu, com um sono pesado, agitado por pesadelos. Duas vezes acordou e quis acender a vela, mas nas duas vezes voltou a cair no sono.

No entanto, ouvia o bater das horas no relógio do vilarejo, ou melhor, achava ouvir, pois estava numa espécie de torpor em que tinha a impressão de se manter perfeitamente desperto.

Sonhos se sucediam, sonhos de aflição e pavor. Ouviu com nitidez o barulho da janela sendo aberta. Com nitidez, de olhos fechados, na espessa escuridão, viu um vulto se aproximando.

O vulto se debruçou sobre ele.

Com um esforço incrível, conseguiu abrir as pálpebras e ver, ou pelo menos imaginou. Estava sonhando? Estava acordado?, perguntava-se, desesperado.

Um barulho... Alguém pegou a caixa de fósforos ao lado.

“Vou poder ver”, ele pensou, satisfeito.

Riscou-se um palito. A vela foi acesa.

Dos pés à cabeça, Lupin sentiu que transpirava, enquanto o coração parecia parar de bater, aterrorizado. *O homem estava ali.*

Seria possível? Não, não era... No entanto, *ele via...* Que terrível espetáculo! O homem, o monstro estava ali.

— Não quero... não quero... — balbuciou Lupin, fora de si.

O homem estava ali, vestido de preto, máscara no rosto, o chapéu mole cobrindo os cabelos louros.

— Estou sonhando... sonhando — ele repetia, rindo. — É um pesadelo...

Com toda força, toda concentração de que era capaz, tentou fazer um gesto, um só que afugentasse o fantasma.

Não conseguiu.

De repente se lembrou: a xícara de café! Aquele gosto... o mesmo do café que havia bebido em Veldenz... Deu um grito. Feito o derradeiro esforço, caiu, esgotado.

Em seu delírio, sentiu que o homem abria a gola da sua camisa, deixava sua garganta a descoberto e erguia o braço. A mão apertava o cabo de um punhal, um pequeno punhal de aço, semelhante ao que havia matado Kesselbach, Chapman, Altenheim e tantos mais.

Horas depois, Lupin acordou, quebrado de cansaço, um gosto ruim na boca.

Ficou por vários minutos pondo os pensamentos em ordem. De repente, lembrando-se do que se passara, fez um gesto instintivo de defesa, como se o atacassem.

— Como sou imbecil — exclamou, pulando fora da cama. — Foi um pesadelo, uma alucinação. Basta pensar. Se fosse *ele*, se realmente fosse alguém em carne e osso que tivesse levantado o braço contra mim esta noite, teria me degolado como a um frango. *Ele* não hesita. Sejam os lógicos. Por que me pouparia? Pelos meus belos olhos? Foi um sonho, nada mais...

Vestiu-se assobiando para deixar claro que estava calmo, mas a cabeça não parava de pensar e os olhos de procurar.

No chão, junto da janela, nenhum resquício. Como o quarto era no térreo e ele dormia de janela aberta, era evidente que o agressor teria vindo por ali.

Nada descobriu, nem dentro nem fora ou no saibro da alameda que rodeava o chalé.

— Mas... mas... — ele repetia entredentes.

Chamou Octave.

— Onde preparou o café que me serviu ontem à noite?

— No castelo, patrão, assim como todo o resto. Aqui não há como.

— Você tomou café?

— Não.

— Jogou fora o que restou na cafeteira?

— Com certeza. Foi tanta reclamação... Mal bebeu.

— Tudo bem. Prepare o carro, estamos de partida.

Lupin não era alguém que aceitasse ficar na dúvida. Queria uma explicação decisiva de Dolores. Mas para isso precisava, antes, esclarecer certos pontos que pareciam obscuros e encontrar Doudeville, que tinha enviado de Veldenz informações bastante

estranhas.

Fez o automóvel levá-lo ao grão-ducado em duas horas, sem paradas. Teve uma conversa com o conde Waldemar e, alegando um pretexto qualquer, pediu que atrasasse a viagem dos delegados da Regência a Bruggen. Depois, foi encontrar Jean Doudeville numa taberna de Veldenz.

O rapaz o levou a outra, onde o apresentou a um homenzinho vestido de maneira muito simples: Herr Stockli, funcionário nos arquivos de registro civil.

A conversa foi longa. Saíram juntos e fizeram uma expedição furtiva pelas salas da prefeitura. Às sete horas, Lupin jantou e voltou à estrada. Às dez, chegou ao castelo de Bruggen e perguntou por Geneviève, pois queria que ela o acompanhasse ao quarto da sra. Kesselbach.

Soube que a srta. Ernemont tinha sido chamada a Paris pela avó, que lhe enviara um telegrama.

— Entendo — ele disse. — Mas posso ver a sra. Kesselbach?

— Ela se recolheu logo depois do jantar. Já deve estar dormindo.

— Não está. Vi a luz acesa no quarto. Ela me receberá.

Aliás, não esperou a resposta. Entrou na antessala logo após a empregada, dispensou-a e disse a Dolores:

— Preciso lhe falar, é urgente. Desculpe-me... Confesso que minha atitude pode parecer inconveniente... Mas entenda, tenho certeza...

Estava muito agitado e não parecia disposto a adiar a explicação, sobretudo porque, ao entrar, teve a impressão de ouvir um barulho.

No entanto, Dolores estava sozinha, deitada, e disse, com voz cansada:

— Talvez possamos... amanhã.

Ele não respondeu, sentindo de repente um cheiro pouco comum num quarto feminino, um cheiro de tabaco. Imediatamente teve certeza de que um homem estivera ali no momento em que ele próprio chegara. E ainda estava, escondido em algum lugar.

Pierre Leduc? Não, Pierre Leduc não fumava. Quem seria?

Dolores pediu:

— Acabemos com isso, por favor.

— Sem dúvida, mas antes... poderia me dizer...?

Parou. Para que perguntar? Se um homem se escondia mesmo ali, ela diria?

Resolveu, então, tentando controlar aquela espécie de desconforto receoso que o oprimia por sentir uma presença indesejada, dizer muito baixo, de forma que apenas ela ouvisse:

— Escute, eu soube de uma coisa... algo que não compreendo... e me perturba profundamente. Precisa me responder, não concorda, Dolores?

Disse o seu nome com todo carinho, como se tentasse ganhá-la pela amizade e pela ternura da voz.

— Que coisa é essa?

— No registro civil de Veldenz há três nomes, que são os dos últimos descendentes da família Malreich, domiciliada na Alemanha.

— Já me disse isso antes.

— Como se lembra, o primeiro era Raoul de Malreich, mais conhecido como Altenheim, o bandido, o patife da alta sociedade agora morto... assassinado.

— Sim.

— O outro era Louis de Malreich, o monstro, o terrível assassino que, dentro de alguns dias, será decapitado.

— Sim.

— E, por fim, Isilda, a louca...

— Sim.

— Tudo isso está bem claro, não é?

— Sim.

— Pois bem! — continuou Lupin, debruçando-se mais. — Uma busca que fiz ainda há pouco me mostrou haver uma rasura no segundo desses três nomes, Louis, ou melhor, numa parte da linha em que ele está registrado. A linha foi raspada e reescrita com tinta bem mais recente, mas que, entretanto, não apagou por completo o que havia por baixo. Assim sendo...

— Assim sendo...? — afligiu-se a sra. Kesselbach, em voz mais baixa.

— Assim sendo, com uma boa lupa e, sobretudo, com técnicas

especiais de que disponho, pude restaurar as sílabas apagadas e, sem erro algum, com toda certeza, reconstituir o que antes estava escrito. Não é mais Louis de Malreich que vemos, mas sim...

— Cale-se, cale-se...

Cedendo de repente ao longo esforço de resistência que vinha fazendo, ela se dobrou e, com a cabeça entre as mãos, os ombros sacudidos por soluços, chorou.

Lupin ficou olhando aquela criatura feita de indolência e fraqueza, tão frágil e desamparada. Sua vontade era não mais pressioná-la, dar fim àquele interrogatório que só a torturava.

Mas não era pelo seu bem que agia assim? E para isso não precisava saber a verdade, por mais dolorosa que fosse?

Então insistiu:

— Por que essa falsificação?

— Por vontade do meu marido — ela balbuciou. — Com a fortuna que tinha, tudo era possível. Antes do nosso casamento, conseguiu que um funcionário mudasse no registro o nome de batismo do segundo filho.

— E também o sexo — completou Lupin.

— Também.

— Então não me enganei: o nome antigo, o verdadeiro, era Dolores? Mas por que seu marido...?

Ela murmurou, constrangida, as faces banhadas em lágrimas:

— Não entende por quê?

— Não.

— Pense bem. Eu era irmã de Isilda, a louca, irmã de Altenheim, o bandido. Meu marido, na época ainda meu noivo, não quis isso. Ele me amava. E eu a ele, então concordei. Mandou apagar no registro Dolores de Malreich, comprou outros documentos, outra personalidade, outra certidão de nascimento, e me casei na Holanda tendo como nome de solteira Dolores Amonti.

Lupin pensou um pouco e disse:

— Entendo... Mas então Louis de Malreich não existe, e o assassino do seu marido, o assassino da sua irmã e do seu irmão não se chama assim... Seu nome...

Ela se levantou com vivacidade:

— Seu nome é esse! É o seu nome, de qualquer forma... Louis de Malreich... Lembre-se, L e M. Não queira saber... é o segredo terrível. Mas afinal, e daí? O culpado está lá... É ele o culpado, estou dizendo... Por acaso se defendeu quando o acusei frente a frente? Por acaso podia se defender, sob qualquer nome que fosse? Foi ele... foi ele... Ele matou... o punhal... o punhal de aço... Ah, se eu pudesse contar tudo... Louis de Malreich... Se eu pudesse...

Numa crise nervosa, ela se agitava no divã. Sua mão apertava a de Lupin, que a ouviu gaguejar, entre palavras indistintas:

— Proteja-me... proteja-me... Talvez seja o único que possa... Não me abandone... sou tão infeliz... Que tortura! Que suplício! É um inferno.

Com a mão que estava livre, ele afagou os cabelos e a fronte de Dolores com infinita doçura, conseguindo que ela aos poucos relaxasse e voltasse à calma.

Olhou-a de novo por muito tempo, e por muito tempo se perguntou o que podia haver por trás daquele belo rosto tão puro, qual segredo devastava aquela alma misteriosa. Também ela tinha medo? Mas de quem? De quem ela suplicava que a defendesse?

Uma vez mais voltou a imagem obcecante do homem de preto, daquele Louis de Malreich, o inimigo tenebroso e incompreensível de quem ele tinha que se proteger sem saber de onde viriam os golpes e nem mesmo se viriam.

Que estivesse na prisão, vigiado noite e dia... grande coisa! Por experiência própria, não sabia que prisões sequer existem para certas pessoas, hábeis em se libertar da cadeia no último e fatídico minuto? Louis de Malreich era uma delas.

De fato, havia alguém na prisão de La Santé, na cela dos condenados à morte. Mas podia ser um cúmplice ou uma vítima de Malreich... enquanto ele próprio rondava o castelo de Bruggen, se infiltrava pela sombra como um fantasma invisível, penetrava no chalé do parque e, à noite, erguia seu punhal sobre Lupin, adormecido, paralisado.

E era Louis de Malreich que aterrorizava Dolores, a enlouquecia

com ameaças, controlando-a por algum segredo terrível, impondo silêncio e submissão.

Lupin imaginava o plano do inimigo: lançar a assustada e trêmula Dolores nos braços de Pierre Leduc, livrar-se dele, Lupin, e reinar no seu lugar, com o poder do grão-duque e os milhões de Dolores.

Era uma hipótese provável, uma hipótese certa que se adaptava bem aos acontecimentos e resolvia todos os problemas.

“Todos?”, questionava-se Lupin. “Sim... Mas por que então não me matou esta noite, no chalé? Bastava querer, mas ele não quis. Bastava um gesto e eu estaria morto. Mas não fez esse gesto. Por quê?”

DOLORES ABRIU OS OLHOS, viu-o e esboçou um pálido sorriso.

— Deixe-me sozinha — ela pediu.

Ele se levantou com alguma hesitação. Iria antes verificar se o inimigo estava atrás de uma cortina ou dos vestidos no armário?

Ela repetiu com voz suave:

— Vá... preciso dormir...

Ele saiu.

Do lado de fora, parou sob as árvores que formavam uma boa sombra diante da fachada do castelo. Viu uma claridade no quarto de Dolores. Minutos depois, a luz foi apagada.

Esperou. Se o inimigo estivesse lá, talvez sáísse do castelo.

Uma hora... duas horas... Nenhum barulho.

“É perda de tempo. Ele se esconde em algum lugar do castelo, ou saiu por uma porta que daqui não vejo... A não ser que tudo isso não passe de uma absurda hipótese minha...”

Acendeu um cigarro e se encaminhou para o chalé.

Ao se aproximar, viu, mas de muito longe ainda, um vulto que parecia se afastar.

Com medo de ser notado, ficou parado.

O vulto atravessou uma aleia. Na claridade da noite, pensou reconhecer a silhueta negra de Malreich.

Foi atrás.

O vulto escapou e desapareceu.

“Bom, fica para amanhã. Mas dessa vez...”, ele se prometeu.

Lupin entrou no quarto de Octave, seu motorista, acordou-o e disse:

— Pegue o carro. Esteja em Paris às seis horas da manhã. Procure Jacques Doudeville e diga a ele: primeiro, que me dê notícias do condenado à morte; segundo, que me envie, assim que abrirem as agências de correio, o seguinte telegrama...

Escreveu o texto num pedaço de papel e acrescentou:

— Feito isso, volte, mas por aqui, junto dos muros do parque. Não podem saber que você esteve fora.

Foi para o seu quarto, acendeu a lanterna de bolso e começou uma inspeção minuciosa.

— Foi isso — disse pouco depois. — Vieram ao meu quarto enquanto eu vigiava o castelo. E se vieram, posso imaginar com quais intenções. De fato, minha hipótese era boa... estou perto... Dessa vez posso ter certeza da punhalada que vem por aí.

Por precaução, pegou um cobertor, escolheu um ponto bem isolado do parque e foi dormir ao ar livre.

Por volta das onze da manhã, Octave estava de volta.

— Tudo feito, patrão. O telegrama foi enviado.

— Ótimo. E Louis Malreich continua preso?

— Continua. Doudeville passou ontem à noite pela cela dele na Santé. O carcereiro estava saindo e eles conversaram. Malreich continua o mesmo, mudo como um peixe. Esperando.

— Esperando o quê?

— A hora final, o que mais? Na Chefatura, dizem que a execução será depois de amanhã.

— Melhor assim, melhor. O principal é que ele não escapou.

Desistiu de compreender e até de procurar a chave do enigma, certo de que logo teria a verdade por inteiro. Precisava apenas preparar um plano para que o inimigo caísse na armadilha.

“Ou para que eu mesmo caia”, ele pensou, e sorriu.

Estava de ótimo humor, sentindo o raciocínio livre, e nunca a

batalha lhe parecera mais favorável.

Do castelo, trouxeram o telegrama que ele havia pedido a Doudeville para lhe enviar e que acabava de ser entregue pelo carteiro. Abriu e o guardou no bolso.

Pouco antes do meio-dia, encontrou Pierre Leduc numa aleia e, sem qualquer preâmbulo, disse:

— Queria mesmo vê-lo. Há coisas graves... Preciso que me diga com franqueza. Desde que está no castelo, viu algum homem além dos empregados alemães que coloquei?

— Não.

— Pense bem. Não se trata de um visitante qualquer. Falo de alguém que se esconde e que você eventualmente tenha percebido. Ou, até mesmo, uma presença de que tenha desconfiado por algum vestígio, alguma impressão.

— Não. Acha...?

— Sim. Alguém se esconde aqui. Alguém que ronda por aí... Onde? Quem? Para quê? Não sei... mas vou saber. Tenho já algumas ideias a respeito... Fique de olho aberto... atento. E nem uma palavra sobre isso com a sra. Kesselbach. Não tem por que preocupá-la...

Seguiu adiante.

Chocado, impressionado, Pierre Leduc retomou a direção do castelo.

A caminho, na grama, viu um papel azul de telegrama e o pegou. Era de fato um, não amassado como se o tivessem jogado fora, mas bem dobrado, visivelmente perdido.

Era endereçado ao sr. Beauny, nome de Lupin em Bruggen, e dizia:

Sabemos toda a verdade. Impossível contar por carta. Tomarei trem esta noite. Encontro amanhã às oito horas estação Bruggen.

“Perfeito!”, pensou Lupin, que, de uma moita, vigiava o rapaz. “Perfeito! Daqui a dois minutos esse idiota terá mostrado o telegrama a Dolores e contará tudo que eu disse. Falarão disso o dia inteiro e o outro vai ouvir, o outro vai saber, já que sabe de tudo, sempre à sombra da própria Dolores, que está nas suas mãos como uma presa hipnotizada... E esta noite ele agirá, com medo do segredo que devem me revelar...”

Afastou-se cantarolando:

— Esta noite... esta noite... vamos ter baile... Esta noite... Que valsa, meus amigos! A valsa do sangue, com o tema do punhalzinho niquelado... Até que enfim vamos ter diversão.

À porta do chalé, chamou Octave, subiu ao seu quarto, jogou-se na cama e disse ao motorista:

— Acomode-se nessa poltrona, Octave, e não durma. O patrão vai tirar uma soneca. Fique de olho, fiel servidor.

Dormiu a sono solto.

— Como Napoleão na manhã da batalha de Austerlitz — disse ao acordar.

Era hora do jantar. Comeu bastante e depois, enquanto fumava um cigarro, vistoriou suas armas, trocando as balas dos dois revólveres.

— Pólvora seca e espada afiada, como dizia meu amigo kaiser... Octave!

O motorista veio rápido.

— Vá jantar no castelo com os empregados. Diga que irá esta noite a Paris.

— Levando o patrão?

— Não, sozinho. E assim que acabar de jantar, de fato parta de carro, mas que todos vejam.

— Só que não irei a Paris...

— Não. Espere fora do parque, na estrada, a um quilômetro de distância... até que eu chegue. Vai ser demorado.

Fumou outro cigarro, passeou, passou diante do castelo, viu luz no quarto de Dolores e voltou ao chalé.

Lá chegando, pegou um livro, *Vidas paralelas*.

— Falta um biografado, o mais ilustre — ele observou. — Mas o futuro há de reparar essa falha e, um dia desses, terei meu próprio Plutarco.

Leu o capítulo “A vida de César”, anotando algumas observações nas margens.

Às onze e meia, subiu.

Pela janela aberta, admirou a ampla noite, clara e sonora, fervilhando de barulhos indistintos. Lembranças lhe vieram aos lábios,

lembranças de frases de amor que havia lido ou dito, e repetiu várias vezes o nome de Dolores, com o fervor de um adolescente que mal se atreve a confiar ao silêncio o nome da bem-amada.

— Vamos, preparemo-nos.

Deixou a janela entreaberta, afastou um movelzinho que atrapalhava a passagem e colocou os revólveres debaixo do travesseiro. Depois, com tranquilidade, sem a menor emoção, se deitou, todo vestido, e soprou a vela.

E o medo começou.

Foi imediato. Assim que se viu no escuro, o medo começou!

— Diabos! — ele praguejou.

Pulou da cama, pegou os revólveres e os deixou no corredor.

— Minhas mãos, só as mãos! Nada se compara a elas!

Voltou a se deitar. Outra vez o escuro, o silêncio. E outra vez o medo, o medo que penetra sorrateiro, lancinante e invasivo.

NO RELÓGIO DO vilarejo, doze pancadas.

Lupin pensou no ser imundo que bem perto, a cem metros, a cinquenta metros dali, se preparava, testava a ponta aguda do punhal.

— Pode vir! Venha! — ele murmurou, sem parar de tremer. — Venha e os fantasmas se dissiparão...

No vilarejo, uma da madrugada.

E os minutos, intermináveis minutos, minutos febris e angustiados...

Gotas de suor brotavam na raiz dos cabelos e escorriam pela testa, gotas que pareciam de sangue e que o inundavam inteiro...

DUAS HORAS.

De repente, em algum lugar bem perto, um barulho imperceptível, um barulho de folhas remexidas... bem diferente do barulho de folhas remexidas pela brisa noturna...

Como previsto, uma imensa calma logo se instaurou em Lupin. Toda a sua natureza de grande aventureiro se alegrava. Enfim viria a luta!

Um rangido mais claro, sob a janela, mas ainda tão fraco que era preciso um ouvido apurado como o dele para perceber.

Minutos, minutos assustadores... Escuridão impenetrável. Claridade nenhuma, de lua ou estrelas, a atenuava.

De repente, sem nada ter ouvido, ele *soube* que o homem estava no quarto.

E vinha na direção da cama. Andava como andam os fantasmas, sem deslocar o ar do quarto e sem fazer vibrar os objetos em que tocava.

Mas com todo o seu instinto e toda a tensão dos seus nervos, Lupin via os gestos do inimigo e podia mesmo adivinhar a sequência do seu pensamento.

Ele próprio não se movia, apoiado na parede, quase de joelhos, pronto para dar o bote.

Sentiu que a sombra tocava, apalpava os lençóis da cama, para saber onde devia ferir. Lupin ouviu sua respiração. Acreditou até ouvir as batidas do seu coração. Com orgulho, constatou que o seu próprio coração não batia tão forte... enquanto o do outro... Ah, sim, como se podia ouvir, desordenado, louco, ressoando como o badalo de um sino nas paredes do peito.

A mão do *outro* se ergueu...

Um segundo, dois segundos...

Estaria hesitando? Pouparia outra vez o adversário?

Então Lupin quebrou o grande silêncio:

— Vá em frente! Ataque!

Um grito de raiva... O braço desceu como impulsionado por uma mola.

Depois, um gemido.

O braço, Lupin o havia agarrado no ar, à altura do pulso... E pulando fora da cama, formidável e irresistível, ele segurou o homem pela garganta e o derrubou.

FOI SÓ ISSO. Não houve luta. Sequer poderia haver luta. O homem estava no chão, preso pelos dois cravos de aço que eram as mãos de Lupin. E no mundo inteiro não haveria quem, por mais forte que fosse, pudesse escapar daquelas mãos.

Lupin não pronunciou sequer uma palavra! Nenhuma daquelas frases com que normalmente se divertia na sua eloquência debochada.

Não tinha vontade de falar. O momento era solene demais.

Nenhuma vã alegria o agitava, nenhuma exaltação vitoriosa. No fundo, queria apenas saber uma coisa: quem estava ali... Louis de Malreich, o condenado à morte? Outra pessoa? Quem?

Correndo o risco de estrangular o homem, ele apertou um pouco mais a garganta, e mais um pouco, e ainda mais.

Sentiu que toda a força do inimigo, tudo que lhe restava de força, o abandonava. Os músculos do braço se afrouxaram, ficaram inertes. A mão se abriu e soltou o punhal.

Podendo então dispor dos seus gestos, com a vida do adversário suspensa pela terrível pressão de seus dedos, ele pegou a lanterna de bolso e a aproximou do rosto do homem, sem acendê-la.

Bastava empurrar o botão para saber.

Por um segundo, saboreou seu poder. Uma onda de emoção o sacudiu. A visão do próprio triunfo o deslumbrou. Uma vez mais, soberba e heroicamente, era ele o mais forte.

Com um toque seco, acendeu a lanterna. O rosto do monstro apareceu.

Lupin soltou um verdadeiro urro de pavor.

Dolores Kesselbach!

16. A assassina

1

No cérebro de Lupin foi como se um tufão, um ciclone se desencadeasse, fazendo estrondear trovões, rajadas de vento e borrascas incontroláveis na noite do caos.

Grandes relâmpagos açoitaram a escuridão. E à claridade fulgurante desses relâmpagos, horrorizado, sacudido por tremores, convulsionado de pavor, Lupin olhava e tentava compreender.

Não se movia mais, agarrado à garganta da inimiga, como se seus dedos enrijecidos não pudessem mais soltá-la. Aliás, ainda que *visse*, ele, por assim dizer, não tinha certeza de que fosse de fato Dolores. Era ainda o homem de preto, Louis de Malreich, a besta imunda das trevas. Estava finalmente em seu poder, e ele não a largaria.

Mas a verdade se impunha, atropelando qualquer raciocínio e consciência. Vencido, torturado de aflição, ele murmurou:

— Ah, Dolores... Dolores...

Imediatamente encontrou como desculpá-la: a loucura. Era louca. A irmã de Altenheim, de Isilda, a filha dos últimos Malreich, filha de mãe demente e de pai bêbado, era também louca. Uma louca diferente, louca com toda a aparência de sanidade, mas louca, desequilibrada, doente, anormal e, de fato, monstruosa.

Teve certeza disso! Era a loucura do crime. Obcecada por uma meta para a qual automaticamente se encaminhava, ela matava, ávida de sangue, inconsciente e infernal.

Matava por querer algo, matava para se defender, matava para esconder que havia matado. Mas matava também, e acima de tudo, só por *matar*. Matar satisfazia nela apetites súbitos e irresistíveis. Em certos instantes da vida, em determinadas circunstâncias, diante de tal pessoa que de repente se tornava inimiga, era preciso que seu braço

desferisse o golpe mortal.

E ela o desferia, embriagada de ódio, com ferocidade, com furor.

Uma louca diferente, irresponsável por seus crimes e, entretanto, tão lúcida em sua cegueira, tão inteligente em seu absurdo! Que habilidade! Que perseverança! Quantos preparativos a um só tempo detestáveis e admiráveis!

Num rápido vislumbre, com prodigiosa acuidade, Lupin entreviu a longa série de aventuras sangrentas, adivinhando os caminhos misteriosos que Dolores havia seguido.

Viu-a obcecada e possuída pelo projeto do marido, projeto do qual, era evidente, ela só conhecia uma parte. Viu-a também em busca daquele Pierre Leduc que o marido procurava, com quem se casaria para então voltar como rainha ao pequeno reino do qual seus pais haviam sido vergonhosamente expulsos.

E viu-a no Palace Hotel, no quarto do seu irmão Altenheim, enquanto a supunham em Monte Carlo. Viu-a a espiar por dias o marido, colada nas paredes, invisível e despercebida em seu disfarce de sombra.

E uma noite, ao encontrar o sr. Kesselbach amarrado, matou-o.

De manhã, na iminência de ser denunciada pelo camareiro, matou-o.

Uma hora depois, prestes a ser denunciada por Chapman, arrastou-o ao quarto do irmão e o matou.

Tudo isso sem pena, de maneira selvagem, com diabólica habilidade.

Com essa mesma habilidade ela se comunicava com as duas empregadas, Gertrude e Suzanne, ambas recém-chegadas de Monte Carlo, sendo que uma representava o papel da patroa. Recuperando suas roupas femininas e se desfazendo da peruca loura que a tornava irreconhecível, Dolores encontrou Gertrude no térreo no momento em que ela entrava no hotel, fingindo também chegar, ignorando ainda a má notícia que a esperava.

Incomparável atriz, convenceu a todos como esposa que acabava de ter a existência destruída. Todos lamentavam e choravam por ela. Quem poderia imaginar?

E então começou a guerra contra Lupin, guerra bárbara, inaudita, que ela sustentou ora contra Lenormand, ora contra o príncipe Sernine; durante o dia em sua espreguiçadeira, doente e frágil, e à noite de pé, a correr mundo afora, incansável e tenebrosa.

E foram preparativos infernais, com Gertrude e Suzanne, cúmplices aterrorizadas e sob controle, ambas servindo de correio e também se disfarçando, como no dia em que o velho Steinweg foi raptado pelo barão Altenheim em pleno Palácio de Justiça.

Sobreveio então toda a série de crimes, com Gourel afogado, Altenheim, seu irmão, apunhalado. Ah, aquela luta implacável nas passagens subterrâneas da vila das Glicínias, o trabalho invisível do monstro na escuridão... tudo agora parecia tão claro!

E foi ela quem o desmascarou quando se fazia passar por príncipe, ela quem o denunciou, quem o jogou na prisão, ela quem sabotou todos os seus planos, gastando milhões para vencer a batalha.

Foi quando os acontecimentos se precipitaram. Suzanne e Gertrude desapareceram, provavelmente mortas! Steinweg assassinado! A irmã, Isilda, assassinada!

— Quanta ignomínia! Quanto horror! — balbuciou Lupin, com um arrepio de repugnância e revolta.

Execrava aquela abominável criatura. Poderia esmagá-la, destruí-la. E era algo estarrecedor ver aqueles dois seres presos um ao outro, imóveis na palidez da aurora que começava a romper as sombras da noite.

— Dolores... Dolores... — ele murmurava com desespero.

De repente, saltou para trás, vacilante de terror, os olhos desvairados. O quê? O que estava acontecendo? Por que uma horrível sensação de frio gelava as suas mãos?

— Octave! Octave! — ele gritou, sem se lembrar da ausência do motorista.

Socorro! Era preciso que o socorressem. Alguém que o tranquilizasse e lhe prestasse assistência. Tremia de medo. Aquele frio, o frio da morte que o havia percorrido. Seria possível?... Então ele, naqueles minutos trágicos, com seus dedos crispados, ele havia...

Brutalmente se obrigou a olhar. Dolores não se mexia.

Ele caiu de joelhos e a puxou para si.

Estava morta.

PERMANECEU POR ALGUNS instantes numa letargia em que a sua dor parecia se dissolver. Não sofria mais. Não havia mais furor nem ódio, sentimento de qualquer espécie... apenas um abatimento estúpido, a sensação de quem recebe uma pancada violenta e não sabe se ainda está vivo, se pensa, ou se tudo não passa de um pesadelo.

No entanto, tinha a impressão de que algo de justo havia acontecido, sem ter, por um minuto sequer, ideia de ser ele o causador daquilo. Era algo fora do seu ser e da sua vontade. Era o destino, o implacável destino que cumpria sua obra de equidade, suprimindo a besta nociva.

Lá fora passarinhos cantaram. A vida se animava sob as velhas árvores que a primavera logo refloriria. E Lupin, despertando do seu torpor, sentiu pouco a pouco crescer nele uma indefinível e absurda compaixão pela miserável mulher: odiosa, abjeta e vinte vezes criminoso, mas tão jovem para deixar de existir.

Pensou nos suplícios por que devia ter passado em seus momentos de lucidez, quando, com o juízo refeito, a inominável louca tinha a percepção sinistra dos seus atos.

— Proteja-me... sou tão infeliz! — ela suplicava.

Era de si mesma que pedia que a protegesse, que a protegesse dos seus instintos de fera, que a protegesse do monstro que a habitava e a forçava a matar, a sempre matar.

“Sempre?”, perguntou-se Lupin.

Lembrou-se da penúltima noite quando, de pé junto à sua cama, com o punhal erguido contra o inimigo que havia meses a perseguia, o inimigo infatigável que a encurralara em suas nefastas ações, naquela noite ela não matou. No entanto, teria sido fácil: o inimigo jazia inerte, à sua mercê. Com um só golpe a luta implacável estaria terminada. Mas ela não o matou, também se submetendo a sentimentos mais fortes do que a crueldade, a sentimentos obscuros de afeto e admiração por aquele que tantas vezes a dominara.

Daquela vez não havia matado. E eis que, por uma reviravolta

realmente perversa do destino, ele é que a matara.

“Eu matei”, pensou, tremendo dos pés à cabeça. “Minhas mãos exterminaram um ser vivo, e esse ser era Dolores!... Dolores... Dolores...”

Não parava mais de repetir o nome dela, aquele nome de dor, e não parava de olhá-la, triste coisa inanimada, agora inofensiva, pobre trapo de carne, sem mais consciência do que um amontoado de folhas ou um passarinho decapitado na beira da estrada.

Ah! Como poderia deixar de tremer naquele momento, um diante do outro, sendo ele o assassino e ela a vítima?

“Dolores... Dolores... Dolores...”

A LUZ DO DIA o pegou de surpresa, sentado ao lado da morta, tomado de lembranças e pensamentos, enquanto seus lábios vez ou outra articulavam sílabas desoladas: Dolores... Dolores...

Mas era preciso fazer alguma coisa e, na confusão das suas ideias, ele não sabia mais em qual direção ir nem por onde começar.

“Que eu feche os seus olhos antes de mais nada”, ele pensou.

Abertos, repletos de vazio, aqueles belos olhos dourados espelhavam ainda a mesma doçura melancólica que lhe causava tanto encanto. Seria possível que fossem os mesmos olhos do monstro? Apesar de tudo, e até mesmo diante da implacável realidade, Lupin não conseguia ainda fundir num só personagem aqueles dois seres, cujas imagens eram tão distintas no fundo da sua mente.

Com rapidez, ele se inclinou, beijou as pálpebras sedosas e cobriu com um véu o pobre rosto convulsionado.

Ao fazer isso teve a impressão de que Dolores se afastava e era o homem de preto quem estava ali no chão, com seus trajes escuros, o disfarce de assassino.

Ousou tocá-lo e apalpou suas roupas.

Num bolso interno havia duas carteiras. Abriu uma delas.

Encontrou uma carta assinada por Steinweg, o velho alemão, na qual se liam as seguintes linhas:

Se eu morrer antes de poder revelar o terrível segredo, que todos saibam: o assassino do meu amigo Kesselbach é sua mulher, cujo verdadeiro nome é Dolores de Malreich, irmã de

Altenheim e irmã de Isilda.

As iniciais L e M remetem a ela. Nunca, na intimidade, Kesselbach dizia Dolores, por ser um nome de dor e de luto, e sim Loëticia, que significa alegria. L e M — Loëticia de Malreich — eram as iniciais inscritas em todos os presentes que ele lhe dava, como por exemplo a cigarreira encontrada no Palace Hotel e que pertencia à sra. Kesselbach. Ela havia adquirido, em viagem, o hábito de fumar.

Loëticia! Foi, de fato, a sua alegria por quatro anos, quatro anos de mentiras e de hipocrisia em que ela planejou a morte de quem a amava com tanta generosidade e confiança.

Talvez eu devesse ter contado logo. Não tive coragem, por me lembrar do meu velho amigo Kesselbach, de quem ela usava o nome.

E tive medo... No dia em que nos vimos no Palácio de Justiça, li nos seus olhos minha sentença de morte.

Minha fraqueza me salvará?

“Também foi morto por ela”, pensou Lupin. “Claro, sabia demais! As iniciais... o nome Loëticia... o hábito secreto de fumar...”

Veio-lhe a lembrança do cheiro de tabaco no quarto, na noite anterior.

Continuou o exame da primeira carteira.

Havia trechos de cartas em linguagem cifrada, provavelmente entregues a Dolores por seus cúmplices em seus tenebrosos encontros.

E também endereços em pedaços de papel, endereços de costureiras, de cortiços, de hotéis suspeitos... E nomes, vinte ou trinta nomes dos mais estranhos: Hector Carniceiro, Armand de Grenelle, Doente...

Uma fotografia chamou sua atenção. De repente, como se uma mola o impulsionasse, ele largou a carteira e saiu correndo do quarto, do chalé, atravessou o parque.

Havia reconhecido o retrato de Louis de Malreich, preso na Santé.

Só então, somente naquele preciso momento ele se lembrou: a execução seria no dia seguinte.

E uma vez que o homem de preto, o assassino, era Dolores, Louis de Malreich realmente se chamava Léon Massier e era inocente.

Inocente? E as provas encontradas na casa dele, as cartas do imperador e tudo o mais, tudo que indiscutivelmente o comprometia, provas irrefutáveis?

Lupin parou por um segundo, com a cabeça ardendo.

— Ah, eu também estou enlouquecendo. Deixe-me ver... É preciso agir... é amanhã a execução... amanhã ao raiar do dia...

Sacou o relógio.

— Dez horas. De quanto tempo preciso para chegar a Paris? É isso... logo estarei lá, é preciso... Hoje mesmo faço o necessário para impedir... Mas faço o quê? Como provar a inocência daquele homem? Como impedir a execução? Isso agora não importa! Verei quando chegar. Afinal, não me chamo Lupin? De qualquer forma, estou indo...

Voltou ao castelo correndo e chamou:

— Pierre! Viram Pierre Leduc? Ah, está aí... Ouça...

Levando-o para um canto afastado, com um tom que não admitia réplica, disse:

— Ouça, Dolores não está mais aqui. Sim, uma viagem urgente... viajou esta noite com o meu carro. Também estou de saída... Cale-se! Apenas ouça... qualquer segundo que se perca será irreparável. Despeça todos os empregados, sem explicação. Tome o dinheiro. Daqui a meia hora o castelo tem que estar vazio. E que ninguém entre até eu voltar... inclusive você. Está proibido de entrar... explicarei mais tarde. Motivos graves. Pegue a chave... espere-me no vilarejo.

E de novo saiu correndo.

Dez minutos depois, encontrou Octave.

Entrou no carro e disse apenas:

— Paris.

A viagem foi uma verdadeira corrida contra a morte.

Achando que Octave não estava indo rápido o suficiente, Lupin assumiu o volante e seguiu numa velocidade insana, vertiginosa. Nas estradas, atravessando vilarejos e cidades, em ruas cheias de gente o automóvel ia a mais de cem por hora. As pessoas berravam de raiva, mas o bólido já estava longe... havia desaparecido.

— Patrão — gemia Octave, lívido. — Assim não vamos chegar.

— Talvez você, talvez o automóvel, mas eu vou — respondia Lupin.

Tinha a impressão de não ser o carro que o transportava, mas ele que transportava o carro, perfurando o espaço com suas próprias forças, com sua própria vontade. Que milagre então poderia fazê-lo não chegar, já que suas forças eram inesgotáveis e sua vontade desconhecia limites?

— Chegarei, porque é preciso que eu chegue — repetia.

E pensava no homem que ia morrer se não chegasse a tempo de salvá-lo, o misterioso Louis de Malreich, tão desconcertante em seu silêncio obstinado e em sua expressão hermética. No tumulto da estrada, passando por árvores cujos galhos faziam o barulho de ondas furiosas, no burburinho das suas ideias, Lupin tentava estabelecer uma hipótese. Que pouco a pouco se tornava mais precisa, mais lógica, difícil de acreditar porém certa, já que agora ele conhecia a horrível verdade envolvendo Dolores, e percebia todos os recursos, todos os projetos daquele espírito perturbado.

“Foi isso: ela preparou contra Malreich a mais infame das maquinações. Qual o seu plano? Casar-se com Pierre Leduc, que ela já havia seduzido, e se tornar soberana do pequeno reino de onde fora banida. Era algo bastante possível, ao alcance da mão. Um único obstáculo... eu. Eu que há semanas e semanas, incansável, barrava o seu caminho e que ela voltava a encontrar depois de cada crime. Temia que eu descobrisse tudo e sabia que não desistiria até encontrar o culpado e recuperar as cartas roubadas do imperador...”

“Pois bem, já que para se livrar de mim era preciso um culpado, o culpado seria Louis de Malreich, quer dizer, Léon Massier. De onde teria tirado esse Léon Massier? Conheceu-o antes de ter se casado? Será que o amou? É possível, mas provavelmente nunca saberemos. Em todo caso, certo é que percebeu coincidências físicas que podiam ser aperfeiçoadas para se fazer passar por Léon Massier, além de se vestir com roupas pretas e usar uma peruca loura. Tinha observado a vida estranha que levava aquele homem solitário, suas saídas noturnas, sua maneira de andar nas ruas, despistando quem porventura o seguisse. A previsão dessa possibilidade a levou a convencer o marido da necessidade de raspar no registro civil o nome Dolores e pôr no lugar Louis, para que as iniciais combinassem com as de Léon Massier.

“Chegado o momento de agir, ela tramou seu plano e o executou. Léon Massier mora na rua Delaizement? Ela faz os cúmplices se estabelecerem na rua paralela. Ela própria me indicou o endereço do maître Dominique e me pôs na pista dos sete bandidos, sabendo perfeitamente que, uma vez encaminhado, eu iria até o fim, isto é, para além dos sete bandidos, até o chefe, até quem os vigiava e dirigia, até o homem de preto, Léon Massier, Louis de Malreich.

“De fato cheguei aos sete bandidos. E o que aconteceria? Eu seria derrotado ou nos destruiríamos um ao outro, como ela deve ter esperado naquela noite, na rua des Vignes. Em ambos os casos, livrava-se de mim.

“Mas o que aconteceu foi que capturei os sete bandidos. Dolores então fugiu da rua des Vignes. Encontrei-a no depósito do Quinquilheiro e fui dirigido para a casa de Léon Massier, quer dizer, Louis de Malreich. Descobri as cartas do imperador *onde ela própria as colocara* e entreguei o inocente à Justiça. Revelei a comunicação secreta *que ela própria mandou abrir* entre os dois depósitos e dei todas as provas *que ela própria preparou*, mostrando documentos *que ela própria falsificou* indicando que Léon Massier roubou o registro civil de Léon Massier, mas na verdade se chama Louis de Malreich. E agora Louis de Malreich vai morrer. E Dolores de Malreich, livre de qualquer suspeita, já que o culpado foi descoberto, livre do seu passado de

infâmias e crimes, com o marido morto, o irmão morto, a irmã morta, suas duas empregadas mortas, Steinweg morto, graças a mim ela se livrou também dos cúmplices, que entreguei bem amarrados nas mãos de Weber. Ainda graças a mim livrou-se inclusive dela própria, já que sou responsável por levar ao cadafalso um inocente. E tudo isso para que, vitoriosa, milionária, amada por Pierre Leduc, Dolores seja rainha.”

— Ah! — exclamou Lupin, fora de si. — Esse inocente não vai morrer. Juro pela minha própria cabeça, não vai morrer.

— Cuidado, patrão! — gritou Octave, assustado. — Estamos perto... entrando na cidade...

— E daí?

— Vamos bater! O calçamento é escorregadio... derrapa...

— Dane-se.

— Cuidado... Ali...

— O quê?

— Um bonde, na curva...

— Ele que pare!

— Diminua, patrão.

— De jeito nenhum!

— Vamos bater...

— Vamos passar.

— Não vamos.

— Vamos.

— Ai! Nossa Senhora...

Um estrondo... exclamações... O carro foi arrastado pelo bonde e depois jogado contra um tapume, demoliu dez metros de tábuas e acabou parando na beira de um talude.

— Cocheiro, está livre?

Era Lupin, levantando-se e vendo um fiacre ali perto.

Endireitou-se, viu seu carro bastante avariado, pessoas que acorriam falando com Octave, e entrou rápido no coche.

— Para o Ministério da Justiça, na praça Beauvau... Vinte francos de gorjeta.

Já acomodado no banco, voltou a murmurar:

— Não, *ele* não morrerá! Mil vezes não, não quero esse peso na consciência! Já basta eu ter sido feito de bobo por aquela mulher e ter caído em sua esparrela como um adolescente... Chega! Fiz bobagens demais! Causei a prisão do infeliz... causei sua condenação à morte... Eu próprio o levei ao patíbulo... mas não vai subir os degraus! De jeito nenhum! Se subir, só me restará meter uma bala na cabeça!

Aproximavam-se da barreira de entrada na cidade. Ele se debruçou na janela:

— Vinte francos a mais, cocheiro, se não parar.

E gritou para os guardas do controle:

— A serviço da Sûreté!

Passaram.

— Não diminua, infeliz! — berrou Lupin. — Mais rápido!... Mais rápido! Está com medo de atropelar essas velhas? Atropele. Pago os custos.

Em minutos, chegaram à praça Beauvau.

Lupin atravessou o pátio correndo e subiu a escadaria principal. A antessala estava lotada de gente. Ele escreveu num papel “Príncipe Sernine” e, puxando num canto o funcionário encarregado, disse:

— Sou eu, Lupin, me reconhece, não é? Fui eu quem te arranjou esse emprego, esse bom encosto. Quero que me faça entrar imediatamente. Entregue este papel. É só o que peço. O Presidente do Conselho vai te agradecer, fique tranquilo... Eu também... Agora vá correndo! Valenglay me espera...

Dez segundos depois, o próprio ministro botou a cabeça para fora da sala e disse:

— Mandem entrar o “príncipe”.

Lupin correu, fechou a porta com pressa e, interrompendo a palavra do presidente, disse:

— Sem muita conversa. Não pode me prender... estaria se arruinando e comprometendo o imperador... E não se trata disso. Resumindo: Malreich é inocente. Descobri o verdadeiro culpado... é Dolores Kesselbach. Está morta. O cadáver ficou lá. Tenho provas irrefutáveis. Não há dúvida possível. Foi ela...

Parou. Valenglay parecia nada entender.

— Vamos, senhor presidente, é preciso salvá-lo. Imagine... um erro judiciário! A cabeça de um inocente! Dê ordens... novas informações recebidas... sei lá!... Mas rápido, não temos tempo.

Valenglay o olhou com atenção. Depois foi até uma mesa, pegou um jornal e mostrou, apontando para um artigo.

Lupin leu:

A execução do monstro. Esta manhã, Louis de Malreich passou pelo derradeiro suplício...

Não continuou. Arrasado, aniquilado, desabou numa poltrona com um gemido de desespero.

QUANTO TEMPO FICOU assim? Ao se ver de novo na rua, não soube dizer. Lembrava-se de um grande silêncio, de Valenglay borrifando água fria no seu rosto e, sobretudo, da sua voz abafada, sussurrando:

— Escute. É melhor que nada se diga a esse respeito, não concorda? Inocente? É possível, não digo o contrário... Mas para que ir além? Para que um escândalo? Um erro judiciário pode ter sérias consequências. Vale a pena? Uma reabilitação? Para quê? Sequer foi condenado com seu nome verdadeiro. O nome Malreich é que caiu na execração pública... é, inclusive, o nome da culpada... O que diz?

Empurrando pouco a pouco Lupin para a porta, ele ainda aconselhou:

— Volte para lá... Faça desaparecer o cadáver... Sem deixar rastros. Não pode restar vestígio algum de toda essa história... Posso contar com você, não posso?

E Lupin então voltou para lá. Voltou como um autômato ao qual deram o comando e que não tinha mais vontade própria.

ESPEROU NA ESTAÇÃO por horas. De forma maquinal, comeu, comprou uma passagem e se sentou em seu lugar.

A cabeça doía. Ele dormiu mal, com pesadelos e acordando repetidas vezes, confusamente tentando compreender por que Massier não se defendera.

“Era um louco, provavelmente... semilouco... Conheceu-a no

passado... e isso envenenou sua existência, revirou-a de cabeça para baixo... Não fazia diferença morrer... Por que se defender?”

A explicação não parecia tão satisfatória e ele disse a si mesmo que, um dia ou outro, esclareceria esse enigma para saber o papel exato que Massier tivera na existência de Dolores. Mas isso agora pouco importava. Uma só coisa parecia clara: a loucura de Massier. Então repetia, de forma obstinada:

“Era louco... Massier era completamente louco. Aliás, todos esses Massier, uma família de loucos...”

Estava delirando, misturando os sobrenomes, com o cérebro cansado.

Ao descer na estação de Bruggen, o ar livre e fresco da manhã trouxe um clarão de consciência. De repente, tudo ganhou outro aspecto. Ele exclamou:

— No final das contas, ele que protestasse. Não sou responsável por coisa alguma... Foi suicídio... Apenas um companheiro a mais nessa aventura... Morreu... Lamento... Fazer o quê?

A necessidade de agir voltou a movê-lo e, apesar de ferido, torturado por um crime do qual bem ou mal sabia ser o autor, devia olhar para a frente.

“São acidentes de percurso. Não posso me preocupar. Nada está perdido. Pelo contrário! Dolores era um perigo, pois Pierre Leduc a amava. Sem Dolores, Pierre Leduc me pertence. E se casará com Geneviève, como eu tinha decidido! E reinará! Eu mandarei! E a Europa, a Europa será minha!”

Extasiava-se. Recuperava a serenidade, cheio de súbita confiança, febril, gesticulando pelo caminho, girando no ar a ponta de uma espada imaginária; a espada do chefe que quer, que ordena, que triunfa.

“Serás rei, Lupin! Serás rei, Arsène Lupin.”

No vilarejo de Bruggen, perguntou e soube que Pierre Leduc havia almoçado na véspera no albergue, mas que depois não o tinham mais visto.

— Como? — ele se espantou. — Não dormiu aqui?

— Não.

— Mas para onde foi depois do almoço?

— Tomou a direção do castelo.

Lupin saiu, bastante surpreso. Tinha dito com clareza ao rapaz que fechasse as portas e não voltasse depois de mandar embora os empregados.

Logo ficou comprovado que Pierre havia desobedecido: o portão estava aberto.

Entrou, percorreu o castelo, chamou, sem resposta.

De repente, pensou no chalé. Quem sabe? Sentindo falta de quem amava e guiado por uma intuição, o rapaz talvez tivesse procurado daquele lado. Mas o cadáver de Dolores estava lá!

Preocupado, Lupin correu.

À primeira vista, parecia não haver ninguém no chalé.

— Pierre! Pierre! — gritou.

Não ouvindo barulho, entrou no vestíbulo e foi ao quarto que havia ocupado.

Parou à porta, estatelado.

Logo acima do corpo de Dolores, Pierre estava pendurado, uma corda no pescoço, morto.

Contraindo-se dos pés à cabeça, Lupin se manteve impassível. Não queria se entregar a um gesto de desespero. Não queria dizer qualquer palavra violenta. Depois dos golpes terríveis que recebera do destino, depois dos crimes e da morte de Dolores, depois da execução de Massier, depois de tantas convulsões e catástrofes, era óbvia a absoluta necessidade de conservar seu autocontrole. Ou a sua própria razão afundaria...

— Idiota! — ele disse, mostrando o punho a Pierre Leduc. — Triplo idiota, não podia ter esperado? Em menos de dez anos retomariíamos a Alsácia-Lorena.

Para se distrair, procurava o que dizer, atitudes a tomar, mas perdia o juízo, a cabeça parecia a ponto de explodir.

— Ah, essa não! — exclamou. — Essa não, droga! Lupin maluco? Ah, não me venha com essa, meu rapaz! Meta uma bala na cabeça, se quiser. No fundo, não vejo outra solução. Mas Lupin caducando, abestalhado, não, isso não! Acabe com estilo, meu amigo, mantenha sua imagem!

Andou de um lado para outro batendo o pé e levantando bem alto os joelhos, como fazem os atores para simular loucura. E dizia:

— Pensa, meu velho, pensa. Os deuses te contemplaram. Nariz em pé! Mostra que tem estômago, caramba! Peito para fora! Tudo desabando à tua volta!... Que diabo tens a ver com isso? Um desastre, tudo desandando, um reino jogado fora, perco a Europa, o universo se desintegra?... E daí, só isso? Ri, ora bolas! Mais alto... Até que enfim... Deus do céu, como é engraçado! Dolores, um cigarrinho, minha cara!

Abaixou-se com uma risada de escárnio, encostou as costas da mão no rosto da morta, tonteou por um momento de um lado para outro e caiu sem sentidos.

Uma hora depois, levantou-se. Passada a crise, sentia-se dono de si, nervos descontraídos. Compenetrado e taciturno, examinou a situação.

Era chegada a hora das decisões irrevogáveis. Em poucos dias sua existência tinha claramente desmoronado sob o golpe de catástrofes imprevistas e sucessivas, no momento em que vislumbrava um triunfo garantido. O que fazer? Recomeçar? Reconstruir? Não tinha mais coragem. E então?

Durante a manhã inteira ele perambulou pelo parque. Um passeio trágico em que a situação se mostrava nos seus mínimos detalhes, fazendo com que, pouco a pouco, a ideia da morte se impusesse com inflexível rigor.

Matando-se ou não, antes de mais nada havia uma série precisa de providências a serem tomadas. E naquele momento, com o cérebro de súbito apaziguado, ele podia ver com clareza quais providências eram essas.

O relógio da igreja soou o ângelus do meio-dia.

— Mãos à obra — ele disse. — E sem esmorecer.

Voltou com toda calma ao chalé, foi até o quarto, subiu num banco e cortou a corda que mantinha Pierre Leduc pendurado.

— Pobre-diabo, você tinha mesmo que acabar assim, com uma gravata de cânhamo no pescoço. É uma pena, não foi feito para as grandiosidades... Eu devia ter visto isso; evitaria que minha fortuna dependesse de um escrevinhador de rimas.

Revistou as roupas do rapaz, sem nada encontrar. Lembrando-se, porém, da segunda carteira de Dolores, pegou-a outra vez.

Surpresa! Encontrou um pacote de cartas cujo aspecto lhe pareceu familiar. Logo a seguir reconheceu as diversas caligrafias.

— As cartas do imperador! — murmurou. — As cartas para o velho chanceler!... Todo o pacote que eu próprio peguei na casa de Léon Massier e entreguei ao conde Waldemar... Como pode? Será que ela as roubou outra vez do idiota do Waldemar?

Então de repente, dando uma pancada na testa, exclamou:

— O idiota sou eu. Estas são as verdadeiras cartas! Foram guardadas para chantagear o imperador na hora certa. As outras, as que entreguei, são falsas, copiadas por ela ou por algum cúmplice, e deixadas para mim... que caí como um patinho! Cruzes, as mulheres são mesmo impossíveis...

ALÉM DAS CARTAS, havia na carteira apenas uma fotografia. Ele olhou. Era sua.

— Duas fotografias, Massier e eu... as pessoas que ela amou, é possível... Pois tenho certeza de que me amava... Amor bizarro, feito de admiração pelo aventureiro que sou, pelo homem que sozinho deu conta dos sete bandidos que ela havia encarregado de acabar comigo. Estranho amor! Que senti palpar nela quando lhe contei meu grande sonho de poder! Naquele momento Dolores realmente pensou em sacrificar Pierre Leduc e unir seu sonho ao meu. Sem o incidente do espelhinho, teria feito isso. Mas sentiu medo. Eu chegava perto da verdade. Para que se salvasse, eu precisava morrer; foi o que a fez se decidir.

Várias vezes, repetiu:

— Ela me amava... me amava como outras me amaram e às quais eu também só trouxe desgraça... Infelizmente, todas que me amaram morreram... E esta também, estrangulada por mim... Para que viver?

Em voz mais baixa, repetiu:

— Para que viver? Não é melhor ir encontrar essas mulheres que me amaram?... E que morreram por isso? Sonia, Raymonde, Clotilde Destange, Miss Clarke...

Estendeu os dois cadáveres, um ao lado do outro, e os cobriu com o mesmo véu. Sentou-se à mesa e escreveu:

Triunfei em tudo e me sinto derrotado. Chego ao fim e caio. O destino é mais forte do que eu... E quem eu amava não existe mais. Prefiro também morrer.

E assinou: Arsène Lupin.

Lacrou o bilhete e o enfiou numa garrafa, lançada pela janela de modo a cair na terra macia de um canteiro.

Em seguida, amontoou jornais, palha e gravetos que foi buscar na cozinha.

Derramou querosene.

Depois acendeu uma vela, que foi jogada em tudo aquilo.

Uma chama logo correu e outras surgiram, ligeiras, ardentes, crepitantes.

— Em frente! O chalé é de madeira, vai pegar fogo como um palito

de fósforo. E quando acudirem do vilarejo, até forcarem o portão e chegarem a essa ponta do parque... será tarde demais! Encontrarão cinzas, dois cadáveres calcinados e, ali perto, numa garrafa, meu bilhete de despedida... Adeus, Lupin! Boas pessoas, enterrem-me sem cerimônias... O caixão dos indigentes... Nem flores nem coroas... Uma singela cruz e este epitáfio:

AQUI JAZ
ARSÈNE LUPIN, AVENTUREIRO

Dirigiu-se ao muro da propriedade, escalou-o e, lá de cima, viu as chamas que bailavam no céu.

A pé, vagando, tomou a direção de Paris, com desespero no coração, dobrado pelo destino.

Os aldeões se espantavam ao ver aquele viajante que pagava suas refeições de trinta centavos com notas altas de dinheiro.

Três assaltantes de estrada o atacaram certa noite, em plena floresta. A golpes de porrete, ele os deixou quase mortos no local.

Passou oito dias num albergue. Não sabia para onde ir. O que fazer? Em que se agarrar? A vida o entediava. Não queria mais viver... não queria mais viver...

— VOCÊ!

De pé na saleta da vila de Garches, a sra. Ernemont tremeu de susto, lívida, os olhos esbugalhados diante da aparição à sua frente.

Lupin! Lupin estava ali!

— Você! — ela repetiu. — Você! Mas os jornais disseram...

Ele deu um sorriso triste:

— Pois é, morri.

— E o quê?... O quê?... — ela ingenuamente tentava perguntar.

— Se estou morto, o que faço aqui? É o que quer dizer? Saiba que tenho sérias razões para isso, Victoire.

— Como está mudado! — ela comentou, cheia de pena.

— Umas decepçõeszinhas... Mas passou. Diga, Geneviève está?

Ela partiu para cima dele, tomada por uma fúria súbita.

— Vai deixá-la em paz, está bem? Dessa vez não vou permitir. Voltou cansada, pálida, inquieta, só agora está se recuperando. Vai deixá-la em paz, juro por Deus que vai.

Ele apoiou com força a mão no ombro da velha senhora.

— Eu *quero*... está ouvindo... *quero* falar com ela.

— Não.

— Falarei com ela.

— Não.

Ele a empurrou. Ela se endireitou e cruzou os braços:

— Vai ter que passar por cima de mim, entendeu? A felicidade dessa menina está aqui, não em outro lugar... Com essas suas ideias de dinheiro e de nobreza, só trouxe problemas. Chega! E o que era o tal Pierre Leduc? Esse Veldenz? Geneviève duquesa! Ficou louco? Não é essa a vida dela. Nisso tudo, desde o início, você só pensa em si mesmo. Só no poder, na fortuna. Para a menina, está pouco ligando. Por acaso quis saber se ela amava esse sacripanta do grão-duque? Por acaso quis saber se amava alguém? Não, apenas seguiu o que queria, só isso, mesmo que ferisse Geneviève e a tornasse infeliz pelo resto da vida. Pois bem, saiba que não. O que ela precisa é de uma existência simples e honesta, coisa que você não pode oferecer. Então, o que vem fazer aqui?

Ele pareceu se abalar. Mesmo assim, em voz baixa, com grande tristeza, murmurou:

— É impossível que eu não a veja mais. Impossível que eu não fale...

— Ela acha que está morto.

— É o que não quero! Quero que saiba a verdade. É uma tortura imaginar que ela pensa em mim como alguém que não existe mais. Chame-a, Victoire.

Ele pediu com uma voz tão infeliz, tão desolada, que ela se comoveu e perguntou:

— Ouça... Antes de mais nada, quero saber. Vai depender do que quer dizer a ela. Seja franco, meu menino... O que quer com Geneviève?

Ele respondeu com gravidade:

— Quero dizer: “Geneviève, prometi à sua mãe dar a você a fortuna, o poder, a vida de um conto de fadas. Nesse dia, cumprida a minha promessa, eu teria pedido um lugarzinho não muito longe de você. Acreditei que, feliz e rica, você esqueceria quem sou, ou melhor, quem fui. Desgraçadamente, o destino foi mais forte. Não trago a fortuna nem o poder. Nada trago. Pelo contrário, sou eu quem preciso de você. Geneviève, você pode me ajudar?”.

— Ajudar a quê? — perguntou, tensa, a velha.

— A viver...

— Deus! — ela exclamou. — Chegou a esse ponto, filho?

Ele apenas respondeu, sem querer valorizar sua dor:

— Sim, cheguei. Três pessoas acabam de morrer, pessoas que matei com minhas mãos. É uma lembrança pesada demais. Estou só. Pela primeira vez na vida, preciso de ajuda. Tenho direito de pedir essa ajuda a Geneviève. E o dever dela é me ajudar...

— Ou...?

— Será o fim.

A velha senhora se calou, pálida e trêmula. Ressurgia-lhe toda a afeição por quem ela havia alimentado com seu próprio leite e que continuava ainda, apesar de tudo, sendo o “seu menino”. Perguntou:

— O que quer fazer com ela?

— Viajar. Com você também, se quiser vir junto...

— Mas você esquece... está esquecendo...

— O quê?

— O seu passado...

— Ela também vai esquecer. Compreenderá que não sou mais aquilo, e que nem posso mais ser.

— Então o que realmente quer é que ela compartilhe a sua vida, a vida de Lupin?

— A vida do homem que serei, do homem que trabalhará para que ela seja feliz, e assim se case com quem escolher. Vamos nos fixar em algum lugar do mundo. Lutaremos juntos, um ao lado do outro. E você sabe do que sou capaz...

Ela repetiu, de forma lenta, olhando-o bem de frente:

— Quer realmente que ela compartilhe a sua vida, a vida de Lupin?

Ele hesitou por um segundo, por apenas um segundo, e afirmou:

— Sim, sim, é o que quero. É um direito meu.

— Quer que ela abandone as crianças a que se dedicou, toda a experiência do trabalho de que gosta e do qual precisa?

— Sim, é o que quero. É um dever dela.

A velha abriu a janela e disse:

— Se é assim, chame-a.

GENEVIÈVE ESTAVA NO jardim, sentada num banco, com quatro menininhas em volta. Outras brincavam e corriam.

Ele a via de frente. Via seus olhos sorridentes e sérios. Com uma flor na mão, ela a despetalava e dava explicações às crianças atentas e curiosas. Depois fez perguntas. Cada resposta valia para a aluna a recompensa de um beijo.

Lupin a admirou por bastante tempo, com infinita emoção e angústia. Toda uma massa de sentimentos desconhecidos fermentava em seu interior. Tinha vontade de apertar aquela linda mocinha contra o peito, beijá-la, contar o respeito e o afeto que tinha por ela. Lembrava-se de sua mãe, morta no vilarejo de Aspremont, morta de tristeza...

— Chame-a — insistiu Victoire.

Ele despencou numa poltrona, balbuciando:

— Não posso... Não posso... Não tenho esse direito... É impossível... É melhor ela achar que morri... É melhor...

Ele chorava, sacudia os ombros soluçando, tomado por um desespero imenso, sufocado pela ternura que se avolumava em seu interior, como essas flores tardias que morrem no mesmo dia em que desabrocham.

A velha se ajoelhou e, com a voz trêmula, perguntou:

— É sua filha, não é?

— É minha filha.

— Ah, meu pobre menino... — ela disse, chorando. — Meu pobre menino!...

EPÍLOGO

O suicídio

1

— A cavalo — disse o imperador.

Mas logo corrigiu:

— Ou melhor, a burro — brincou, vendo o magnífico asno que lhe traziam. — Waldemar, tem certeza de que esse animal é manso?

— Tanto quanto eu, sire — afirmou o conde.

— Nesse caso, fico tranquilo — riu o imperador.

E, voltando-se para a sua escolta de oficiais, disse:

— Senhores, a cavalo.

Na praça principal da cidadezinha de Capri juntara-se uma pequena multidão, que era contida pelos *carabinieri* italianos. No centro da mesma praça, estavam reunidos todos os muares disponíveis na região, requisitados para a visita do imperador à maravilhosa ilha.

— Waldemar — perguntou sua majestade, assumindo a frente da caravana. — Por onde vamos começar?

— Pela vila de Tibério, sire.

Passaram por um pórtico e depois seguiram por um caminho mal pavimentado que pouco a pouco sobe o promontório oriental da ilha.

O imperador estava de mau humor e zombava do colossal conde Waldemar, cujos pés batiam no chão de cada lado do pobre animal esmagado sob o seu peso.

Depois de quarenta e cinco minutos de marcha, chegaram primeiro ao Salto de Tibério, prodigioso rochedo com trezentos metros de altura, de onde o tirano precipitava suas vítimas ao mar.

O imperador apeou, aproximou-se da balaustrada e deu uma olhada no abismo. Em seguida quis ir a pé até as ruínas da vila de Tibério, onde passeou pelas salas e corredores desmoronados.

Parou por um momento.

A vista era magnífica, descortinando a ponta de Sorrento e toda a ilha de Capri. O azul ardente do mar acompanhava a admirável curva do golfo, e os odores frescos se mesclavam ao perfume dos limoeiros.

— Sire — disse Waldemar —, é ainda mais bonito da pequena capela do eremita, que fica no alto.

— Então vamos lá.

Justo naquele exato momento o eremita descia por uma trilha abrupta. Era um velho, com andar vacilante e costas arqueadas. Trazia o livro de registros no qual os viajantes escreviam suas impressões.

Deitou o caderno num banco de pedra.

— O que devo escrever? — perguntou o imperador.

— Vosso nome, sire, a data de vossa visita... e o que mais quiser.

O imperador aceitou a pena que o eremita lhe estendeu e se abaixou.

— Cuidado, sire, cuidado!

Gritos assustados... um grande estrondo do lado da capela... O imperador se voltou. Viu um rochedo enorme que despencava em sua direção.

No mesmo instante, foi agarrado pelo eremita e projetado a dez metros de distância.

O rochedo se chocou com o banco de pedra junto do qual estava o imperador menos de um segundo antes, espatifando-o.

Sem a ação do eremita, o imperador estaria perdido.

Ele estendeu a mão e disse, simplesmente:

— Obrigado.

Os oficiais chegavam correndo.

— Não foi nada, cavalheiros... Tudo não passou de um susto... mas um susto e tanto, confesso... É verdade que sem a intervenção desse bravo homem...

E, aproximando-se do eremita, perguntou:

— Seu nome, meu amigo?

O eremita, que havia mantido o capuz na cabeça, o afastou um pouco e, em voz bem baixa, de maneira a ser ouvido apenas pelo imperador, disse:

— O nome de alguém que se sente muito feliz que lhe tenha apertado a mão, sire.

O monarca estremeceu e deu um passo atrás.

Depois, controlando-se, disse aos oficiais:

— Cavalheiros, peço que subam à capela. Outras pedras podem se soltar e talvez seja bom prevenir as autoridades locais. Voltem depois. Gostaria de agradecer a esse bom homem.

E se afastou, acompanhado pelo eremita. Assim que ficaram sozinhos, ele exclamou:

— Você! Por quê?

— Precisava vos falar, sire. Se pedisse uma audiência... seria concedida? Preferi agir diretamente. Planejava me identificar quando vossa majestade assinasse o livro... mas com aquele estúpido acidente...

— Resumindo...? — disse o imperador.

— As cartas que Waldemar vos entregou da minha parte, sire, são falsas.

O imperador demonstrou uma forte contrariedade.

— Falsas? Tem certeza?

— Absoluta, sire.

— No entanto, o tal Malreich...

— O culpado não era ele.

— Quem era, então?

— Peço que vossa majestade guarde esse segredo. O verdadeiro culpado era a sra. Kesselbach.

— A própria esposa de Kesselbach?

— Exatamente, sire. Está morta. Foi quem fez ou mandou fazer as cópias que estão em poder de vossa majestade. E guardou consigo os originais.

— E onde estão? — alterou-se o imperador. — É o que importa! É preciso encontrá-los a qualquer preço! Dou àquelas cartas um valor considerável...

— Aqui estão, sire.

O imperador teve um momento de estupefação. Olhou para Lupin, olhou as cartas, ergueu outra vez os olhos para Lupin, e guardou o

pacote sem examiná-lo.

Aquele homem, evidentemente, uma vez mais o desconcertava. De onde podia vir um bandido assim, que, possuindo arma tão terrível, a entregava daquela maneira, de forma tão generosa, sem impor qualquer condição? Teria sido muito simples guardar as cartas para usá-las como bem entendesse! Mas não; ele havia prometido e mantinha a palavra.

O imperador pensou em todas as coisas espantosas que ele já tinha feito, mas apenas disse:

— Os jornais noticiaram a sua morte...

— Sim, e eu de fato morri. A Justiça do meu país, contente por se livrar de mim, enterrou os restos calcinados e irreconhecíveis do meu cadáver.

— Então está livre?

— Como sempre fui.

— Nada mais o prende?

— Nada mais.

— Nesse caso...

O imperador hesitou e enfim propôs:

— Nesse caso, venha trabalhar para mim. Ofereço o comando da minha polícia particular. Será o chefe absoluto. Terá todo poder, inclusive sobre a outra polícia.

— Não, sire.

— Por quê?

— Sou francês.

Houve um silêncio. A resposta desagradava ao imperador. Ele insistiu:

— No entanto, já que nenhum vínculo o prende...

— Desse não podemos nos desfazer, sire.

E acrescentou, rindo:

— Estou morto como homem, mas vivo como francês. Surpreende-me que vossa majestade não compreenda.

O imperador deu alguns passos à direita e à esquerda, depois continuou:

— Gostaria, mesmo assim, de saldar minha dívida. Soube que as

negociações pelo grão-ducado de Veldenz foram rompidas.

— De fato. Pierre Leduc era um impostor. Ele morreu.

— O que posso fazer pela entrega das cartas?... E por ter salvado minha vida... O que posso fazer?

— Nada, sire.

— Quer que eu fique em dívida?

— Quero, sire.

O imperador olhou pela última vez aquele homem estranho que se colocava à sua frente como um igual. Então inclinou ligeiramente a cabeça e, sem nada mais dizer, se afastou.

— POIS É, MAJESTADE, eu o deixei sem saída — riu Lupin, seguindo-o com o olhar. E acrescentou, filosófico:

— Na verdade, é uma revanche bem magra e eu preferiria ter tomado de volta a Alsácia-Lorena... Mas já é alguma coisa.

Interrompeu-se e bateu o pé.

— Grande Lupin! Continua então o mesmo, e assim será até o minuto supremo da sua existência, odioso e cínico! Tome jeito, caramba! Chegou a hora de ser sério, é agora ou nunca!

Subiu de volta a trilha que levava à capela e parou diante do lugar de onde a pedra tinha despencado.

Deu uma risada.

— Fiz um bom trabalho. Os oficiais de sua majestade nada perceberam. Como teriam imaginado que eu mesmo sabotei o rochedo e, no último instante, dei aquela balançada definitiva para que ele rolasse pelo caminho que preparei até... até quase atingir um imperador cuja vida eu queria salvar?

E suspirou:

— Ah, Lupin! Como você complica as coisas! Tudo isso porque jurou que essa cabeça coroada lhe apertaria a mão! E serviu para quê?... “A mão de um imperador não tem mais do que cinco dedos”, como disse Victor Hugo.

Entrou na capela e com uma chave mestra abriu a portinhola de uma espécie de sacristia.

Num monte de palha, estava um homem amordaçado, com as mãos

e as pernas amarradas.

— E então, eremita? Nem foi tão demorado assim, foi? Vinte e quatro horas, no máximo... Mas fiz boas coisas por você! Imagine que salvou a vida do imperador... Isso mesmo, meu velho. É o homem que salvou a vida do imperador. Está com a fortuna garantida. Vai ganhar catedral e estátua... até que um dia o amaldiçoem. Indivíduos como ele podem causar tantos males... Sobretudo esse, a quem o orgulho vai acabar subindo à cabeça. Pronto, eremita, devolvo suas roupas.

Zonzo, quase morto de fome, o santo homem se levantou, vacilante.

Lupin se vestiu depressa e disse:

— Adeus, digno ancião! Perdoe todos esses pequenos inconvenientes. E reze por mim, pois vou precisar. A Eternidade já está me abrindo as portas. Adeus!

Ficou por alguns segundos na entrada da capela. Era aquele tipo de instante solene em que afinal se hesita diante do terrível desfecho. Mas sua decisão era irrevogável. Sem pensar duas vezes, ele partiu correndo pela descida, atravessou a plataforma do Salto de Tibério e passou uma perna por cima da balaustrada.

— Lupin, te dou três bons minutos de cabotinismo. Para quê?, podes perguntar, se não há público... Mas não estás, tu mesmo, na plateia? Não podes representar, para ti sozinho, a tua última comédia? Puxa, o espetáculo vale a pena: Arsène Lupin, peça heroico-cômica em oitenta atos... A cortina se ergue na cena da morte... o papel é representado pelo próprio Lupin... Muito bem, Lupin! Podem tocar meu coração, senhoras e senhores... são setenta pulsações por minuto... Sem nunca perder o sorriso! Bravo, Lupin! Ah, o cara tem estilo! Pois bem, salte, marquês... Está pronto? É a aventura suprema, meu amigo. Lamenta alguma coisa? Lamentar? Por quê, Deus do céu? A vida foi magnífica. Ah, Dolores! Se não tivesses aparecido, monstro abominável! E você, Malreich, por que não falou? E você, Pierre Leduc? Cá estou... meus três mortos, vou encontrá-los... Ah, minha Geneviève, minha doce Geneviève... Bom, acaba com isso, velho canastrão... Pronto, pronto... estou indo...

Passou a outra perna, olhou no fundo do abismo o mar imóvel e sombrio. Ergueu a cabeça e declamou:

— Adeus, natureza imortal e abençoada! *Moriturus te salutant!*
Adeus, tudo que é belo! Adeus, esplendor das coisas! Adeus, vida!

Lançou beijos ao espaço, ao céu, ao sol... Depois, cruzando os braços, saltou.

Sidi Bel Abbès. Quartel da Legião Estrangeira. Perto da sala dos alistamentos, num cubículo de teto baixo, um segundo-tenente fuma e lê o jornal. Ao lado dele, perto da janela aberta para o pátio, dois suboficiais corpulentos conversam num francês precário, coalhado de expressões germânicas.

A porta se abre e alguém entra: um homem esguio, de altura mediana, vestido de maneira elegante.

O tenente se levanta, irritado com a intrusão, e rosna:

— Ora! O que faz a guarda de plantão?... E o senhor, o que quer?

— Servir.

A resposta foi clara, imperiosa.

Os dois suboficiais deram um risinho irônico.

O homem os olhou enviesado.

— Quer se alistar na Legião? — perguntou o tenente.

— Quero, mas com uma condição.

— Uma condição? Essa é boa! E qual seria?

— Não ficar mofando aqui. Uma tropa está de partida para o Marrocos. Estou dentro.

Um dos suboficiais riu de novo e comentou:

— Os marroquinos vão passar por um mau pedaço. O cavalheiro se alista...

— Bico calado! — gritou o homem. — Não gosto que façam graça às minhas custas.

O tom era seco e autoritário.

O suboficial, que era um gigante com cara de poucos amigos, respondeu:

— Ei, novato, é melhor que aprenda a falar de outro jeito... Ou...

— Ou o quê?

— Saberá como me chamo...

O “novato” se aproximou dele, agarrou-o pela cintura e o atirou pela janela, no pátio.

Em seguida, disse ao outro:

— É a sua vez. Saia.

O outro saiu.

O desconhecido se voltou para o oficial e disse:

— Meu tenente, peço que avise ao major que dom Luis Perenna, fidalgo da Espanha e francês de coração, deseja servir na Legião Estrangeira. Por favor, meu amigo, vá.

O outro não se mexeu, confuso.

— Vá, meu amigo, e agora mesmo. Não tenho tempo a perder.

O tenente se levantou, observou espantado o estranho personagem e, da maneira mais dócil do mundo, obedeceu.

Lupin então tirou um cigarro, acendeu e, em voz alta, sentando-se no lugar em que estava o tenente, se explicou:

— Já que o mar não quis saber de mim, ou melhor, já que no último instante eu não quis saber do mar, vamos ver se as balas dos marroquinos serão mais eficientes. Além disso, assim será mais elegante. Frente ao inimigo, Lupin, e pela França!...

CRONOLOGIA

Vida e obra de Maurice Leblanc

- 1864 11 nov.: Nasce Maurice Marie-Émile Leblanc em Rouen, Normandia, França. Filho de Émile Leblanc, rico empresário da construção naval e do setor têxtil, e Mathilde Blanche, herdeira de uma tradicional família normanda, é criado num ambiente de grande admiração por toda forma de arte.
- 1869 8 fev.: Nascimento de Georgette Leblanc, irmã de Maurice, futura cantora e atriz de sucesso na França.
- 1870: Em meio à guerra franco-prussiana, Émile Leblanc envia o filho para a Escócia.
- 1871: Maurice retorna a Rouen.
- 1871-88: É educado entre França, Alemanha e Itália.
- 1888: Com o objetivo de se dedicar integralmente à escrita, abandona a faculdade de direito e o emprego na empresa do pai e muda-se para Paris, onde passa a trabalhar como jornalista para diversos periódicos. Paralelamente, escreve contos, romances e peças teatrais.
- 1889: Casa-se com Marie-Ernestine Lalanne. O casal terá uma filha, Marie-Louise.
- 1890: Lançamento de *Des couples [Casais]*, seu primeiro livro. Autor prolífico, ao longo da vida irá publicar mais de sessenta livros, traduzidos para diversos idiomas.
- 1893: Lança o romance psicológico *Une femme [Uma mulher]*.
- 1895: Separa-se de Marie-Ernestine Lalanne.
- 1901: Publica o romance autobiográfico *L'Enthousiasme [O entusiasmo]* e integra definitivamente o círculo literário parisiense.
- 1905: Recebe convite do editor Pierre Lafitte para escrever uma novela policial para a revista francesa *Je Sais Tout*. 15 jul.: Diante da insistência de Lafitte, lança então “A detenção de Arsène Lupin”, primeira aventura do anti-herói que mais tarde será imortalizado como seu principal personagem. Com o sucesso da publicação, Lafitte incentiva Leblanc a escrever mais histórias sobre Lupin. O escritor segue o conselho do amigo e, ao longo das décadas seguintes, fará de Arsène Lupin protagonista de quinze romances, três novelas, 38 contos e quatro peças de teatro, além de dois romances publicados postumamente.
- 1907 10 jun.: Publicação de *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*, livro reunindo as nove primeiras aventuras de Arsène Lupin, veiculadas no ano anterior pela *Je Sais Tout*. Reedição de *Une femme*.

- 1908 10 fev.: Publica a coletânea *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*, com dois contos: “A Mulher Loura” e “A lâmpada judaica”.
- 1909: Sai em formato de livro o romance *A Agulha Oca*, que, assim como *Arsène Lupin, o ladrão de casaca* e *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*, foi originalmente publicado como folhetim.
- 1910: Mais um da série de aventuras de Arsène Lupin: *813*. Última aparição de Herlock Sholmes, é considerado por muitos de seus leitores o melhor livro protagonizado por Lupin. Na obra, o ladrão de casaca é acusado de assassinato e tenta provar sua inocência.
- 1912: É condecorado com a Legião de Honra e lança *A rolha de cristal*, com Lupin, e *La frontière [A fronteira]*. Divorciado, casa-se novamente e tem um filho, Claude.
- 1913: Publica a coletânea de contos *As confidências de Arsène Lupin*.
- 1914: Escreve *Os dentes do tigre*, também da série com Lupin.
- 1916: Lança mais uma novela da série, *O estilhaço da granada*, e *La faute de Julie [O erro de Julie]*.
- 1918: Publicação de outro título com Lupin, *O triângulo de ouro*.
- 1919: Vende para Hollywood os direitos de adaptação para o cinema dos livros *Os dentes do tigre* e *813*. Publica o livro de ficção científica *Les trois yeux [Os três olhos]* e um novo volume da série Arsène Lupin, *A ilha dos trinta ataúdes*.
- 1920: Lança *Le formidable événement [O acontecimento extraordinário]*, outra ficção científica.
- 1921: Publica *Os dentes do tigre*.
- 1922: Lançamento de *Le cercle rouge [O círculo vermelho]*, romance policial sem a presença de Lupin.
- 1923: Publicação da coletânea de contos *As oito pancadas do relógio*, da série Arsène Lupin, e *Dorothée, danseuse de corde*, que foi lançado no Brasil como *A rival de Arsène Lupin*, mas não conta com o personagem.
- 1924-28: Mais três livros da série com Lupin: *A condessa de Cagliostro*, *A moça dos olhos verdes* e *A agência Barnett & Cia*.
- 1931: Vende direitos de adaptação de alguns de seus livros para a Metro-Goldwyn-Mayer.
- 1932: Adaptação para o cinema das histórias de Arsène Lupin, dirigida pelo também produtor e ator americano Jack Conway. O filme foi distribuído pela Metro-Goldwyn-Mayer.
- 1934: Publicação de *L’Image de la femme nue [A imagem da mulher nua]* e *Arsène Lupin, na pele da polícia*.
- 1935: Sai um novo Lupin, *A vingança da Cagliostro*.
- 1938: *O retorno de Arsène Lupin*, nova adaptação para o cinema dirigida pelo produtor e diretor francês George Fitzmaurice.

1941 6 nov.: Aos 76 anos, com problemas pulmonares, morre em Perpignan, sul da França, próximo à fronteira com a Espanha. Publicação póstuma de *Os bilhões de Arsène Lupin*.

1962: Adaptação para o cinema de *Arsène Lupin contra Arsène Lupin*, por Édouard Molinaro.

1973: Publicação de *O segredo de Eunerville*, primeiro dos cinco livros de Arsène Lupin escritos na década de 1970 pela dupla Pierre Boileau e Thomas Narcejac, com autorização dos herdeiros de Leblanc.

2004: Lançamento de *Arsène Lupin — o ladrão mais charmoso do mundo*, filme dirigido por Jean-Paul Salomé.

2012: Publicação póstuma de *O último amor de Arsène Lupin*.

2021 8 jan.: Estreia a série de TV francesa *Lupin*, produzida pela Netflix. Inspirada no personagem de Maurice Leblanc, torna-se um fenômeno de audiência, renovando o interesse pelas aventuras do ladrão de casaca.

Copyright © 2022 by Editora Zahar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

813

Capa e ilustração

Rafael Nobre

Preparação

Eduardo Rosal

Revisão

Clara Diamant

Camila Saraiva

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-432-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

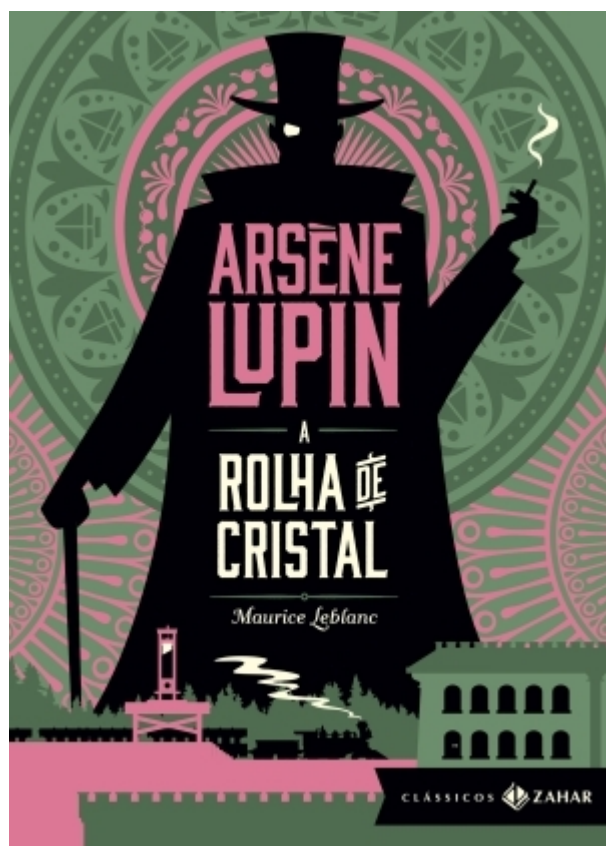
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar



ARSENÉ
LUPIN

A
ROLHA DE
CRISTAL

Maurice Leblanc

CLÁSSICOS ZAHAR

A rolha de cristal: edição bolso de luxo

Leblanc, Maurice

9786557825143

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

**O ladrão de casaca enfrenta um oponente implacável.
A coleção que inspira a série original da Netflix.**

Convencido a participar de um roubo à casa do deputado Daubrecq, Arsène Lupin é lançado numa teia de eventos sombrios quando as coisas não saem como esperado: seus cúmplices são presos e condenados à guilhotina, a misteriosa rolha de cristal que foi parar em suas mãos some e ele parece ter perdido a capacidade de estar à frente dos acontecimentos.

Romance surpreendente e singular entre as histórias do ladrão de casaca, *A rolha de cristal* apresenta um Lupin mais humano e falível, à mercê da astúcia de um rival maquiavélico. Sexto volume da série original escrita por Maurice Leblanc, este é o quinto livro de Lupin a ser publicado no selo Clássicos Zahar.

[Compre agora e leia](#)

Arthur
Conan
Doyle

HISTÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES



Histórias de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo

Conan Doyle, Arthur

9788537815724

350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os últimos casos do detetive mais amado da literatura policial O livro reúne os doze últimos casos solucionados pelo mestre de Baker Street publicados entre 1921 e 1927 pela Strand Magazine: O cliente ilustre * O rosto lívido * A pedra Mazarin * As Três Empenas * O vampiro de Sussex * Os três Garrideb * A ponte Thor * O homem que andava de quatro * A juba de leão * A inquilina de rosto coberto * O velho solar de Shoscombe * Mr. Josias Amberley Essa edição da coleção Clássicos Zahar traz texto integral e mais de 30 ilustrações originais. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo. Outros volumes de Sherlock Holmes disponíveis em edição bolso de luxo: - As aventuras de Sherlock Holmes (contos) - As memórias de Sherlock Holmes (contos) - A volta de Sherlock Holmes (contos) - Um estudo em vermelho (romance) - O signo dos quatro (romance) - O cão dos Baskerville (romance) - O Vale do Medo (romance)

[Compre agora e leia](#)

O CONDE DE
**MONTE
CRISTO**

Alexandre
DUMAS

CLÁSSICOS  ZAHAR

O conde de Monte Cristo: edição bolso de luxo

Dumas, Alexandre

9788537808801

1663 páginas

[Compre agora e leia](#)

Traições, denúncias anônimas, tesouros fabulosos, envenenamentos, vinganças e muito suspense. A trama de "O Conde de Monte Cristo" traz uma emoção diferente a cada página e talvez isso explique a razão de a obra do escritor francês Alexandre Dumas ter se transformado em um clássico da literatura mundial, mexendo com a imaginação dos leitores há mais de 150 anos. No romance, o marinheiro Edmond Dantés é preso injustamente, vítima de um complô. Anos depois, consegue escapar da prisão, enriquece e planeja uma vingança mirabolante. A galeria de personagens criada por Dumas faz um retrato fiel da França do século XIX, um mundo em transformação, em que passou a ser possível a mudança de posições sociais. As aventuras de Dantés ainda ganharam diversas versões cinematográficas que colaboraram para o sucesso da trama. Com texto integral e a mesma tradução premiada da Edição Comentada e Ilustrada, vencedora do Jabuti, a versão Bolso de Luxo ainda tem capa dura. E tudo com um preço mais que acessível.

[Compre agora e leia](#)

ALEXANDRE
DUMAS

O CONDE DE MONTE CRISTO

EDIÇÃO COMENTADA
E ILUSTRADA



CLÁSSICOS  ZAHAR

O conde de Monte Cristo: edição comentada e ilustrada

Dumas, Alexandre

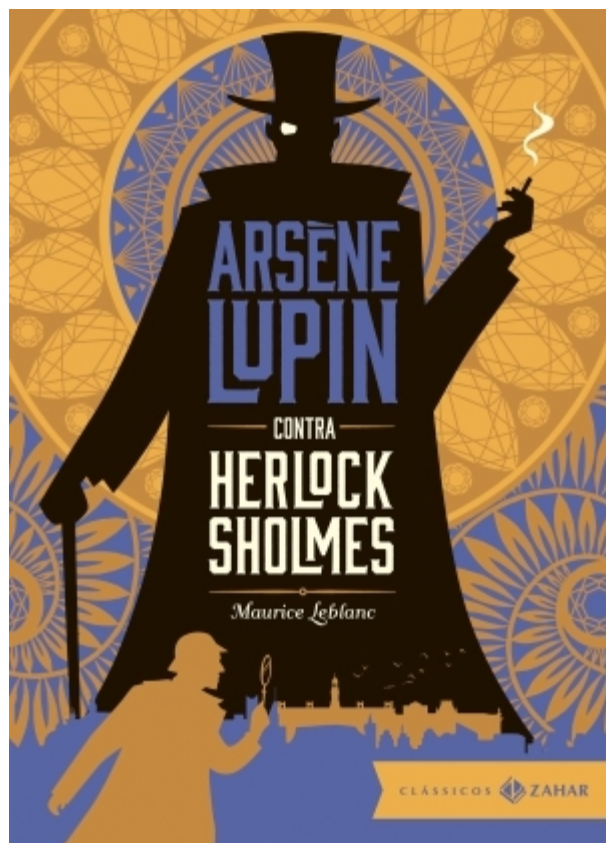
9788537815434

1375 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nova edição da obra consagrada de Alexandre Dumas O conde de Monte Cristo é um clássico da literatura mundial que mexe com a imaginação e a sensibilidade de milhões de leitores há mais de 170 anos. E essa obra-prima está de volta na edição brasileira que merece, que traz o texto integral na tradução viva que venceu o prêmio Jabuti, 170 gravuras de época e mais de 500 notas explicativas, além de uma magnífica apresentação e cronologia de vida e obra do autor. A edição impressa é composta de dois volumes com acabamento em capa dura num lindo box. Manipulando com maestria os cordões da trama, Alexandre Dumas prende o leitor numa teia de peripécias de tirar o fôlego – traições, denúncias anônimas, tesouros fabulosos, envenenamentos e vinganças – e apresenta uma galeria de personagens que retrata o espectro social de um mundo em transformação. Um livro maravilhoso numa edição imperdível.

[Compre agora e leia](#)



Arsène Lupin contra Herlock Sholmes: edição bolso de luxo

Leblanc, Maurice

9788537817148

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ladrão de casaca enfrenta o maior detetive de todos os tempos. A coleção que inspira a série original da Netflix "Lupin".

Arsène Lupin é o ladrão de casaca mais famoso e admirado que o mundo já conheceu. Genial e sedutor, ele age de acordo com suas próprias leis, mas sempre obedecendo a um código de honra cavalheiresco. Nesse volume, o segundo da série, Lupin trava um inesquecível duelo com seu arquirrival, o detetive inglês Herlock Sholmes, em duas histórias mirabolantes e muito divertidas: "A Mulher Loura" e "A lâmpada judaica". Levará a melhor quem for mais rápido - no poder de raciocínio e dedução ou, se necessário, com os punhos.

Essa aventura de um dos personagens mais clássicos da literatura policial traz o texto integral em primorosa tradução de André Telles e Rodrigo

[Compre agora e leia](#)